



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

MARIA LUIZA MARI LOPES

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PRÁTICA DE USO DOS
ELEMENTOS COESIVOS EM GÊNEROS DA ORDEM DO
NARRAR PARA O 6º ANO**

MARINGÁ

2020

MARIA LUIZA MARI LOPES

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PRÁTICA DE USO DOS
ELEMENTOS COESIVOS EM GÊNEROS DA ORDEM DO
NARRAR PARA O 6º ANO**

Relatório Final apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre Profissional em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Annie Rose dos Santos

MARINGÁ
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

L864p Lopes, Maria Luiza Mari

Proposta pedagógica prática de uso dos elementos coesivos em gêneros da ordem do narrar para o 6º ano / Maria Luiza Mari Lopes. -- Maringá, PR, 2020.
252 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Annie Rose dos Santos.
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional, 2020.

1. Gêneros da ordem do narrar. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Santos, Annie Rose dos , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Língua Portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional. III. Título.

CDD 23.ed. 418

MARIA LUIZA MARI LOPES

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PRÁTICA DE USO DOS ELEMENTOS COESIVOS EM
GÊNEROS DA ORDEM DO NARRAR PARA O 6º ANO**

Relatório Final apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre Profissional em Letras.

Aprovado em 25 de junho de 2020.



Dra. Annie Rose dos Santos (UEM)



Dra. Flávia Zanutto (UEM)



Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi (UEM)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, acima de tudo, quero agradecer a Deus, minha fortaleza e meu refúgio.

À minha família, que compreendeu a minha ausência em muitas situações por estar empenhada nesta pesquisa.

A todos os professores do curso Proletras/UEM que, dedicadamente, orientaram aulas teóricas e práticas, fundamentais para a minha formação humana e profissional.

Às professoras que participaram da Banca de Qualificação e de Defesa: Dra. Flávia Zanutto e Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi, as quais contribuíram imensamente para o enriquecimento e conclusão deste trabalho.

À professora Dra. Annie Rose dos Santos que orientou a pesquisa, cuidando dos detalhes quanto ao projeto, à implementação e à produção escrita do Relatório de Pesquisa.

Aos colegas e colegas da Turma 5, Proletras/UEM, com os quais muito aprendi e que, direta ou indiretamente, cooperaram com esta pesquisa.

À Equipe Diretiva e Pedagógica da Escola Estadual Arthur Ramos, por me permitir desenvolver esta pesquisa e por colaborar com ela. E, principalmente, à professora regente e aos amados alunos do 6º ano A do Ensino Fundamental II, turma de 2019, sem os quais não teria sido possível o desenvolvimento desta prática pedagógica. A eles, todo o meu carinho e o meu respeito.

Educação não transforma o mundo.

Educação muda pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire

LOPES, Maria Luiza Mari. **Proposta Pedagógica Prática de Uso dos Elementos Coesivos em Gêneros da Ordem do Narrar para o 6º Ano**, 2020. 252 f. Relatório de Pesquisa (Profletras), Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2020.

RESUMO

Desenvolver práticas pedagógicas no ambiente escolar que dialoguem com o ensino e a aprendizagem da língua materna através dos gêneros da ordem do narrar é aprender língua, é essencialmente formação humana. Partindo dessa premissa, esta pesquisa de mestrado constitui-se de uma proposta pedagógica de uso dos elementos coesivos em gêneros da ordem do narrar, direcionada aos 26 alunos de uma turma do 6º ano Ensino Fundamental, em escola de rede pública. O objetivo dessa prática docente é levar os discentes desse nível de ensino a compreender e usar os elementos coesivos de forma eficiente na língua materna no gênero discursivo conto, tornando-os letrados nesses aspectos coesivos, apresentando como produto final a elaboração de um livro literário com o conto “O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm, reescrito e ilustrado por eles próprios. Trata-se de uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa e interpretativista, de grande relevância na área de Linguagens e Letramentos e para a realidade escolar, uma vez que seu ponto de partida é diagnosticar o problema, nesse caso, o uso ineficiente dos elementos coesivos na construção do gênero narrativo, em específico o conto, e propor o seu ensino e aprendizagem por meio de análises e reflexões de seu uso como o seu funcionamento no contexto e para a produção de sentidos, com o fito de minimizar essa problemática nesse nível escolar. Foram utilizados diversos instrumentos para a coleta dos dados: observação, diário de campo, fotos, gravação em vídeo e áudio, relatos escritos e atividades realizadas pelos alunos. O aporte teórico está embasado em: Bakhtin (1992; 1999) com os gêneros discursivos no processo de ensino e aprendizagem; Rojo (2012) sobre os multiletramentos; as estratégias e etapas de leitura com Solé (1998) e Cosson (2016); Candido (1972; 1995) traz a literatura como elemento de formação humanizadora; Micheletti (2000) defende a narrativa como elemento de formação na sala de aula; Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) versam a produção de textos em situações reais de uso; Neves (1990; 2002; 2003; 2012) e Antunes (2003) tratam da funcionalidade da gramática no ensino da língua; e Marcuschi (2010) sobre a modalidade oral e escrita; Serafini (1995) e Ruiz (2013), contribuem nos procedimentos e técnicas de produção e correção textual; entre outros que corroboraram para o desenvolvimento do trabalho. Pretendemos com esta proposta prática de ensino dos elementos coesivos tornar os alunos do 6º ano mais competentes quanto à sua aplicação real nos textos produzidos tanto oralmente quanto escritos, além de ter o intuito de criar o hábito, o gosto e o prazer pela leitura e escrita do gênero conto.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; Gêneros da ordem do narrar; Leitura; Escrita; PROFLETRAS.

LOPES, Maria Luiza Mari. Practical Pedagogical Proposal for the Use of Cohesive Elements in Genres of the Order of Narrating for the 6th Year, 2020. 252 f. Research Report (Profletras), State University of Maringá. Maringá, 2020.

ABSTRACT

Developing pedagogical practices in the school environment that dialogue with the teaching and learning of the mother tongue through the genres of the narrative order is learning language, it is essentially human training. Based on this premise, this master's research is a pedagogical proposal for the use of cohesive elements in genres of the order of narration, aimed at the 26 students of a 6th grade elementary school, in a public school. The objective of this teaching practice is to lead students at this level of education to understand and use the cohesive elements efficiently in the mother tongue in the discourse genre short story, making them literate in these cohesive aspects, presenting as a final product the development of a literary book with the tale "The Frog King" by the Brothers Grimm, rewritten and illustrated by themselves. It is a qualitative and interpretative research-action, of great relevance in the area of Languages and Literacies and for the school reality, since its starting point is to diagnose the problem, in this case, the inefficient use of the elements cohesive in the construction of the narrative genre, in particular the short story, and to propose its teaching and learning through analyzes and reflections of its use as its functioning in the context and for the production of meanings, with the aim of minimizing this problem at this level school. Several instruments were used to collect the data: observation, field diary, photos, video and audio recording, written reports and activities carried out by the students. The theoretical contribution is based on: Bakhtin (1992; 1999) with the discursive genres in the teaching and learning process; Rojo (2012) on multi-tools; the reading strategies and stages with Solé (1998) and Cosson (2016); Candido (1972; 1995) brings literature as an element of humanizing formation; Micheletti (2000) defends narrative as an element of training in the classroom; Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) deal with the production of texts in real situations of use; Neves (1990; 2002; 2003; 2012) and Antunes (2003) deal with the functionality of grammar in language teaching; and Marcuschi (2010) on oral and written modality; Serafini (1995) and Ruiz (2013), contribute to the procedures and techniques of production and textual correction; among others that support the development of the work. With this practical proposal of teaching the cohesive elements, we intend to make 6th grade students more competent as to their real application in texts produced both orally and in writing, in addition to having the intention of creating the habit, the taste and the pleasure of reading and writing of the short story.

Keywords: Action research; Genres of the Order of Narrating; Reading; Writing; PROFLETRAS.

LISTA DE QUADROS

Quadro	1	- Texto oral produzido coletivamente pelos alunos do 6º ano em áudio e transposto para a escrita.....	66
Quadro	2	- Texto retextualizado e revisado coletivamente pelos alunos do 6º ano	68
Quadro	3	- Imagens relacionadas ao contexto do novo conto.....	73
Quadro	4	- Texto reescrito para leitura, análise, revisão e reescrita coletiva	81
Quadro	5	- Relato escrito de análises realizadas de quatro alunos.....	82
Quadro	6	- Texto revisado e reescrito coletivamente pelos alunos com intervenções da pesquisadora.....	84
Quadro	7	- Ilustrações criadas pelos alunos baseadas na versão do Texto 1.	88
Quadro	8	- Comentários de alunos sobre o trabalho com o conto Uma menina chamada Chapeuzinho Azul.....	89
Quadro	9	- Peças que compõem o Jogo de Memória.....	99
Quadro	10	- Hipóteses sobre a trama do novo conto com base nos elementos presentes no jogo de memória.....	101
Quadro	11	- Amostras de atividades realizadas pelos alunos do 6º ano.....	114
Quadro	12	- Atividade de ilustração realizada por alunos do 6º ano.....	119
Quadro	13	- Atividades de análise linguísticas com elementos linguísticos...	122
Quadro	14	- Amostra de atividade realizada pelo aluno.....	124
Quadro	15	- Amostra primeira versão do conto reescrita por dupla.....	125
Quadro	16	- Bilhetes classificatórios-interativos da primeira revisão do conto reescrito.....	128
Quadro	17	- Fragmento de texto produzido para revisão e reescrita coletiva (bilhetes).....	130
Quadro	18	- Resultado do texto revisado e reescrito coletivamente.....	131
Quadro	19	- Amostra da 2ª versão, corrigida e revisada com apoio dos bilhetes classificatórios-interativos.....	133
Quadro	20	- Avaliação final.....	138
Quadro	21	- Análise comparativa em relação a apropriação da língua materna escrita - Aluno A.....	147
Quadro	22	- Análise comparativa em relação a apropriação da língua materna escrita - Aluno B.....	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Ações iniciais do projeto de leitura	60
Tabela 2	- Elementos da narrativa para a produção de texto oral coletiva.....	67
Tabela 3	- Atividades de leitura, análise, reflexão sobre o texto retextualizado.....	65
Tabela 4	- Atividades propostas com o Texto 1: Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul, de Flavio de Souza.....	70
Tabela 5	- Elementos da narrativa diagnosticados em vários momentos no conto Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul.....	76
Tabela 6	- Atividades propostas com o Texto 2: O Rei Sapo, Irmãos Grimm.....	93
Tabela 7	- Hipóteses levantadas sobre os elementos da narrativa e o tema.....	105
Tabela 8	- Levantamento dos elementos da narrativa e tema após a leitura silenciosa.....	107
Tabela 9	- Levantamento dos elementos da narrativa e tema após a leitura oral.....	110
Tabela 10	- Apoio para análise dos elementos coesivos nos trechos do conto “O Rei Sapo”	121
Tabela 11	- Orientações para arrumar as ideias do conto “O Rei Sapo”, nos aspectos da ortografia, da pontuação e os sentidos no texto.....	134
Tabela 12	- Resultados da Avaliação Final.....	140
Tabela 13	- Frequência da utilização dos elementos coesivos – Aluno A.....	194
Tabela 14	- Frequência da utilização dos elementos coesivos – Aluno B.....	198

SIGLAS E ABREVIATURAS

LP	Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
DCE	Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Básica do Paraná
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PROFLETRAS/UEM	Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Maringá
TA	Termo de Assentimento
PB	Português Brasileiro
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O LETRAMENTO	25
2.2	PROFICIÊNCIA ORAL E ESCRITA À LUZ DOS GÊNEROS DA ORDEM DO NARRAR	31
2.3	OS ELEMENTOS COESIVOS NA CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS DA ORDEM DO NARRAR.....	38
3	METODOLOGIA	44
4	RELATÓRIO DE PESQUISA	54
4.1	CONTEXTUALIZANDO	54
4.2	ETAPAS REALIZADAS	59
4.2.1	Primeira etapa: modalidade oral	60
4.2.2	Segunda etapa: retextualizando da modalidade oral para a escrita	65
4.2.3	Terceira etapa: práticas discursivas com o gênero conto	69
4.2.4	Refletindo sobre o trabalho da 1ª, 2ª e 3ª etapas	90
4.2.5	Quarta etapa: reescrita e revisão do gênero conto	92
4.2.5.1	Passo 1: motivação à leitura	97
4.2.5.2	Passo 2: introdução e contextualização da leitura	102
4.2.5.3	Passo 3: a leitura.....	106
4.2.5.4	Passo 4: compreensão e interpretação	112
4.2.5.5	Passo 5: análise dos elementos coesivos	118
4.2.5.6	Passo 6: recontando e reescrevendo o conto	125
4.2.5.7	Passo 7: revisar e reescrever o conto	129
4.2.5.8	Passo 8: digitação do conto	135
5	ANÁLISE E RESULTADOS	143
5.1	CONTEXTUALIZANDO A ANÁLISE.....	143
5.2	OS ELEMENTOS COESIVOS NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO CONTO	143
5.3	ANALISANDO OS TEXTOS A PARTIR DE QUADRO COMPARATIVO.....	146
5.3.1	Análise do Quadro 21 – Aluno A	153
5.3.2	Análise do Quadro 22 – Aluno B	178
5.4	RESULTADOS	192

6	CONCLUSÃO.....	203
	REFERÊNCIAS	205
	APÊNDICES	208
	ANEXOS	242

1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional, social, político, filosófico e econômico atual, dificilmente encontraremos com pessoas que pensem no próximo ou que tomem atitudes que contribuam para o bem comum. Apesar de toda essa realidade, nós profissionais da educação podemos nos mobilizar diante dessa realidade e fazer um pouquinho, lá dentro da nossa sala de aula e provocar uma transformação mais pontual e isso pode se alargar e mudar realidades. Como isso pode ocorrer? Vamos pensar um pouquinho só!!

Temos o poder de levar para a sala de aula leituras maravilhosas, que são valorizadas universalmente pelos seres humanos, e possibilitar aos nossos discentes momentos de leitura prazerosa, e também momentos de provocar, a partir delas, grandes reflexões e conhecimentos que tenham ligação com a nossa realidade. Olha só, o poder que essa invenção maravilhosa colocada em nossas mãos! Já Pensou? Foi exatamente isso que fizemos em nossa prática pedagógica com os gêneros da ordem do narrar. São textos, que podem ser conhecidos pelos alunos simplesmente pela ação de leitura. E é nessa interação com os textos, que o processo de ensino e aprendizagem acontece.

Os gêneros narrativos são carregados de sentidos, mas estes só podem ser percebidos, e sentidos, se por trás deles, tiver um ser dotado de capacidade para articular estratégias que levem esses gêneros/sentidos serem percebidos pelos alunos. E, sabemos, que esse ser faz. Refletindo sobre essas questões, e tendo o desejo de modificar a realidade, na qual estamos inseridos, elaboramos uma proposta de trabalho pedagógico que tivesse um diálogo com essas inquietudes.

A leitura é o momento das práticas discursivas, que também são fundamentais para a interação e comunicação humana, ou seja, através da leitura trabalhamos a oralidade e a escrita ao mesmo tempo, e ainda pudemos ensinar e aprender o funcionamento da nossa língua materna. Esta prática docente esteve ligada aos conhecimentos de grandes estudiosos, que se preocupam em oferecer suas teorias para dialogar com nossa realidade e ajudem nossos alunos a aprender de verdade e cada vez melhor. Partindo dessas premissas, elaboramos todo o nosso trabalho ancorado em alguns desses teóricos.

Assinalamos que a interação com a leitura e a escrita de textos literários e os multiletramentos acontecem e acontecerão a longo prazo no século XXI, pois as tecnologias que estão disponíveis na educação ainda não substituem o professor por completo, este ainda é a ponte que liga o texto ao aluno, aquele que faz as intervenções pedagógicas para este

último se encantar com a literatura, ou seja, com os textos que lê, pois o texto por si só não é suficiente para tornar o leitor crítico e produzir o letramento literário. Nessa direção, é necessário o docente para instruir, ensinar valores e a língua materna na modalidade oral e escrita na norma culta, e promover a ascensão intelectual e social do ser humano.

De acordo com Rojo (2012), as gerações do século XXI são totalmente digitais e engajar tecnologias digitais às práticas pedagógicas é de fundamental importância, principalmente o celular, que é o dispositivo tecnológico mais acessível aos alunos, no momento contemporâneo. Utilizamos o computador, o notebook e o projetor multimídia, equipamentos tecnológicos esses, muito atrativos e importantíssimos, que foram utilizados como ferramentas de apoio para apresentar textos escritos, imagens, vídeos, documentários, entre outros textos. Esses equipamentos conseguem englobar, de uma vez só, muitas linguagens que possibilitam tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente, pois fogem dos tradicionais instrumentos utilizados cotidianamente pelos professores.

A proposta pedagógica está sustentada na perspectiva bakhtiniana de gêneros discursivos. Por que gêneros discursivos? Porque eles agregam todos os elementos linguísticos no processo de ensino e aprendizagem da nossa língua materna, ou seja, da Língua Portuguesa, uma vez que contribuem, de forma significativa, no desenvolvimento da linguagem e ao mesmo tempo são objeto e instrumento de trabalho ao professor. Os gêneros discursivos também auxiliam os próprios alunos a compreender e ter acesso ao funcionamento da língua, como postula Bakhtin/Volochinov (1999, p. 108) “penetram na corrente de comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar.”

Desse modo, está a claro que os gêneros discursivos são objetos de ensino de língua e formas comunicativas, sendo esses apropriados pelos alunos em momentos de interação no cotidiano e em ações pedagógicas. Bakhtin (1992, p.285) afirma que “quanto melhor dominarmos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário) [...]” Depreende-se que a competência linguística dos discente se construirá paulatinamente, quando estes transitarem pelas diferentes esferas comunicativas. Na apropriação dos discursos que constroem os mais variados gêneros discursivo, esses aprendizes aprendem a formular cognitivamente os próprios discursos e transformar o meio em que vivem.

Neste sentido, os gêneros da ordem do narrar serão o norte de toda a prática pedagógica aqui elaborada, em específico o conto, uma vez que os contos como texto

literário, sempre trazem um temática incorporada em seu *corpus*, promovem reflexões e provocam transformações no ser humano. Além desses aspectos descritos, os contos trazem os aspectos composicionais, que estruturam o gênero narrativo (situação inicial, personagens, problema, clímax, desfecho) e os aspectos linguísticos ,que promovem a coerência e a coesão, ou seja, os elementos coesivos, alvo dessa pesquisa, que constroem os textos e dão sentidos (pronomes, advérbios, conjunções, etc). Enfim, trabalhar propostas pedagógicas práticas, que envolvem os gêneros da ordem do narrar, auxiliam os alunos no processo de ensino e aprendizagem com relação à produção de textos orais ou escritos na norma culta em Língua Portuguesa.

Uma proposta pedagógica envolvendo a exploração de gêneros literários pode ser enriquecedor à formação dos discentes. Essa afirmação está ancorada no que discorre Candido (1995):

[...] nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995. p. 175).

Refletindo sobre esses apontamentos do autor, podemos utilizar a literatura como aliada à formação humana, porém com certo discernimento e cautela de qual literatura levar para a sala de aula, ou seja, a literatura que edifica o ser humano, a personalidade, que proporciona formas de conhecimento e de construção de mentes saudáveis e edificantes, jamais uma literatura que degrada o ser humano.

De acordo com Candido (1972), a literatura é vista como arte que transforma e humaniza o homem e a sociedade, atribuindo a ela três funções: a psicológica (leva o homem ao mundo da fantasia); a formadora (instrumento de educação, que revela realidades não mostrada pela ideologia dominante, forma o homem); e a social (retrata os diversos segmentos sociais, ou seja, é a representação social e humana).

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e

baixos, luzes e sombras. [...] Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos, — pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejariam banir. Aliás, essa espécie de inevitável A literatura e a formação do homem contrabando é um dos meios por que o jovem entra em contacto com realidades que se tenciona escamotear-lhe. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, 1972. p. 805-806).

Para Cosson (2012, p. 17) “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor”. O autor deixa claro neste fragmento que o texto literário, seja ele narrativo ou poético, auxilia e complementa o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, e pode levar o leitor a ser crítico, escritor e a se humanizar pela experiência do outro.

Essa proposta pedagógica também estará embasada à luz da pedagogia dos multiletramentos, pois no momento contemporâneo toda e qualquer prática de ensino deve estar engajada ao uso das tecnologias, uma vez que essas fazem parte do dia a dia dos alunos e podem contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem das práticas de leitura, de oralidade e da produção da escrita, principalmente com relação ao uso dos recursos linguísticos mais adequados e eficientes para as práticas sociais atuais. As tecnologias digitais podem ser utilizadas em algumas situações de produção de texto oral, transcrição de texto oral, fotos para marcar momentos específicos de aprendizagem, entre outras atividades que possam surgir durante o trabalho.

A elaboração e a aplicação da proposta pedagógica tem como norte a pesquisa-ação, com caráter qualitativo e interpretativista, uma vez que sua aplicação acontecerá no contexto educacional, como orienta Thiollen (2008):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de uma problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2008, p. 14).

É nessa perspectiva que formulamos e desenvolvemos uma pesquisa-ação, tendo como suporte didático os gêneros da ordem do narrar para auxiliar o ensino da Língua Portuguesa oral e escrita a uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II de escola pública, no tocante ao uso eficiente dos elementos coesivos no momento de elaboração do gênero conto, tanto oral quanto escrito. Isso se faz necessário porque os alunos desse nível escolar ainda não compreendem como se dá o engajamento dos elementos linguísticos que promovem a sequência e encadeamento de ideias, a coesão e a coerência. Percebe-se que há uma defasagem na utilização dos recursos linguísticos no momento de construção desse gênero. Pontuamos ser fundamental ensinar a língua materna a partir do gênero narrativo como objeto de ensino e aprendizagem, porque esse gênero faz parte da vivência dos alunos, contribui para o letramento literário e, conseqüentemente, promove a humanização dos alunos enquanto seres pensantes.

Para alcançar o objetivo de levar os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II a compreender o uso dos elementos coesivos na composição do gênero narrativo oral e escrito, utilizamos o *corpus* de textos literários impressos, agregando ao trabalho pedagógico o uso de alguns recursos tecnológicos e digitais para implementar melhor a prática pedagógica nos momentos de preparação para a leitura, na leitura propriamente dita, nas extrações de sentido dos textos trabalhados, nas interpretações, nas análises dos elementos linguísticos que compõem os textos, nas produções e reescritas de textos. Enfim, na sistematização de cada etapa com diversos recursos didáticos e tecnológicos.

Compreendemos que, aprender a usar uma língua materna, de forma adequada e eficiente, nas diversas situações comunicativas pelos nossos educandos, não é tarefa fácil, porém isso pode ocorrer pelo fato, de muitas vezes não termos a formação adequada para promover a sua aquisição. É preciso buscarmos capacitação continuada e mais atualizada para provocarmos mudanças em nossa prática escolar diária.

Esta proposta de pesquisa-ação surgiu do anseio, desde quando iniciamos o PROFLETRAS, em 2018, no qual fomos desafiados a pensar em alguma problemática de nossa realidade escolar e foi naquele momento que sentimos o desejo de investigar o porquê de nossos alunos do 6º ano não se apropriam com facilidade dos elementos coesivos e depois passam para os anos seguintes não dominando seus usos e essa deficiência se arrasta ao longo da vida. Então, o nosso objetivo foi de investigar: os alunos do 6º ano não fazem uso dos elementos coesivos nos gêneros da ordem do narrar? E partindo dessa dúvida, nos propomos a uma prática pedagógica que fizesse o diagnóstico do quanto e quais dos elementos coesivos os alunos do 6º já tinham apropriação, após a exploração de textos da ordem do

narrar (práticas discursivas), e que tentar ampliar o nível de conhecimento e de apropriação desses elementos linguísticos até o final de sua aplicação.

Diante desse desafio, elaboramos um conjunto de ações pedagógicas, que agora serão discutidas nesse Relatório de Pesquisa. Primeiramente apresentaremos a seção um, com uma breve introdução de aspectos fundamentais que envolvem esse Relatório de Pesquisa. A construção da segunda seção, se faz mediante os principais teóricos que corroboram para essa prática pedagógica ter se tornado realidade e mostrar os resultados, trazendo em sua roupagem os gêneros discursivos como fundamentais para promover o ensino, a aprendizagem da língua materna e ainda formar pessoas mais críticas e humanizadas, como podemos aprender a língua materna, o seu uso e seu funcionamento, e ainda pensar sobre as características específicas da oralidade e da escrita.

Na terceira seção, apresentamos a metodologia, discorrendo-se o contexto de aplicação da proposta de trabalho pedagógico, o tipo de pesquisa que foi realizada para colher os dados e os procedimentos como os recursos utilizados para desenvolver todas as etapas do trabalho docente. Na sequência, vem a quarta seção, com o Relatório de Pesquisa detalhado, com uma breve introdução da realidade da escola e a turma alvo de nossa pesquisa-ação, e ainda, das quatro etapas que realizamos nessa trajetória. A quinta seção, apresentamos as análises realizadas na implementação e os resultados do trabalho docente na interação com os gêneros da ordem do narrar. Por fim, apresentamos a conclusão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São muitos os documentos oficiais nacionais que versam sobre as concepções de ensino da Língua Portuguesa (LP) no contexto atual, acerca da ação docente e dos resultados das práticas pedagógicas. Também são muitos os autores que dialogam com essas temáticas.

Com relação aos documentos oficiais que regulamentam a LP, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998 assinalam que:

[...] o ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em suas dimensões históricas e em que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas (BRASIL, 1998, p.32).

Esse documento enuncia que ensinar a ler, falar e a escrever com a proficiência necessária é um direito de todos os que nasceram no universo da LP falada no Brasil, ou seja, que todos os brasileiros estão amparados legalmente em documentos oficiais a se tornarem, por meio da linguagem, realmente falantes, leitores e produtores de escritas competentes para interagir nas mais diferentes situações socio-verbais.

No campo da leitura, Kleiman (2000, p. 27) discorre que a leitura é muito mais que decodificar palavras “a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar”. É competência do leitor, por meio de toda sua bagagem socio-histórica e conhecimentos linguísticos verbais e não verbais, compreender os sentidos possíveis dos mais variados gêneros discursivos com os quais interage no seu cotidiano, como: o tema, a estrutura composicional, o estilo, entre outros aspectos fundamentais. Dessa forma, consegue expandir gradativamente seus conhecimentos sobre a língua, pois a escrita traz essa vantagem, faz o aluno ampliar seus conhecimentos e ascender cognitivamente e socialmente.

As Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Básica do Paraná (DCE) de 2008 pontuam que os brasileiros necessitam da LP como um instrumento legítimo de luta e posicionamento, e dela se apoderando, podem assumir uma postura de cidadãos ativos na sociedade brasileira.

Na perspectiva desses documentos, fica claro que ter o domínio da língua materna brasileira é uma forma de luta a todos os que dela fazem uso para a inserção e ascensão na sociedade e para reivindicar seus direitos de cidadãos. Isso caminha na direção do que afirma Bakhtin/Volochinov (1999, p.123):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguística nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p.123).

Segundo essa concepção, o ensino de língua materna pode ocorrer através e tão somente na interação, considerando os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido e o contexto de produção de seu discurso.

Defendemos que o ensino da língua materna do Português Brasileiro (PB) deve pautar-se na concepção da linguagem como forma de interação, uma vez que conceber a linguagem como modo de interação significa entendê-la como um trabalho coletivo. Para as DCE (2008, p. 49), a linguagem é vista como fenômeno social, pois nasce da necessidade de interação verbal, que ocorrem nas relações sociais, políticas, econômicas e outras, entre os homens. Neste sentido, é no ambiente escolar que os alunos terão a possibilidade de interagir com diferentes gêneros textuais com diferentes funções sociais, através de práticas de uso da língua (leitura, oralidade, escrita), que podem ampliar o grau de letramento

Dessa maneira, vemos que o uso da língua se faz como lugar de interação humana, na prática de ações entre os membros de uma comunidade, em situações de comunicação e de contexto socio-histórico determinados. Outro aspecto de fundamental importância é que não podemos nos esquecer de que na concepção de linguagem como forma de interação devem ser consideradas as condições de produção, os interlocutores, os lugares sociais por eles ocupados e o contexto socio-histórico em que estão inseridos. Torna-se evidente que nessa concepção de linguagem o professor tem papel essencial no tocante ao ensino de LP, sendo um articulador de extrema relevância ao realizar maior reflexão sobre o que ensinar, para que ensinar, como ensinar, em razão de para quem ensinar.

Geraldi (1997) assevera que as atividades planejadas e aplicadas em sala de aula são consequências da opção metodológica articulada a uma concepção de linguagem incorporada pelo professor. Isso nos leva a concluir que, conforme a concepção de linguagem adotada pelo

professor em sua prática pedagógica, poderá contribuir ou não com os alunos para o letramento, o aprimoramento dos conhecimentos linguísticos, para saber se posicionar e interagir socialmente diante das diferentes situações comunicativas. Isso remete à ideia de que a linguagem é a mola preponderante para a comunicação e letramento humano.

De acordo com Soares (1998, p. 45-46), letramento refere-se ao indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas usa socialmente a leitura e a escrita de forma eficiente, pratica a leitura e a escrita, posiciona-se e interage com as exigências da sociedade diante das práticas de linguagem, demarcando a sua voz no contexto social. Fica evidente que o letramento vai além da decodificação da estrutura fonológica das palavras: é preciso capacitar os discentes para além da língua escrita.

[...]à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita [...] (SOARES, 1998, p.45-46).

A leitura passa não só pelo ato de decodificação, ou seja, de um código escrito a outro oral, mas procede também de um ato de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, de práticas sociais e de conhecimentos linguísticos, que estão além dos fonemas.

De acordo com as DCE (2008) de LP, ainda é muito recorrente o ensino da língua materna pautado apenas na decodificação do texto, com ênfase nas regras:

O ensino de Língua Portuguesa seguiu, e alguns contextos ainda segue, uma concepção de linguagem que não privilegia, no processo de aquisição e no aprimoramento da língua materna, a história, o sujeito e o contexto [...] (PARANÁ, 2008, p. 48)

Nessa citação, está claro que, mesmo estando no século XXI e o com o advento da era da informação, é muito recorrente nas aulas de LP a prática pedagógica de ensino cujo norte é apenas o repasse de regras e nomenclaturas. Defendemos que o ensino da LP requer novas práticas de ensino, que possibilitem aos alunos a participação em diferentes práticas sociais que utilizam a leitura, a escrita e a oralidade, inserindo-os de fato em todas as esferas de interação.

Defendemos ainda que as práticas discursivas devem abranger não somente os textos escritos e falados, mas que haja integração da linguagem verbal com outras linguagens que povoam a sociedade. Ou seja, essas práticas devem proporcionar não apenas o letramento,

mas também os multiletramentos na sociedade contemporânea. Rojo (2012, p. 13) pontua o que vem a ser o letramento e o multiletramento:

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos __ é bom enfatizar __ aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e comunica (ROJO, 2012, p. 13)

A autora distingue os conceitos de letramentos (múltiplas e variadas práticas letradas, valorizadas ou não pela sociedade) e multiletramentos (a multiplicidade cultural, criada pelas sociedades globalizadas, e a semiótica, multimodalidade dos textos, na sociedade urbana e contemporânea) e enfatiza que no contexto atual, o segundo conceito é mais abrangente porque através dos multiletramentos podemos compreender a multiplicidade de linguagens dos textos que circulam atualmente, ou seja, os textos impressos, midiáticos, digitais. Percebemos a necessidade de serem protagonizadas nas aulas de língua materna práticas de linguagem que considerem as práticas linguísticas trazidas pelos alunos à escola e a partir disso incluir saberes cujo ponto central seja o acesso aos saberes e conhecimentos para os multiletramentos.

Desse modo, assinalamos ser função e tarefa da escola levar os alunos a interagir, ler, compreender e produzir gêneros textuais das diversas esferas sociais, ou seja, não só do mundo físico, mas também do mundo virtual: jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, literária, publicitária, midiática, digital, etc., uma vez que esses alunos como falantes e usuários da língua se apropriem dos mecanismos de leitura de textos, não só os textos impressos, mas principalmente dos textos da esfera digital, como está posto nas DCE (2008, p. 73):

[...] a esfera digital, que também é diferente se comparada a outros gêneros e suportes. Os processos cognitivos e o modo de ler nessa esfera também mudam. O hipertexto - texto no suporte digital/computador - representa uma oportunidade para ampliar a prática de leitura. Através do hipertexto inaugura-se uma nova maneira de ler. No ambiente digital, o tempo, o ritmo e a velocidade de leitura mudam. Além dos hiperlinks, no hipertexto há movimento, som, diálogo com outras linguagens (PARANÁ, 2008, p. 73).

Na esfera digital aparece o “hipertexto”, que segundo Xavier (2010, p. 208), é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Sendo assim, é preciso que, diante dessa nova forma textual, sejam articuladas práticas pedagógicas que demandem também o letramento digital, leitores mais autônomos, dinâmicos, sabendo selecionar qualitativamente as informações, que é muito mais que uma simples decodificação das palavras. O objetivo do ensino da LP deve ser o aprimoramento das aptidões linguísticas dos discentes para que possam compreender os discursos que os cercam, e conseqüentemente saber interagir com esses discursos e criar os seus próprios discursos de defesa, sejam orais, impressos ou digitais.

Há uma diversidade de textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) na sociedade vigente. Nesse sentido, Rojo (2012) alega que esses textos exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar. Diante desse novo cenário, a autora questiona como ficam os letramentos e responde:

E como ficam nisso tudo os letramentos? Tornam-se multiletramentos: são necessárias novas ferramentas __ além da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e

lousa) e imprensa (tipografia, imprensa) __ de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas:

- (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas;
- (b) de análise crítica como receptor.

São necessários novos e multiletramentos (ROJO, 2012, p.21).

Nesse contexto social, a escola precisa interagir e trabalhar com o funcionamento de novos textos que requerem novos letramentos, pois os textos contemporâneos são compostos de muitas linguagens, que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para construir significados. É inegável que os textos contemporâneos exigem multiletramentos, todavia Rojo (2012, p. 22) faz uma observação:

[...] não são as características dos “novos” textos multissemióticos, multimodais e hipermidiáticos que colocam desafios aos leitores. Se assim fosse, nossas crianças e jovens nativos não teriam facilidade e prazer na navegação. O desafio fica colocado pelas nossas práticas escolares de leitura/escrita que já eram restritas e insuficientes mesmo para a “era do impresso” (ROJO, 2012, p. 22).

Rojo (2012) nos faz refletir em relação a utilizar os novos dispositivos, as novas tecnologias de informação e comunicação em nossas práticas pedagógicas para elevar os níveis de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa para as novas gerações. A autora assinala que ao invés de travar uma luta contra seu uso, devemos aliá-las às nossas práticas escolares, pois os alunos sabem lidar com muito mais fluência do que nós. E complementa: “[...] Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia” (ROJO, 2012, p.27).

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (Unesco) estabeleceu e publicou as Diretrizes de Políticas para a Aprendizagem Móvel (telefones celulares e tablets) em 2013, apontando que podem ser utilizados por alunos e professores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras. Além disso, pontuamos que as tecnologias móveis se tornaram comuns e mais pessoas fazem a sua aquisição, aprendem usá-las, mesmo aquelas que vivem em situações mais vulneráveis.

As Diretrizes de Políticas para a Aprendizagem Móvel foram elaboradas visando a auxiliar os formuladores de políticas a entender melhor o que é aprendizagem móvel e como pode se tornar alavanca para fazer avançar o progresso em direção à Educação para Todos, uma vez que essas Diretrizes podem se adequar às características de instituições (Educação Básica, universidades, centros comunitários, escolas técnicas e vocacionais). Em outros termos, as recomendações de políticas devem refletir as necessidades particulares e as realidades concretas dos contextos locais.

Para reforçar a relevância da implementação dos multiletramentos nos ambientes escolares atuais, há um novo documento oficial para nortear os conhecimentos, as competências e as habilidades para tal formação na Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, que dialoga com documentos e orientações produzidos nas últimas décadas. A BNCC (2017, p. 59) traz a área de Linguagens constituída pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa, esta última no Ensino Fundamental – Anos Finais. A finalidade da área de Linguagens é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, para ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas e nos conhecimentos relativos a essas linguagens.

Em relação ao componente Língua Portuguesa, esse documento estabelece algumas competências que contribuem para a aquisição das múltiplas linguagens nas quais estamos

envolvidos e aos multiletramentos que necessitamos nos inserir. De acordo com a BNCC (2017, p. 61), há competências específicas de linguísticas para o Ensino Fundamental:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2017, p. 63).

A competência número 3 (três) especifica a importância de se trabalhar as práticas contemporâneas que ganharam mais força com o advento da internet, ou seja, os diferentes formatos e os novos gêneros textuais, chamados de gêneros digitais, e as múltiplas linguagens que agregam são exploradas e analisadas. Os jovens estão bem familiarizados com esse universo digital, porém o professor deve ser mediador no tocante ao bom uso das tecnologias de informação e comunicação, nas interpretações, desenvolvimento da criticidade

via online, entre outros aspectos que se fazem necessários para analisar os gêneros textuais que circulam na sociedade contemporânea (memes, vídeo, playlists comentadas).

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no contexto escolar, universo familiar e atrativo aos estudantes, devem ser utilizadas com o objetivo de contribuir para o crescimento intelectual no uso dos elementos coesivos na análise e construção do gênero narrativo. É nessa perspectiva que pretendemos que este trabalho esteja atrelado, com a proposta de defender práticas discursivas que abranjam os textos falados e escritos, a integração da linguagem verbal com outras linguagens, chegando aos multiletramentos de fato.

Outro aspecto de fundamental importância veiculado pela BNCC (2017, p. 63) é sobre o uso do texto nas atividades de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa:

[...] a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectiva enunciativas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidade ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escrita e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2017, p. 63)

Em nossa proposta pedagógica, o texto assume a centralidade do trabalho, uma vez que com o gênero narrativo buscamos integrar as práticas discursivas de leitura, oralidade e escrita, trabalhadas com diversas linguagens, com a linguagem escrita, oral, imagética, digital, e diversos materiais didáticos e digitais (celular, computador, projetor multimídia, internet), dentre outros necessários no decorrer do trabalho. Nossa finalidade é levar os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II a compreender o uso e a importância dos elementos coesivos para compor o gênero narrativo, nosso objetivo central nesta pesquisa., que são muitos os aspectos discursivos que envolvem na construção de um conto, ou seja, que a primeira versão reescrita de um texto nunca é um produto final, sempre precisa e pode ser melhorada.

2.1 OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O LETRAMENTO

Em nosso cotidiano, desempenhamos uma variedade de atividades, e muitas delas só existem por meio da linguagem, imprescindível em nossas relações sociais pois através dela interagimos com nossos semelhantes. Em cada esfera de atividade humana que exercemos,

desempenhamos determinado papel social, seja como pais, profissionais da educação ou estudantes.

Logo, fica claro que em cada esfera da comunicação humana são elaboradas formas discursivas diferenciadas. Com isso, em cada contexto social (do cotidiano, da religião, do comércio, da criação literária, da escola) os parceiros interagem entre si com diferentes linguagens, e constituem práticas sociais da cultura em que estão inseridos

Mikhail Bakhtin, foi o pensador russo que, no início do século XX, se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura, foi o primeiro a empregar a palavras *gêneros* com um sentido mais amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação. Segundo Bakhtin (1992), todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis. Essas características configuram diferentes textos ou gêneros discursivos, que podem ser caracterizados por três dimensões essenciais e indissociáveis: o tema, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (usos específicos da língua).

Desse modo, os gêneros discursivos podem ser considerados como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. Quando estamos num situação de interação verbal, a escolha do gênero não é completamente espontânea, pois leva em conta um conjunto de coerções dadas pela própria situação de comunicação: quem fala, sobre o que fala, com quem fala, com qual finalidade. Todos esses elementos condicionam as escolhas do locutor, que tendo ou não consciência delas, acaba por fazer uso do gênero mais apropriado àquela situação, como por exemplo, se desejamos contar a alguém uma experiência pessoal que vivemos, podemos fazer o uso de um relato pessoal; se desejamos fazer uma exposição oral a respeito de determinado conhecimento científico, fazemos uso do seminário ou da conferência; e assim por diante.

Partindo do princípio de que nossos alunos são sujeitos ativos e produtores do próprio conhecimentos, chegando ao ambiente escolar com boa grande bagagem de conhecimentos, porém ainda não se apropriou dos conhecimentos mais sistematizados, ou seja, dos conhecimentos escolares. Em interação com os mais variados gêneros textuais na sala de aula, mediante intervenções sistematizadas e significativas, participará do processo de ensino e aprendizagem para apropriação dos mais variados gêneros textuais.

Bakhtin (1992, p. 279) pontua que os gêneros discursivos são formados por enunciados relativamente estáveis em diferentes esferas da atividade humana, havendo uma riqueza e variedade de gêneros do discurso (orais e escritos).

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992, p. 279).

Para aprender a ler e escrever textos compreensíveis ao leitor é preciso praticar ações por meio da língua e da linguagem. Nessa perspectiva de ensino, o texto é a menor unidade de ensino, é no texto, seja ele oral ou escrito, que a língua se manifesta em todos os seus aspectos discursivos, textuais e gramaticais. Ensinar a produção textual a partir de gêneros traz muitos benefícios, como: ampliação, diversificação e enriquecimento da capacidade dos alunos de produzir textos orais e escritos como também aprimoram a capacidade de leitura, audição, compreensão e interpretação de textos.

É importante fazer os alunos transitar entre as diferentes estruturas e funções dos textos como leitores e escritores. Levá-los a produzir textos tendo em vista um interlocutor, que não seja simplesmente o professor, mas alguém que ultrapasse a sua sala de aula ou os muros da escola, como: o texto literário pode dar origem a um livro, produzido de forma coletiva pela turma. Agregado ao estudos das características dos gêneros textuais, há outros aspectos fundamentais na construção dos textos: ortografia, tempos verbais, concordância verbal e nominal, pontuação, coesão e coerência, enfim, saber utilizar os recursos linguísticos necessários e garantir a compreensão do gênero, saber utilizar a língua é o que mais influencia a qualidade textual.

Estamos inseridos em uma constante esfera de troca verbal nas atividades que realizamos na sociedade da qual participamos, e com isso, elaboramos gêneros textuais que atendem a cada ato de interação. Por exemplo, na prática social do tribunal de júri, são diversas as atividades e gêneros textuais desse contexto para estabelecer a interação social, tais como intimação, mandado de segurança, discurso de defesa, discurso de promotoria, entre outros.

Outro exemplo é a prática social de efetuar uma matrícula escolar por um aluno, qual são exigidas as atividades de produzir e enviar um requerimento, apresentar o registro de

nascimento ou documento de identidade; nessa esfera escolar, os gêneros a serem elaborados são outros, diferentes do tribunal de júri, da esfera jurídica. No contexto do tribunal, a linguagem a ser organizada nos gêneros textuais dessa área se dá por meio de enunciados específicos desse universo, sendo, portanto, diferente do contexto do aluno, que faz uma matrícula.

Na prática social das relações comerciais, os gêneros textuais a serem produzidos são: lista de compras, formulário, nota fiscal, termo de garantia, manual de instruções, e-mail, cheque, etc. Logo, a linguagem nesse campo usa formas de expressões que não dialogam com o mundo jurídico também, mas com o campo comercial. Dessa forma, percebemos que as práticas sociais instauram diferentes atividades e organizam distintos gêneros textuais, tão heterogêneos e complexos quanto as atividades realizadas pelos seres humanos.

Essa variedade de gêneros do discurso é assim apresentada por Bakhtin (1992, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1992, p. 279).

Como vemos, a quantidade de gêneros textuais que circulam na sociedade contemporânea é muito diversificada e isso se dá em decorrência das práticas socioculturais como também das necessidades do homem ao longo dos tempos.

Bakhtin (1992) divide os gêneros em primários e secundários. Os primários, são os que ocorrem em situações cotidianas (bilhetes, listas, convites, carta pessoal, dentre outros), sendo os alunos já letrados nesses gêneros em seu cotidiano. Já os secundários, que ocorrem em contextos comunicativos mais complexos (relatório, artigo de opinião, carta de leitor, crônica, entre outros), precisam ser apropriados pelos alunos no contexto escolar, mediante práticas pedagógicas significativas. Nesse aspecto, a BNCC, (2017, p.63) apresenta que “Ao componente **Língua Portuguesa** cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.”

Como podemos notar, o letramento se instala de forma gradativa, através das vivências dos alunos, desde que a escola mantenha a postura de explorar, transformar e enriquecer as possibilidades de uso real dos gêneros discursivos, uma vez que eles já chegam

na escola com conhecimentos sobre uma grande gama de gêneros discursivos e cabe a ela possibilitar e ampliar o letramento dos discentes. As novas ferramentas de informação e comunicação permitem a produção e formatação variada de novos gêneros textuais como também a sua edição. Na BNCC (2017, p. 64), há menção a essas questões:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornaram acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web , (BRASIL, 2017, p.63).

O professor pode levar seus alunos a fazer pesquisas de conteúdos e a produzir e publicar gêneros digitais com os quais estão mais familiarizados nas redes sociais. Entretanto, a BNCC (2017, p. 64) explicita ser necessário orientá-los que nem tudo o que é publicado ou pesquisado nesse universo democrático da Web pode ser confiável e seguro.

Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais, etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho: podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever fanfics [...]. Em tese, a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente [...] A contrapartida do fato de que todos podem postar quase tudo é que os critérios e seleção do que é adequado, bom, fidedigno não estão “garantidos” de início [...], (BRASIL, 2017, p.63).

A BNCC discorre ainda sobre a infinidade de gêneros digitais que compõem a sociedade contemporânea, pontuando que não precisamos ficar presos a um único gênero por estarem sempre em processo de inovação.

No princípio de que o letramento passa por um conjunto de práticas sociais aliadas à leitura e à escrita, realizado pelos indivíduos imersos em contexto de produção dos gêneros textuais, Bronckart (1999) preconiza que a arquitetura interna do gênero pode ser entendida como: o plano global que dá formato ao texto; o uso de tipos de discursos; os tipos de sequência textual (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, injuntiva e dialogal); os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e verbal); o gerenciamento das vozes (mecanismos enunciativos e de modalização das vozes).

Desse modo, podemos concluir que o gênero é um meio de conhecimento que permite agir eficazmente na situação de comunicação. Ao falar ou escrever, conforme o lugar social que ocupa, o enunciador sempre tem uma imagem, opiniões e valores construídos dos seus destinatários ou do tema ao qual se refere. São esses os parâmetros que constituem a situação de produção, devendo ser sempre combinados com a abordagem das condições socio-históricas. Fundamentalmente, podemos observar que são os conhecimentos relativos ao contexto de produção que levam o enunciador de um texto oral ou escrito a tomar decisões sobre o gênero do texto mais adequado à situação de interação, a escolha correta das operações discursivas e linguísticas mais eficazes para a sua textualização.

A apropriação dos gêneros, como instrumento de mediação para o uso nas múltiplas formas de comunicação, exige capacidades para que possamos agir com a linguagem em dada situação. A BNCC (2017), p. 83) apresenta 10 (dez) competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, dentre elas destacamos três como fundamentais para a prática pedagógica a ser realizada.

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

[...]

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

[...]

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético por fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura, (BRASIL, 2017, p.63).

Ao considerarmos esses apontamentos e a importância do trabalho com a leitura, escuta e produção de textos orais e escritos, em nossa proposta utilizamos o gênero narrativo com valor estético, de fruição, lugar de extração de sentidos, valores, encantamento, letramento literário. Além desses aspectos, o gênero também será contemplado como objeto de ensino e aprendizagem de língua, com a análise e aplicação dos elementos coesivos em sua construção oral e escrita, marcas linguísticas essenciais na elaboração das narrativas.

Assinalamos ser fundamental e importante instrumentalizar os alunos a compreender que os elementos coesivos são essenciais na construção dos mais variados gêneros, estando mais presentes no gênero narrativo para estabelecer sequência lógica, unidade temática, coesão e coerência, e conseqüentemente, produzir efeitos de sentido aos leitores.

2.2 PROFICIÊNCIA ORAL E ESCRITA À LUZ DOS GÊNEROS DA ORDEM DO NARRAR

Não é possível pensarmos no ensino da escrita apenas sob a ótica de ensinar um texto padrão, já que nos comunicamos por textos, cujos objetos de ensino são os próprios gêneros. Defendemos a necessidade de ensinar os alunos a redigir textos de uso, ou seja, apropriar-se de textos efetivamente utilizados em nossa sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1998 sinalizam que o objeto de ensino das aulas de língua materna é desenvolver a competência comunicativa do aluno, e o texto é a unidade básica de ensino e os gêneros os objetos de ensino-aprendizagem. Assim, para aprender a escrever “é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos” (BRASIL,1998, p.66), para isso é preciso inserir os discentes diante de situações reais de escrita, e as práticas de escrita na sala de aula devem estar voltadas ao aprendizado da linguagem a partir da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente.

O processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita pode ser auxiliado por meio da leitura de textos literários. Cosson (2016) assevera que o aluno precisa estar motivado para conceber a leitura do texto literário, ter uma preparação inicial para que essa proporcione alguma apropriação ao nível interpretativo da obra. No entanto, isso não se dá de forma desordenada, mas em uma Sequência Básica, que deve ser sistematizada pelo professor durante o processo da leitura do texto literário. O aluno não nasce leitor, é ensinado a ler, a ser um leitor crítico na escola. Na proposta prática a ser aplicada no 6º ano do Ensino Fundamental II, o gênero textual conto norteará todo o trabalho, sendo ponto de partida e de chegada, uma vez que haverá interação do seu conteúdo por meio da leitura, análise, interpretação, e o produto final com a reescrita com um público alvo já definido.

Cosson (2016) defende ainda que o letramento literário se dá em uma sequência básica ordenada de quatro etapas. A primeira é a ‘Motivação’ (momento que aguça o aluno antes de iniciar a leitura, com atividade lúdica); a segunda é a ‘Introdução’ (informações rápidas sobre o autor e a obra a ser lida); a terceira é a ‘Leitura’ propriamente dita pelo professor (esclarece dúvidas e faz debates), que pode vir acompanhada de ‘Intervalos’

(algumas pontes que o professor faz no decorrer da leitura para o aluno não perder o interesse pela leitura); e a quarta e última etapa a ‘Interpretação’ (com questões de decifração do texto e de ordem de interpretação que têm relação com o mundo externo ao texto).

Em nossa proposta, aplicaremos praticamente toda a sequência básica proposta por Cosson (2016) nos momentos de leitura e interpretação dos gêneros textuais contos ora selecionados para promover a construção dos conhecimentos dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em relação ao uso eficiente dos elementos coesivos nesse gênero narrativo oral e escrito.

Por gênero textual, Marcuschi (2002, p.23) explica:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características socio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros textuais seriam inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, [...], conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2002, p.23).

Marcuschi (2002) deixa claro que não podemos nos prender à tipologia textual, uma vez que os gêneros são inúmeros e muito diversificados. Na verdade, usamos as tipologias (narrar, expor, argumentar descrever) para construir os diversos gêneros textuais, porque um único gênero textual pode envolver a descrição, narração, ou seja, usamos a tipologia para construir os diversos gêneros textuais que circulam nas esferas sociais.

Conforme o propósito comunicativo e o objetivo que almejamos chegar em determinado momento, podemos produzir um gênero textual, em que “[...] os textos estão sempre em correlação com os fatores contextuais presentes à situação de comunicação, o que, de certa forma, influencia até mesmo a escolha do tipo e do gênero a ser escrito” (ANTUNES, 2009, p. 209).

Bakhtin (1992) define os gêneros em três conceitos interdependentes: o tema (que dá unidade de sentido ao texto por meio de elementos verbais e não-verbais); a sua construção composicional (a estrutura e organização do texto de um determinado gênero); e o estilo (escolha do agente produtor por formas da língua: as seleções lexicais, as formas gramaticais, a organização dos enunciados que darão acabamento ao gênero). É nas intervenções e na relação dialógica que o professor levará o produtor do texto a usar os elementos verbais e não verbais para a construção de dado gênero textual, apresentando as ferramentas necessárias à

comunicação, e portanto, constituindo o objeto de ensino e aprendizagem, com o gênero conto.

Assinalamos que nós, professores, devemos dar voz às atividades didáticas com o contexto social em que são produzidos os gêneros com as relações dialógicas, ou seja, relações de sentido. Salientamos que os gêneros são ferramentas indispensáveis à comunicação e devem constituir o objeto de aprendizagem para o aluno. Posto isso, nesta pesquisa nosso objeto de estudo, ensino e aprendizado é o gênero narrativo, com ênfase no conto, levando em conta a temática, os elementos coesivos, as marcas linguísticas utilizadas para compor esse gênero e a interação com os possíveis interlocutores.

Nesse sentido, buscamos desenvolver uma proposta pedagógica de produção oral e escrita em sala de aula que tenha como viés o gênero narrativo, sendo os alunos envolvidos diretamente no processo, protagonizando o papel de escritores de texto por meio das práticas de leitura e escrita. A escolha do gênero narrativo com foco no conto deu-se devido à proximidade que esse gênero textual estabelece com os alunos desse nível escolar, de suas muitas vivências no ambiente familiar e anos iniciais do Ensino Fundamental. Outra característica muito importante em relação ao conto em sala de aula, é o que Micheletti (2000) aponta “O conto é uma narrativa curta, por isso torna-se mais fácil tê-lo com os alunos no espaço da sala de aula. [...] o conto é perfeito: o professor, em companhia de seus alunos, pode explorá-lo minuciosamente, atendo-se a detalhes e relacionando-os com o todo. “

Optamos ainda pelo gênero textual conto devido ao seu caráter instrucional, pois é um gênero textual completo, sua estrutura abarca elementos linguísticos fundamentais para uma aprendizagem que vai muito além da decodificação dos códigos escritos, conforme aponta Micheletti (2000, p. 88):

O conto é uma narrativa de formação, pois transmite experiência e, ao mesmo tempo, conduz a uma reflexão. Em consequência, a reflexão leva à aprendizagem, uma aprendizagem de vida, semelhante àquelas dos contos exemplares. É um texto de formação no melhor sentido da palavra, não apenas um texto pedagógico que tem por princípio induzir o aprendiz a certos comportamentos (MICHELETTI, 2000, p. 88).

Trata-se portanto de uma proposta pedagógica que utilizará o conto como objeto de ensino e aprendizagem da língua materna, da Língua Portuguesa padrão e de seus diferentes usos, e não simplesmente, um pretexto para ensinar tópicos gramaticais, e sim o funcionamento da nossa língua.

Ao interagirem com o conto através da leitura, análise, interpretação, reconto oral e reescrita, além dos aspectos apontados por Micheletti (2000), pretendemos que os discentes, ao serem contemplados por nossa proposta pedagógica, desenvolvam as capacidades cognitivas e linguísticas adequadas à interação social, compreendendo a esfera social em que circulam, a temática implícita no contexto, seus interlocutores, dentre outros aspectos embutidos em sua composição.

Destacamos que são nas reflexões e construções dos gêneros textuais dentro da sala de aula que o professor pode progressivamente capacitar os discentes para o uso, cada vez mais consciente, da construção, composição estrutural do gênero, do estilo (marcas linguísticas) e do tema do gênero selecionado. São muitos os gêneros textuais que circulam em nosso cotidiano, e dentre essa variedade de gêneros exploramos nesta pesquisa o gênero narrativo, que apresenta uma gama de narrativas com diferentes características, como: romance, novela, conto e crônica.

Ao produzir seus textos escritos no cotidiano escolar, os alunos deixam muitas marcas da oralidade e precisamos minimizar esse problema, além de outros de ordem composicional e estrutural. Uma proposta para a verificação dessas diversas marcas típicas da oralidade é fazer a retextualização de gêneros textuais que os alunos gostam e já possuem familiaridade com a escrita. Ao transformar um texto oral em um texto escrito, os alunos começam a tomar consciência das diferentes características da fala e da escrita, tornando-se proficientes tanto nas construções orais quanto nas escritas.

O processo de passar um texto da modalidade oral para a modalidade escrita é tratado por Marcuschi (2010) de retextualização. Essa atividade pode ser muito complexa, desde que os usuários da língua materna ainda não tem consciência de como se dá essa organização. Marcuschi (2010) pontua que na sociedade contemporânea a escrita é mais que uma tecnologia, ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o cotidiano, em todos os campos sociais, ou seja, urbanos ou rurais. O autor (2010, p. 12) discorre que:

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...]. porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos [...] a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e o tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados (MARCUSCHI, 2002, p.12).

Está evidente que cada uma das modalidades da língua apresenta suas especificidades, cada uma tem seus recursos específicos de usos. Marcuschi (2010, p. 17) coloca ainda que:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias [...]. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante (MARCUSCHI, 2010, p.17).

Há muitos questionamentos em relação às formas de apropriação de ambas modalidades, uma vez que os discentes geralmente fazem uma mescla, principalmente na escrita, refletindo nesta muitos aspectos da oralidade. Sobre esses aspectos Marcuschi(2010, p.18) faz algumas pontuações:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. Por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal de letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso coo bem cultural (MARCUSCHI, 2010, p.18).

Está evidente que a escrita acontece em um contexto social específico, a escola e essa se dá mais tardiamente, e a sua aquisição nos torna letrados e com prestígio social, nos dando mais poder e status sociais. Porém, em nossa sociedade muitos alunos não conseguem se apropriar da escrita e isso não os tornam com menor competência cognitiva. Sobre esses aspectos, Marcuschi (2010, p. 47) comenta:

[...] fala e escrita não são dois modos qualitativamente diversos de conhecer ou dar a conhecer. A escrita não acrescenta massa cinzenta ao indivíduo que a domina bem como o não domínio da escrita não é evidência de menor competência cognitiva. Quem domina a escrita pode, eventualmente, ter acesso a um maior número de conhecimentos. Não é verdade, no entanto, que a fala é o lugar do pensamento concreto e a escrita, o lugar do pensamento abstrato. Em resumo: a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformar um suposto pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato (MARCUSCHI, 2010, p.47).

Neste sentido, as duas modalidades da língua são importantes para qualquer usuário de uma determinada língua, no entanto se não for letrado na escrita isso não o tornará menor na

competência cognitiva em relação a outro que a domina espetacularmente, uma vez que seu repertório linguístico o auxilie na atuação e nas atividades sociointerativas do cotidiano.

Em relação a retextualização, Marcuschi (2010) coloca ainda que “não é processo mecânico, mas um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita.” Passar um texto da modalidade falada para a escrita, ou vice versa, necessita fazer algumas adequações, compreensão do contexto de produção do gênero textual e o conteúdo, entre outros ajustes para esse universo da escrita.

Essa proposta de reescrever o textos quantas vezes forem necessárias é um trabalho árduo que auxilia os alunos a se desapegarem das marcas da oralidade quando produzem textos escritos, como afirma Marcuschi (2010, p. 105):

Comumente, as operações de transformação da fala para a escrita primam por uma redução elevada de elementos linguísticos que vão além das hesitações e dos marcadores, e por uma tendência geral à substituição de expressões quando o indivíduo possui maior maturidade na escrita. A eliminação de dá principalmente na classe das denominadas palavras de função, ou seja, nos elementos que operam com artigo, pronomes, preposição, conjunção, etc. (MARCUSCHI, 2010, p.105).

Na verdade, a falta de compreensão de um aluno acerca da rede de operações cognitivas necessárias para o funcionamento de um texto escrito na norma culta não poderá ser resolvida de um momento para outro. As operações podem ser as mais variadas, como: eliminação de marcas da produção oral, introdução de pontuação e paragrafação, reestruturação sintática (das construções típicas da oralidade), as alterações estilísticas (construções sintáticas e lexicais mais adequadas à modalidade escrita), e por último, a reorganização dos tópicos do texto, quando necessário.

Com base nesses conhecimentos apresentados por Marcuschi (2010) sobre a retextualização, será elaborada uma atividade prática com os alunos do 6º. Essa proposta acontecerá com a produção de um texto oral e coletivo, na modalidade oral. Primeiramente, os alunos serão levados a fazer uma retomada dos elementos que compõem uma narrativa (situação inicial, personagens, problema, clímax e desfecho). Esses elementos serão apresentados em uma tabela, em papel pardo e apoiando-se nessa tabela serão registrados todos os elementos que eles criarão espontaneamente. Na sequência a turma iniciará a história oralmente começando pela situação inicial, depois vão inserindo os personagens, e assim até a história chegar ao desfecho. Essa produção textual oral coletiva será gravada em

áudio, e posteriormente, passada para a modalidade escrita, nos mesmos moldes por eles oralizada, ou seja, sem uma estrutura composicional específica do gênero narrativo, sem pontuação, sem nenhuma modificação nos elementos linguísticos por eles falados, nada que configure alguma alteração da versão por eles oralizada. Em outro momento, os alunos terão a interação com esse texto que fora convertido para a linguagem verbal escrita, farão uma leitura silenciosa, uma análise oral e a partir das observação da turma, verificar quais ajustes deverão ser realizados no texto-base por eles produzidos (redundâncias, vestígios de oralidade nos elementos linguísticos, acréscimos, reordenação, pontuação, sinonímia, etc.).

Após toda exploração, elaboração e retextualização de um conto produzido oralmente pela turma, investigando o quanto já se apropriaram das características desse gênero textual e sobre a sua estruturação tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, conduziremos um trabalho com a leitura, interpretação, análise, reescrita e revisão de outros gêneros da ordem do narrar. Através dessas primeiras interações com os alunos sobre como se processam as modalidades oral e escrita, espera-se que os alunos comecem a perceber as diferenças entre o mundo da oralidade e da escrita, compreendendo que cada uma tem um jeito próprio de se organizar e construir um texto, sendo os apontamentos para o gênero narrativo.

Micheletti (2000, p. 68), faz menção sobre as características e os elementos que compõem o conto:

O conto se constitui de uma narrativa de pequena extensão. Tradicionalmente, no conto, tudo é concentrado, há uma ênfase no essencial. Existe uma célula dramática, que contém um conflito, uma só ação. Todos os ingredientes convergem para o mesmo ponto. A unidade de ação condiciona as demais características relacionadas às noções de espaço e tempo. O espaço geográfico, por onde circulam as personagens, também poucas, é muito restrito. O tempo não ultrapassa horas ou dias, dificilmente as ações duram meses ou anos. Às unidades de ação, espaço e tempo, pode-se acrescentar uma unidade de tom: a linguagem que deve provocar no leitor uma só impressão: pavor, piedade, ternura, indiferença etc. (MICHELETTI, 2000, p. 68).

Conforme a autora, o gênero narrativo se compõe com uma estrutura basicamente fixa e simples, com apenas um drama, poucas personagens, espaço restrito e o tempo, que é bem breve e uma linguagem que desperta sentimentos positivos ou negativos, mexe com o sentimentos humanos. Para a elaboração da proposta didática, o gênero a ser explorado em todos os seus aspectos de leitura, análise, interpretação, reconto oral e reescrita de

desenvolverá através dos contos: ‘Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul’, de Flavio de Souza e o outro ‘O Sapo Rei’, dos Irmãos Grimm.

O gênero conto é o gênero narrativo que concentra vários elementos em sua conjectura, os quais são essenciais para sua estruturação e composição, além de serem textos que contribuem grandemente para os alunos compreenderem o funcionamento uso dos elementos coesivos na sua estruturação para construir toda a sua trama. Enfim, esse gênero escrito, se faz através da composição dos elementos da narrativa, formando uma unidade temática, com , coesão e coerência, e interlocutores, enfim, é através da interação com o gênero conto que os alunos podem se tornar proficientes na aquisição da língua materna por meio da sua construção oral e escrita.

2.3 OS ELEMENTOS COESIVOS NA CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS DA ORDEM DO NARRAR

Vivemos no contexto atual uma preocupação em tornar os alunos mais competentes em seus discursos, sejam eles orais ou escritos, em todo as situações comunicativas. Temos muitos estudiosos que argumentam que a escrita vincula-se às atividades reflexivas, de raciocínio, de contextualização, como aponta Vygotsky (2000, p.179), “ na escrita, em que os suportes situacional e expressivo estão ausentes, a comunicação só pode ser obtida por meio de palavras e suas combinações, exigindo que a atividade da fala assuma formas complexas”. Deste modo, compreendemos que escrever é muito complexo e exige do aprendiz muito exercício cognitivo, que interliga as características linguística e extralinguísticas, que juntas dão sentido ao pensamento, surgindo da relação dialógica, da interação social.

É preciso também se pensar em escrever textos com objetivos reais de uso, como esboçam Dolz, Noverraz, Scheneuwly (2010), no seguinte trecho:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos se apropriarem das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita , em situações de comunicação diversas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2010, p. 82).

Promover propostas de produções tanto orais quanto escritas que sejam significativas aos discentes é que o sugerem estes autores, uma vez que essas atividades preenchem de fato as lacunas que os alunos ainda apresentam, evitando-se dessa forma o ensino sistemático.

Freinet (1985) afirma que a aprendizagem, na escola, deve ser viva, isto é, valorizar a prática experimental, e não uma prática de linguagem vazia, que não considera aquilo que o aluno já traz de bagagem, que não oferece ao discente ferramentas para que se insira no futuro, na própria sociedade, uma vez a escrita é uma forma de ascensão social. Isso acontece a partir da visão da linguagem como interação, a apropriação dos elementos constitutivos da escrita, ocorrendo dessa forma um aprendizado mais significativo.

Além de considerar o conhecimento prévio que o aluno traz para as produções textuais, não podemos desconsiderar que o primeiro determinante da condição de produção de texto é o interlocutor. Nessa direção temos o Currículo Básico da Língua Portuguesa (1990) do estado do Paraná, que orienta como deve ser iniciado o trato à escrita:

O ponto de partida para se pensar a escrita é ter presente, no ato de escrever, a noção de interlocutor, isto é, ter o perfil daquele que vai ler nossos escritos, mesmo que não o conheçamos. É esse interlocutor virtual

que vai condicionar para de nossa linguagem; é a imagem que fazemos dele que nos levará fazer uma determinada opção no que diz respeito ao assunto e a maneira de expô-lo (PARANÁ, 1990, p. 56).

O professor nem sempre consegue trabalhar com situações reais e interlocutores reais que irão ler os textos de seus alunos. Nessa hora entra o bom senso do professor para que se criem os interlocutores virtuais, ou seja, os prováveis leitores que formatarão as escolhas discursivas realizadas pelos alunos. Conclui-se então que, antes de fazermos qualquer trabalho que envolve a produção escrita, o professor será o mediador nesse processo, a fim de que o interlocutor não seja ele mesmo.

No caso do gênero narrativo, nosso objeto de estudo e de ensino, é preciso que o professor alerte os alunos que ao produzir o texto que estes precisam pensar nos interlocutores, refletir sobre as várias instâncias de seu texto, como estrutura, forma, conteúdo, recursos linguísticos que dão coesão e coerência, pontuação, letra legível, entre outros aspectos que são importantes para dar sentido ao seu texto.

O discente precisa sentir que escrever é algo importante, em que o vivido passe a ser o objeto inicial de reflexão na escola. Perceber que o seu texto é o resultado de uma necessidade real de expressão, e não um mero exercício imaginário, desvinculado completamente de sua realidade socio-histórica, sem interação com o mundo.

Segundo Geraldi (1995), o vivido é, portanto, o ponto de partida para a reflexão. O produtor do texto precisa perceber qual a finalidade do texto que se propõe a escrever, bem

como os recursos linguísticos que devem ser usados para dar o efeito de sentido que queira provocar no leitor, em qual discurso que irá construí-lo: direto ou indireto.

Além de considerar os interlocutores do texto produzido, é preciso considerar como serão configurados os elementos linguísticos que compõem os enunciados e somados constituirão uma unidade de sentido. Para a elaboração de um texto que se aproxime da norma padrão e de prestígio, há a necessidade de considerar não só a gramática normativa, mas também a internalizada, a descritiva, e a mais importante, a gramática reflexiva, que se comprometa com um ensino de língua que possibilite aos alunos a sua apropriação da norma culta da Língua Portuguesa.

Desse modo, é preciso pensar nas conexões que precisam ser estabelecidas para os momentos de ensino da língua, as lições básicas de uma gramática de direção funcionalista, como afirma Neves (2012, p.51) “as formas e os processos da língua (gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos [...] na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações”. Observa-se que aqui entra a importância das motivações de uso e das necessidades comunicativas para a produção de texto, precisando adequar um equilíbrio entre os seus usos, não se cobrando tudo de uma só vez, mas por aspectos relevantes ao momento de produção, com momentos reflexivos para construir os sentidos.

O trabalho com a produção textual e gramática devem ser integrados, pois não devemos ensinar gramática de forma isolada, mas ensinar a língua, de modo que o aluno domine o modo de estruturação, adequando enunciados a situações específicas e de acordo com os objetivos da comunicação.

Neves (1996) aponta que a modalidade oral e a modalidade escrita utilizam o mesmo sistema, mas diferem no que diz respeito aos métodos produção, transmissão, recepção e de estruturas de organização. A gramática funciona e é ela que constrói significados. Conforme o contexto social em que estamos inserido, utilizamos uma gramática que vai construindo os textos, a gramática que temos internalizada nos leva a fazer escolhas nos momentos de produzir os textos, sejam orais ou escritos, para estabelecer um evento comunicativo.

Outro linguista, que também entende que devemos ensinar o aluno a aprender sua língua e não gramática pura, é Possenti (1997, p.53) “gramática [...] é ensinar língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo. É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos como quais ela é analisada”. Com isso, devemos acreditar que, nas aulas de Língua Portuguesa, podemos oferecer aos alunos a oportunidade não só de aprender sua língua, como também refletir sobre ela, como usá-la adequadamente nas diversas situações de comunicação.

Outro aspecto importante apontado por Possenti (1997) é sobre uma das funções da escola em relação ao ensino de gramática:

[...] a primeira tarefa da escola, do ponto de vista do ensino da gramática, é aumentar o domínio de recursos linguísticos por parte do aluno. Isso se faz expondo o aluno consistentemente a formas linguísticas que ele não conhece, mas deve conhecer para ser um bom usuário competente da língua escrita. Se tais formas não são faladas, só um bom programa de leitura pode produzir a exposição necessária ao aprendizado ativo (POSSENTI, 1997, p.87).

Aqui temos um amparo teórico que sustenta a nossa proposta prática de ensino dos elementos coesivo aos alunos do 6º ano, uma vez que eles serão expostos a uma prática pedagógica por meio das práticas discursivas, envolvendo a leitura, a oralidade e a escrita como a reflexão da língua escrita e sua construção mais próxima da norma culta. O trabalho partirá de programa de leitura e concluirá com a produção da escrita, dominando nestes percursos os recursos linguísticos necessários para o gênero discursivo estabelecido.

O nosso trabalho não se encerrará com a produção do texto, esse vai além da produção textual, é preciso desenvolver um trabalho de correção de textos que auxilie os alunos na reescrita, é preciso saber como corrigir de uma forma que não traumatize os alunos, mas que perceba que a sua elaboração é um processo. O professor mediador neste outro processo, precisa saber exatamente o que os alunos precisam desenvolver nesse retorno ao texto, discernindo o que avaliar e o corrigir.

Neste sentido, os alunos sabem que há um público alvo real ao texto que estarão reescrevendo, que as reformulações após a primeira versão são necessárias, uma vez que o texto escrito não nasce pronto, e ao longo do processo de reescrita, com as intervenções e interação com o professor pesquisador, a visão dos alunos irão sendo ampliadas em relação às inadequações do texto vendo-as como outras possibilidades, como pontua Jesus (2011):

A reescrita deveria ser vista como atividade de exploração das possibilidades de realização linguística, de tal forma que o instituído pelos cânones gramaticais fosse colocado a serviço desse objetivo maior e, por isso mesmo, passível de releituras e novas formulações (JESUS, 2011, p 102).

A correção da escrita dos textos produzidos dentro do ambiente escolar sobre a ótica do professor deve ser uma prática que vai muito além que corrigir os erros nos aspectos gramaticais, ortográficos e de paragrafação, nem deve ser para punir. Para Serafini (1995), a produção de um texto, desde as ideias para sua elaboração, até a sua versão final, há um

processo que deve envolver: planejamento, escrita e revisão, e o texto para ser bem elaborado necessita passar por essas três etapas. Sendo considerado ainda por Serafini (1995) que, a etapa da revisão daquilo que foi escrito, é da necessidade de reescrita do texto para adequá-lo conforme os apontamentos orientados pelo professor na revisão.

[...] na primeira versão se presta mais atenção à gênese das próprias ideias, durante a revisão a atenção é posta preferencialmente sobre a constatação de que as ideias sejam expressas de modo organizado, claro e coerente. Durante a revisão de um texto, o estudante deve obviamente eliminar todos os erros que encontrar. O processo de revisão pode ser repetido mais de uma vez: várias vezes contribuem para melhorar a forma final do texto (SERAFINI, 1995, p. 81).

Serafini (1995), menciona que a correção oportuniza o aluno a reflexão sobre o próprio texto, e apresenta três tipos de correção textual: a corretiva indicativa (o professor não leva o aluno à solucionar os problemas que apresenta, apenas indica); a correção resolutive (O professor corrige todos os erros, não levando o aluno a pensar sobre os problemas de seu texto, e alguns vezes é levado a passar a limpo); a correção classificatória (identifica os erros do aluno e sugere modificações, mantendo as intenções originais do aluno).

Ruiz (2013) menciona que a correção da escrita seja de orientação, de revisão e de reescrita, considerando os aspectos da coerência, da coesão e da progressividade. Esse trabalho precisa ser gradativo no início do trabalho para não desmotivar os alunos a produzir textos mais criativos e qualitativos. Ruiz (2013) propõe que, além das correções apontadas por Serafini (1995), uma quarta correção, a correção textual-interativa (bilhetes deixados pelo professor, os quais visam estabelecer interlocução com o aluno sobre problemas e acertos no texto).

Por fim, acreditamos que desenvolver uma prática pedagógica atrelada com à escrita de textos, seja um conto ou qualquer outro gênero textual, é um grande desafio para o professor, porque esse trabalho é voltado para o desenvolvimento das competências e habilidades linguísticas do aluno.

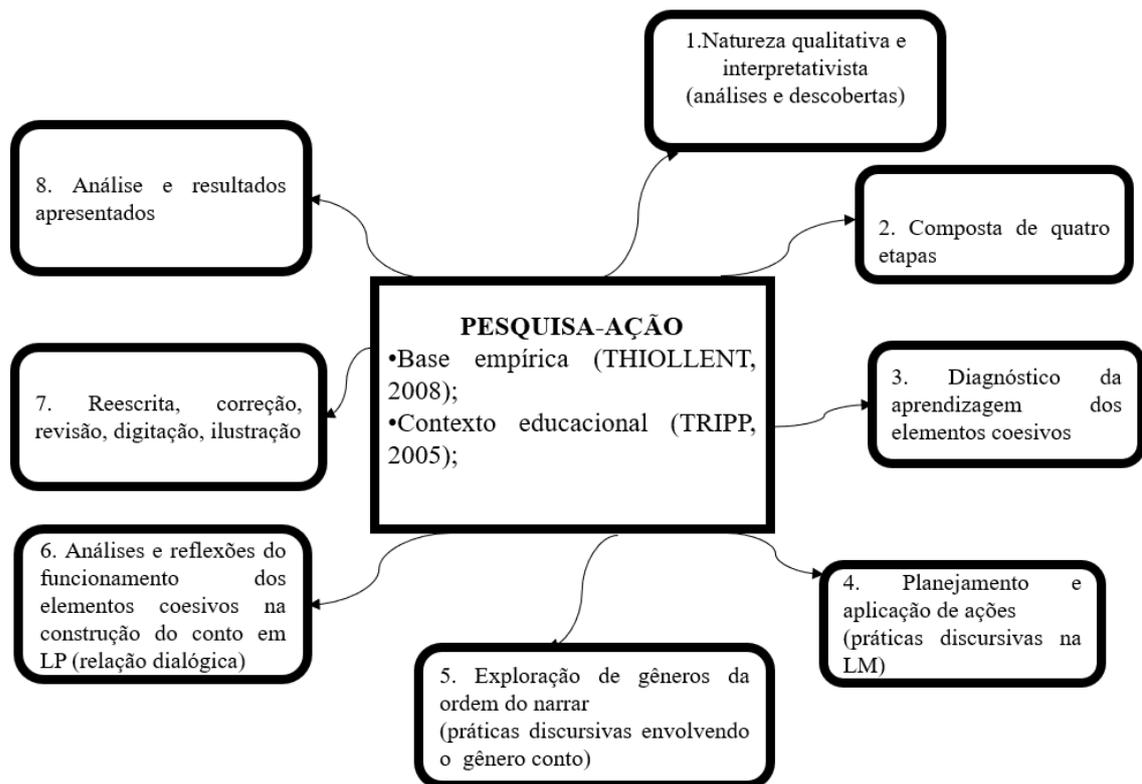
Os elementos coesivos são recursos essenciais para a construção do gênero discursivo conto, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Para chegar a uma excelente produção desse gênero discursivo, o escritor precisa ter conhecimento da estrutura básica, sua disposição gráfica, e utilizar os elementos linguísticos adequados para da coesão e coerência. Será com base nas práticas discursivas: leitura, oralidade, escritas, a análise linguística na perspectiva da gramática funcionalista e nos estudos específicos no conto e

com a reescrita, que essa proposta pedagógica estará engajada, desenvolvendo ações com todos esses aspectos fundamentais da língua materna escrita. As etapas de revisão e reescrita serão fundamentais para a prática e o aprimoramento da produção escrita, uma vez que a reescrita configura-se como uma prática pedagógica que abarca todos os aspectos que envolve o ensino da língua, e deve estar sempre presente no trabalho final da produção escrita, sabendo-se que quando se escreve para um leitor real, o texto deve contemplar muita reflexão de todos os aspectos linguísticos para sua compreensão.

3 METODOLOGIA

O cenário desta pesquisa, é uma escola estadual da rede pública, no noroeste do Paraná. Vem se configurando nos últimos anos com os alunos que ingressam no 6º ano do Ensino Fundamental II, tendo gerado grandes preocupações e discussões entre professores, equipe pedagógica e gestor escolar sobre as grandes dificuldades de escrita e organização dos gêneros propostos para a produção textual, principalmente quando se tratam dos gêneros da ordem do narrar (fábulas/contos). Um dos aspectos mais recorrentes é a ausência do emprego dos recursos coesivos, que são os marcadores do discurso desse gênero.

Apresentamos na sequência, um mapa conceitual de toda metodologia que envolveu a proposta pedagógica prática no tocante ao uso dos elementos coesivos nos gêneros da ordem do narrar com o 6º ano, sendo sua leitura em sentido horário.



Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2020.

Com essa problemática do não uso dos recursos linguístico nos gêneros da ordem do narrar encontrada dentro da sala de aula e em diálogo com os professores do 6º ano do Ensino Fundamental II, direção e equipe pedagógica da escola, e ainda com o compromisso de formar cidadãos com consciência crítico-reflexiva, organizamos uma proposta de

intervenção pedagógica voltada para aprimorar os conhecimentos dos discentes com relação aos elementos linguísticos que estabelecem sentido, coesão e coerência ao gênero textual conto, foco de nossa proposta pedagógica prática.

Para realizar a pesquisa, organizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, no paradigma interpretativista, com o objetivo de investigar e analisar o quanto os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II conheciam e sabiam empregar os elementos coesivos em textos da ordem do narrar, levando-os a compreender que estes são essenciais para a estruturação e composição do conto.

Nesse sentido, utilizamos a pesquisa-ação para desenvolver o trabalho, porque essa metodologia de pesquisa parte de um problema local e busca-se sua solução, de forma flexível. Para tanto, houve a necessidade inicialmente do diagnóstico da realidade escolar, tendo como ponto de partida a leitura, a interpretação, a análise e a reescrita de texto para coletar informações da real situação de ensino e aprendizagem dos alunos da turma alvo no que tangia à composição e estruturação do gênero discursivo o conto. Todo o trabalho e as intervenções estiveram atreladas a uma ação entre os membros envolvidos, professor e discentes. Quem melhor define a pesquisa-ação é Thiollent (1996, p. 13):

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Com base nessa metodologia, buscamos com este trabalho investigar a problemática já descrita, que envolvia a realidade escolar dos alunos do 6º ano da escola referida. Essa investigação direcionou-se à apresentação dos recursos linguísticos que devem ser usados para articular as ideias e promover a coerência textual no conto.

Ao considerarmos nossa profissão na educação de forma comprometida com a aquisição da linguagem escrita, especificamente porque somos mediadores no processo de construção da escrita em LP, selecionamos o gênero conto porque este, como outros gêneros narrativos, exige e envolve um raciocínio lógico-linguístico amplo e complexo para quem lê, ouve ou escreve. Também porque contribui para a ampliação do repertório linguístico dos discentes em relação ao interpretar, recontar, reescrever, e ainda nos momentos da organização da linguagem para narrar oralmente ou via escrita, abarcando os recursos

linguísticos que promovem a coesão e a coerência textual. Nesse âmbito, Tripp (2005, p. 445) discorre:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional, o aprendizado de seus alunos [...].

Para colocar em prática o trabalho de intervenção pedagógica no contexto escolar com os alunos do 6º ano, elaboramos uma proposta de intervenção didática planejada previamente em quatro etapas. A proposta de intervenção didática foi organizada com atividades em sequência, objetivando oportunizar aos alunos a interação com diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saber usar a língua materna nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever o gênero narrativo, o conto

Aplicamos essa intervenção pedagógica com a finalidade de aprimorar o ensino e contribuir para uma aprendizagem significativa dos discentes no tocante ao uso dos elementos coesivos no gênero conto, e ao mesmo tempo, desenvolvesse a escrita como prática social, pois a produção teve um público alvo, ou seja, alunos da Educação Infantil, pois foram produzidos livros de texto literário com o conto principal da prática pedagógica proposta no desenrolar do trabalho, o texto ‘O Sapo Rei’, dos Irmãos Grimm. Lembramos que esse trabalho iniciou-se no primeiro semestre de 2019 e encerrou-se no término do segundo semestre desse mesmo ano.

A pesquisa-ação esteve articulada com diversas ações desenvolvidas, sendo essas atreladas às práticas discursivas da Língua Portuguesa Brasileira, com o Texto 1, um conto moderno de Flávio de Souza, intitulado ‘Uma menina chamada Chapeuzinho Azul’, sendo finalizado esse momento de exploração desse gênero discursivo com a sua reescrita individual, para a produção do diagnóstico quanto ao uso dos elementos coesivos na elaboração do conto, ou seja, essa reescrita era uma forma real e concreta de verificarmos o quanto os alunos tinham de apropriação dos elementos coesivos na produção do conto.

Após o diagnóstico, partimos para um outro momento da aplicação da “Proposta Pedagógica Prática de Uso dos Elementos Coesivos em Gêneros da Ordem do Narrar para o 6º ano”, com a exploração do segundo conto selecionado para aprofundar os conhecimentos quanto a importância de usar os elementos linguísticos essenciais para estabelecer coesão, coerência e sentidos a um conto na modalidade escrita. O conto trabalhado nesse outro

momento da pesquisa-ação foi o Texto 2, ‘O Rei Sapo’ dos Irmãos Grimm, e como no conto anterior, os alunos foram motivados a ler, compreender, interpretar.

Nesse texto, os discentes também refletiram sobre os elementos linguísticos que não podem faltar para estabelecer sentido ao texto, ou seja, sobre a sua funcionalidade para a construção do sentido global do texto. Além disso, também foi realizado o reconto oral do conto pelos discentes. O término da interação com esse segundo conto ocorreu com a reescrita da primeira versão escrita produzida pelos alunos agrupados em duplas, sendo esta permeada por mais duas novas reescritas, para tornar o conto reescrito o mais compreensível ao leitor e o mais próximo possível da versão original trabalhada. Para desenvolver todo o trabalho foram organizadas quatro etapas bem definidas e detalhadas para fazermos análises e verificarmos os resultados conseguidos.

Na primeira etapa, aplicamos um questionário para investigar o perfil e as preferências dos discentes pela leitura, verificar como é constituído nível sociocultural da turma, entre outras informações relevantes para desenvolver o trabalho, como: acesso a livros de literatura dentro e fora da escola, quais gêneros mais leram durante a trajetória escolar, se tinham acesso à internet, se havia o hábito de ler nesse ambiente, se ouviam histórias contadas por seus familiares, amigos, mídia televisiva, ou em outros espaços.

Após a aplicação do questionário, organizamos um momento para verificar como estava a relação e interação dos alunos com o mundo da leitura e da escrita, propondo-se a eles uma atividade prática de produção oral de uma história coletiva (conto) criada por eles, que fosse composta por: personagens, com nomes, lugar, tempo, problema, clímax e desfecho, sendo esta gravada por meio de uma tecnologia móvel (celular).

Na segunda etapa, analisamos criticamente e de forma coletiva a retextualização do texto produzido oralmente pela turma, agora na modalidade escrita, sendo este digitado pela pesquisadora em letra de imprensa. Essa atividade de retextualizar fora apresentada por Marcuschi (2010) na obra “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”, que dá algumas orientações de como deve ocorrer o processo de passar um texto oral para um texto escrito. Coloca que não é uma tarefa fácil retextualizar um texto oral para um texto escrito, principalmente para usuários iniciantes da língua que ainda não passaram por um trabalho voltado para essa transposição da modalidade oral para a modalidade escrita. Destaca que a escrita não é uma representação da fala.

De acordo com Marcuschi (2010):

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala. [...] porque a escrita não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade, como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em fala, tais como o tamanho e o tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias [...]. ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

Baseando-se nessas reflexões esboçadas por Marcuschi (2010), os alunos tiveram primeiramente uma interação individual com o texto escrito que fora construído oralmente e coletivamente. A turma fez uma leitura prévia do texto retextualizado, verificando como ele estava organizado, o que havia de formal e informal, se havia traços da oralidade, qual a sua relevância nos textos escritos na forma convencional. Nessa ocasião, refletimos com os alunos qual modalidade deveria prevalecer nos textos escritos em Língua Portuguesa, fazendo os ajustes na presença deles por meio do notebook e sua retextualização em um projetor multimídia, para que observassem e auxiliassem nas readequações em tempo real, do texto oral retextualizado para o texto escrito na norma padrão. Discutimos sobre o uso dos elementos linguísticos e coesivos mais eficientes e mais adequados na modalidade escrita, para dar as conexões das ideias e para a sequenciação convencional, contribuindo para o sentido geral do texto.

Na terceira etapa, realizamos o trabalho com o primeiro texto verbal impresso como já mencionado, o Texto 1, o conto ‘Uma menina chamada Chapeuzinho Azul’, de Flávio de Souza. Com esse texto travamos várias atividades que antecederam a leitura propriamente dita do texto, como: brincadeira da Força para construção do nome do texto; exploração de duas imagens relacionadas ao contexto do conto; levantamento dos conhecimentos prévios e hipóteses dos alunos em relação aos elementos da narrativa e tema que poderiam ser trazidos sobre esse Texto 1 que ainda não tido nenhuma interação. Os registros desses apontamentos por meio do notebook e do projetor multimídia, se apresenta conforme a segunda coluna da Tabela 5.

Na sequência, foi proposto aos alunos uma leitura silenciosa, sendo colocadas suas primeiras impressões no tocante aos elementos da narrativa e tema que conseguiram captar sem a intervenção da pesquisadora, dispostos esses na terceira coluna da Tabela 5. Depois fizemos uma oral e com muita ênfase com a utilização dos “Intervalos” propostos por Cosson (2012), ou seja, outros textos multimodais que dialogavam diretamente com o tema trazido

pelo texto que estávamos lendo, assim a leitura tornou-se mais dinâmica e despertou muito a atenção e concentração dos alunos. Terminada a leitura oral realizada pela professora pesquisadora, realizamos a construção da última coluna da Tabela 5, com os elementos da narrativa e tema, agora percebidos com mais propriedade pelos alunos e novamente registrados. Além dos registros, realizou-se uma análise comparativa de cada registro no decorrer de cada fase das leituras realizadas, no que cada uma se aproximou ou se distanciou da versão original.

Após toda essa exploração do texto por meio das diversas técnicas de leituras, discussões, análises realizadas, os alunos realizaram depois atividades de compreensão, interpretação relacionadas aos aspectos mais relevantes abordados por esse conto (personagens, clímax, conflito, desfecho, narrador, tipo de discurso, etc.), como também atividades de análise linguísticas voltados para os elementos coesivos que foram utilizados para construir o texto, os sentidos que eles apresentavam em determinadas situações e se sua ausência causaria algum problema de compreensão do texto, entre outros aspectos importantes.

Para exercitar a oralidade e rememorar a história lida e explorada pelos discentes, os alunos fizeram o reconto oral do conto de forma coletiva, oportunizando a todos a se expressarem. Por último, os alunos reescreveram o conto que fora bem trabalhado, como forma de avaliarmos o que tinham de aquisição desse gênero narrativo (estrutura, composição, coesão, coerência, pontuação, ortografia), com ênfase mais nos elementos coesivos que foram utilizados para construir o texto e produzir sentidos. Durante toda essa interação com o gênero discursivo conto, as três práticas discursivas da Língua Portuguesa Brasileira: a leitura, a oralidade e a escrita, mais a análise linguística, fizeram-se presentes, onde uma não foi mais ou menos importante que a outra, todas foram fundamentais para estabelecer a relação dialógica e manter a interação com o gênero discursivo conto, uma vez que estávamos envolvidos também num processo comunicativo. Após essa etapa, analisamos como estava organizado o conto em todos os aspectos ligados às características desse gênero discursivo.

Depois deste momento, selecionamos um dos textos da turma, texto esse que apresentava as dificuldades que deram a origem a este trabalho de pesquisa-ação, ou seja, um texto que apresentava a falta de uso dos articuladores do gênero conto (elementos coesivos na construção e no desenvolvimento do texto). Esse texto pré-selecionado foi digitado e uma cópia impressa foi entregue a cada aluno. Após uma leitura prévia, os alunos analisaram o texto, verificando se este contemplava as características básicas de um conto,

de acordo com a arquitetura interna proposta por Bronckart (1999). Encerraremos esta primeira etapa com a reescrita coletiva deste texto, reorganizando todos os aspectos formais da estrutura e organização do gênero conto, tornando este o mais coesivo e coerente ao texto original, e principalmente, para o entendimento do leitor.

Na quarta etapa, tivemos diversas atividades voltadas para o Texto 2, 'O Rei Sapo', como: a apresentação de várias imagens que estavam presentes no contexto do conto, por meio de slides com o auxílio do projetor multimídia, objetivando preparar os alunos para a leitura do texto verbal. Com esses mesmos elementos já visualizados e debatidos oralmente o que cada um representava, organizamos um jogo de memória com elementos esses que compunham o conto 'O Rei sapo', dos Irmãos Grimm, sendo oferecido aos alunos, após serem formadas duplas. Após várias rodadas com a atividade lúdica produzida, as duplas produziram uma versão de conto por eles imaginada, contemplando todos os elementos do jogo, com as características do gênero discursivo conto (problema, personagens, lugar, tempo, problema, clímax, desfecho e tema), sendo esse depois compartilhado com a turma oralmente.

Uma outra atividade foi realizada com a turma, com um momento de sensibilização para a temática 'Prometer e não cumprir', com alguns questionamentos e textos multimodais (vídeos) que dialogavam com esse tema, que trouxe profundas discussões e reflexões entre os discentes. O trabalho com esse segundo conto aconteceu com os mesmos procedimentos e técnicas utilizados no primeiro conto com os elementos da narrativa, ou seja, a construção de uma tabela, sendo agora a Tabela 7. De início, os alunos explanaram o que de conhecimentos prévios tinham sobre o que a história poderia retratar em relação às imagens já exploradas, aos elementos do jogo de memória, as discussões realizadas em sala sobre a temática 'Prometer e não cumprir' e o título apresentado. Os registros foram colocados na segunda coluna dessa Tabela 7.

Em outro momento, dando continuidade à proposta pedagógica prática, os alunos receberam o texto impresso, realizaram uma leitura silenciosa e após essa, fizeram seus relatos das interpretações que fizeram solitariamente sem a intervenção da professora pesquisadora. Com as colações deles fizemos os registros na terceira coluna da Tabela 7, através do computador e projetor multimídia. Em seguida, a professora pesquisadora fez a leitura oral e enfática do Texto 2, 'O Rei Sapo', para marcar bem a voz do narrador e dos personagens. Depois da leitura oral da pesquisadora, a leitura dramatizada também se fez presente, onde foi realizada a demarcação com os discentes da voz narrador com a letra N, da princesinha com P, do sapo-príncipe com SP, do rei com R, do Henrique H, sendo combinado de forma democrática com os alunos quem poderia fazer cada uma das falas.

Depois de muita exploração do texto através de diversas técnicas de leitura, fizemos a construção da última coluna da Tabela 7 com os elementos da narrativa e tema, como também fizemos uma análise de quais passagens registradas, os alunos mais se aproximaram da versão original e de qual se distanciaram. Depois os alunos fizeram atividades que envolveram a compreensão, a interpretação oral e escrita do texto. Atividades de análise linguística também foram marcantes no tocante aos elementos coesivos que estavam presentes em fragmentos do texto, sendo essas análises ora de forma individual, ora em duplas.

Dando sequência ao trabalho, os discentes realizaram a reescrita da 1ª versão do conto em duplas. Após a primeira versão reescrita, começaram-se as correções realizadas pela professora pesquisadora e orientações mediante bilhetes classificatórios-interativos, bilhetes estes que foram anexados aos textos para que as duplas seguissem as orientações à risca e fizessem as revisões, tornando esses textos mais claros, bem elaborados, com ideias coerentes e coesas, com todos os aspectos formais e necessários para que os textos tivessem sentidos.

As correções e revisões dos textos foram realizadas através de bilhetes classificatórios-interativos, uma mescla da correção classificatória proposta por Serafini (1995) e a de textual-interativo, proposta por Ruiz (2013), onde os alunos eram induzidos, por meio do símbolo de uma lâmpada e numeradas com um número. Alguns passos foram seguidos para dar início às revisões dos textos: primeiro a professora pesquisadora analisava o texto, fazia o desenho de uma lâmpada em cima da palavra em que alguma parte da história não estava clara, ou houve algo faltava ou não estava coerente com a versão trabalhada; em segundo lugar, também se registrava o número dessa lâmpada, na ordem sequencial de cada novo arranjo que deveria ser feito.

O símbolo da lâmpada com a mesma numeração também fora registrado em bilhetes, colocados no final do texto, com a indicação de como resolver o problema pontual que havia, onde estava exatamente aquele símbolo e sua numeração, conforme o modelo que está no Quadro 15 e 16. Assim, os alunos voltavam aos seus textos e realizavam a reescrita, revisando aqueles desvios que foram mais recorrentes nesta primeira versão, os bilhetes eram como uma âncora que norteava e direcionava o trabalho, anexados pela pesquisadora no *corpus* do texto produzido.

Neste momento de retorno ao texto, os alunos não foram orientados a promover a proficiência dos mesmos, tornando-o primeiramente o mais próximo possível do conto original no tocante à coesão, à coerência, e de outras ordens que correspondam a linguagem discursiva, para produção de sentidos ao texto. Na verdade, essa primeira correção e revisão esteve voltada somente para os aspectos da ordem das vozes do narrador e dos personagens,

elementos coesivos que promoviam o entendimento global do texto. Porém, houve outros aspectos que foram detectados e corrigidos por algumas duplas durante as revisões, como: questões de ortografia, uso de letra maiúscula, concordâncias, acentuação, pontuação, entre outros.

Os problemas de ortografia, concordância, tempos verbais e pontuação e a exclusão de ideias confusas foram realizadas em outro momento, mediante a Tabela 11. Nessa tabela havia os símbolos que seriam contemplados na correção e os comandos que os símbolos indicavam para ser aplicado na revisão pelas duplas. Esses mesmos códigos foram desenhados pela professora pesquisadora sobre as palavras que estavam no contexto da 2ª versão reescrita pelas duplas. Esses códigos estavam nessa tabela à parte, a qual serviu de apoio aos discentes para as devidas revisões. A terceira versão reescrita, e segunda revisão dos aspectos mais formais da modalidade escrita, foi realizada diretamente no computador, com o aluno digitando o seu texto e já fazendo as correções, podendo até usar o corretor ortográfico do computador, pesquisa no Aplicativo Google, dicionário online ou outros recursos que esse equipamento oferecia, como dependendo da intimidade que cada aluno tinha com ele.

Após cada texto digitado e revisado, os alunos dividiram esse texto em diversas páginas, fizeram a impressão e a ilustração de punho próprio, pois a turma era composta por muitos alunos que apresentavam altas habilidades para ilustração e pintura. Para compor o livro, também organizamos ainda, uma capa para o livro já concluído, com o nome dos autores, assim como elaboramos uma apresentação do mesmo. Além de toda a elaboração do livro, planejamos junto aos alunos uma apresentação teatral do conto trabalhado, para explorar também a modalidade oral.

Essa apresentação seria para as crianças de uma Escola Municipal de Educação Infantil de nossa cidade e para um Abrigo para Menores, o público alvo real, que receberiam os livros produzidos pelas duplas de alunos do 6º ano A. Essa apresentação dramática ficou agendada para ser apresentada no término da pesquisa-ação, ou seja, nos últimos dias de aula de 2019, mas os alunos não se envolveram em ensaiar nesta data, alegando que estavam muito cansados naquele período. Desse modo, marcamos para o dia 22 de março de 2020, porém, não houve tempo hábil de apresentá-la devido à suspensão das aulas, no dia 19 de março de 2020, em nossa escola, ocorrendo esta em consequência da pandemia do Covid-19.

Combinamos com os discentes que, assim que voltarmos ao convívio social escolar, retomaremos os ensaios e faremos a apresentação teatral para as referidas instituições, com as quais também assumimos o compromisso de entregar as obras literárias produzidas.

Só para ilustrar, utilizamos diversos instrumentos para coletar dados e informações para auxiliar nas análises e nos resultados a serem apresentados, como: o celular, para tirar fotos, gravar vídeos e áudios de momentos realizados com a turma, como também fizemos um diário de campo e atividades escritas com a turma para termos mais recursos, para auxiliar nas análises dos dados coletados e apoiar nos resultados.

4 RELATÓRIO DE PESQUISA

4.1 CONTEXTUALIZANDO

Realizar propostas pedagógicas em conclusão de cursos de pós-graduação, que estejam em consonância com a realidade escolar, é uma das inúmeras discussões atuais para formar professores mais qualificados e transformar positivamente a prática escolar. O trabalho aqui relatado foi desenvolvido no contexto do *Mestrado Profissional em Letras* da Universidade Estadual de Maringá (Profletras/UEM), em 2019, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II oriundos de escola pública e de diversas classes sociais, com diferentes características comportamentais e níveis de aprendizagens. Essa escola está situada no noroeste do Estado do Paraná, cuja turma compunha-se de 28 alunos, porém no decorrer do ano letivo um foi transferido e outro faleceu.

Este trabalho de pesquisa-ação resulta da aplicação de uma proposta pedagógica prática que surgiu no início do Profletras/UEM em 2018, momento em que focamos nossas reflexões, energias e expectativas em elaborar uma prática educativa que envolvesse uma problemática muito recorrente com alunos do 6º ano do Ensino fundamental II, qual seja, a falta de uso dos elementos coesivos na produção do gênero narrativo, o gênero textual conto.

Destacamos que comumente as escolas mais comprometidas com a qualidade educativa, realizam uma avaliação diagnóstica escrita, no início do ano letivo, com gêneros textuais da ordem do narrar com esse ano escolar, e então vem a constatação: os alunos realmente fazem pouco uso, em suas produções escritas, dos elementos coesivos, ou seja, quase não utilizam palavras ou expressões para estabelecer relação entre as ideias, parágrafos e frases, comprometendo a organização textual, e conseqüentemente, o sentido geral do texto. Na verdade, há dificuldade por parte dos alunos em estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, pronomes, advérbios, etc., termos essenciais que articulam a coesão e a coerência, dando uma seqüência e progressão de ideias e promovendo o sentido entre elas.

Em nossa proposta da pesquisa optamos pelo gênero discursivo conto devido a quatro fatores por nós elencados: primeiro, em razão de ser um gênero muito explorado com os alunos anos iniciais do Ensino Fundamental via leitura; segundo, pelo fato de os alunos terem muita familiaridade com sua estrutura composicional e pelo gênero sempre trazer uma temática reflexiva e relacionada ao nosso viver; terceiro, como assevera Candido (1995), trata-se de um texto literário, que manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos,

forma de conhecimento que resulta em aprendizado, instrução; e por último, por se constituir em um gênero construído e sequenciado com o predomínio de elementos coesivos. Pontuamos que a deficiência no uso dos conectivos na construção do respectivo gênero pelos alunos, talvez ocorra devido às poucas práticas pedagógicas voltadas para a modalidade escrita, à pouca reflexão sobre sua organização, desvinculada das práticas discursivas de leitura, oralidade e escrita.

Diante dessa realidade, fomos motivados a elaborar uma proposta pedagógica que evidenciasse os aspectos arrolados por meio de um planejamento de intervenções que levassem os alunos a sair da condição de apenas decodificadores de textos e os incentivassem à leitura, compreensão e interpretação das informações explícitas e implícitas nos textos lidos; fazer inferências; identificar as peculiaridades do gênero discursivo conto, considerando tema, estrutura composicional e estilo; e finalmente, à produção oral e escrita do gênero conto, levando-os a compreender como os elementos que compõem a narrativa (situação inicial, personagens, problema, clímax e desfecho) são fundamentais na construção da narrativa, e os elementos linguísticos que constituem a textualidade, ou seja, os elementos coesivos que constroem a articulação entre as diversas partes de um texto, além de outros elementos essenciais da Língua Portuguesa falada e escrita, que auxiliam na atribuição de sentidos a um texto.

Nas produções de modalidade escrita dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental geralmente aparecem muitas marcas da modalidade oral, e propor ações educativas que minimizem esse problema é de grande importância. Mostrar aos alunos o quanto é diferente produzir um texto oral de um texto escrito é uma atitude imprescindível por parte dos mediadores do conhecimento, pois só assim eles poderão se apropriar do letramento em relação ao uso da escrita como um bem para se integrar socialmente. Citamos Marcuschi (2010, p. 16) quando afirma que: “Numa sociedade como a nossa, a escrita, [...] é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia nos centros urbanos e na zona rural [...] essencial à própria sobrevivência no mundo moderno”.

Na verdade, o que encontramos no ambiente escolar no momento contemporâneo são alunos com uma oralidade também muito precária, a qual passa a ser representada também na modalidade escrita; constatamos que o nível de consciência de uso de cada uma dessas modalidades da língua é baixo. Percebemos que ambas as modalidades, oral e escrita, precisam ser melhoradas, porque não se pode dar aquilo que não se tem. A esse respeito, Marcuschi (2010) declara:

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...] porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipos de letras, cores, formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados (MARCUSCHI, 2010, p. 17)

Dessa maneira, observamos ser imprescindível que os alunos façam análises e reflexões sobre as diferenças que abarcam cada uma das modalidades da nossa língua materna, vivenciando práticas pedagógicas que venham de encontro com a realidade presente nessas modalidades, que utilizam em seu cotidiano social. Salientamos que os alunos precisam experienciar atividades de ambas as modalidades para constatar e compreender as peculiaridades de cada uma e em quais contextos sociais são mais adequadas, pois uma complementa a outra, e nem uma é superior à outra, como aponta Marcuschi (2010):

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos em duas dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. As limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial básico de sua realização: som de um lado e grafia de outro, embora elas não se limitam a som e grafia, como acabamos de ver (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

Nas produções da modalidade escrita, especificamente com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, o que mais verificamos é a marca de elementos linguísticos próprios da oralidade. Os alunos comumente não transpõem para a escrita uma linguagem mais elaborada, como o uso dos organizadores textuais, ou seja, dos elementos linguísticos que fazem as conexões de ideias, estabelecem a coesão e a coerência e promovem o sentido do texto.

Diante desse cenário escolar, elaboramos uma proposta pedagógica de aplicação para dialogar com esses problemas recorrentes nesse ano escolar, embasando-nos em uma concepção de linguagem interacionista, em um encaminhamento teórico-metodológico para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, com direcionamento à reflexão sobre os seus diferentes usos e os registros linguísticos realizados nas práticas discursivas de leitura, oralidade, escrita e análise linguística.

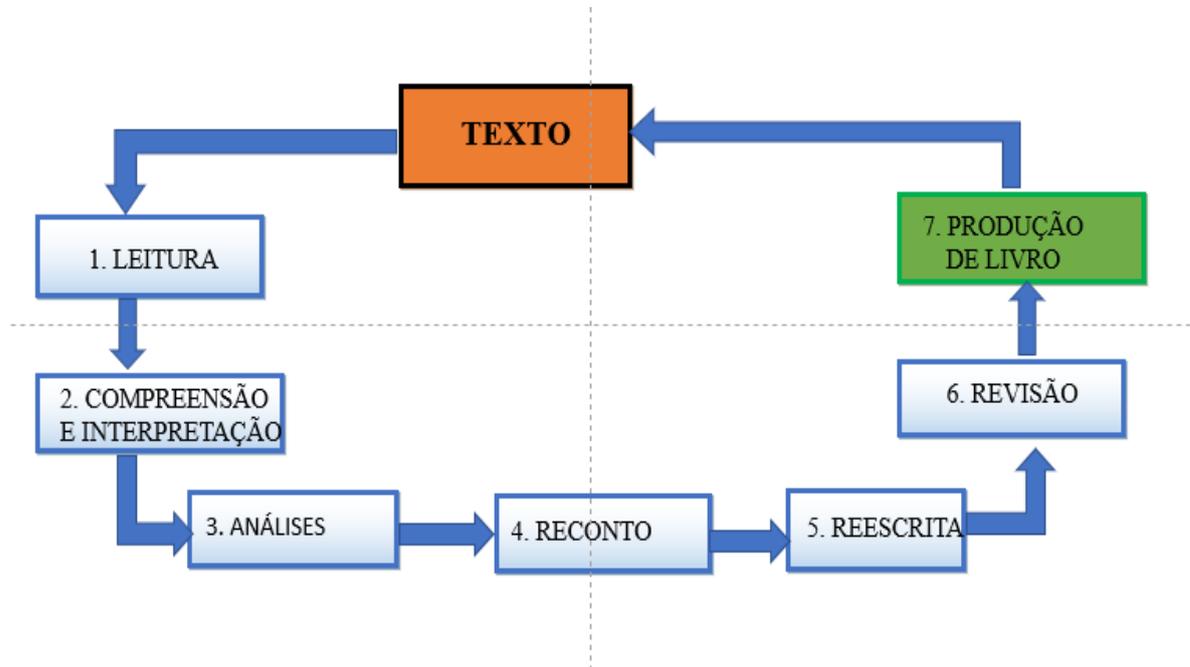
O pontapé inicial foi dado na primeira reunião de pais, que ocorreu no início do ano letivo de 2019. Ali, comunicamos oralmente aos pais e responsáveis que desenvolveríamos um projeto de leitura com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, turma A, durante o

ano letivo e que encaminharíamos a eles dois documentos para que autorizassem a sua aplicação, um intitulado *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE), a ser assinado pelos pais ou responsáveis, e a anuência dos alunos, por meio da assinatura do Termo de Assentimento (TA). Explanamos ainda que aquele pai ou responsável que não aceitasse expor o filho à aplicação do projeto não deveria preencher o documento, pois a participação era facultativa. Informamos ainda que a aplicação da proposta pedagógica seria uma atividade rotineira de leitura e escrita, cuja finalidade seria trazer muitos benefícios aos alunos, como contribuir e melhorar para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, tornando-os mais competentes na leitura e na escrita da língua materna, e ainda que, após a sua conclusão, os resultados retornariam à escola para serem compartilhados com todos.

Denominamos nossa proposta de pesquisa “Proposta Pedagógica Prática de Uso dos Elementos Coesivos em Gêneros da Ordem do Narrar para o 6º Ano”, do Ensino Fundamental, após ser aprovada em processo de *Qualificação junto ao Profletras da UEM*. Realçamos que a pesquisa desenvolveu-se seguindo os passos metodológicos estabelecidos junto à orientadora e docentes desse Programa em quatro etapas, realizadas de maneira gradativa.

O trabalho junto aos alunos partiu sempre de um gênero discursivo, e na etapa inicial utilizamos o conto *Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul*, de Flávio de Souza, para fazer o diagnóstico da problemática do uso dos elementos coesivos no gênero narrativo. Em outra etapa, com o compromisso de mudar o diagnóstico constatado, fizemos uso do conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm. Para a realização da proposta pedagógica prática aqui apresentada, realizamos diversos procedimentos, conforme ilustramos, para melhor compreensão, no Esquema 1, a seguir, sendo o texto o ponto de partida e de chegada.

Esquema 1 – Procedimentos realizados a partir do texto



Fonte: Organizado pela autora, 2020.

Ressaltamos que houve diversos momentos de interação com os discentes do 6º ano do Ensino Fundamental II na implementação da proposta pedagógica, como nas estratégias de compreensão leitora propostas por Solé (1998) com conversas informais e debates antes, durante e depois da leitura dos textos; nas etapas de leitura literária, a partir da *Sequência Básica* sugerida por Cosson (2014), dos gêneros discursivos lidos; das atividades lúdicas empreendidas para motivar a leitura dos textos narrativos; nas discussões relativas à temática ou pontos importantes de cada gênero textual; nos exercícios de levantar hipóteses sobre o que texto poderia trazer em sua trama antes da leitura propriamente dita, e depois da leitura, no confronto das hipóteses; nas leituras silenciosa, oral, dramatizada; nas atividades de recontos das narrativas lidas; nas atividades de escrita nos momentos de compreensão e interpretação dos textos lidos e na reescrita de texto; e no trabalho com desenhos para desenvolver a expressividade artísticas dos alunos. Enfim, todos esses momentos interativos com os discentes, mediante as diversas intervenções pedagógicas, foram fundamentais para coletarmos dados e informações das questões relacionadas à ineficiência do uso dos elementos coesivos na produção escrita do gênero conto.

E com o término da pesquisa-ação, analisamos as atividades aplicadas para verificar os resultados apresentados pelos alunos. Assinalamos que utilizamos os seguintes instrumentos

para a coleta dos dados para esta pesquisa-ação: observação, diário de campo, fotos, gravação em vídeo e áudio, relatos escritos e atividades realizadas pelos alunos.

A aplicação da proposta aqui apresentada se desenvolveu em quatro etapas sequenciadas, como assinalamos, vinculadas umas às outras para chegarmos ao produto final, a produção de um livro de literatura por cada dupla de alunos. Iniciamos o trabalho no mês de maio de 2019 e o concluímos em dezembro desse mesmo ano, utilizando um total de 51 aulas de 50 minutos cada uma.

Essa proposta de trabalho está ancorada em dois gêneros narrativos básicos. O primeiro, Texto 1, um conto mais contemporâneo, de Flávio de Souza, intitulado *Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul*, faz uma intertextualidade com o conto de *Chapeuzinho Vermelho* e traz como temática a desobediência como um aspecto positivo, bem diferente da primeira versão escrita por Charles Perrault. O segundo gênero, Texto 2, foi o conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, enfocando a temática promessas. Exploramos ambos os textos com as práticas discursivas leitura (silenciosa, oral, dramatizada), escrita (compreensão e interpretação escrita, reescrita dos contos), e oralidade (momentos de leitura, de discussões, compreensão do texto e recontos orais). Para complementar as práticas discursivas, trabalhamos com a análise linguística (na reflexão sobre os usos e funcionalidade da língua), sendo todos esses procedimentos importantes para o letramento escolar dos alunos, para que se tornem leitores, ouvintes, contadores e produtores de textos proficientes nas diferentes situações sociais, sabendo adequar a linguagem aos diversificados contextos sociais e se apropriar da norma padrão.

Essa gama de atividades pedagógicas e de intervenções foi articulada para a obtenção de um produto final, a produção de um livro de literatura, como informamos. Esse livro nasceu com a reescrita do conto *O Rei Sapo*. Para tanto, agrupamos os alunos em duplas, passando a construção do livro por três revisões escritas. O livro é uma adaptação realizada pelas duplas de alunos de acordo com suas peculiaridades, com uma linguagem mais próxima possível à versão dos Irmãos Grimm. Além da reescrita em letra cursiva do conto, os alunos fizeram também a digitação em computador, depois a impressão, e por último, a ilustração da obra de punho próprio, exercitando a imaginação e a criatividade.

Na sequência, abordamos as etapas que envolveram a aplicação da proposta pedagógica com os alunos do 6º ano.

4.2 ETAPAS REALIZADAS

4.2.1 Primeira etapa: modalidade oral

Organizamos a primeira etapa em dois momentos distintos, conforme especificamos na Tabela 1, sendo utilizadas três aulas de 50 minutos para desenvolvê-la. Um momento foi para interagirmos com os alunos e termos conhecimento da realidade, e outro para a explanação da relevância da aplicação da proposta pedagógica para a entrega de documentos oficiais aos familiares dos alunos autorizarem a participação dos mesmos e ainda desenvolver a primeira atividade prática planejada.

Tabela 1 – Ações iniciais do projeto de leitura

DATA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - INTERVENÇÕES
18/04/2010 1 aula de 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de Questionário-Diagnóstico
02/05/2019 2 aulas de 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Explanação oral do desenvolvimento do projeto de leitura; • Entrega do TCLE e do TA; • Mobilização e produção de texto oral coletivo.

Fonte: Organizada pela autora, 2020.

Aula 01: Explanação sobre o desenvolvimento da proposta pedagógica e aplicação de questionário

O primeiro encontro com a turma em que desenvolvemos a proposta pedagógica aconteceu no mês de abril de 2019. Nessa data, nos apresentamos como professora pesquisadora de um projeto de leitura e contamos com a colaboração de todos os alunos da turma para desenvolver um bom trabalho com textos da ordem do narrar, sendo selecionados dois contos da literatura clássica. O objetivo desse trabalho seria torná-los melhores leitores, contadores e escritores de contos na Língua Portuguesa. Os alunos indagaram quais seriam os contos e respondemos que não podiam ser revelados, pois havia atividades específicas com os nomes deles, e se revelássemos antes do trabalho, essas atividades perderiam os objetivos propostos.

Também informamos que o trabalho envolveria algumas brincadeiras; momentos de leitura para viajarem a outros lugares e tempos através da imaginação (individual e dramatizada); leituras interativas através de tecnologias como notebook e projetor

multimídia na sala de multimídias da escola; diálogos e debates referentes aos ensinamentos e conhecimentos do que os textos trariam; atividades para desenhar; e no final eles reescreveriam um dos contos trabalhados visando à produção de um livro de literatura para doação a uma escola da cidade, e se eles concordassem, poderíamos fechar com chave de ouro o trabalho, fazendo uma apresentação teatral do conto do livro para a escola escolhida.

Os alunos ficaram muito motivados durante e após a exposição da proposta pedagógica, havendo a sugestão de alguns para fazermos uma festa quando encerrássemos o projeto de leitura. Outro aluno argumentou que não participaria porque não gostava de festas. Para maior entrosamento, informamos que a festa poderia ser realizada na sala de aula mesmo, então esse aluno sorriu e afirmou que, sendo assim, ele participaria. Já havíamos investigado o perfil da turma e sabíamos que esse aluno era portador da Síndrome de Asperger. No momento em que ele interagiu e alegou que não participaria da festa, compreendemos o motivo, pois os alunos com espectro do autismo podem apresentar dificuldades de interação social e comunicação, e comumente não gostam de sair da rotina. Por isso, propomos fazer a festa na sala de aula e não em outro lugar, promovendo segurança a esse aluno.

No final da exposição, os alunos questionaram também quando seria iniciado o projeto de leitura e em quais dias da semana nos encontraríamos para o desenvolvimento das atividades. Orientamos que nos encontraríamos às quintas-feiras, nas duas últimas aulas, ou seja, quarta e quinta aulas.

Após as explicações sobre o desenvolvimento da proposta de aplicação do projeto de leitura, aplicamos aos alunos o Questionário-Diagnóstico com o intuito de investigar as preferências e as relações de leitura da turma; se tinham acesso à internet e a aparelhos tecnológicos de informação e comunicação (celular, tablets, computador, notebook, entre outros); se realizavam leituras através desses equipamentos; quais desses aparelhos possuíam e se os utilizavam no cotidiano, bem como algumas informações sobre seus familiares.

A turma era composta inicialmente por vinte e quatro alunos, mas no decorrer da aplicação da proposta pedagógica chegaram mais dois alunos e concluímos o trabalho com vinte e seis alunos, sendo quatorze do sexo masculino e doze do feminino. Desse total, somente dois alunos tinham treze anos e os demais onze anos. Tratavam-se de discentes de classes populares, como aventamos. No dia da aplicação do Questionário-Diagnóstico, compareceram à escola apenas vinte alunos devido a ser um dia chuvoso.

Durante a aplicação do Questionário, os alunos se mostraram receptivos a nossa explanação sobre o projeto de leitura que desenvolveríamos com eles. Pontuamos que houve muita interação no preenchimento dos dados solicitados. Nas questões do Diagnóstico relativas à convivência familiar, alguns relataram oralmente que moravam com os avós. Um aluno revelou que sua tataravó de 106 anos fazia parte da família e que ainda realizava todas as atividades domésticas da casa. A professora regente da turma sugeriu que caso tivéssemos tempo, deveríamos convidar os avós a virem para a escola posteriormente, para contar algumas das histórias que eles tinham de memória para enriquecer ainda mais o nosso trabalho.

Os resultados apresentados nesse questionário revelou que, a maioria dos alunos estavam conectados em seu cotidiano com os diversos recursos tecnológicos de informação e comunicação, sendo o celular o mais usado, e ainda, que usavam alguns desses equipamentos para ler. Expressaram que gostavam de ler os mais variados gêneros textuais que circulam em nosso dia a dia, porém, o gênero discursivo que a maioria mais gostava de ler era a *História em Quadrinhos*. Esses alunos eram oriundos de lares todos alfabetizados, de diversos modelos de famílias. Apresentaram consciência de que a leitura é fundamental para ampliar o nível de conhecimentos, mas não gostavam muito de ler, que já ouviram muitas histórias contadas por pessoas da famílias e pelas mídias. Também ficou evidente que sabiam mais sobre o grau de instrução da mãe, e que elas tinham mais formação escolar que os pais.

Aulas 02 e 03: Entrega dos documentos de autorização e produção oral coletiva de conto

O trabalho começou em maio de 2019, com uma conversa informal junto aos alunos da turma sobre o desenvolvimento da proposta pedagógica; explicitamos novamente as etapas que realizaríamos até a sua conclusão, cujo produto final seria a *Produção de um Livro de Literatura* para doação. Assinalamos o propósito maior: ter como público-alvo um Centro de Educação Infantil do município, e se possível, a apresentação teatral da turma com o conto principal que trabalharíamos. Os alunos gostaram muito dessa última parte, concordando com a ideia.

Depois dessa interação verbal oral, entregamos aos alunos o TCLE a ser assinado pelos pais ou responsáveis e a anuência dos alunos, o TA, sendo esses dois documentos elaborados com os dados do contexto da turma, os quais foram entregues a cada aluno para levar aos seus pais ou responsáveis para tomarem ciência do trabalho que realizaríamos e preenchessem com os dados deles, registrassem suas assinaturas para autorizarem a

participação de seus filhos neste projeto de pesquisa de leitura. Os documentos foram assinados e devolvidos posteriormente por todos os familiares dos vinte e seis alunos da turma, autorizando os seus filhos a participarem do trabalho por nós proposto.

Pontuamos que o foco de nossa pesquisa foi analisar o uso dos elementos coesivos em gêneros orais e escritos da ordem do narrar. Para isso, desenvolvemos ações pedagógicas que contemplassem as práticas discursivas da língua materna: leitura, oralidade e escrita, e atreladas a essas práticas, reflexões sobre a língua de forma sistematizada, uma vez que nenhuma delas podia estar dissociada do nosso trabalho.

A oralidade é uma modalidade da língua que também deve ser vista como de grande importância no processo de ensino e aprendizagem da língua, principalmente porque essa prática discursiva é a mais usada socialmente. Todavia, muitas vezes os alunos não sabem adequar a linguagem às circunstâncias (interlocutores, assunto, intenções) e segundo Marcuschi (2010, p. 22), “Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários”.

Em sintonia com essa fundamentação de Marcuschi (2010), propusemos à turma uma atividade para que colocassem em prática a modalidade oral, modalidade concebida pelo autor como outro uso fundamental para a comunicação e aprendizagem da língua. Para trabalhar e aprimorar esse uso, propusemos à turma do 6º ano do Ensino Fundamental II a produção de uma história coletiva de forma oral, devendo essa história conter os elementos da narrativa, contemplar os elementos coesivos, os aspectos linguísticos fundamentais na construção de narrativas que almejávamos incorporar ao trabalho para se apropriarem do uso real da língua. A estrutura composicional desse conto em sala de aula, tanto oral quanto escrita, esteve embasada nas orientações de Micheletti (2000) ao pontuar que quando trabalhamos com a leitura de um conto, devemos trazer a obra de forma integral, nunca fragmentada. A autora complementa que o conto é composto basicamente de personagens, tempo, lugar, enredo, narrador (que pode participar ou não da ação), tendo apenas um só conflito.

Com base nesses elementos da narrativa propostos por Micheletti (2000), organizamos, anteriormente a essa aula, uma tabela em papel Kraft com esses elementos para facilitar o processo de construção de uma história oral coletiva com a turma. Nosso objetivo, com essa produção textual, foi investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a estrutura composicional do gênero narrativo e a linguagem a ser empregada. Amparados

nessa tabela, exploramos oralmente esses elementos da narrativa, e refletimos com os alunos que, sem eles, não poderíamos construir um conto, uma história.

Na sequência, a turma criou os personagens, momento de muito conflito entre os alunos, pois houve uma diversidade de sugestões e tivemos que fazer uma eleição de quais seriam os personagens escolhidos que comporiam a trama e a ação da história. E assim, os alunos criaram os demais elementos, registrados por nós na tabela com pincel atômico (Tabela 2).

Concluída a Tabela 2, os alunos produziram a história oral e coletivamente com base nos elementos explorados e organizados. Todos falavam ao mesmo tempo, tivemos que parar e fazer alguns combinados (levantar a mão para falar, esperar o colega terminar a fala para depois fazer as sugestões, entre outros). Nesse clima, a turma conseguiu produzir a história oral. Terminada a produção da história, argumentamos que faltava o título, e então essa história recebeu, como título inicial, *A vingança*. Durante a produção da história oral, fizemos a sua gravação em áudio em nosso aparelho celular, pelo aplicativo Gravador de Voz Fácil.

Alguns alunos não se envolveram, mostrando-se apáticos na realização da atividade proposta. Durante a produção da história oral coletiva, ora os alunos pontuavam alguns dos elementos da Tabela 2, ora criavam outros pontos e aspectos que vinham à mente deles. Houve algumas discussões entre a turma de qual ideia ficaria melhor com relação ao tempo, lugar e até outros personagens que não constavam na Tabela 2.

Nesse momento de produção oral, observamos que na oralidade surgiram eventos comunicativos não previstos pelos alunos, como prever, “daí”, “aí” e houve elementos incorporados de forma inconsciente para tornar o texto mais coeso e coerente. Sobre essa questão, Marcuschi (2010, p.25) afirma que “A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano”.

Tabela 2 – Elementos da narrativa para a produção de texto oral coletiva

Personagens Principais	Coringa e Batman
Lugar	Gothan City
Tempo	Madrugada
Problema	Morte do Batman
Clímax	O Coringa desviou um meteoro para matar o Batman

Desfecho	Sobrevivência do Batman
Personagens Secundários	Berlim e Arlequina
Tema	A busca do poder

Fonte: Organizada pela autora e alunos do 6º ano, 2019.

Na produção espontânea dos alunos, ficou notória a apresentação de um repertório linguístico do campo da ficção científica atual e não demonstraram sensibilidade ao personagem do bem, representado pelo Batman: queriam que ele morresse, e quem se dava bem era o Coringa.

4.2.2 Segunda etapa: retextualizando da modalidade oral para a escrita

Nessa etapa, utilizamos duas horas aulas de 50 minutos para uma atividade de retextualização da história produzida oral e coletivamente, que está no Quadro 1, para a modalidade escrita. O propósito foi analisar e refletir sobre o ensino e a aprendizagem da língua em uso na modalidade escrita.

Tabela 3 – Atividades de leitura, análise, reflexão sobre o texto retextualizado

DATA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - INTERVENÇÕES
09/05/2019 2 aulas - 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, análise e reflexões sobre a reprodução de texto da modalidade oral para a modalidade escrita; • Revisão e reescrita de retextualizado de forma coletiva por meio de projetor multimídia em tempo real.

Fonte: Organizada pela autora, 2020.

Aulas 04 e 05: Leitura, análise, reflexão e reescrita de texto retextualizado

O conto produzido oralmente pela turma foi digitado por nós da mesma forma que os alunos falaram, ou seja, foi transposto para a escrita. Não colocamos uma estrutura definida como ocorre nos gêneros narrativos convencionais (parágrafos, letra maiúscula, ortografia, pontuação). Registramos da mesma maneira que falaram: uso da linguagem informal e com os elementos coesivos que expressaram, sem correção da ortografia, enfim, com todos os traços da oralidade dos alunos, não trabalhamos com a transcrição. A atividade com esse texto foi a retextualização da oralidade para a escrita.

No tocante à retextualização do texto oral para o escrito, nos amparamos no modelo proposto por Marcuschi (2010). Segundo o autor, a retextualização pode ocorrer de um

texto oral para um escrito e vice-versa, e argumenta que retextualizar um texto não é um ato mecânico e simples, exige operações complexas “[...], toda atividade de retextualização implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas consequências. Há nessa atividade uma espécie de tradução ‘endolíngüe’, que, como em toda a tradução, tem uma complexidade muito grande” (MARCUSHI, 2020, p. 70).

Marcuschi (2010) frisa que retextualizar significa transcrever de forma fiel, uma vez que a autoria do texto é daquele que o emitiu, jamais de quem o retextualizou. A retextualização é uma atividade complexa, que envolve nove operações. Para retextualizar um texto da modalidade oral para a modalidade escrita são utilizadas nove operações, que podem se agrupar em dois conjuntos. O primeiro é as operações que se fundem nas estratégias de eliminação e inserção (pontuação). O segundo é as operações de estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação, sendo esse último grupo o responsável pelas mudanças mais acentuadas no texto.

Marcuschi (2010, p. 76) informa também que “[...] para uma retextualização ser bem-sucedida, não é necessário que se efetivem todas as operações e, sobretudo, não necessariamente na ordem proposta. Não há, pois um caráter de necessidade e suficiência nas operações arroladas neste modelo”.

Após a digitação e impressão do texto, ficou conforme a estrutura que aparece no Quadro 1. Entregamos uma cópia impressa para cada aluno, orientando para uma leitura silenciosa, análise e reflexão sobre o texto.

Quadro 1 - Texto oral produzido coletivamente pelos alunos do 6º ano em áudio e transposto para a escrita

<p>A vingança</p> <p>Tudo aconteceu há muito tempo atrás na cidadadi de Ghotan City cidadadi do Coringa e do Batman onde vivia muitos vilões e super-heróis</p> <p>O Coringa é um psicopata porque o que faz é por diversão não para se tê o bem O morcego é um super-herói que ajuda no lado do bem O Batman prendeu o Coringa muitas vezes porque ele mata roba</p> <p>O Batman i o Coringa vivem na cidadadi de Ghotan City i o Coringa que o poder de governá Gotham City Era di madrugada meia-noite o Coringa estava planejando a morti do Batman</p> <p>Ele foi até o laboratóriu de informática que era em uma montanha quem cuidava dele era o Batman e ninguém sabia e desviou a rota do meteoru para atingir o Batman seu inimigu número um. O Coringa qué matar o Batman porque ele qué governá a cidadadi de Ghotan City</p> <p>Aí o Batman ficô surpreso com a rapidez do meteoru mas usa a sua batigarra para se desviá do meteoru. Aí o meteoru destrói o local, mas ele fica só com a baticaverna</p> <p>Mais aí o Batman prende o Coringa daí o Coringa é solto pela Arlequina e os dois fogi</p>

para outra cidade

O Batman fica se recuperando e o Batman sobrevive

Daí o Batman saiu da cidade o Batman foi planejar mais coisas novos planos para **acabá** com o Coringa

E o Coringa ficou na **cidadi** em **Gothan** City também para **acabá** com o Batman para **combater** e eliminar o Batman

O Coringa esqueceu que o Batman tem a **baticaverna** lá

Texto produzido oralmente e coletivamente - 6º ano A - 02/05/2019.

Fonte: Produzido pelos alunos do 6º ano, 2019.

Depois da leitura, questionamos os alunos se o conto por eles lido tinha todos os elementos da narrativa (personagens, problema, lugar, tempo, clímax e desfecho), se havia narrador, tema. A turma revelou que sim, porém que faltava um personagem que eles tinham escolhido e não apareceu na história, o Berlim. Na sequência, fizeram muitas observações e comentários orais; demonstraram um pouco de espanto, argumentando que tinha muitas palavras escritas erradas e isso não poderia acontecer, não havia concordância, pontuação e nem parágrafo.

Os alunos faziam as observações e nós, como escribas, íamos pintando com a tecnologia, na cor vermelha na tela do projetor multimídia através do notebook, tudo o conseguiram visualizar. Desse modo, acompanhavam em tempo real as demarcações das análises por eles efetuadas de cada elemento linguístico apontado, conforme aparece no Quadro 1.

O próximo passo foi retextualizar a história da modalidade oral para a escrita, com a estrutura composicional do gênero conto, com algumas das operações propostas no modelo de Marcuschi (2010). A retextualização realizada com os alunos foi em relação às operações de eliminação (marcas da oralidade), inserção (pontuação percebida por meio da entonação das falas e também paragrafação), de substituição (de termos orais por elementos coesivos de maior formalidade).

Enfim, os alunos conseguiram visualizar que aquele texto não estava dentro das normas formais da Língua Portuguesa Brasileira escrita. Isso foi um ponto positivo, porque eles estavam compreendendo que há diferenças entre a modalidade oral e escrita, entendendo a escrita com as suas características específicas, bem diferente da oralidade. Retextualizamos primeiramente as questões ortográficas, marcas de oralidade, paragrafação e pontuação.

Quadro 2 - Texto retextualizado e revisado coletivamente pelos alunos do 6º ano

A guerra do Batman e do Coringa

Tudo aconteceu há muito tempo atrás na cidade de Gotham City, cidade do Coringa e do Batman, onde viviam muitos vilões e super-heróis.

O vilão é um psicopata porque o que faz é por diversão não para se ter o bem. O morcego é um super-herói que ajuda no lado do bem. O detetive prendeu o palhaço muitas vezes porque ele mata, rouba.

O Batman e o Coringa vivem na cidade de Gotham City e o bandido quer o poder de governar Gotham City. Eram três horas da madrugada e o ladrão estava planejando a morte do Herói. O Coringa foi até o laboratório de informática do Berlim que era em uma montanha quem cuidava dele era o Berlim e todos sabiam disto, e desviou a rota do meteoro para atingir o Batman seu inimigo número um. O inimigo quer matar o Batman porque ele quer governar a cidade de Gotham City.

Então o Batman ficou surpreso com a rapidez do meteoro que o Coringa tinha desviado a rota, então o Herói usa a sua bat-garra para se desviar do meteoro.

Depois de 17 horas o meteoro destrói o local, mas ele fica só com a bati-caverna. O Batman prende o Coringa. Daí o Coringa é solto pela Arlequina e os dois fugiram para outra cidade.

O Batman fica se recuperando porque está em coma por causa do meteoro que causou uma explosão grande e o Batman sobrevive.

Depois o Batman saiu da cidade. O Batman foi planejar mais coisas, novos planos para acabar com o Coringa.

E o Coringa ficou na cidade, em Gotham City também para acabar com o Batman para combater e eliminar o Batman.

O Coringa esqueceu que o Batman tem a batcaverna lá.

Texto reescrito na modalidade escrita de forma coletiva - 6º A - 09/05/2019.

Fonte: Retextualização produzida pelos alunos do 6º ano, 2019.

Em seguida, os alunos fizeram algumas alterações nos elementos coesivos, ou seja, nas marcas temporais, pois havia muita repetição da oralidade “daí”, “aí” e na escrita teria que aparecer expressões indicativas da mudança de tempo no desenvolvimento da história. Também utilizaram outras palavras sinônimas que podiam fazer referências ao Batman (detetive, herói, morcego) e ao Coringa (vilão, bandido), as quais estão destacadas na cor violeta.

Outro aspecto que os alunos quiseram alterar foi o título do texto; na primeira versão oralizada era *A vingança*, e com a retomada do texto retextualizado na modalidade escrita mudaram para *A guerra do Batman e do Coringa*. Os alunos ficaram cansados depois dessas

intervenções e demos por encerrado o trabalho com a atividade voltada do texto oral para o texto escrito, mesmo havendo alguns arranjos e aspectos da escrita ainda a serem feitos.

Por meio das análises, reflexões, discussões e revisões do texto produzido pelos alunos evidenciamos o envolvimento da turma, demonstrando que eles estavam desenvolvendo a consciência de que há necessidade de alterações no texto escrito quando este provém da oralidade, que cada modalidade da língua tem suas características específicas, exatamente como Marcuschi (2010) aponta.

Para uma primeira proposta de trabalho com o gênero narrativo escrito, observamos que foi muito produtivo, uma vez que os alunos se encontram ainda em processo da construção da escrita formal, pois perceberam quando o texto foge da variedade linguística à qual ele pertence. Realçamos ser preciso que haja experiências pedagógicas voltadas a esses aspectos, porque por si só os alunos não conseguem ter esse discernimento e produzir textos de qualidade, orais ou escritos.

As análises e reflexões foram feitas oralmente com interação e mediação do professor pesquisador e ajustadas em tempo real, através do projetor multimídia, resultando o texto como ilustramos no Quadro 2. Os termos destacados em vermelho fazem referência à correção ortográfica e a linguagem mais formal, já os termos que estão em azul se referem aos elementos coesivos que promoveram a sequência temporal dos fatos da história.

Após esse trabalho, com duas aulas interativas de 50 minutos, passamos para a terceira etapa, a qual teve outras intervenções, também voltadas para a leitura e a escrita, com textos impressos e outros gêneros multimodais, visando ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem da nossa língua materna, ou seja, a Língua Portuguesa.

4.2.3 Terceira etapa: práticas discursivas com o gênero conto

O desenvolvimento da terceira etapa ocorreu em dezesseis horas-aulas, também de 50 minutos, com o objetivo de diagnosticar o quanto os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental tinham se apropriado da estrutura, forma, conteúdo e dos elementos linguísticos que envolvem a produção de um texto da ordem do narrar, o conto. Intencionamos verificar se os discentes tinham se apropriado da arquitetura interna e estrutura desse gênero discursivo, e principalmente se empregavam os elementos coesivos em seus textos escritos, os quais promovem o encadeamento de ideias, a coesão e a coerência, e conseqüentemente, dão sentido ao texto, alvo de nossa proposta pedagógica. Essas proposições estão fundamentadas em Bronkard (1999).

Nessa terceira etapa, realizamos um trabalho com o Texto 1, denominado *Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul*, de Flávio de Souza (Anexo 1). A exploração e leitura do gênero narrativo, o conto, aconteceram em quatro etapas, sob a perspectiva de Cosson (2016), através de uma sequência de atividades chamadas de *Sequência Básica*, uma metodologia proposta pelo autor sobre como trabalhar com o texto literário e levar os alunos ao letramento literário. Cosson (2016) propõe para o Ensino Fundamental a *Sequência Básica* em quatro etapas.

A primeira etapa é a Motivação (que visa preparar o aluno para a leitura do gênero textual, tendo um olhar para o tema e a sua estrutura); a segunda é a Introdução (momento de uma breve apresentação do autor e da obra, despertando interesse nos leitores); a terceira é a Leitura (primeira leitura silenciosa e individual pelo aluno, a fim de investigar o que consegue assimilar e as dificuldades sobre seu desenvolvimento e temática incorporada ao texto). Na sequência, acontece a leitura do professor-mediador com a aplicação de Intervalos (outros gêneros textuais que dialogam com o texto base trabalhado, a fim de melhorar a compreensão e despertar mais interesse pela leitura); a Interpretação (quarta e última etapa, o momento em que se efetiva a construção de sentidos, com uma interpretação interna e outra externa, esta última visando expandir os sentidos por meio de inferências a outros contextos relacionados ao tema).

Organizamos na Tabela 4 as atividades, intervenções e intencionalidades aplicadas na terceira etapa. Nessa tabela, está elencado que, no final de cada encontro com a turma do 6º ano A, havia a entrega de doces ao final. Esses doces eram entregues aos alunos, e era dito à turma que eles eram enviados pela “Vó Gorda”, a vovó paterna, uma das personagens do conto *Uma menina chamada Chapeuzinho Azul*. No contexto da história, ela estava levando uma cesta de doces para sua netinha, a Chapeuzinho Azul, e no caminho, ficou com fome e os comeu. Com isso, todas as vezes que adentrávamos na sala de aula, para iniciar as atividades de cada dia, eles já indagavam se naquele dia eles iriam receber algum doce enviado pela “Vó Gorda”. Afirmávamos que ela tinha mandado um recado de que, se caso a aula fosse produtiva, ela enviaria sim, e com esse gancho os alunos se envolviam e as aulas se deslanchavam. No final, cada aluno recebia o seu doce.

Tabela 4 - Atividades propostas com o Texto 1: *Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul*, de Flávio de Souza

DATA/AULAS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - INTERVENÇÕES
	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade lúdica com o título FORÇA;

<p>16/05/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração de duas imagens relacionadas ao contexto do conto; • Levantamento de hipóteses a partir do título construído anteriormente e imagens analisadas sobre a temática da história, como os elementos da narrativa, com o registro na 2ª coluna da tabela elaborada para esses aspectos da narrativa (uso do projetor multimídia); • Breve biografia e obra do autor Flávio de Souza por meio de slides (projetor multimídia); • Leitura silenciosa pelos alunos do conto proposto; • Levantamento dos elementos da narrativa que os alunos conseguiram captar por meio da leitura silenciosa (registrado na 3ª coluna da tabela com apoio do projetor multimídia); • Entrega de doces ao final da aula (Vó Gorda).
<p>23/05/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral do conto pelo professor pesquisador com sete intervalos (textos multimodais que dialogam com o texto principal); • Leitura oral pelo professor pesquisador, com discussões sobre a fala de narrador e dos personagens, com a inserção dos símbolos:  se for narrador, e de  se for personagem; • Leitura oral dramatizada, com a participação de 9 alunos voluntários para a voz do narrador; • Após esse momento, concluímos a construção de 4ª coluna da tabela com relação aos elementos da narrativa, agora com a intervenção do professor pesquisador. • Por último, analisamos os elementos que ficaram mais próximos e os que mais se distanciaram da versão original; • Início da compreensão e interpretação do texto 1; • Entrega de doces no final da aula (Vó Gorda).
<p>30/05/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada da leitura do conto, com uma leitura dramatizada com a participação de 9 alunos, em que cada um fez um parágrafo com a voz do narrador; • Compreensão e interpretação do texto 1 (continuação), em que cada aluno lia a questão e em seguida discutíamos o entendimento que tiveram sobre o comando; o registro era da interpretação construída no coletivo (trabalho interacionista e o professor pesquisador como escriba); • Entrega de doces ao final da aula (Vó Gorda).
<p>06/06/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão e interpretação do texto 1 (conclusão); • Reconto oral do texto de forma coletiva; • Entrega de doces ao final da aula (Vó Gorda).
<p>13/06/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Texto 1 organizado em tiras e embaralhado para organização e sequenciação, conforme versão original (em duplas); • Proposta de reconto oral coletivo do conto trabalhado, motivando os alunos com o recurso de uma <i>Varinha Mágica</i>; • Reescrita individual do conto de Flavio de Souza explorado,

	<p>na mesma estrutura e elementos da narrativa da versão original trabalhada; Entrega de doces ao final da aula (Vó Gorda).</p>
<p>27/06/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada oral do conto trabalho na aula anterior; • Leitura silenciosa de um texto selecionado dentre todos da turma (digitado da mesma forma produzida pelo autor); • Análise e reflexão individual do texto lido, com registros escritos das impressões que os alunos tiveram sobre sua elaboração; • Leitura oral pelo professor pesquisador e discussão das análises feitas; • Revisão e reescrita coletiva do conto analisado, do professor pesquisador como mediador e escriba, por meio de projetor multimídia (iniciamos alguns aspectos: ortografia, paragrafação); <p>Entrega de doces ao final da aula (Vó Gorda).</p>
<p>01/08/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão e reescrita coletiva do conto analisado (continuação analisando e inserindo os elementos da narrativa que não foram evidenciados, utilizando elementos coesivos para dar coesão e coerência ao texto); <p>Entrega de doces ao final da aula (Vó Gorda).</p>
<p>08/08/2019 2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e pintura de ilustração de acordo com a criatividade e imaginação de cada aluno; • Comentário por escrito sobre as atividades realizadas na 1ª etapa (produção oral coletiva de história), 2ª etapa (leitura, análise e reescrita de texto retextualizado da modalidade oral para a modalidade escrita) e a 3ª etapa (leitura, interpretação, reconto oral, reescrita, revisão e reescrita coletiva); <p>Entrega de doces no final da aula (Vó Gorda).</p>

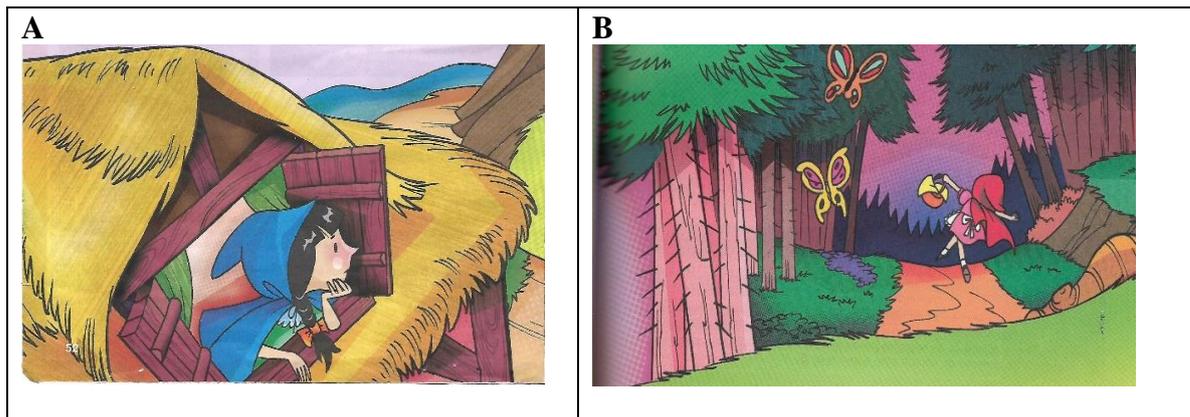
Fonte: Organizada pela autora, 2020.

Propusemos a atividade lúdica a FORCA como motivação para iniciarmos a leitura. A Motivação utilizada foi a primeira etapa da Sequência Básica proposta por Cosson (2016, p. 56). De acordo com este autor, “[...] é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto [...] a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor [...]”. Dividimos os alunos igualmente em dois grupos: A e B. Cada membro de cada grupo falou uma letra do alfabeto brasileiro que pudesse compor o título do conto. Assim procederam e antes de concluir o nome do novo conto, um aluno do grupo A fez uma antecipação do nome do conto e acertou, dando um ponto de vantagem a seu grupo. O grupo A foi o vencedor, aplaudido pelo outro grupo, e ao final, todos ganharam um pirulito como prêmio de participação. Essa atividade deixou a turma eufórica e provocou o envolvimento de

todos, pois cada grupo fazia de tudo para ser o vencedor, e um orientava o outro sobre qual letra falar.

Após esse momento lúdico, apresentamos duas imagens relacionadas ao contexto do novo conto, dispostas no Quadro 3.

Quadro 3 – Imagens relacionadas ao contexto do novo conto



Fonte: TAVARES, Romeire Ap. Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnetto. Uma menina chamada Chapeuzinho Azul. In: *Vontade de saber português*, 6º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012, p. 52-53.

Apresentamos essas duas ilustrações (Quadro 3), que estavam no corpus do texto verbal, em projetor multimídia, para que os alunos fizessem observassem e explicitassem as hipóteses que poderiam ter sobre as duas personagens apresentadas e com o título já nominado por eles.

Os alunos colocaram em prática uma estratégia de leitura proposta por Isabel Solé (1998), a Antecipação, o momento em que estabelecem previsões possíveis sobre o texto, antes da leitura propriamente dita. Ainda explanaram oralmente e de forma coletiva se já conheciam a história, quais as hipóteses sobre a história, os possíveis personagens, o local, conflito, tema, desfecho, dentre outros aspectos que foram surgindo, ou seja, os elementos da narrativa (personagens, tempo, espaço, conflito, clímax, desfecho) e o tema, no gênero conto, propostos por Micheletti (2000). O que a turma expressou de forma oral aparece na 2ª coluna da Tabela 5, registrado no mesmo instante em que relataram, através do projetor multimídia e computador.

Em seguida, introduzimos os alunos ao mundo da leitura do conto com a exposição de sucinta biografia e obra do autor Flavio de Souza, com base na segunda etapa da Sequência Básica proposta por Cosson (2016, p.57) apresentação do autor e da obra. Muitos alunos ficaram surpresos com tantos trabalhos produzidos por esse autor, como Castelo Rá-Tim-Bum, e ante o fato que ele ainda está vivo e escreve para crianças, jovens e adultos.

Depois desse momento, os alunos receberam o conto impresso, nominado anteriormente de Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul, por meio da atividade lúdica, (Anexo 1) para a Leitura, terceira etapa da Sequência Básica proposta por Cosson (2016). Solicitamos que fizessem uma leitura silenciosa e expressassem oralmente todas as informações que pudessem, sem a intervenção prévia do professor pesquisador.

Quando os alunos concluíram a leitura, alguns murmuraram que em alguns aspectos eles acertaram, porém em outros não, como: “Nossa, a Chapeuzinho Vermelho tinha uma irmã!” “Nessa história quem fica doente, além da vovozinha, é a Chapeuzinho Azul!”. “Aqui também tem lobo mau.”.

Na sequência, registramos as impressões e percepções dos alunos na 3ª coluna da Tabela 5 em relação aos elementos da narrativa, conforme propõe Micheletti (2000) sobre a estrutura composicional do gênero conto. Esse momento foi muito rico, porque os alunos interagiam entre si, argumentando o que cada um havia descoberto com a leitura e comprovavam com partes do texto. Sentimos que a atividade estava sendo produtiva e que eles realmente estavam lendo e compreendendo o conto e concomitantemente desenvolvendo o espírito argumentativo, ampliando o repertório linguístico, pois empregavam os elementos certos para cada justificativa dada; enfim, desenvolviam a oralidade, o que seria refletido também nas produções escritas futuras.

Percebemos que o contato com esse texto literário contemplava o que Cosson (2012, p. 17) expressa: “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”.

Na continuidade do trabalho de leitura com o gênero discursivo o conto, lemos o texto oralmente com muita ênfase e boa entonação com três (3) Intervalos (Apêndice 2), com o auxílio de outros textos multimodais (textos audiovisuais) inseridos no corpus do texto principal, os quais dialogam com a temática ou aspectos ligados às personagens. A inserção de pequenos Intervalos é uma estratégia proposta por Cosson (2016) no momento da leitura oral para tornar a leitura mais dinâmica e despertar maior interesse dos alunos pela leitura, não os deixando perder o foco. O Intervalo 1 foi um vídeo com uma versão do Chapeuzinho Vermelho de 11 minutos para rememorar o que os alunos sabiam acerca do conto tradicional, bastante conhecido, dos Irmãos Grimm, sendo inserido ao final do terceiro parágrafo. Após o término do vídeo, fizeram comentários referentes à versão tradicional, de que o Lobo Mau comia não somente a vovó, como também a Chapeuzinho Vermelho, e que não havia nenhum caçador para salvá-las do Lobo Mau.

Após esse relato, demos continuidade à leitura do conto até o Intervalo 2, parando no momento em que o texto informa que o pai das Chapeuzinhos trabalhava na construção de uma ponte sobre um rio, ou seja, após o final do quinto parágrafo. Esse Intervalo 2 é outro vídeo que aborda como é o processo de construção de uma ponte. Sequenciamos a leitura até quando a história narra que o Lobo Mau também tentou enganar uma personagem, e paramos a leitura no meio do sétimo parágrafo, na expressão: dizendo para ela ir pelo caminho da floresta, apresentando o Intervalo 3, um vídeo que trata da consequência da desobediência humana, temática trabalhada pelo conto.

Os alunos mantiveram-se atentos ao projetor multimídia para acompanhar a leitura e os demais textos apresentados, havendo o seguinte questionamento de nossa parte: “Esse texto que acabamos de ler tem ligação com o conto da Chapeuzinho Azul que estamos lendo?”. Houve diversos comentários e reflexões positivas por parte dos alunos.

Concluída a leitura oral, os alunos revelaram que gostaram muito do conto, que jamais imaginaram que Chapeuzinho Vermelho tinha uma irmã e reclamaram que acharam o texto longo. Em seguida, voltamos ao texto impresso e discutimos algumas características da estrutura do conto, como: Há voz de narrador nesse conto? Há voz das personagens? Por que só aparece a voz de narrador? Como é colocada a voz do narrador na modalidade escrita? Que recurso gráfico usamos para registrar e marcar a voz do personagem em um texto narrativo? Nesse conto apareceu esse recurso? Por quê? Quantos parágrafos o texto tem? Tem título? Autor? Qual a referência bibliográfica do texto?

Combinamos com os alunos que o professor pesquisador faria outra leitura oral, e em cada novo parágrafo eles colocariam uma *Boca* para voz de narrador e uma *Estrela* para a voz do personagem (Apêndice 3). Assim procedemos até a conclusão do texto e os alunos pontuaram que só havia a voz do narrador, ficando isso muito evidente após colocarem o desenho da *Boca*.

O próximo passo foi a leitura oral dramatizada, com nove alunos que se candidataram para fazer a voz do narrador, ficando cada um com um parágrafo, pois o texto tinha nove parágrafos. Outros alunos também quiseram ler e fizemos o revezamento, oportunizando a leitura a quase todos os alunos, porque alguns se recusaram a ler oralmente e foram respeitados.

Exploramos o texto por meio da leitura e análise da estrutura composicional (disposição do texto, ilustrações, título), e fomos para conclusão da última coluna da Tabela 5, com os elementos da narrativa propostos por Micheletti (2000) após as intervenções e mediações do professor pesquisador na leitura do conto proposto, com os intervalos e

discussões entre o coletivo da turma. Os resultados foram registrados na 4ª coluna da Tabela 5 com o registro simultâneo com o auxílio do notebook e projetor multimídia. Além de concluirmos a tabela, empreendemos uma sucinta análise oral das três colunas preenchidas, analisando em quais dos elementos, em cada momento da leitura, houve mais aproximações e mais distanciamentos. Solicitamos a alguns alunos que fizessem a leitura oral, e eles apontavam qual a colocação que mais se aproximava da versão original explorada com a nossa intervenção, ou seja, da 4ª coluna.

Os resultados até esse momento da proposta pedagógica foram excelentes, os alunos participaram ativamente e as discussões foram condizentes com o que o conto apontava. Observamos que os alunos se apropriaram da língua em seus diferentes funcionamentos discursivos e conseguiram adequar suas linguagens de acordo com cada situação comunicativa, oralmente e na escrita, com as intervenções do professor pesquisador. Verificamos ainda que os alunos estavam tomando consciência de que há diferenças entre as modalidades oral e escrita.

Tabela 5 – Elementos da narrativa diagnosticados em vários momentos no conto *Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul*

Elementos da Narrativa	Hipóteses levantadas a partir do título e das imagens	Relato oral após a leitura silenciosa	Relato oral após leitura do pesquisador e dos alunos
Situação inicial	-A Chapeuzinho Azul levantou-se pela manhã e foi à janela olhar os pássaros e o namorado.	-As duas meninas queriam ganhar bonecas, mas ganharam capinhas e ficaram muito contentes; -A Chapeuzinho Azul e sua mãe estavam doentes.	-O narrador apresenta a Chapeuzinho Azul e a Vermelho como irmãs, que ganharam capinhas e não bonecas; -Uma das meninas fica em casa porque estava doente e a outra foi para a casa da avó materna, porque esta também estava doente.
Personagens	-Lobo Mau, vovó, caçador, um namorado, porco, macaco, torta de laranja; -Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Azul seriam irmãs; -As duas meninas seriam amigas; -A menina de capa azul	-As irmãs: Chapeuzinho Azul e a Vermelho, dois lobos maus, duas vovós, pai e mãe das chapeuzinhos, homens que trabalham com o pai delas.	-Chapeuzinho Azul e a Vermelho; - Dois lobos maus; -Duas vovós (materna e paterna); -Pai e mãe das chapeuzinhos; -Caçador.

	seria a mesma menina da história da Chapeuzinho Vermelho, só trocou de cor de capa, de vermelho para azul.		
Espaço	-Na floresta, na casa das chapeuzinhos.	-Na casa das chapeuzinhos e na floresta;	-Na casa, na floresta, em frente à casa.
Tempo	-De manhã, à tarde e até o anoitecer.	-Foi no Dia da Criança de mil seiscentos, bem antigo; -De início, foi de manhã, aconteceu a tarde e foi até a noite.	-Na idade média; -Em um tempo antigo; -Durante o dia e a noite.
Problema	-O Lobo Mau sequestrará a Chapeuzinho Azul.	-Chapeuzinho Azul está doente, com gripe e a sua avó, mãe da mãe, também está doente.	-Tanto a Chapeuzinho Azul quanto a vovó materna estão doentes. Nessa história, o Lobo Mau tentou enganar a Vó Gorda, mas esta, muito esperta, não segue seus conselhos.
Clímax	-A Chapeuzinho Vermelho pegará o caçador e resgatará a Chapeuzinho Azul.	-A mãe do pai pegou a espingarda e ficou esperando o Lobo Mau vir comê-las, mas quando chegou foi esperto, deu um tchauzinho e foi embora; -O pai das chapeuzinhos pegou a espingarda e ficou esperando o lobo para matar o malvado; -A Vó Gorda confessou para as Chapeuzinhos que ela comera todos os doces.	-Quando o lobo chega para devorar a Chapeuzinho Azul e a Vó Gorda, é surpreendido pela figura do pai (protetor).
Desfecho	-O caçador matará o Lobo Mau; -O caçador não consegue matar o lobo e a Chapeuzinho Vermelho com suas habilidades de karatê	-O Lobo Mau vai pra casa das chapeuzinhos e tenta comer elas, mas ele encontra o pai delas o esperando com uma espingarda, e o	-O Lobo Mau desiste de atacar as mulheres devido a proteção do pai, sendo covarde. -Os pais das meninas ficam sabendo do acontecido com a

	bate no Lobo Mau; -O Lobo Mau desmaia e a Chapeuzinho Azul dá um beijo nele e ele vira um príncipe, porque uma bruxa o enfeitiçou para ser lobo; -Chapeuzinho Azul casa com o Lobo Mau e a Chapeuzinho Vermelho se casa com o caçador.	Lobo Mau vai embora porque foi mais esperto.	Chapeuzinho Vermelho na floresta e também com a Vó gorda e decidem que elas não andarão mais sozinhas.
Tema	-A desobediência	-A desobediência	-A desobediência e a esperteza, pois a Vó Gorda não seguiu os conselhos do Lobo Mau.

Fonte: Organizado pela pesquisadora e alunos do 6º ano, 2019.

Na continuidade do trabalho com o Texto1, *Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul*, de Flávio de Souza, iniciamos a *Compreensão e a Interpretação do Texto 1* (Apêndice 4), com questões relacionadas aos elementos da narrativa, temática, valores, tipo de narrador, ou seja, questões de ordem explícitas e implícitas, inferências de algumas situações, fundamentados na quarta etapa da Sequência Básica proposta por Cosson (2016), ou seja, a *Interpretação*, com dois momentos de abordagem do enunciado literário. O primeiro, denominado interior, levou os alunos a apreenderem o sentido mais global da obra e o segundo, intitulado de exterior, com questões que consideram os conhecimentos prévios do leitor, levando-o a fazer inferências com fatos da realidade e sociedade em que vive para a construção do sentido do texto.

O momento de leitura das questões fora realizado pelos alunos, pois gostavam muito de ler. Na sequência, discutimos e refletimos sobre a leitura para que fizessem os registros, geralmente realizados na lousa por nós como escriba, com a participação de todos, em uma relação dialógica e de construção coletiva. Essa oralização das questões, as análises, reflexões e os registros constituíram situações reais das duas modalidades da língua materna, da oralização e da escrita. O exercício da fala e em seguida o seu registro foram propostas reais de ensino e aprendizagem da língua, pois cada modalidade apresenta suas particularidades e é nesses exercícios interativos que os alunos construíam seus conhecimentos dos usos de cada uma delas, como relata Marcuschi (2010):

O trabalho com a língua, [...] é um bom ponto de partida não só para um melhor tratamento da oralidade em si mesma. Percebe-se [...] que ocorrem muitas mudanças na passagem da fala para a escrita, mas todas numa

perspectiva bastante sistemática a ponto de se poder fazer previsões e projeções de regras gerais para a retextualização (MARCUSCHI, 2010, p. 121).

Fica evidente que o momento da leitura oral das questões propostas nessa etapa da aplicação da proposta pedagógica desenvolve várias habilidades aos usuários da Língua Portuguesa: argumentação; aprimoramento linguístico; desenvolve um valor socializante, cooperando na desinibição dos alunos mais tímidos; auxilia a expressão oral, possibilitando treino na articulação clara, boa dicção e ritmo da frase; desenvolve a capacidade de ouvir daqueles que apenas ouvem. O essencial é levar os alunos a refletir sobre suas argumentações orais e como transpô-las para a modalidade escrita, vivenciando como é difícil e complexo organizá-las de forma coesa e coerente conforme as questões lidas.

Nesse trabalho, houve muita interação dos alunos, uma vez que tinham voz e vez para expor suas ideias e colocações, havendo situações em que precisávamos pedir ordem para que fizessem seus relatos, muito coerentes.

A próxima atividade empreendida foi a retomada do Texto 1, com o *Reconto Oral Coletivo*, sendo combinado com a turma que como professora pesquisadora iniciaria o conto de forma oral e uma *Varinha Mágica* seria usada como recurso para passar a vez para um outro membro da sala, que daria a sequência da história. A história foi iniciada por nós com o título e com a situação inicial, contextualizando o tempo, as personagens e suas respectivas características, sendo passada a *Varinha Mágica* para um dos alunos que era muito falante durante as aulas. Este aluno contou apenas um trecho e já passou o instrumento para outro aluno que, contou até determinada parte lembrada por ele, e a passou para outro. Esse aluno contou mais uma pequena parte e passou a *Varinha Mágica* para outro aluno, que não deu não deu continuidade e já passou para outro, que também não quis recontar a próxima sequência. Porém, havia um aluno que pedira para ele a *Varinha Mágica* e contou uma grande parte e o outro parceiro que já havia contado pediu novamente a vez para recontar mais uma parte. Depois passou para uma outra colega que também colaborou e assim esses três alunos foram revezando s até a história ter sido totalmente recontada.

Essa atividade foi um pouco frustrante, pois muitos alunos que receberam a *Varinha Mágica*, a passavam rapidamente para frente, argumentando que não lembravam da parte certa para dar sequência à história no ponto parado, outros não queriam participar, ficando um jogo de empurra-empurra, alegando que não lembravam a parte seguinte, e mesmo com nosso auxílio, eles não quiseram participar.

Durante o reconto oral realizado pelos alunos, observamos que os alunos usavam muitas vezes o mesmo elemento coesivo específico da modalidade oral, como: “daí”, “aí”, “depois”, “então”, sendo o campeão entre eles o “daí”. Houve momentos que os alunos que participaram do reconto oral tentaram usar os termos e elementos específicos da língua padrão, mas logo voltavam a usar os elementos da modalidade oral para marcar a sequenciação dos acontecimentos, como o “daí”, “aí”. Percebemos ao longo do reconto oral realizado pelos alunos que, na modalidade oral, além de utilizarmos alguns gestos e expressões para representar determinadas passagens da história, utilizamos sempre os mesmos marcadores discursivos orais porque é uma situação comunicativa de espontaneidade e esses alunos ainda não tinham refletido sobre a necessidade de se usar diferentes marcadores do discurso oral para evitar a repetição e tornar a história cansativa para quem ouve. Ainda iam passar por momentos que os levassem a essa consciência.

O momento do reconto foi pensado como uma retomada da história para reescrevê-lo com mais facilidade, na próxima fase dessa etapa. Após o reconto oral, os discentes fizeram a reescrita individual do conto que anteriormente fora lido, analisado, interpretado e recontado. A orientação foi que o conto por eles reescrito deveria ter a mesma estrutura, trazer os elementos da narrativa da versão original trabalhada pelo autor Flávio de Souza, fazer uso de uma linguagem escrita com os elementos linguísticos que ali apareceram. Outro aspecto importante também explicitado foi com relação ao interlocutor do texto, ou seja, explanamos à turma que o texto teria como leitor real nós, a professora pesquisadora, com a finalidade de verificar o quanto eles estavam aprendendo a produzir textos escritos, se as escritas estavam de acordo com as normas da Língua Portuguesa, e se estavam sabendo utilizar os recursos linguísticos e gráficos adequados para produzir uma história escrita. Isso foi abordado por nós conforme Geraldi (1995), quando sinaliza que o produtor do texto precisa saber quem será o possível leitor do seu gênero e qual é a finalidade dessa produção.

No encontro seguinte, levamos um texto que fora selecionado entre os textos da turma, com alguns aspectos linguísticos e estruturais que precisavam ser analisados e melhorados de forma coletiva. Digitamos esse texto na mesma estrutura em que foi redigido pelo autor (composição, ortografia, pontuação, etc.), conforme apresenta o Quadro 4.

Quadro 4 – Texto reescrito para leitura, análise, revisão e reescrita coletiva

1. Leia o texto:

Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Azul, ela **é** era irmã da outra menina chamada Chapeuzinho Vermelho no dia da criança não lembro, elas ganharam umas **ropas** com capuz, Uma **ganho** Azul e a outra vermelha, elas ficaram **tanto alegres felizes** que até esqueceram de ficar tristes porque não ganharam as bonecas que tanto queriam a mais conhecida era a **chapeuzinho** Vermelho num outro conto, que naquele conto não parecia sua irmã Chapeuzinho Azul, num dia a **vó gorda** levou **bolachas** para as netinhas quanto isso a Chapeuzinho Azul **tava** doente com gripe quando a **vovó gorda** foi caminhando pelo caminho o **lobo mau** falou para **vovo** gorda ir pra floresta mas do **geito** que a **vovo gorda é** esperta ela foi pro caminho mais curto e o **lobo mau** pensando que ela foi **pra** floresta enquanto isso a **vovo** foi **la** na onde o pai das meninas **trabalha** para **avisa-lo** que o **lobo mau tava** vindo enquanto isso a **vo gorda** chega na casa das chapeuzinhos **vermelho** e Azul **ai** na frente da casa fica o pai das meninas com uma espingarda para matar o lobo mas lá de longe o **lobo mau** vê o pai com uma espingarda **ai** ele **da thauzinho pro** pai das meninas e **dá o pé** e as meninas e a **vó gorda** ficam rindo da janela (a **vo gorda** comeu **tudo as bolachas** que ela ia dar para meninas). Fim.

Aluno do 6º A. Escola Estadual Arthur Ramos. Junho de 2019.

2. Esse texto está de acordo com a versão original de Flávio de Souza? Explique

3. Dê algumas sugestões sobre o que precisa ser melhorado.

Fonte: Produzido pelos alunos do 6º ano, 2019.

De posse do texto digitado e impresso, orientamos os alunos a realizar uma leitura silenciosa, verificar se o texto contemplava os elementos pertinentes a uma narrativa, no nosso caso o conto, se havia clareza, se a linguagem empregada estava adequada ao gênero narrativo, entre outros aspectos que precisariam ser melhorados, trocados ou arrumados. Os alunos fizeram os procedimentos solicitados, fizeram alguns apontamentos do que perceberam no texto: a maioria concordou que o texto estava na mesma versão de Flávio de Souza, porém havia partes esquecidas, outras trocadas, muitos erros de escrita nas palavras, concordância, linguagem informal, pontuação, falta de letra maiúscula nos nomes dos personagens, acentuação. Esses apontamentos estão logo a seguir (Quadro 5).

Quadro 5 – Relato escrito de análises realizadas de dois alunos

Aluno 1

2. Esse texto está de acordo com a versão original de Flávio de Souza? Explique

Sim, mais tem algumas coisas erradas no tipo
na hora de ler o texto, por isso é melhor ler de novo
mesmo.

3. Dê algumas sugestões sobre o que precisa ser melhorado.

falta pontos, algumas palavras
e em outros lugares não precisa de algumas
palavras.

Aluno 2

2. Esse texto está de acordo com a versão original de Flávio de Souza? Explique

Sim, ele está mais falta um pouco mais de
coisas do texto

3. Dê algumas sugestões sobre o que precisa ser melhorado.

As conexões de letras, contar mais sobre a
história

Apresentamos o texto selecionado para análise, revisão e reescrita no Quadro 4, para as devidas correções e ajustes. Destacamos aos alunos, com o apoio de computador e projetor multimídia, na cor vermelha, os aspectos relatados por eles que precisavam ser revistos para dar mais materialidade e sentido ao texto. Corrigimos os aspectos evidenciados e percebidos pelos alunos. Serafini (1995, p. 13) orienta que “[...] a correção é o conjunto das intervenções do professor sobre o texto do aluno para ajudá-lo a melhorar”.

Revisamos os aspectos observados pelos alunos e reescrevemos o texto, como escriba, com o auxílio de computador e projetor multimídia, de acordo com as observações e sugestões dos alunos. Essa reestruturação foi realizada sincronicamente no momento em que iam relatando, através da nossa mediação e intervenção, resultando no texto que aparece no Quadro 6.

Nessa direção, citamos Serafini (1995) quando declara que:

Na maioria das vezes, a revisão consiste em efetuar transformações locais aos textos: cortar e simplificar frases longas demais e muito retorcidas, suprimir palavras, pronomes, adjetivos ou advérbios supérfluos, colocar a frase na voz ativa, elimina as duplas negações e assim por diante [...] a simplificação aumenta sua legibilidade (SERAFINI, 1995, p. 82).

Realizamos nossa revisão em dois momentos distintos, um para a correção da escrita, concordâncias, tempos verbais, acentuação e linguagem coloquial, porque a maioria dos alunos enxergou primeiramente esses aspectos. Após essa primeira revisão, na segunda revisão contemplamos as partes omissas, sem sequências lógicas e com algumas incoerências, bem como a organização dos parágrafos. Conseguimos, de forma analítica e reflexiva, inserir os elementos linguísticos que não davam conexão entre as partes do texto, contribuindo para a coesão e coerência, e finalmente, para a construção de sentido do texto por parte dos alunos.

Pontuamos que esse trabalho que exigiu a participação direta dos alunos e estes, por seu turno, conseguiram perceber que muitas partes do texto foram omitidas, que faltaram a concordância verbal e a nominal, o tempo verbal. Observaram ainda que a estruturação do texto foi reescrita em apenas um parágrafo, enquanto que na versão original, de Flavio de Souza, havia nove parágrafos. Perceberam muita linguagem coloquial, dentre outros aspectos fundamentais para tornar o texto melhor compreensível pelo leitor. Alguns alunos com déficit de atenção e concentração não se envolveram, por ser uma atividade que exige muito comprometimento, disciplina e concentração; apesar disso, conseguimos desenvolver o que propusemos. Citamos os apontamentos de Serafini (1995, p. 107) “*Corrigir uma redação é*

uma operação complexa que traz problemas certamente maiores que os da correção de um exercício de matemática [...].um exercício de matemática [...]”.

Assinalamos que nesse trabalho de revisão e reescrita do conto selecionado objetivamos enfatizar os aspectos positivos do texto, mas também levar os alunos à reflexão sobre os elementos linguísticos com problemas apresentados na versão produzida pelo aluno anônimo, e em seguida, apresentarem as soluções coerentes aos aspectos por eles levantados. Esse momento de interação e reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua escrita, estar próxima da norma padrão esteve amparada em Neves (2012), na perspectiva funcionalista, e em Possenti (1997), ao argumentar que devemos expor os alunos ao domínio amplo de recursos linguísticos na língua escrita.

Acreditamos que os alunos estão em processo de compreensão do funcionamento da língua no contexto do gênero conto, estão construindo e ampliando a competência linguística na modalidade escrita, percebendo que essa modalidade da língua precisa estar o mais próxima possível da língua formal. Enfim, destacamos que o processo de construção da língua escrita deve estar atrelado à vivência de experiências significativas, com potencial transformador e humanizador e com aprendizagens concretas, de modo a levar os alunos a compreender como se dá o processo da construção do gênero conto na modalidade escrita, com todos os operadores do discurso, dá materialidade e sentido ao texto.

Quadro 6 – Texto revisado e reescrito coletivamente pelos alunos com intervenções da pesquisadora

TEXTO REVISADO E REESCRITO COLETIVAMENTE

Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Azul. Ela era irmã da outra menina chamada Chapeuzinho Vermelho.

Essas meninas ganharam umas roupas com capuz no dia da criança de mil seiscientos e me esqueci. Uma ganhou azul e a outra vermelha, elas ficaram muito alegres e felizes que até esqueceram de ficar tristes porque não ganharam as bonecas que tanto queriam.

A mais conhecida era a Chapeuzinho Vermelho porque ela ganhou uma roupinha vermelha num outro conto, que naquele conto não parecia sua irmã Chapeuzinho Azul.

Naquele dia que a Chapeuzinho Vermelho saiu pela floresta para levar os doces para a vovó materna e se encontrou com o lobo, a Chapeuzinho Azul ficou em casa doente, com gripe. Ela ficou no quarto o dia inteiro.

Ninguém nunca ouviu falar da Chapeuzinho Azul porque ela nunca teve um dia tão agitado quanto o da Chapeuzinho Vermelho. Ninguém nunca ouviu falar também do pai das meninas porque ele estava trabalhando na cidade quando a Chapeuzinho Vermelho saiu pela estrada a fora. Ele saía de casa bem cedo e só voltava á noite, ele trabalhava na

construção de uma ponte.

Ninguém nunca ficou sabendo também que a Chapeuzinho Vermelho tinha outra vó. Essa vó se chamava Iolanda conhecida como Vó Gorda e ela até gostava desse apelido. Ela saiu lá da sua casinha para levar uma cesta de doces caseiros para a Chapeuzinho Azul. No caminho a Vó Gorda encontrou um Lobo Mau tão mau quanto o outro Lobo Mau da história da Chapeuzinho Vermelho. Ele falou para ela ir pelo caminho da floresta, mas a Vó Gorda que não era boba foi pelo caminho mais curto e chegou na casa da Chapeuzinho Azul e avisou o pai das meninas que o lobo estava vindo. Aí o pai ficou em frente da casa com uma espingarda esperando o lobo chegar.

O Lobo Mau chegou na casa da Chapeuzinho Azul e deu de cara com o pai das meninas em frente a casa e como ele era tão esperto como a Vó Gorda deu um tchauzinho e deu no pé. A Chapeuzinho Azul, a mãe e a Vó Gorda ficaram espiando pela janela e dando risada. Na noite desse mesmo dia, chegaram a Chapeuzinho Vermelho e o caçador e contaram toda a aventura. Depois desse dia os pais das meninas nunca mais deixaram elas andarem sozinhas na floresta.

Depois do jantar as meninas pediram os doces para a Vó Gorda para comer, mas ela confessou que no caminho ficou com fome e foi beliscando, beliscando e quando chegou a cesta já estava vazia.

Alunos do 6º A, junho_ agosto de 2019.

Fonte: Organizado pela pesquisadora e alunos do 6º ano, 2019.

Concluídas as atividades de revisão e reescrita com o respaldo dos estudos realizados a partir do Texto 1, com base nas afirmações e orientações de Marcuschi (2010), Serafini (1995), Geraldi (1997) e Neves (2012), dentre outros, os alunos tiveram outro momento, o de experimentação com a arte de desenhar, outra linguagem para expressarem o que pensavam ou sentiam de uma parte da história que mais gostaram. Esse momento aconteceu com a produção e a pintura de ilustração, mediante a criatividade e imaginação de cada um. Essa atividade de ilustração se deu por causa de nossa observação no início de aplicação da proposta pedagógica, quando alguns alunos, ao terminar suas atividades, se dedicavam à criação de desenhos. Desse modo, agregamos a ilustração como modalidade de linguagem e a inserimos como atividade fundamental no desenvolvimento do trabalho, valorizando as habilidades em desenhos desses alunos. Isso ocorreu em virtude da afirmação de Rojo (2012) sobre multiletramentos:

Os multiletramentos levam em conta a multimodalidade (linguística, visual, gestual, espacial e de áudios) e a multiplicidade de significações e contextos/culturas [...] que todo texto é multimodal, não podendo existir em uma única modalidade, mas tendo sempre uma delas como predominante (ROJO, 2012, p.38).

A predominância maior nessa proposta pedagógica é a modalidade escrita, eixo de maior dificuldade dos alunos, porém valorizar e agregar a habilidade na arte de desenhar dos alunos somente enriquece a caminhada dos discentes. Assim, defendemos que a experiência com a literatura e a arte pode alcançar um potencial transformador e humanizador ao mesmo tempo. Nesse trabalho de ensaiar a arte de desenhar, alguns alunos revelaram *Altas Habilidades/Superdotação* em desenhos, em uma versão mais contemporânea (Quadro 7).

Atribuímos atenção especial ao desenho nessa etapa da aplicação pedagógica porque durante o *Questionário-Diagnóstico* e as interações com a turma percebemos que havia muitos alunos que quando terminavam suas atividades gastavam o tempo ocioso com desenhos, como acentuamos, os quais tinham ligação com os temas que trabalhávamos. Percebemos que esses alunos, usavam os desenhos para descrever as situações por eles vividas. Diante dessa realidade, compreendemos que o desenho é uma atividade de extrema importância para o desenvolvimento humano, podendo auxiliar no desenvolvimento dos alunos, na criatividade, imaginação e autonomia.

Trabalhar o desenho com significado e sentido, dando espaço nas aulas para que seja praticado e valorizado, tem crucial importância para o desenvolvimento dos alunos, que quando incentivados se sentem empoderados e desenham com mais propriedade e desenvoltura. Derdyk (1994) sinaliza que quando se utiliza o desenho para expressar informações e emoções, se auxilia o processo de apropriação da realidade e construção do pensamento através de signos gráficos. Constatamos esse fato com os alunos da proposta pedagógica, pois dando liberdade, espaço, tempo e valorizando cada linha traçada por eles, os resultados nas demais atividades foram muito surpreendentes.

Destacamos, dentre os desenhos produzidos pelos alunos, alguns bem imaturos, outros mais maduros e que dialogam com a temática e contexto do texto trabalhado. Quando o aluno se interessa em mostrar o que sabe das coisas, em representar o que está ao seu redor, Luquet (1969) chama essa fase de *realismo intelectual*. No entanto quando o aluno faz desenhos com planos em perspectiva, com imagens em terceira dimensão, sendo o seu desenho o mais fiel possível àquilo que está representando, ele está na chamada fase de *realismo visual*. De acordo com Luquet (1969), só desenham com tanta desenvoltura alunos que têm “dom” ou aulas de desenhos.

Outro aspecto, também fundamental para incentivar e aguçar a turma em fazer ilustrações, tem relação com a faixa etária do público-alvo que receberá a obra por ela produzida. Reiteramos que o livro de literatura produzido por cada dupla será doado para crianças de seis meses a doze anos de idade, e a literatura de textos literários, destinada às

crianças que se iniciam na leitura, deve ser carregada de ilustrações, pois as imagens são expressivas e ensinam a ler e compreender o universo dos textos literários, favorecem a formação de leitores da linguagem visual, a sua fruição e o entendimento.

As ilustrações incorporadas ao texto verbal auxiliam os pequenos a ler as histórias sem saber decifrar os símbolos escritos, e muitas vezes sendo letrados nessa leitura imagética, conseguem, de forma autônoma, ler e compreender os livros que lhes são oferecidos. Sobre esse mundo imagético acompanhar o texto literário, Amarilha (2002) assevera que as crianças, como leitores principiantes do universo literário, necessitam das ilustrações para compreender o verbal, e que as imagens devem ter relação direta com as palavras que constroem as ações da narrativa, ou seja, as imagens falam mais do que as palavras, daí a necessidade dessas ilustrações serem representações fiéis do texto. Ramos (2011) pontua que as ilustrações dos livros de literatura infantil são importantíssimas para despertar o gosto e a curiosidade das crianças sobre as histórias apresentadas.

Ante essas perspectivas teóricas relativas à importância das ilustrações se fazerem presentes nas obras da literatura infantil, incentivamos os alunos do 6º ano a realizarem seus primeiros passos nas ilustrações de partes que gostaram da história explorada na terceira etapa da nossa proposta pedagógica prática e que seria mais amplamente trabalhada na quarta etapa, pois deveriam ilustrar a história que cada dupla reescreveria.

Desse modo, os alunos iam ensaiando a arte de criar ilustrações de acordo com a interpretação, a criatividade, a imaginação e a capacidade de cada um. Foi depois dessa ação pedagógica que alguns alunos revelaram *Altas Habilidades/Superdotação* na arte de desenhar, sendo seus nomes encaminhados à professora regente da turma para que no próximo ano letivo frequentassem a Sala de Recursos Multifuncional – Altas Habilidades/Superdotação para receberem enriquecimento curricular nessa área e aprimorassem ainda mais essas habilidades.

Quadro 7 – Ilustrações criadas pelos alunos baseadas na versão do Texto 1**ALUNO 1**

1. Após você passar por várias etapas de interação com o conto “Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul” de Flávio de Souza, use a sua imaginação, a sua criatividade e faça uma ilustração que represente bem a sua história, de acordo com o seu ponto de vista.

**ALUNO 2**

1. Após você passar por várias etapas de interação com o conto “Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul” de Flávio de Souza, use a sua imaginação, a sua criatividade e faça uma ilustração que represente bem a sua história, de acordo com o seu ponto de vista.



Fonte: Elaborado pelos alunos do 6º ano, 2019.

Finalizamos o trabalho até aqui proposto solicitando aos alunos um breve relato escrito com reflexões e considerações sobre as atividades realizadas, atrelado ao que Geraldi (1995) assevera acerca da reflexão do vivido. Esse registro dos alunos foi uma forma de verificar e avaliar como articulavam as informações sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua materna, sobre as leituras e atividades escritas propostas e também verificar a articulação das reflexões e os elementos linguísticos usados para expressar as informações.

Apresentamos alguns registros, no Quadro 8, que foram explicitados pelos alunos.

Quadro 8 - Comentários de alunos sobre o trabalho com o conto Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

ALUNO 1

1.Com base no trabalho realizado com o conto ‘Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul’ de Flávio de Souza, (leitura, compreensão, reconto oral, reescrita, análise e reestruturação coletiva do texto para torná-lo mais compreensível a qualquer leitor, e a sua ilustração), comente por escrito o que você achou dessa experiência?

Eu adorei a história da Vingança porque tinha o Coringa, a Pedrequina e o Balim. Eu também gostei da cadeira da fora porque o lado esquerdo da sala ganhou (meu lado), a história da Chapeuzinho Azul eu não gostei muito não porque eu não entendi mas eu aprendi que devemos obedecer minha mãe, gostei também que a Vó Gorda trazia doces. Adorei fazer as histórias porque a gente interagia muito, foi bem legal.

ALUNO 2

1.Com base no trabalho realizado com o conto ‘Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul’ de Flávio de Souza, (leitura, compreensão, reconto oral, reescrita, análise e reestruturação coletiva do texto para torná-lo mais compreensível a qualquer leitor, e a sua ilustração), comente por escrito o que você achou dessa experiência?

- Eu achei a história que nos fizemos da "A vingança do Batman" foi muito legal e divertida.
 - Eu adorei brincar de forca.
 - Eu aprendi bastante com a história da "Chapeuzinho no azul".
 - Eu gostei mais a menos da reescrita por que eu meia que esqueci.
 - Eu adorei as duas História a da Chapeuzinho Vermelha e a Vingança do Batman.

Fonte: Produzido pela pesquisadora e pelos alunos do 6º ano, 2019.

Salientamos que os alunos não foram muito receptivos a essa atividade, pois resistiram em escrever e tivemos que ler e explicar várias vezes o comando dado para que a realizassem. Isso pode ser reflexo do pouco uso de registros reflexivos escritos sobre atividades realizadas no cotidiano escolar, não sendo os alunos postos a práticas sociais reais de escrita, como sinalizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 66), que para aprender a escrever “é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos”. As práticas de sala de aula ainda não havia contemplado esse gênero discursivo, o comentário, de relatar algo vivenciado e colocar de forma escrita o que adquiriram de aprendizado, os pontos positivos e negativos na visão dos alunos.

4.2.4 Refletindo sobre o trabalho da 1ª, 2ª e 3ª etapas

Ao analisarmos os comentários dos alunos, verificamos que gostaram mais da brincadeira da FORCA, como nesses depoimentos: “Também gostei da brincadeira da forca, foi bem legal, foi interessante, e houve aprendizado” (Aluno 5); “Eu também gostei muito da brincadeira da forca que a Maria Luiza fez pra gente” (Aluno 4); “Eu adorei a brincar de forca” (Aluno 2).

A história produzida oral e coletivamente agradou alguns e não outros: “Eu não gostei muito da história ‘A vingança do Batman’ porque alguns queriam que o Batman ganha-se e outros queria que o Coringa ganha-se, então ficou difícil chegar num acordo.”; “Eu

gostei da história inventada ‘ A vingança do Coringa’, eu achei muito legal porque todo mundo tava dando ideia.”; “Eu não gostei do texto do coringa porque é sem graça.”.

Alguns alunos relataram que a parte mais difícil foi o reconto oral e a reescrita da história da Chapeuzinho Azul porque não lembravam bem da história, outros acharam muito fácil, por conhecerem bem a história: “Eu gostei do texto da Chapeuzinho Azul e foi fácil reescrevelo porque nos já tinha estudado bastante esse texto.”; “Eu não gostei da reescrita individual porque achei muito difício e eu também acabei não lembrando. Eu amei a história do Chapeuzinho Azul.”; “Eu aprendi bastante com a história da “chapeuzinho azul. Eu gostei mai ou menos da reescrita por que eu meio que esqueci.”; “Eu não gostei do reconto Oral da história eu não gostei a história muito longa, mas eu achei esse trabalho fundamental ensina muita coisa.”; “Reconto oral da história achei bem difícil não lembrava direito.”; “O reconto eu não gostei.”; “ O reconto oral da história gostei muito.”

Relataram também que produzir o texto escrito individual é muito difícil, mas é importante para o aprendizado deles, como colocar pontuação, parágrafos, etc., que o trabalho com histórias traz muita interação entre os alunos: “Eu gostei mais o menos porque tinha que reescrever daí eu não consegui parte q eu mais gostei foi quando a tia Maria Luiza dava comida.”; “Eu não gostei da reescrever.”; “quando foi para Reescrever a história eu não gostei.”; “a rescrita requer aprendizado aprendi que precisa colocar parágrafo travessão.”

Revelaram também que houve muito aprendizado com o texto da Chapeuzinho Azul: “também gostei da história da chapeuzinho azul eu também aprendi que sempre temos que respeitar os pais.”; “Eu gostei de tudo mais acho que de todas as tarefas a minha preferida foi a forca não gostei muito das produções de textos. Mas é muito bom porque agente trabalha muito em dupla, eu goste muito da História da Chapeuzinho azul.”; “Eu achei esse trabalho de leitura da professora Maria Luiza legal pois aprendemos a obedecer nossos pais, gostei da brincadeira da forca, gostei da produção do texto a vingança, na verdade gostei de tudo e apoio seu trabalho.”; “E sobre o texto do Coringa achei até fácil e interessante, mas também em outras partes achei um pouco complicado e difícil eu especificamente eu aprendi muita coisa por exemplo: não podemos desobedecer a família e não fala com estranhos.”.

Percebemos pelos comentários escritos dos alunos que o texto literário realmente cumpre o seu papel de formação humana e contribui para o processo de ensino e aprendizado dos alunos de forma integral, tanto nas questões acadêmicas quanto para desenvolver o espírito humanizador. Sobre esse aspecto citamos Candido (1995, p. 175): “[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e de educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”.

A elaboração das atividades elencadas e apresentadas na Tabela 4 com os elementos da narrativa mencionados por Micheletti (2000) foi produtiva e causou muito interesse e comprometimento da turma. Nossas ações pedagógicas até a terceira etapa revelaram muitos pontos positivos em relação aos alunos, como a compreensão da função social da escrita, a importância da sequenciação das ideias na construção de uma narrativa, o uso dos mecanismos de textualização (coesão, coerência e concordância), gerenciamento da voz do narrador, enfim, demonstraram que estão em apropriação dos aspectos fundamentais para a construção da língua materna tanto oral quanto escrita, e usá-la de forma criteriosa para promover coerência e, conseqüentemente, o sentido geral do texto.

Como uma forma carinhosa com os alunos, ao término de cada dia que trabalhávamos, estes eram agraciados com a entrega de algum doce ou alimento, e brincávamos que eram enviados pela Vó Gorda, a vovó paterna do conto trabalhado. Os alunos ficaram tão habituado a esse ritual que, quando adentrávamos na sala de aula ou então íamos para a sala de multimídia, para realizar as atividades propostas para o dia, eles queriam saber se a Vó Gorda mandara alguma coisa para eles. Argumentávamos que ela havia mandado o recado que se as atividades fossem produtivas, ela iria trazer, e com esse gancho eles se envolviam mais e ao encerrar os trabalhos cada um recebia um mimo enviado pela “personagem”, como pirulitos, bolo de chocolate, espera marido, chocolate Bis, balas, etc.

Finalizamos essa parte inicial da proposta pedagógica prática com um saldo positivo, uma vez que criamos um espaço no qual os alunos estão lendo literatura com objetivo de torná-los leitores de leitura literária, estando essa em um processo de aprofundamento à medida que ampliamos nosso repertório de leitura e avaliação é um processo que precisa estar engajada a qualquer prática escolar para colhermos dados, analisarmos e refletirmos o que de real está sendo produtivo e tomarmos novas medidas para acompanharmos avanços dos alunos do ponto de vista acadêmico. Enfim, percebemos até aqui que a literatura está contribuindo positivamente para a construção do processo de ensino e aprendizagem dos alunos em relação às práticas discursivas: leitura, oralidade e escrita, ao uso e funcionamento da língua materna, como também com as funções de formar alunos mais humanizados, críticos e felizes, como denuncia Candido (1992, p. 176) “ela não corrompe nem edifica; portanto: mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.”

4.2.5 Quarta etapa: reescrita e revisão do gênero conto

Essa última etapa tomou outros rumos em relação às intervenções que previmos, pois fomos surpreendidos pelo fato dos alunos terem conhecimento do contexto do novo conto que exploraríamos, isto é, conheciam a versão do *Rei Sapo*, mas a versão de *Walt Disney*, diferindo apenas em alguns aspectos da versão dos *Irmãos Grimm*. Devido a esse contratempo, elaboramos outras intervenções condizentes com a realidade encontrada.

Direcionamos as atividades e intervenções da quarta etapa para o conto Texto 2, *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm (Anexo 2), desenvolvidas em 30 aulas de 50 minutos. As intervenções visaram motivar os alunos a ingressar no mundo da leitura de maneira prazerosa; acionar os conhecimentos prévios em relação ao enredo do conto a ser lido; sensibilizar para o tema; compreender e localizar informações explícitas e implícitas; reescrever e revisar textos para torná-los mais coerentes e coesos, utilizando para isso os variados recursos linguísticos.

Na Tabela 6, apresentamos uma estruturação das ações desenvolvidas para chegarmos ao produto final deste trabalho, a produção de um livro literário.

Tabela 6 – Atividades propostas com o Texto 2: *O Rei Sapo*, Irmãos Grimm

DATA/AULAS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - INTERVENÇÕES
15/08/2019 2 aulas - 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e análise de figuras que compõe, o Jogo de Memória proposto, através de slides no projetor multimídia; • Jogo de Memória (em duplas), com os elementos ou imagens, que constituem o conto <i>O Rei Sapo</i> ; • Descrição prévia escrita sobre o que cada grupo sobre que história trataria essa nova história juntamente com a apresentação do título do conto <i>Rei Sapo</i> (hipóteses sobre o enredo);
22/08/2019 2 aulas – 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Biografia e obra dos Irmãos Grimm com slides e vídeos; • Biografia do ilustrador e pintor inglês Walter Crane (1ª versão publicada do <i>Rei Sapo</i>); • Sensibilização para a temática com questionamentos e reflexões sobre <i>Prometer e não cumprir</i>, por meio de slides e vídeos; • Preenchimento da Tabela 7 (2ª coluna) com os conhecimentos prévios sobre os possíveis elementos da narrativa no conto (do projetor multimídia);
29/08/2019 2 aulas – 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura silenciosa individual; • Levantamentos dos elementos da narrativa assimilados pela turma e registro na 3ª coluna da Tabela 8 (projetor multimídia); • Leitura oral pelo professor pesquisador com inserção de <i>Intervalos</i>;

<p>05/09/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da 1ª versão do Rei Sapo narrada em vídeo, com ilustração criadas no suporte livro pelo ilustrador e pintor inglês Walter Crane; • Retomada do Texto 2, com leitura oral e análise das vozes do narrador e dos personagens e destaque delas por meio de: N para narrador; P para princesa; SP para sapo-príncipe; R para rei; H para Henrique; • Leitura oral dramatizada com a colaboração voluntária de 5 alunos, com revezamentos entre os alunos; • Retomada do texto oralmente, com preenchimento dos elementos da narrativa na 4ª coluna da tabela 7, com auxílio do projetor multimídia em tempo real;
<p>26/09/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada da Tabela 7, com leitura e análise de todas as etapas que envolveram o destaque dos elementos da narrativas (antes, durante e depois da leitura do conto); • Compreensão e interpretação oral e escrita do conto trabalhado (início).
<p>03/10/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada do texto com leitura oral dramatizada com elementos representando cada personagem (coroa de rei, coroa de princesa, máscara de sapo); • Compreensão e interpretação oral e escrita (continuação).
<p>24/10/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão e interpretação oral e escrita (continuação).
<p>31/10/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão e interpretação oral e escrita (conclusão).
<p>07/11/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ilustração de parte do conto; • Atividade de análise linguística coletiva de trecho do conto (elementos coesivos); • Análise linguística em dupla de novo trecho do texto (elementos coesivos).
<p>12/11/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconto oral do conto coletivamente pelos alunos; • Reescrita da 1ª versão do conto em duplas (na mesma versão dos Irmão Grimm).
<p>14/11/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visita às instituições para conhecer o contexto: Centro de Educação Infantil Padre Leoni Pientik e Abrigo Joaquim Viana Pereira Filho.
<p>28/11/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, análise, revisão e reescrita coletiva (o pesquisador mediador) de um fragmento de texto por meio de bilhetes classificatórios-interativos; • Reescrita da 2ª versão do conto (revisão com os bilhetes classificatórios-interativos).
<p>03/12/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrita da 3ª versão do conto no laboratório de informática (revisão com apoio em tabela interativa).
<p>05/12/2019</p> <p>2 aulas – 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrita da 3ª versão do conto no laboratório de informática (revisão com apoio em tabela interativa).

12/12/2019 2 aulas – 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Criação das ilustrações e a pintura da obra produzida pelas duplas.
---------------------------------------	---

Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2020.

As intervenções propostas na quarta etapa estão atreladas ao gênero narrativo conto. Bakhtin (1992) pontua que todo gênero discursivo é composto por enunciados relativamente estáveis, então torna-se fácil desenvolver nos alunos a capacidade de interagir com o gênero aqui proposto e conseguir, posteriormente, produzi-lo na modalidade oral e na escrita. Também incorporamos essa etapa às reflexões realizadas por Coracini (2010), que o texto deve estar no centro de todas as nossas ações pedagógicas, porque somente ele promove o processo de ensino e a aprendizagem da língua materna.

[...] no tratamento que se dá ao texto em qualquer disciplina curricular: um objeto, uno, completo, que tem um fim em si mesmo. O texto institui, na escola, o lugar instituído do saber, por isso mesmo, funciona pedagogicamente como objeto onde se inscreve, objetivamente a verdade, que parece atemporal e definitiva, verdade essa a ser decifrada (des-coberta) e assimilada pelo aluno: e nisto consiste a aprendizagem que será avaliada em função do maior ou menor grau de assimilação (CORACINI, 2010, p. 18).

Nessa perspectiva, utilizamos o texto como ponto de partida e de chegada, realizamos intervenções em uma postura interacionista, uma vez que para ler um texto, compreendê-lo e interpretá-lo, extraindo os seus sentidos e formulando os seus próprios, e apropriar do uso da língua materna, os alunos necessitam percorrer algumas etapas previamente planejadas. Mediante essas reflexões, nos preocupamos em motivar os alunos a ingressar no mundo da leitura do texto literário de maneira prazerosa, aliando esse momento com a primeira etapa da *Sequência Básica* proposta por Cosson (2016), a *Motivação*. Além de desenvolver a motivação dos discentes, acionamos seus conhecimentos prévios sobre o enredo do conto, conforme Solé (1998), antes de adentrarmos no universo da leitura do texto.

Levar os alunos a fazer inferências para interpretar positivamente o texto é fundamental. Micheletti (2000) nos orienta a sensibilizar os alunos para o tema, pois é por meio de análises e reflexões provocadas em torno de uma temática tratada no texto que eles conseguem acionar seus conhecimentos e extrair informações implícitas incorporadas no discurso, havendo a extração dos sentidos coerentes e possíveis do texto.

Discernir as diferentes estruturas composicionais dos gêneros textuais é outro aprendizado que os alunos devem se apropriar, além dos usos da língua, pois reconhecer e

utilizar os diferentes marcadores do discurso que compõem os diferentes gêneros discursivos, em cada situação comunicativa, se aprendem na escola em intervenções pedagógicas específicas. O conto, como gênero da ordem do narrar, traz os elementos da narrativa para construir sua estrutura composicional e Micheletti (2000) menciona que sem esses elementos não se constrói um conto, sendo esses elementos da narrativa compostos por: narrador, personagens, tempo, espaço, problema, clímax, desfecho, e ainda, traz um tema. Os alunos precisam compreender essa estrutura do conto para que a sua construção, tanto na modalidade oral quanto escrita se façam presentes.

Há ainda a questão de levar os alunos a ler e compreender a linguagem não verbal que constrói os textos, pois os gêneros narrativos, além da linguagem verbal, também trazem a não verbal. Nessa quarta etapa, a leitura do conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, dialogou, durante a sua leitura pelo professor pesquisador, com outros textos multimodais, chamados por Cosson (2016) de *Intervalos*. Esses outros gêneros textuais visam a desenvolver nos alunos os multiletramentos que Rojo (2012) apresenta como atividade importantíssima a ser desempenhada pela escola na contemporaneidade, ou seja, assinala que os alunos interagem com uma diversidade de linguagens em seu cotidiano para se comunicar e se expressar (oral, escrita, gestual, visual, sonora, audiovisual, entre outras), porém muitas vezes não as compreendem. Trazer essas linguagens, e na perspectiva interacionista, criar situações de análises e discussões sobre o que transmitem é uma forma de desenvolver nos alunos a capacidade de compreender os sentidos ou significados e a fazer seus julgamentos.

A interação com os textos multimodais e algumas tecnologias de informação e comunicação (computador, projetor multimídia, celular), no decorrer da quarta etapa, ocorreu para levar os alunos a um aprendizado para além da linguagem verbal (oralidade e escrita), mas também para as diversas linguagens inseridas no universo escolar e no cotidiano deles.

Realizamos a quarta etapa em oito longos passos, com diversas ações e intervenções pedagógicas práticas que dialogaram diretamente com os autores abordados, como: Bakhtin (1992), Micheletti (2000), Cosson (2016), Coracini (2010), Candido (1972), Antunes (2003), Neves (2003), entre outros, os quais contribuíram de forma coerente e positiva para a produção do nosso produto final, um livro de literatura.

4.2.5.1 Passo 1: motivação à leitura

Atenção! As motivações serão trabalhadas mediante vários recursos didáticos e tecnológicos (notebook, projetor multimídia, imagens, jogo de memória), com intervenções orais, preparando o terreno para adentrar na leitura: leitura e análise de ilustrações, atividade lúdica, informações sobre a vida e obra dos autores e ilustrador, questionamentos orais sobre a temática.

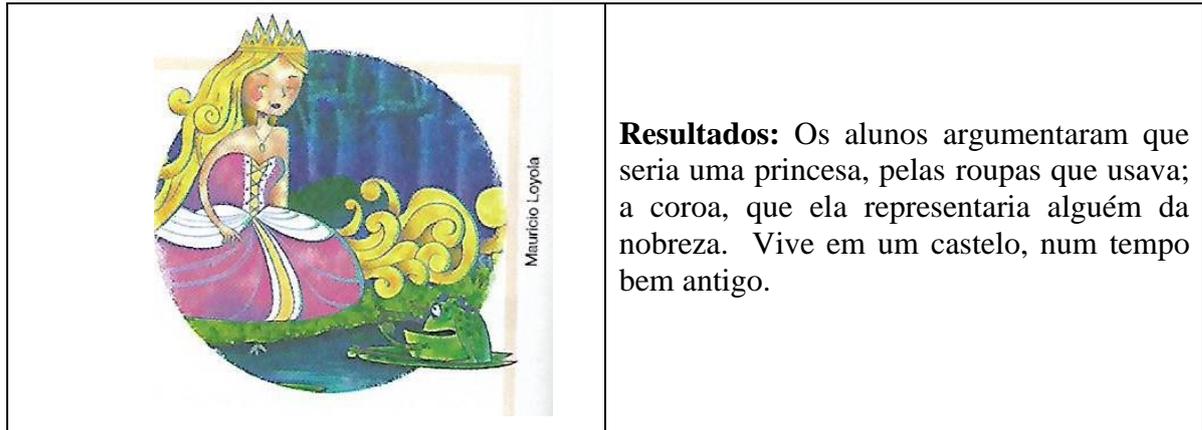
Aulas 01 e 02: Ativação dos conhecimentos prévios para leitura do conto

As imagens estão carregadas de informações no contexto em que estão inseridas e quando são agregadas a textos verbais, auxiliam na leitura e compreensão. Os discentes, em sua esmagadora maioria, são muito visuais e as imagens fornecem dados relevantes para a compreensão do sentido geral ou específico de um texto.

A prática de desenhar docente pode ser desenvolvida no decorrer das aulas de leitura literária, levando os alunos a desenvolver desenhos ou ilustrações de punho próprio que tenham diálogo com o universo dessa literatura lida. Isso tem relação com a realidade que encontramos na turma em que desenvolvemos o trabalho, para que os alunos expressassem seus sentimentos e emoções à temática trabalhada e também uma forma de valorizar o “dom” de alguns alunos. Isso se fez necessário na proposta pedagógica ora relatada ante a afirmação de Amarilha (2002, p. 41) que “[...] a ilustração contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor”. Nesse caso, foram utilizadas para os alunos acionarem possíveis leituras sobre qual a trama que essas imagens comporiam no próximo conto a ser trabalhado com a turma. Nesse sentido, utilizamos as imagens para motivar os alunos a algumas análises e leituras prévias sobre o texto como também nos multiletamentos da linguagem não verbal, conforme propõe Rojo (2012).

a) Atividade: leitura e análise de imagens

O primeiro procedimento elaborado para iniciarmos o trabalho com o gênero conto *O Rei Sapo* foi a exploração das imagens por meio de slides (elementos que compõem o jogo de memória) contempladas no conto. A finalidade foi propiciar aos alunos expressar os conhecimentos prévios ou informações consolidadas sobre essas imagens ao longo de suas vidas.



Fonte: TAVARES, Rosemeire Ap. Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnetto. Uma menina chamada Chapeuzinho Azul. In: Vontade de saber português, 6º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012, p. 52-53.

b) Atividade Lúdica: Jogo de Memória

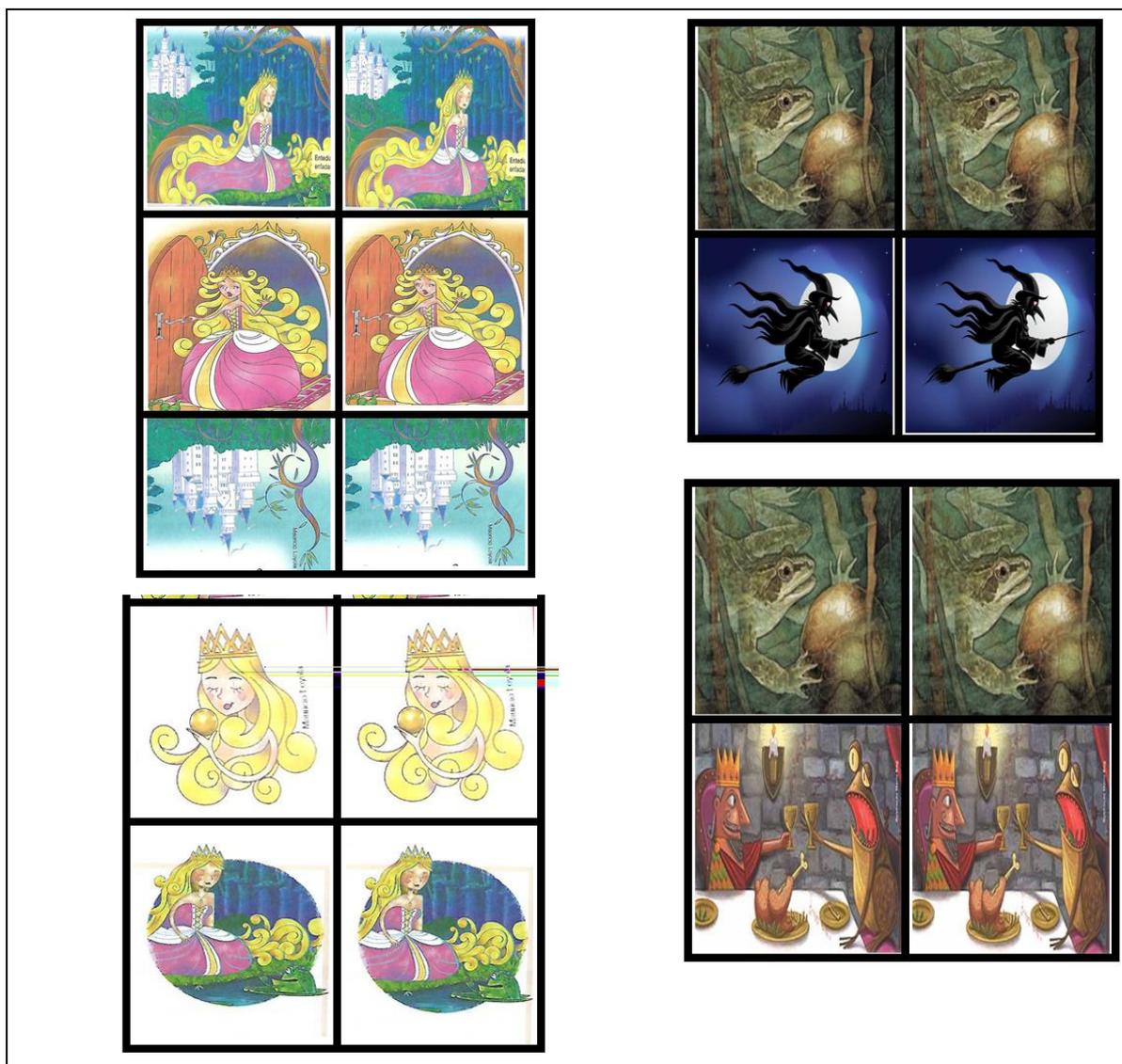
Na sequência, trabalhamos o *Jogo de Memória*, com doze pares de elementos que estruturam o conto, uma atividade lúdica como forma de motivação para a leitura. Dispusemos os alunos em duplas e trios. Primeiramente, exploraram e conheceram os pares de cada elemento do *corpus* do conto, e somente depois viram as peças de cabeça para baixo e o jogo aconteceu. As regras são as mesmas de um jogo de memória convencional: decide-se quem vai iniciar. Levantam-se sempre duas peças. Se acertar o par, ficará com ele e terá o direito de levantar mais duas peças. Se errar, passará a vez e o parceiro fará o mesmo. E assim se procede até todos os pares serem achados. Vence o jogo quem tiver o maior número de pares.

Pensamos na atividade jogo de memória sob a perspectiva da primeira etapa da *Sequência Básica* proposta por Cosson (2016), a *Motivação*, que objetiva aguçar o lado lúdico do aluno, levando-a a se entreter antes da leitura do texto verbal. Porém, não deve ser aplicada como o jogo pelo jogo, mas como Feijó (1992, p. 61) sugere: “[...] o lúdico é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente e faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana”. Para Vygotsky (1984),

A brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é outra coisa senão a distância entre o nível de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema, sob a orientação de um adulto, ou de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1984, p.35),

Dessa forma, a atividade lúdica apontada por ambos os teóricos contribui para o desenvolvimento do cognitivo, promove a integração, e pode suprir uma necessidade de brincar, forma caráter devido às regras e descarrega cargas negativas de nossa mente, pois constantemente somos bombardeados com tantas informações e ela pode facilitar a higiene e a ginástica mental. Percebemos que, além de contextualizar e motivar a leitura que estava por vir, os alunos tiveram momentos de descontração com esse jogo de memória e se instalou um clima mais harmonioso e feliz, desenvolvendo nos alunos maior interesse pela leitura.

Quadro 9 – Peças que compõem o Jogo de Memória





Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2019.

Importante: Os alunos gostaram muito dessa atividade, realizando-a em mais de uma rodada, ou seja, houve duplas que fizeram duas rodadas, outras, mais ágeis, fizeram até mais. Foi um momento de muita interação e descontração entre os alunos, os quais demonstravam em seus semblantes que a atividade fora bem agradável, não deixavam o parceiro trapacear, todos deveriam seguir as regras.

Após o momento lúdico, propomos aos grupos que fizessem descrevessem previamente por escrito a nova história, uma antecipação sobre os acontecimentos da história por meio da imaginação, espírito criativo e conhecimento de mundo embasada nos elementos do jogo. Retomamos oralmente, durante essa mobilização, os elementos que estruturam o gênero narrativo (situação inicial, personagens, problema, tempo, espaço, clímax, desfecho, tema). Após a produção, os alunos deveriam compartilhar uns com os outros a história imaginada.

c)Atividade de Produção Escrita

1. Com base nos elementos do Jogo de Memória que acabaram de jogar, usem a imaginação e a sensibilidade de vocês e escrevam como o grupo acredita que essa história começará, se desenvolverá e encerrará. Depois relatem oralmente.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Quadro 10 – Hipóteses sobre a trama do novo conto com base nos elementos presentes no jogo de memória

Aluno 1

Baseando-se nos elementos do Jogo de Memória que acabaram de jogar, usem a imaginação e a sensibilidade de vocês, escrevam em como o grupo acredita que essa história começará, se desenvolverá e encerrará. Depois relatem oralmente.

Um dia a princesa estava passeando quando se sentiu bicar com a sua bola de ouro ela estava distraída quando deixou a bola cair no lago e então ela começou a chorar e o sapo que estava no lago apareceu e perguntou que acontecia e ela falou que sua bola caiu no lago e ele ofereceu ajuda dizendo que iria pegar sua bola e então ele foi busca-la e conseguiu recuperar a bola de ouro da princesa e ela ficou muito feliz e agradeceu e desde aquele instante ele começou a seguir ela e em sua casa ele apareceu e a princesa levou um susto mas ele pediu para ela se acalmar e pediu para falar toda a verdade aí ele começou a falar que ele foi amaldiçoado e que pra ele se libertar ele precisava encontrar seu amor verdadeiro em uma fonte na sua casa ele pediu a princesa um casamento e ela aceitou e eles se deram e se casaram e ficaram felizes para sempre em um castelo.

Aluno 2

Baseando-se nos elementos do Jogo de Memória que acabaram de jogar, usem a imaginação e a sensibilidade de vocês, escrevam em como o grupo acredita que essa história começará, se desenvolverá e encerrará. Depois relatem oralmente.

... Era uma vez uma princesa que morava num castelo enorme. Ela tinha muitas brinquedos, ela estava no quintal do castelo com o seu brinquedo favorito que era a bola de ouro. Ela estava brincando de jogar a bola para cima. De repente a bola caiu no lago e ela chorou e chorou, derrubando apertou um sapo. Ela pediu uma promessa para o sapo. - É, respondeu. - De qual castelo amigo e onde levar pra eu castelo tu peg sua bola. É princesa falou: - É tá bom eu prometo que vou cumprir seus desejos! Mas por jantar pegue minha bola de ouro. O sapo mergulhou no lago, ele pegou a bola e voltou para a superfície com a bola e deu para a princesa, a princesa ficou tão feliz e ela se esqueceu do sapo e já ia indo sem ela e ele disse: - Me espere não sou tão grande eu não consigo subir essas escadas. O príncipe não levou. O príncipe e o sapo conversou quem é pai dela e o pai dela convidou o sapo para jantar e ficou muito feliz com o príncipe e a princesa ficou muito feliz com o sapo que ajudou porque deu para a princesa e eles ficaram muito felizes por sempre.

Fonte: Organizado pela pesquisadora e alunos do 6º ano, 2019.

Importante: A maioria dos alunos construiu uma prévia da narrativa *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, com as mesmas ideias da versão que eles mencionaram terem trabalhado com a professora regente, semelhante em relação ao local, problema, clímax e desfecho. Alguns escreveram um final divergente da maioria em decorrência de ter alguns elementos que diferiam da história que já conheciam. Quase todos relataram que a bola de ouro caiu dentro de um lago e que o sapo pediu um beijo à princesa em troca do favor que prestou a ela. Então percebemos que os elementos inseridos na narrativa foram baseados em uma versão já conhecida por eles (Quadro 9).

4.2.5.2 Passo 2: introdução e contextualização da leitura

Aulas 03 e 04: contextualização da obra e sensibilização para o tema

Desenvolvemos a contextualização do texto em torno da *Introdução*, segunda etapa da Sequência Básica proposta por Cosson (2016), que se caracteriza em levar os alunos ao encontro com o autor e sua obra.

Preparamos diversos textos multimodais e multisemióticos para não apenas tratarmos da vida e obra dos autores, os Irmãos Grimm, como do ilustrador desse conto, Walter Crane, e ainda uma proposta de conversação visando a sensibilizar os alunos para a temática trazida pelo conto. A apresentação desses intertextos contribuiu para o processo de construção de sentidos do novo conto a ser trabalhado.

Atenção! Criar uma boa atmosfera em torno da vida e obra dos autores que contemplam os gêneros discursivos explorados com os discentes é fundamental, uma vez que estes estão formando processos mentais, para mostrar que aquele gênero textual não é algo vazio, sem valor, mas que traz ensinamentos para nossa vida e formação humana. Dessa maneira, a vida e obra dos autores do conto O Rei Sapo e do ilustrador, Walter Crane, foram apresentados à turma, apontando o valor que representam para a literatura universal, principalmente na atualidade. Na sequência houve uma proposta de sensibilização do tema *Prometer e não cumprir*, uma reflexão trazida pelo texto que se relaciona com os dias atuais.

a)Atividade: vida e obra dos autores do conto O Rei Sapo

Toda a história e trajetória de vida dos Irmãos Grimm estão explicitadas no Anexo 4, sendo mencionados fatos que os levaram a fazer a compilação dos contos que eram de tradição oral, primeiramente na obra publicada, dentre outras informações.

b) Atividade: vida e obra do ilustrador e pintor do conto

A vida e obra do ilustrador do conto O Rei Sapo, dos Irmãos Grimm, encontram-se no “Anexo 5”, e foram apresentadas para valorizar o trabalho do artista e também levar os alunos, que apresentam habilidades no desenho, a valorizar o “dom” de artista que aqueles também possuíam.

c)Atividade: sensibilização para a leitura “O Rei Sapo”

Desenvolver um momento de interação com os alunos, com questões relacionadas diretamente com a temática do conto, é prepará-los para sua materialidade. Essas situações interativas e reflexivas antes da leitura constituem um momento denominado por Cosson (2016) *Motivação*, uma etapa que prepara o leitor para ler o texto literário, aguçando seu interesse pela sua leitura.

Conversando:

1. Você tem o hábito de prometer algo a alguém e depois não cumprir?
2. Em Eclesiastes 5:1-7 está escrito: “É melhor não prometer que prometer e não cumprir.” O que isso nos faz refletir?
3. Você conhece alguém que tem a mania de fazer promessas sobre determinadas coisas e depois não cumpre? Você acha isso honesto? Por quê?
4. Você faz uma promessa que vai realizar determinada tarefa, mas não consegue cumpri-la por falta de coragem ou por preguiça. Alguém pode cumprir por você a sua promessa?
5. Precisamos pensar bem antes de fazer promessas, pois muitas vezes uma promessa pode trazer mais problemas do que bençãos. Como isso pode ocorrer?
6. O que devo fazer se fiz uma promessa e não consigo cumprir?
7. Existe diferença entre a promessa e a mentira? Explique.
8. Você seria capaz de oferecer todos os seus bens materiais para não perder algo de muito valor para sua vida?
9. Assista ao vídeo “Mentirinhas” e depois converse com seus colegas sobre o que ele ensinou.

Link do vídeo, 6: 25 : Tia Cecéu - Mentirinhas – desenho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rei5M6NqUmk>>. Acesso em: julho de 2019.

A atividade desenvolvida foi muito produtiva. Praticamente todos os alunos interagiram, fazendo suas colocações, críticas, fatos vinculados ao tema, experiências vividas, relacionando aos textos multimodais apresentados, lidos e refletidos.

A cada apontamento apresentávamos os alunos se posicionavam criticamente. Houve um aluno que fez a seguinte assertiva diante da questão 2: “Não cumprir o que prometemos vamos aborrecer a Deus, por isso devemos prometer e cumprir”; uma aluna explicitou: “Há muitos políticos que fazem muitas promessas nas campanhas políticas durante a eleição e depois de eleitos não cumprem, como o nosso prefeito. Também tem a nossa professora de Ciências que, prometeu fazer uma excursão com turma e não fez”. Na Questão 6, uma aluna falou: “Caso não consigo cumprir a promessa que fiz, devo pedir desculpas, se for dívida pedir um prazo novo, negociar”; outro aluno argumentou a Questão 7: “Mentira é não falar a verdade e a promessa deve ser cumprida”. Na Questão 8, uma aluna falou: “Caso minha mãe precisasse se salvar de uma doença grave, eu venderia todos os meus bens para salvá-la, porque ela é a pessoa mais importante para mim”.

No que tange ao vídeo, os alunos justificaram que a personagem “Cidinha” não agiu certo, não cumpriu o que prometera a sua mãe e ainda mentiu, não contando a verdade sobre o que havia feito, comprara uma boneca ao invés de pagar a conta do mercado, como sua mãe a havia incumbido. Podemos considerar que o momento interacionista com os questionamentos mais o texto audiovisual *Mentirinhas*, trazendo outras linguagens, além da verbal, construíram uma base sólida na temática *Promessas*, apresentada na materialidade do texto, facilitando a extração dos possíveis sentidos do texto como também a formação do caráter dos alunos. A esse respeito, declara Candido (1995, p. 177) “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”.

d)Atividade: Levantamento hipotético dos elementos da narrativa

Atenção! Nessa atividade, os alunos fizeram antecipações de forma coletiva sobre os elementos da narrativa elencados na Tabela 7, na segunda coluna, em relação ao novo conto trabalhado pela turma, sendo as colocações registradas simultaneamente pelo professor pesquisador, por meio do projetor multimídia. As hipóteses devem estar embasadas nas imagens analisadas, nos elementos *Jogo de Memória*, no título e em suas próprias reflexões, ou seja, através de todos os conhecimentos prévios e experiências de mundo, ajudando os discentes a fazer suposições da trama que poderá incorrer nesse conto, como pontua Solé (1998).

Tabela 7 – Hipóteses levantadas sobre os elementos da narrativa e o tema

Elementos da Narrativa	Hipóteses levantadas a partir do jogo de memória (elementos)		
Situação inicial	-Uma princesa que ganhou uma bola de ouro e deixou ela cair dentro de lago.		
Personagens	-Princesa, Sapo, cocheiro, rei, bruxa.		
Espaço	_Na floresta, bosque, dentro da lagoa, no jardim, no reino.		
Tempo	-De dia, de tarde , de madrugada; -Num tempo antigo.		
Problema	-A bola que caiu dentro da água; -A promessa que a princesa fez e não cumpriu.		

Clímax	-O momento em que o sapo vira príncipe; -Quando o sapo devolve a bola para a princesa.		
Desfecho	_ Quando a princesa beija o sapo e ele deixa de ser sapo e vira príncipe.		
Tema	-Não fazer julgamento pelas aparências; _Fazer a promessa e não cumprir.		

Fonte: Produzida pela pesquisadora e alunos do 6º ano, 2019.

Importante: Os elementos da narrativa elencados pela turma na segunda coluna dessa tabela ficaram mais restritos aos que já construíram com a versão trabalhada com a professora regente no início do ano letivo. Ficou claro que as informações prévias explicitadas têm ordem de pensamento e coerência, não foram criadas pelos alunos, estes se encontram presos ao que construíram com a versão do conto semelhante ao que ora foi proposto.

4.2.5.3 Passo 3: a leitura

Aulas 05, 06, 07, 08, 09 e 10: a leitura na construção de sentidos no texto

a) Atividade: Leitura silenciosa e a construção de sentidos do texto

Atenção! Os alunos devem receber o texto impresso, ilustrado com alguns elementos do texto, para auxiliar na construção de sentidos. A leitura deve ser realizada silenciosamente, para que entrem em contato com o conteúdo verbal e visual da obra. O ambiente deve ser calmo.

Importante: Após a leitura silenciosa, alguns alunos relataram que o texto era muito longo; o que transformou o sapo em príncipe não foi um beijo, mas o fato de a princesa ficar com raiva e atirá-lo contra a parede, bem diferente da versão que já conheciam. O lugar onde o sapo estava não era um lago, mas um poço.

b) Atividade: Levantamento dos sentidos possíveis dos elementos verbais e visuais

Atenção! Como etapa preliminar e sem a intervenção do mediador, estabelecer uma conversa com a turma sobre os elementos da narrativa que conseguem perceber por meio da leitura verbal e não verbal. As explicações realizadas pela turma devem ser registradas na 3ª coluna da Tabela 8, por meio de projetor multimídia; assim os alunos verificam em tempo real como a tecnologia da informação e comunicação em uso pode auxiliar e agilizar essas informações.

Tabela 8 – Levantamento dos elementos da narrativa e tema após a leitura silenciosa

Elementos da Narrativa	Hipóteses levantadas a partir do jogo de memória (elementos)	Relato oral após a leitura silenciosa	
Situação inicial	-Uma princesa que ganhou uma bola de ouro e deixou ela cair dentro de lago.	-A princesa mimada que morava em um castelo e gostava de brincar com uma bola de ouro.	
Personagens	-Princesa, Sapo, cocheiro, rei, bruxa.	-Princesa, sapo, príncipe, rei, Henrique.	
Espaço	_Na floresta, bosque, dentro da lagoa, no jardim, no reino.	-No poço, castelo, floresta, bosque.	
Tempo	-De dia, de tarde , de madrugada; -Num tempo antigo.	-Num tempo bem antigo, durante o dia.	
Problema	-A bola que caiu dentro da água; -A promessa que a princesa fez e não cumpriu.	-Quando a princesa deixou a bola cair no poço e começou a chorar.	
Clímax	-O momento em que o sapo vira príncipe; -Quando o sapo devolve a bola para a princesa.	-O sapo pega a bola para a princesa e ela vai embora e não cumpre a promessa de levar ele para seu castelo.	
Desfecho	-Quando a princesa beija o sapo e ele deixa de ser sapo e vira príncipe.	-O sapo vira príncipe quando a princesa o atira contra a parede de raiva.	
Tema	-Não fazer julgamento pelas aparências; -Fazer a promessa e não cumprir.	-Promessas devem ser cumpridas.	

Fonte: Produzida pela pesquisadora e alunos do 6º ano, 2019.

Importante: Essa atividade apresentou bons resultados, uma vez que a turma conseguiu não só decodificar e extrair as informações mais explícitas, como também as implícitas, sendo bastante debatido cada um dos elementos da narrativa para compor a tabela. Os alunos conseguiram extrair a temática com facilidade e o que fez quebrar o feitiço sobre o príncipe como a importância de se cumprir o que prometemos.

c)Atividade: Leitura oral pelo professor pesquisador

Atenção! Na leitura em voz alta, o mediador faz as vozes, de forma enfática, tanto do narrador quanto dos personagens, ou seja, faz uma leitura oral e dramatizada do conto, e os alunos fazem uma demarcação oral e visual no texto de ambas as vozes. A leitura oral e dramatizada pelo mediador é viabilizada com a inserção de *Intervalos*, conforme propõe

Cosson (2016) no momento da *Leitura* na Sequência Básica (outros textos multimodais que dialogam com o texto principal), ou seja, outros intertextos que aproximam os alunos com a materialidade linguística que esse texto literário traz, tornando o texto mais dinâmico, interessante e compreensível ao leitor. Faz-se necessário enfatizar bem as vozes do narrador (calma) e dos personagens (de acordo com o personagem e a situação apresentada). Utilizar o recurso de slides, com o apoio de um projetor multimídia a cada parte do texto literário apresentada com o respectivo *Intervalo* que foi agregado a ele.

Importante: A leitura em voz alta e dramatizada ao mesmo tempo, incorporando os diversos Intervalos para melhorar a compreensão do contexto da história, por meio de diversos textos multimodais (vídeos, ilustrações com explicações) despertou muito a atenção, concentração e curiosidade dos alunos, pois muitos dos elementos que aparecem no texto não fazem parte do repertório linguístico e de sua realidade nos dias atuais (poço, carruagem, castelo, cortesãos). Resgatar isso por meio dos *Intervalos* em uma relação dialógica com os alunos foi fundamental para despertar o interesse pela leitura do texto. Os alunos, muito visuais e curiosos, questionaram o que representavam os elementos pintados por Walter Crane, se os poços de água ainda existem, e foram muito reflexivos para eles mesmos e com a troca de conhecimentos entre a turma. A maioria das respostas eram dadas pelos próprios colegas de sala ou por nós, através de exercícios reflexivos.

d)Atividade: Retomada e organização das vozes no texto

Atenção! O primeiro procedimento é solicitar aos alunos que observem no texto em quantos parágrafos está estruturado. O segundo: eles analisam se os parágrafos são somente do narrador ou se há personagens presentes. Em um terceiro momento, fazer a leitura em voz alta, aguçando a audição dos alunos, levando-os a acompanharem simultaneamente e focalizarem na materialidade linguística, observando se cada uma das vozes no texto é pertencente ao narrador ou a cada um dos personagens que figuram no conto. Para isso, combinar com aos alunos em relação às vozes:

- Se for voz de narrador; colocar um N;
- Se for voz da princesinha, colocar um P;
- Se for voz do sapo-príncipe, colocar um SP;
- Se for voz do rei, colocar um R;
- Se for voz do Henrique, colocar um H.

Fragmento 1 – Análise realizada da voz do narrador e dos personagens

O Rei Sapo

N Era uma vez, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas. Mas a menor era tão linda, que o próprio Sol, que já vira tanta coisa, se alegrava ao iluminar o seu rosto. Perto do castelo do rei havia um bosque escuro. E, no bosque, debaixo de uma grande árvore, havia um poço. Quando fazia muito calor, a filha do rei saía para o bosque e sentava-se à beira do poço. E quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.

N Mas aconteceu, certa vez, que a bola de ouro passou direto pelas mãos da menina, bateu no chão e rolou para dentro d'água. A princesinha foi seguindo a bola com os olhos até que não conseguiu mais enxergá-la, pois o poço era muito fundo. Então, começou a chorar. Chorava cada vez mais alto, sem conseguir parar. Enquanto se lamentava, ela ouviu uma voz que dizia:

SP— O que foi que te aconteceu, filha do rei? Choras tanto que podes comover até uma pedra.

N Ela olhou em volta, procurando de onde vinha aquela voz, e viu, então, um sapo com sua grande e feia cabeça para fora da água.

P — Ah, és tu? **N** disse ela. **P** Estou chorando por causa da minha bola de ouro que caiu no fundo do poço.

SP— Sossega e não chores **N** respondeu o sapo. **SP**Eu posso te ajudar. Mas o que me darás, se eu te devolver o brinquedo?

P — O que tu quiseres, querido sapo **N** disse ela. **P** Meus vestidos, minhas pérolas, minhas pedras preciosas e também a coroa de ouro que estou usando.

Fonte: TAVARES, Romeire Ap. Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnetto. Uma menina chamada Chapeuzinho Azul. In: Vontade de saber português, 6º ano. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2012, p. 52-53.

Importante: Os alunos participaram ativamente da atividade proposta. Percebemos com essa atividade que muitos ainda não tinham consciência de quando era a voz do narrador e quando era do personagem. Diante desse desafio, a turma compreendeu como se processava a fala do narrador (apenas narrava cada nova sequência) na escrita e dos personagens (faziam diálogo entre eles). Um aspecto importante relatado por um aluno foi: “a fala do narrador é sempre apresentada por meio de apenas um parágrafo e a fala dos personagens, além do parágrafo, há um travessão; muitas vezes o narrador se intromete na fala do personagens explicando alguma coisa, sendo ela colocada entre travessões”. Essa observação relatada apareceu várias vezes no texto.

e) Atividade: leitura oral dramatizada

Atenção! Propor à turma a colaboração de 5 alunos voluntários para realizar a leitura em voz alta e dramatizada, sendo um narrador e quatro personagens, conforme as marcações realizadas no texto impresso por eles mesmos. Caso mais alunos queiram participar, combinar de fazer mais rodadas de leitura após o encerramento da primeira leitura.

Importante: A proposta da leitura em voz alta e dramatizada despertou o gosto em muitos alunos, e tivemos que montar uma sequência de grupos para a leitura, sendo realizada uma votação para analisarem qual grupo que melhor desempenhou a leitura dramatizada. Para dar mais significação à leitura e levar cada aluno a sentir-se empoderado em relação ao personagem que iria vivenciar, preparamos alguns atributos que caracterizavam cada personagem. Exemplos: rei: uma coroa específica de rei; princesinha: uma coroa mais delicada e feminina; o sapo: uma máscara de sapo; Henrique: uma roupa mais nobre e um chapéu. Acreditamos que a proposta desenvolveu nos alunos

o gosto pela leitura e ao mesmo tempo compreenderam que há diferentes vozes que estruturam uma narrativa.

f) Atividade: Levantamentos dos elementos da narrativa com intervenções

Atenção! Depois de muitas práticas de leitura (silenciosa, oral, dramatizada), os alunos conseguiram elencar os elementos da narrativa e tema com mais propriedade e autonomia. Por meio de questionamentos orais sobre cada elemento da narrativa apontado na Tabela 9 e em diálogo com os alunos, concluir a 4ª e última coluna da tabela com esses elementos da narrativa. Como nos momentos anteriores, utilizar o projetor de multimídia para tornar o trabalho mais dinâmico e os alunos mais participativos, pois eles são os colaboradores do professor pesquisador e este o mediador nesse processo de construção.

Tabela 9 – Levantamento dos elementos da narrativa e tema após a leitura oral

Elementos da Narrativa	Hipóteses levantadas a partir do jogo de memória (elementos)	Relato oral após a leitura silenciosa	Relato oral após leitura do pesquisador e dos alunos
Situação inicial	-Uma princesa que ganhou uma bola de ouro e deixou ela cair dentro de lago.	-A princesa mimada que morava em um castelo e gostava de brincar com uma bola de ouro.	-A princesinha mais nova, que gostava de brincar com sua bola de ouro ao lado de um poço.
Personagens	-Princesa, Sapo, cocheiro, rei, bruxa.	-Princesa, sapo, príncipe, rei, Henrique.	-Princesa, sapo, príncipe, rei, Henrique.
Espaço	-Na floresta, bosque, dentro da lagoa, no jardim, no reino.	-No poço, castelo, floresta, bosque.	-No castelo, no bosque, ao lado do poço, na sala de jantar, no quarto da princesa.
Tempo	-De dia, de tarde, de madrugada; - Num tempo antigo.	-Num tempo bem antigo, durante o dia.	-Esse conto é atemporal, mesmo sendo escrito antigamente, sua essência é atual.
Problema	-A bola que caiu dentro da água; -A promessa que a princesa fez e não cumpriu.	-Quando a princesa deixou a bola cair no poço e começou a chorar.	-A queda da bola da princesa dentro do poço e a impossibilidade de pegá-la.
Clímax	-O momento em que o sapo vira príncipe; -Quando o sapo devolve a bola para a princesa.	-O sapo pega a bola para a princesa e ela vai embora e não cumpre a promessa de levar ele para seu castelo.	-O sapo faz chantagem com a princesa para dormir na cama dela e ela cheia de raiva o atira contra a parede.
Desfecho	-Quando a princesa beija o sapo e ele deixa de ser sapo e vira príncipe.	-O sapo vira príncipe quando a princesa o atira contra a parede de raiva.	-O encanto do sapo acaba quando cai e se transforma em humano, num lindo príncipe e se casa com a princesa.

Tema	-Não fazer julgamento pelas aparências; -Fazer a promessa e não cumprir.	-Promessas devem ser cumpridas.	-Promessas feitas e não cumpridas (pela princesa, pelos pais do príncipe).
-------------	---	---------------------------------	--

Fonte: Organizada pela pesquisadora em colaboração com os alunos do 6º ano.

Importante: Os alunos colaboraram de forma ativa na conclusão dessa tabela em relação aos elementos da narrativa e tema, havendo em alguns momentos a intervenção do professor pesquisador. Foi muito produtivo esse momento final, pois os alunos sabiam mentalmente as particularidades que faziam parte de cada elemento narrativo e do tema.

Obs.: As atividades realizadas durante as análises nas três etapas de interação com o gênero conto para a elaboração da Tabela 9 foram realizadas coletivamente e nas modalidades oral e escrita ao mesmo tempo, sendo os alunos os protagonistas na elaboração oral e o professor pesquisador o escriba das oralizações realizadas; os dados expressos pelos alunos eram escritos simultaneamente com o auxílio do computador e do projetor multimídia. Os alunos acompanhavam na tela do projetor as informações inseridas sobre cada um dos aspectos por eles analisados e compartilhados.

As atividades propostas foram de leitura, buscando estimular nos alunos o prazer e a fruição do ato de ler, habilitá-los a perceber a intencionalidade do texto, dotá-los da capacidade autônoma de compreensão e interpretação. Utilizamos as propostas de leitura como instrumentos de aprendizagem, informação e deleite, ancorados nos preceitos de Solé (1998, p. 90) de que “[...] é preciso distinguir situações em que “se trabalha” a leitura e situações em que simplesmente “se lê. Na escola, ambas deveriam estar presentes [...] a leitura dever ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e deleite”.

A autora argumenta ainda que o gosto pelo ato de ler e as habilidade leitoras precisam ser desenvolvidos na escola, por meio de práticas pedagógicas eficientes:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois para aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1998, p.58).

Nesse sentido, acreditamos que conseguimos alcançar esses aspectos fundamentais junto aos alunos da turma de 6º ano, uma vez que nos momentos de leituras utilizamos

diversas estratégias, auxiliando-os na construção e reconstrução dos significados do texto lido. De acordo com Solé (1998, p. 32), “O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e possa ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos”.

Segundo Micheletti (2010), toda narrativa se constrói a partir de personagens, narrador, tempo, espaço, um conflito e no final o desfecho. O conto, como uma narrativa curta, traz uma linguagem que provoca nos alunos sentimentos de indiferença, piedade, ternura, etc. O conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm contemplou esses elementos da narrativa e características, facilitando aos alunos a sua reescrita com mais propriedade, pois constitui um gênero discursivo de fácil elaboração oral e escrita.

4.2.5.4 Passo 4: compreensão e interpretação

Aulas 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18

a)Atividade: Leitura e análise dos elementos da narrativa construídos

Atenção! Retomar a Tabela 9 com os elementos da narrativa e o tema. Realizar a leitura e análise de todas as etapas de leitura que envolveram o destaque dos elementos da narrativas (antes, durante e depois da leitura do conto). Essa análise pode ocorrer com a leitura oral realizada por um aluno de um elemento narrativo por vez, disposto na tabela. Na sequência, analisar e discutir com a turma em quais momentos da leitura eles mais se aproximaram ou se distanciaram da versão original do Irmãos Grimm, tendo como parâmetro a última coluna.

Importante: Os alunos gostaram desse momento de retomada da Tabela 9 por eles construída, uma vez que perceberam o quanto chegaram mais perto ou se distanciaram de cada elemento construído ao longo do trabalho. A proposta de elaboração da Tabela 9, baseada no contexto do conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, em vários momentos de leitura (antes, durante e depois), não teve como objetivo levar os alunos à memorização dos elementos da narrativa e ao tema, mas a compreensão da estrutura composicional e conteúdo temático que abrange esse gênero discursivo.

b)Atividade: compreensão e interpretação do texto

Atenção! Sugerimos que cada questão seja lida em voz alta por um aluno, para treinar a leitura oral. Depois, discutir coletivamente e somente em seguida fazer os registros dos apontamentos concluídos, sempre em uma relação dialógica entre o professor pesquisador e a turma. As questões envolvem alguns elementos da narrativa, tema, análise linguística, comportamentos e valores humanos, entre outros. Há questões de ordem explícita e implícita.

Para a compreensão e interpretação foi necessária a retomada da materialidade do gênero discursivo (SOLÉ, 1998), com questões de compreensão (aquelas que exigem somente a decodificação do texto, a leitura literal, pois as ideias estão explícitas) e questões de interpretação (de ordem implícita, mais crítica, necessita de conhecimento de mundo para fazer as pontes para a interpretação). Organizamos essas atividades no Apêndice 6.

As questões propostas para a compreensão e a interpretação foram realizadas pelos alunos em voz alta como uma forma de praticar a leitura a oralidade, como aponta Solé (1998), configurando também um momento de ensino e aprendizagem da leitura, com clareza, rapidez, fluência, correção, pronunciando as palavras adequadamente, respeitando as normas de pontuação e com a entonação requerida.

Essa estratégia de ler em voz alta às questões não atrapalhou a compreensão e a interpretação do texto pelos alunos, porque trabalhamos anteriormente a leitura silenciosa e individualizada do gênero conto, o qual foi oralizado pelo professor pesquisador e acompanhado pelos alunos. Pontuamos que o conto ainda foi lido oralmente por alguns alunos voluntários através da leitura dramatizada.

Importante: Os alunos se envolveram em todos os momentos em que trabalhamos a etapa da interpretação, foram leitores, argumentadores, debateram ideias, fizeram contribuições, enfim, foi um momento de muitas trocas de ideias, informações e conhecimentos. Revelaram-se críticos, conseguiram compreender os valores e comportamentos adequados ao ser humanos, mesmo não expressos explicitamente. Houve um desabafo de um aluno que relatou: “Eu estou com saudades da Vó Gorda!”, esta personagem *Vó Gorda*, contemplada no conto trabalhado anteriormente. Percebemos que esse fato relatado pelo aluno tem ligação direta com a fala de Candido (1995, p. 178) “[...]Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu[...]”

De acordo com Micheletti (2000), o conto é uma narrativa de formação humana, provoca reflexões, conduz à aprendizagem sobre a vida e induz a certos comportamentos. Percebemos que o gênero literário deixa marcas profundas em nossos alunos quando é criada uma boa atmosfera e relação com a sua leitura, pois nos cativa e nos transforma em seres mais humanos.

Quadro 11 – Amostras de atividades realizadas pelos alunos do 6º ano

Aluno 1

Compreensão e Interpretação de Texto: O Rei Sapo (Irmãos Grimm)

1) No início do conto “O Rei Sapo” foram apresentados os protagonistas (personagens principais), o antagonista (vilão) e os personagens secundários da história. Cite cada um deles.

- a) Protagonistas: *A princesa e o sapo príncipe*
 b) Antagonista: *A bruxa*
 c) Personagens Secundários: *O rei e o servo Henrique*

2) Em que fase da vida está a protagonista feminina? Onde ela estava no início do conto? Qual era sua brincadeira preferida?

R: *Ela está na fase jovem. Estava no bosque debruçada de uma árvore no castelo brincar com a bola de ouro*

3) O que aconteceu com o seu brinquedo favorito? Como a princesa reagiu?

R: *A bola de ouro caiu no fundo do poço e a princesa começou a chorar*

4) Quem apareceu oferecendo ajuda? O que ele pediu à princesa?

R: *Foi o sapo que pediu a princesa para ser sua amiga, companheira.*

5) De acordo com o texto, quando os fatos envolvendo a princesa e o sapo aconteceram?

R: *No tempo medieval, passado onde os deuses ainda se cumpriam.*

6) Por que a princesa não queria perder sua bola de ouro?

R: *Porque ela era o seu brinquedo favorito*

7) Por que o sapo não aceitou todos os bens que a princesa ofereceu para ele recuperar o seu brinquedo favorito?

R: *Porque os bens materiais não ajudariam a quebrar o feitiço mas na companhia da princesa*

8) De forma inconsciente e diante de um desconhecido, o que a princesa prometeu?

R: *Ela prometeu tudo o que ele queria*

9) O sapo cumpriu a sua promessa? E a princesa? Por que ela não cumpriu?

R: *Sim. Não. Ela não cumpriu porque pensava que o sapo se ficaria na água e não viveria com um*

10) O que o sapo fez para que a princesa cumprisse sua promessa? Como ele a chamava?
 R: *Ela foi até o castelo e começou a chamar: “Princesa, a mais nova, abre para mim”*

11) O que o rei fez ao saber da história que aconteceu com a princesa e da sua promessa?

R: *O rei falou que ela deveria cumprir a promessa feita ao sapo porque ele a ajudou*

12) O que aconteceu com o sapo quando a princesa o jogou na parede?

R: *Ele se transformou num lindo príncipe porque o feitiço se quebrou*

13) Enquanto o príncipe era um sapo não era valorizado pela princesa, porém após o rompimento do feitiço, ele vira um lindo príncipe. Pelo contexto da história, ela ficou feliz pela transformação do sapo em príncipe?

- a) () Sim b) () Não c) (X) O texto não deixou isso claro.

Aluno 2

14) O que aconteceu com a princesa e o sapo no final da história?

R: *elas foram viver no castelo do sapo príncipe.*

15) O texto nos faz acreditar que o encantamento do sapo príncipe provocado pela bruxa poderia ser desfeito com:

- a () um beijo da princesinha b () uma poção mágica
c () a morte da bruxa d (X) a força de uma princesa

16) O texto apontou que o Rei Sapo tinha um servo de muita confiança. Qual era o seu nome e que características ele tinha?

- a () João. Era calmo, bonito, feiticeiro. b (X) Henrique. Era fiel, dedicado, íntegro, servil, honrado.
c () Frederico. Era fiel, amoroso, íntegro d () Manoel. Era servil, honrado, corajoso.

17) Como ficou o coração do fiel servo do príncipe quando foi transformado em sapo? Retire os versos do texto que comprovam isso.

R: *O coração ficou angustiado triste "É um caro de meu coração cheio de dor e compaixão."*

18) Quais eram as características:

- a) Da princesa: *Mimada, egoísta, mentirosa, linda, mais nova*
b) Do sapo: *ambicioso, egoísta, covarde, sem caráter*
c) Do príncipe: *honrado, educado, encantado, rico, nobre, digno.*

19) Qual foi a atitude do rei ao saber da promessa da sua filha mais nova?

- a () Exigiu que o sapo fosse expulso do castelo.
b () Exigiu que a princesa se casasse com o sapo.
c (X) Exigiu que a princesa cumprisse o que prometeu.

20) O conto "O Rei Sapo" dos Irmãos Grimm, é:

- a () Uma fábula c (X) Um conto
b () Um bilhete d () Um convite

21) Qual é a finalidade principal do conto "O Rei Sapo"?

- a (X) Instruir b () Divertir c () Informar d () Anunciar

Refletindo sobre o texto

1) O rei, pai da princesinha, ordenou que ela deveria cumprir o que prometera.

a) Isso demonstrou que o seu pai era autoritário, justo e queria que sua filha também fosse? Comente.
R: *Sim, porque ele queria ser exemplo para sua filha.*

b) Nossos pais geralmente apresentam o mesmo perfil e caráter desse rei do conto "O Rei Sapo"? Isso é bom ou ruim? Explique.

R: *Sim, porque nossos pais querem o melhor e se merecem.*

c) Reflita sobre essa sentença: "Quem te ajudou na hora da necessidade, não podes desprezar depois!"

O que podemos concluir com essa reflexão?

R: *que não devemos desprezar quem nos ajuda nos momentos difíceis, pois depois pode ajudar em outras coisas.*

Aluno 3

2) O conto “O Rei Sapo” foi copiado pelos Irmãos Grimm no século XVIII, sendo publicado no ano de 1812, retratando comportamentos humanos desse momento histórico.

Estamos no século XXI, a mais de 200 anos depois.

a) Será que ainda hoje persistem esses comportamentos humanos: de prometer e não cumprir; conservar valores; ser fiel por parte das pessoas? Explique.

R: Sim, para alguns, estando em ano 2019, os seres humanos ainda têm os mesmos comportamentos dos antigos do século XVIII.

3) Marque a alternativa correta:

A) No texto aparece uma parte em que o sapo diz a princesa algo que não a agrada, observe:

“ **Estou cansado, quero dormir igual a ti. Levanta-me, senão eu conto ao teu pai!**”

Essa atitude dele demonstra que ele era:

a. () Brincalhão b. (X) Chantagista c. () Apaixonado

B) A reação que a princesa apresentou após o sapo argumentar que caso ela não atendesse o seu desejo de dormir em sua cama, contaria ao rei, foi:

a. () Abaixar a cabeça e fazer exatamente o que ele queria.

b. (X) Atirá-lo na parede para descarregar toda sua raiva.

c. () Começou a chorar e o sapo lhe pediu desculpas.

4) O sapo foi acometido pelo feitiço de uma bruxa, sendo transformado em sapo e aprisionado em um poço. O que significa estar “aprisionado”? O que você faria se alguém lhe aprisionasse em algum lugar?

R: Aprisionado significa estar preso sem liberdade. Tentaria salvar um plano de fuga e escapar.

5) Será que o Rei Sapo foi realmente aprisionado no poço, pois cada um tem seu habitat natural? Pense um pouco e comente: haveria um outro lugar para um sapo ficar?

R: Não, estava aprisionado porque lá era o local mais adequado para ele viver e se reproduzir.

6) Após a princesinha quebrar o feitiço da bruxa, de uma maneira nada romântica, o Rei Sapo transformou-se num lindo príncipe. O que ele passou a ter após virar um homem, ainda mais príncipe? É bom o ser humano ser livre? Comente.

R: É bom o ser humano ser livre, ser cavaleiro, ter a liberdade de ir e vir, de lutar por aquilo que queremos.

7) Na frase:

“ [...] ficou sendo, pela vontade do pai da princesa, seu companheiro amado e marido.”

Quem escolheu o príncipe para ser o companheiro e marido da princesa, foi ela mesma ou foi uma decisão de seu pai? Como hoje as mulheres escolhem seus maridos?

R: Não foi o pai que decidiu pela princesa, as mulheres atuais escolhem os seus maridos.

8) Relacione a 2ª coluna de acordo com a 1ª:

(1) servo	() fiel Henrique,
(2) rei	(3) sapo frio
(3) sapo/ príncipe	(3) príncipe amado
	(3) feio sapo
	(2) pai querido
	(3) querido sapo
	(3) lindo príncipe
	(3) sapo nojento

Aluno 4

9) No conto “O Rei Sapo” o personagem sapo/príncipe não aceitou os bens materiais da princesa em troca de prestar-lhe um favor. Você seria capaz de dar todos os seus bens materiais em troca de algo de muito valor afetivo? Por quê?

R: Sim, porque para ajudar. Uma pessoa poderia dar todos os bens materiais em troca de algo de muito valor afetivo.

10) Toda história traz uma temática que nos faz refletir e rever alguns valores. Qual é o tema do conto “O Rei Sapo”?

- a. () Não falar com estranhos.
- b. () A importância da boa aparência.
- c. (X) Toda promessa deve ser cumprida.



Explorando a Linguagem

1. Nos textos do gênero narrativo ora aparece a voz do narrador, ora aparece a voz dos personagens. Na estrutura desse conto “O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm, como aparece a voz do narrador? E o que é usado para indicar as vozes dos personagens?

R: Na fala do narrador, como “O Rei Sapo” e para os personagens “O Sapo” e “Princesa”.

2. Duas vezes a princesa utilizou o termo “querido”. Para quem ela utilizou esse termo? Como ela se referiu a cada um? Que intenção ela teve ao utilizar esse termo nas duas situações?

R: O sapo e o príncipe. Para o sapo, ela se referiu a ele como “querido” para fazer de amante. Para o príncipe, ela se referiu a ele como “querido” para fazer de amante.

3. No contexto desse conto, percebe-se que o rei tinha muitas filhas. A mais nova era muito linda, e seu rosto era iluminado por quem? Por que esse elemento, por duas vezes apareceu no texto e recebeu uma letra maiúscula?

R: O sol. Porque ele é um nome próprio, nome da mãe, então do primeiro filho.

4. Releia o trecho:

“E quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.”

Das palavras abaixo do quadro, circule aquela que pode ser substituída pela palavra destacada sem alterar o sentido:

alegrava	chateava	entristecia
----------	---------------------	-------------

4) No primeiro parágrafo, o narrador coloca que “quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando[...]”. O que você entende por “se entediava”? Você alguma vez se entediou com alguma coisa? O que fez para sair dele?

R: ficar no tédio, sem fazer nada. Sim. Eu me entedi quando não tenho nada para fazer.

5) Que meio de transporte era usado no contexto do conto “O Rei Sapo”, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam? Hoje ainda é comum usar esse meio de transporte? Em que situações?

R: Carruagem. Não é comum hoje, somente para a prática de turismo, e também de reis e rainhas.

6) Quem são os personagens que representam a classe nobre da história? E dos servos?

R: Princesinha, o rei, o príncipe e a contessa. Detivesse Henrique.

7) Para representar sons de determinados objetos, barulhos, entre outros, usamos as tradicionais onomatopeias (Toc! Toc! Toc!; Ploc! Ploc!; etc). Quais são as onomatopeias usadas no texto para representar o som de batidas na porta de entrada do castelo?

R: Cloque! Cloque!

Aluno 5

8. Para evitar a repetição do mesmo termo, o narrador utilizou muitas palavras sinônimas para a palavra princesa. Quais são elas?

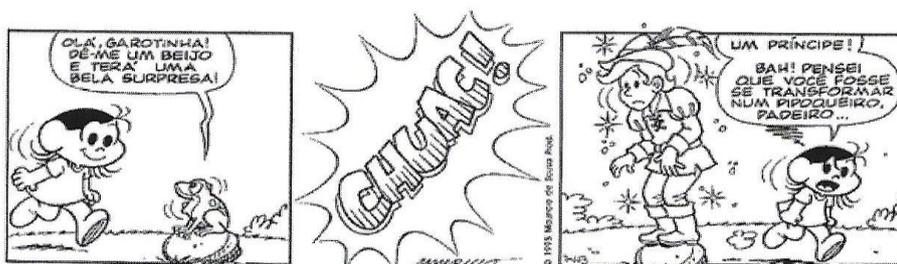
R: *Princesinha, filha do rei, a mais bela, ela, a mais linda*

9. No texto pareceu muitas palavras utilizadas para usar o tamanho menor (diminutivo). Faça uma pesquisa e copie-as aqui.

R: *Princesinha, pedacinho, comidinha*

10. Temos a seguir a Magali, uma personagem criada pelo Maurício de Souza no mundo das histórias em quadrinhos da tradicional Turma da Mônica. Essa personagem tem uma característica muito forte: o seu apetite incontrolável.

A tirinha a seguir foi inspirada no conto “O Rei Sapo”, sob uma outra ótica:



Copyright ©1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

- a. A personagem Magali se depara com um sapo no 1º quadrinho e ele lhe pede uma beijo para ter uma bela surpresa. Então algo acontece entre o primeiro e segundo quadrinho, com a expressão “CHUAC!” trazendo um efeito de sentido. Qual é esse efeito de sentido?

R: *É o som do beijo da boca da Magali com o sapo que ocorre quando o beijo*

- b. Qual é o humor que gerou no último quadrinho?

R: *O humor acontece com a decepção da Magali quando ela viu que não era um príncipe, mas um sapo.*

Fonte: Realizado pela pesquisadora e por alunos do 6º ano, 2019.

4.2.5.5 Passo 5: análise dos elementos coesivos

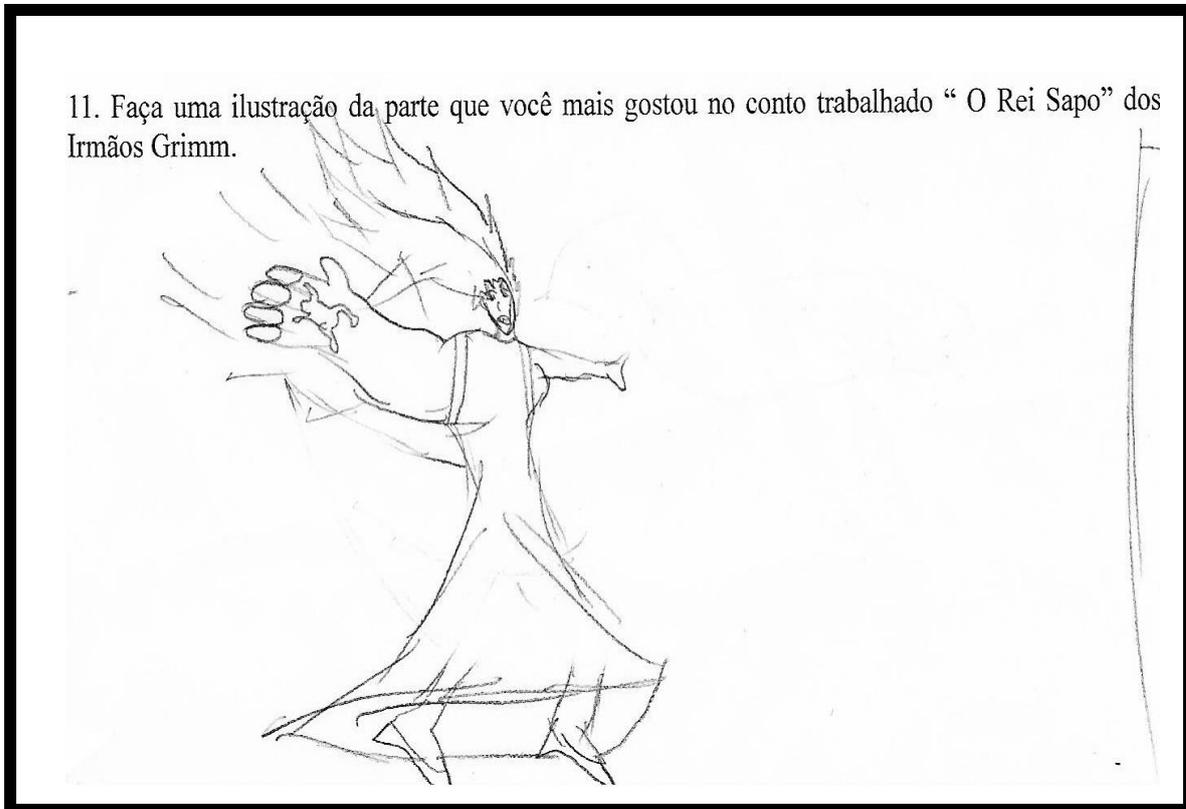
Aulas 19 e 20: Ilustração de uma parte do conto e análise dos usos dos elementos coesivos

a) Atividade: criação de uma ilustração referente ao conto

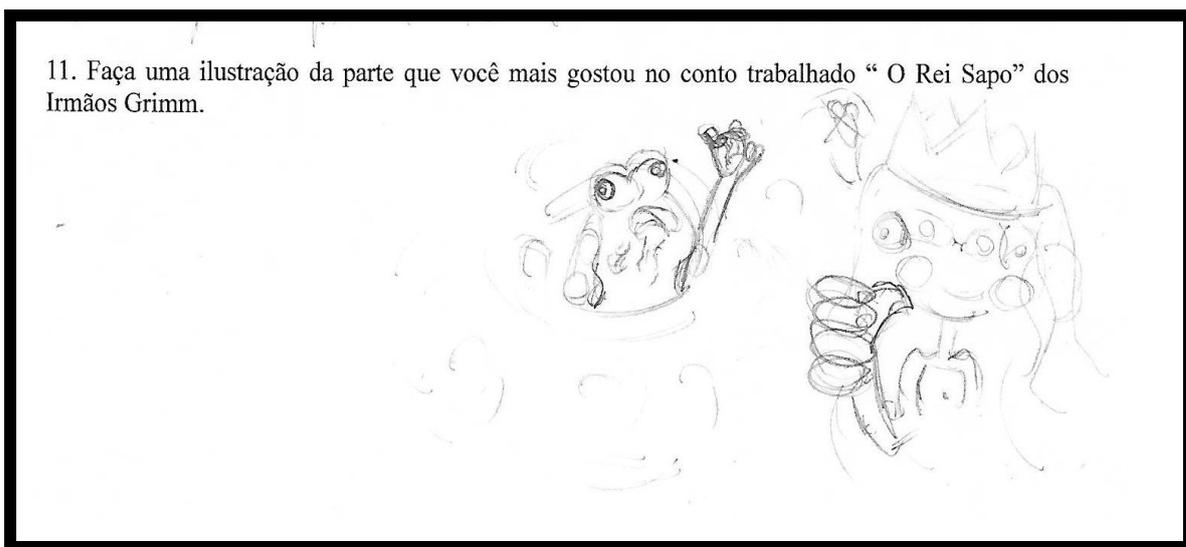
Atenção! Essa atividade é sequência das demais realizada pelos alunos. Aqui os alunos fazem uma ilustração e a pintura de uma parte que mais gostaram do conto explorado, com a finalidade de aguçar e despertar seu espírito do campo artístico, uma vez que vários demonstraram habilidades em desenhos no trabalho realizado com o conto de Flavio de Souza Rojo (2012) discorre sobre o trabalho com as diferentes linguagens, não só a verbal, mas as imagéticas, o qual deve ocorrer porque nossos alunos são extremamente visuais (interpretam e constroem textos multimodais com facilidade).

Quadro 12 – Atividade de ilustração realizado por alunos do 6º ano**Aluno 7**

11. Faça uma ilustração da parte que você mais gostou no conto trabalhado “ O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm.

**Aluno 8**

11. Faça uma ilustração da parte que você mais gostou no conto trabalhado “ O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm.



Fonte: Produzido por alunos do 6º ano, 2019.

Importante: Saíram variados desenhos, todos voltados para o contexto do conto O Rei Sapo, cada um colocando a parte que mais agradou. Alguns se revelaram com habilidades

artísticas mais desenvolvidas, outros com traços bem primários com relação aos traços artísticos.

Luquet (1969) pontua que os alunos que desenham com planos em perspectiva indicam que já desenvolveram o “dom” de desenhar e que estão no realismo visual, tendo facilidade de expressar a realidade por eles interpretadas, expressando com propriedade como compreende o mundo a sua volta.

Propor espaços dedicados ao mundo da arte foi muito revelador aos alunos, principalmente aqueles que apresentavam altas habilidades em fazer desenhos livres. Eles ousaram na imaginação e criatividade e fizeram o que lhes vinha a mente e que tinha ligação com o contexto do conto trabalhado. Não devemos levar os alunos a ler e produzir somente textos verbais, mas também textos não verbais, pois só assim os alunos com “dom” se revelam, foi o que aconteceu nessa turma.

b)Atividade: leitura e análise coletiva dos elementos coesivos no texto

Atenção! Essa atividade será realizada coletivamente. Após a leitura oral do parágrafo por um aluno, o professor pesquisador faz as intervenções com a turma com relação aos termos em destaque, debatendo: de acordo com o conhecimento de vocês, o que eles representam no texto? Se retirássemos esses termos, eles dariam o mesmo sentido no parágrafo apresentado? Eles são termos essenciais para dar sentido, coesão e coerência às sequências das frases apresentadas? Somente na escrita eles devem ser empregados, para que haja entendimento do que se quer expressar?

Depois dessas análises e reflexões, realizar as atividades 2 e 3 com apoio da tabela de orientações, que deve estar à disposição dos alunos. Fazer essa atividade prática no quadro, como escriba dos alunos, e eles fazem no material deles.

Embasar essa atividade nas orientações de Possenti (1997, p. 87):

[...] a primeira tarefa da escola, do ponto de vista do ensino da gramática, é aumentar o domínio de recursos linguísticos por parte do aluno. Isso se faz expondo o aluno consistentemente a formas linguísticas que ele não conhece, mas deve conhecer para ser um bom usuário competente da língua escrita.

Atividade de Análise Linguística

1. Leia o trecho do conto “O Rei Sapó”, dos Irmãos Grimm.
2. Depois observe cada termo em destaque, copie na 1ª coluna da tabela.
3. Escreva o sentido que cada um apresenta na 2ª coluna, utilizando a tabela de apoio.

O REI SAPO – IRMÃOS GRIMM

Era uma vez, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas. **Mas** a menor era tão linda, que o próprio Sol, **que já** vira tanta coisa, **se** alegrava ao iluminar o seu rosto. **Perto** do castelo do rei havia um bosque escuro. **E**, no bosque, **debaixo de** uma grande árvore, havia um poço. **Quando** fazia muito calor, a filha do rei saía para o bosque **e** sentava-se à beira do poço. **E quando** a princesinha **se** entediava, pegava uma bola de ouro **e** ficava brincando de jogá-la para **cima** e agarrá-la.

Palavras em destaque	Sentido

Tabela 10 - Apoio para análise dos elementos coesivos nos trechos conto “O Rei Sapo”

Sentido	Principais palavras
Tempo, ordem, sucessão	Quando, enquanto, então, antes que, desde que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, agora, aí (tempo impreciso), na hora de, finalmente, já, manhã, etc.
Condição, hipótese	Se, caso, salvo, contanto que, desde que, a menos que, etc.
Causa, motivo, razão	Porque, uma vez que, como, visto que, já que, porquanto, tanto que, etc.
Explicativa, justificativa	Porque, pois, que, portanto, para que, por causa, etc.
Oposição, contraste	Porém, contudo, todavia, mas, entretanto, senão, etc.
Adição, soma	E, nem, não só, além disso, ainda mais, também
Concessão	Embora, se bem que, mesmo que, ainda que, etc.
Conformidade	Como, conforme, segundo, de acordo com,
Comparação	Como, assim como.
Lugar, distância	Aqui, perto de, lá, onde, para dentro, para fora, em volta de, ali, aí (lugar), debaixo de, para cima
Surpresa, imprevisto	De repente, rapidamente, inesperadamente

Fonte: Organizada pela pesquisadora. Agosto de 2018.

Importante: A atividade de reflexão sobre termos que são essenciais na organização das ideias em um texto do gênero narrativo foi muito produtiva, pois os alunos perceberam que quando foram retirados, o texto ficou confuso, sem sentido. Com isso, houve entendimento que não só na escrita, mas na oralidade também devemos fazer uso dos recursos que a língua nos oferece para produzirmos enunciados, frases ou orações coerentes nas situações de comunicação.

A esse respeito Geraldi (2006) afirma que o objetivo principal da análise linguística é a reescrita dos textos dos alunos, no entanto o professor poderá organizar outras atividades com os mesmos aspectos tratados para que percebam a funcionalidade destes, uma vez que eles aprendem fazendo, a partir de práticas de leitura e escrita reais.

Quadro 13 – Atividades de análise linguísticas com elementos linguísticos

Aluno 1

Atividade de Análise Linguística

1. Leia o trecho do conto "O Rei Sapo" dos Irmãos Grimm.
2. Depois observe cada termo em destaque, copie na 1ª coluna da tabela.
3. Escreva o sentido que cada um apresenta na 2ª coluna, utilizando a tabela de apoio.

O REI SAPO – IRMÃOS GRIMM

1

Era uma vez, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas. Mas a menor era tão linda, que o próprio Sol, que já vira tanta coisa, se alegrava ao iluminar o seu rosto. Perto do castelo do rei havia um bosque escuro. E, no bosque, debaixo de uma grande árvore, havia um poço. Quando fazia muito calor, a filha do rei saía para o bosque e sentava-se à beira do poço. E quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.

Palavras em destaque	Sentido
Era uma vez	tempo
Mas	oposição, contraste
que	causa, motivo, razão explicativa, justificativa
já	tempo, ordem, sucessão
de	condição, hipótese
perto	sugestão, distância
debaixo de	ação, soma
Quando	lugar, distância
e	tempo, ordem, sucessão
cima	lugar, distância

Fonte: Produzido pela pesquisadora e por aluno do 6º ano, 2019.

Essa prática pedagógica de analisar como os elementos coesivos foi realizada na perspectiva da teoria funcionalista proposta por Neves (2002, p.50), uma vez que eles são fundamentais e essenciais para dar coesão, coerência a todas as partes do texto e construir o

seu sentido. Foi importante esse momento junto aos alunos para que passassem a perceber que a aquisição da língua materna formal deve se dar a partir da reflexão sobre o seu uso.

[...] é do próprio uso (usus) que emergem os padrões de adequações que compete observar e seguir, se o que se busca é o bom desempenho em termos socioculturais. São padrões que ‘gramáticos’ poderão registrar examinando-lhe a natureza e as condições de uso, mas que nenhum gramático poderá instituir como modelo ditando-os com sua autoridade (NEVES, 2002, p.50).

Não paramos para classificar os termos que compunham as orações, mas compreender como a língua funciona, que esses termos produzem efeitos no uso da linguagem. Foram vários raciocínios linguísticos que fizemos em relação à língua em funcionamento, tanto na modalidade escrita quanto na falada, pois em ambas o uso deve se fazer de forma eficiente em todos os contextos sociais.

c)Atividade: Análise em dupla dos elementos coesivos e dos sentidos de outros trechos

Atenção! Para fixar ainda mais os aspectos abordados na atividade anterior, agora os alunos fazem a próxima atividade em duplas, seguindo os mesmos moldes da anterior. O texto foi fragmentado em vários trechos, e cada dupla fará um trecho diferente do outro, como está no modelo.

Por que fazer essa atividade?

Houve muitas mudanças na concepção de ensino de língua materna com as práticas de leitura, oralidade, produção de texto e análise linguística. Nesse cenário, Geraldi (1997) pontua que atrelado ao eixo da análise e reflexão sobre a língua, está a leitura e a produção de texto. Daí, a necessidade do trabalho com a análise linguística para que os alunos aprendam os diferentes usos e sentido da língua materna.

Atividade de Análise Linguística

1. Leia o trecho do conto “O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm.
2. Depois, observe cada termo em destaque, copie na 1ª coluna da tabela.
3. Escreva o sentido que cada um apresenta na 2ª coluna, utilizando a tabela de apoio

2

Mas aconteceu, **certa vez**, que a bola de ouro passou direto pelas mãos da menina, bateu no chão e rolou para **dentro** d’água. A princesinha foi seguindo a bola com os olhos **até** **que** não conseguiu mais enxergá-la, **pois** o poço era muito fundo. **Então** começou a chorar. Chorava cada vez mais alto, sem conseguir parar. **Enquanto se** lamentava, ela ouviu uma voz que dizia:

— O que foi que te aconteceu, filha do rei? Choras **tanto que** podes comover **até** uma pedra.

Palavras em destaque	Sentido

Quadro 14 - Amostra de atividade realizada pelo alunos

Aluno 1

10

A filha do rei obedeceu, **mas** via-se bem que não era de boa vontade. O sapo regalou-se com a comida, **mas** ela sentiu cada pedacinho ficar entalado na garganta.

Finalmente, ele disse:

__ Fartei-me de comer **e** estou cansado. **Agora**, leva-me para o teu quarto **e** arruma a tua caminha de seda, **onde** nós dois vamos dormir.

A filha do rei começou a chorar. Tinha medo do sapo frio **que** ela não se atrevia a tocar **e** que **agora** iria dormir na sua linda caminha de seda.

Palavras em destaque	Sentido
mas	oposição, contraste.
finalmente	tempo, ordem, sucessão.
agora	tempo, ordem, sucessão.
e	adição, soma.
onde	lugar, distância.
que	explicativa, justificativa.

Fonte: Produzido pela pesquisadora e por alunos do 6º ano, 2019.

Importante: Essa atividade foi importante por levar os alunos a terem algumas experiências com o uso da língua em situações de comunicação, não sendo utilizada nomenclatura oficial (conjunção de adição, de oposição, advérbio de tempo de lugar, de circunstância) para os termos em análise e reflexão, mas somente uso real naquele contexto de texto escrito. Foi uma prática de reflexão sobre o uso da língua em uma abordagem funcional da gramática que analisa o emprego da língua em situação de produção.

4.2.5.6 Passo 6: recontando e reescrevendo o conto

Aulas 21 e 22: reconto oral e reescrita do conto

a) Atividade: recontando a história coletivamente

Atenção! O reconto oral é uma prática que visa a desenvolver habilidades necessárias aos alunos para a ampliação de repertório linguístico, aquisição de diversos recursos que a língua oferece e que são incorporados ao discurso pelo uso. Recontar oralmente um texto escrito, já memorizado e com uma estrutura composicional pronta e de qualidade, auxilia em muito os alunos quando vão para sua reescrita, pois terão elementos linguísticos suficientes para uma produção de texto mais eficiente.

Marcuschi (2000) alega que tanto a oralidade quanto a escrita são práticas discursivas complementares para atividades comunicativas. Devemos trabalhar práticas nas quais a oralidade esteja a serviço da comunicação em todos os contextos sociais, sabendo adequar os discursos de acordo com cada situação comunicativa. Assim, os alunos saberão qual o caráter da oralidade, muito diferente da escrita, pois cada uma tem seu contexto cognitivo para estabelecer o ato comunicativo.

Importante:

O trabalho com o reconto oral aconteceu com os alunos que gostam mais de participar das atividades orais. Iniciamos o reconto oral e deixamos livre para quem quisesse continuar, e a cada momento um aluno contava uma parte. Havia aqueles que se embaralhavam, mas um colega ajudava e a atividade fluía. O trabalho não foi totalmente produtivo porque percebemos que os alunos não estão habituados, no cotidiano escolar, a realizar atividades votadas à oralidade, atividades como a do reconto oral causaram estranhamentos a eles, mas percebemos que a maioria gostou.

Marcuschi (2010) aponta que a escola não deve ensinar a oralidade, mas sim os usos da língua para cada prática social, respeitando a oralidade que os alunos já trazem em seu repertório linguístico e refletir com esses os diferentes falares, como utilizar as diferentes formas de comunicar com a oralidade e a escrita, ambas são fundamentais para a interação social.

b) Atividade: reescrevendo a 1ª versão do conto em duplas

Atenção! Essa atividade deve ser realizada em duplas, agrupando alunos que estejam em diferentes estágios de desenvolvimento (um mais desenvolvido auxilia o menos desenvolvido), além das características comportamentais (um agitado com um mais calmo). Deixar claro que o gênero a ser reescrito é o gênero narrativo, portanto, deve seguir a estrutura. Apontar os elementos da narrativa que constroem esse gênero, ou seja, frisar que o texto precisa ter o conto por completo. Cuidar da letra, escrever corretamente as palavras, pontuar, etc.

1. Produção Escrita – 1ª versão

Reescreva o conto “O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm, baseando-se nas leituras e estudos realizados, respeitando a estrutura do gênero narrativo. Não esqueça o título!

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Apresentamos a seguir, no Quadro 15, uma amostra da primeira versão produzida por uma dupla de alunos, com as primeiras correções com o símbolo da lâmpada, sendo combinado que ela representaria uma “ampliação de ideias” que precisavam ser inseridas no texto. Além do desenho, havia também um número que correspondia a cada ajuste linguístico que precisaria ser recuperado na revisão que cada dupla fez. Junto ao texto, havia os bilhetes interativos, na cor laranja e escritos em letra cursiva. Essa correção foi chamada de classificatória-interativa, pois foi uma mescla da correção “classificatória” proposta por Serafini (1995) com a correção “textual-interativa” de Ruiz (2013).

Quadro 15 – Amostra da primeira versão do conto reescrita por dupla

7. Produção Escrita – 1ª versão

Reescreva o conto “O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm, baseando-se nas leituras e estudos realizados, respeitando a estrutura do gênero narrativo. Não esqueça o título!

O Rei Sapo

Era uma vez num tempo em que ¹ ainda se cumpriam barões, um rei veio as filhas eram todas bonitas, mas a menor era a mais bonita. Ela se alegrou ao iluminar seu rosto. Quando fazia noite a princesinha ia ao jardim e lá que estava sentada sua delícia de uma árvore na frente de um lago quando estava entediada jogou sua bola de ouro para cima e ela agarrou-a. Não teve um dia que ela foi até o lago ² e começou a brincar com sua bola de ouro. Ela jogou sua bola para o alto e a bola rolou para o fundo do lago e a princesinha começou a chorar. ³ Ela perguntou:

- Por que choras, filha do rei? ⁴

Ela começou a procurar de onde vinha aquela ⁵ bola.

- Ah, é tu? Estar chorando porque minha bola de ouro caiu dentro do lago? ⁶

⁷ Espero pagar para você! Mas que tu me dadas em troca?

A princesa respondeu:

- Tudo que quiseres, as minhas pedras preciosas, as minhas perdas, meu vestido e até a coroa de ouro que estou usando.

O sapo respondeu:

Fonte: Produzido por alunos do 6º ano, 2019.

Quadro 16 - Bilhetes classificatórios-interativos da primeira revisão do conto reescrito

1ª Revisão ☺ → Ideias

1. Falta um termo para dar sentido aqui.

2. Sapo ou peço? ①

3. O sapo não aparece mas em uma vez que dizis. Coloque isso.

4. Complementar a fala do sapo

5. Descrever como era o sapo (salvo grande, feio, etc).

6. Sapo ou peço?

7. No início o sapo dá conselhos.

8. Complementar essa fala do sapo: se do primeiro tipo, a que ele quis, ele disse e traz de volta a fala de outro.

9. O que a princesa pensou consigo mesma sobre o sapo, onde ele vive e em que companhia de um ser humano.

10. Como o sapo mergulhou? ②

11. Sapo ou peço? (OK)

12. De jeito estavam a princesa, o rei e o castelo, estavam a mesa? Onde comiam?

13. Como o sapo chegou no castelo, o que ele subiu? Onde botou? O que quis?

14. A lenda era de quê?

15. Complementar a fala da princesa (a princesa)

16. Colocar que enquanto a princesa aplicava para o rei, o sapo tratava de fora na parte a guitarra (colocar toda a fala do sapo, da princesa que fala).

17. É a primeira ou o sapo que se fartou de comer? ③

18. Onde estava entalado?

19. Eles ou o sapo se fartou?

20. O que de tudo do sapo fez, não se atreva a fazer quem? Quem foi com zangado e o que ordenou? Como?

21. Em que lugar colocou o sapo no momento? Quem foi a autoridade parte da princesa e o que ele disse?

22. O que a princesa falou ao sapo ao tirar de na parede?

23. Olis: O que está como príncipe? Quem é para ter, entre na fala anterior: 22)

24. Defina melhor esse companheiro da princesa

25. Quem chegou de manhã? Como era a carruagem? Quem veio de lá, na terceira?

26. Tem certeza que é quando eles chegaram lá?

27. Explicar porque os ossos de ferro estão na parede de conserto do fiel homem que. ④

Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2019.

Importante: De início, alguns alunos resistiram no agrupamento que fizemos mediante a avaliação diagnóstica, realizada no conto anterior, e com orientação da professora regente também. Também alegamos que aquelas duplas foram pensadas para que o trabalho que estariam desenvolvendo trouxesse crescimento para todos e chegássemos ao produto final, o livro de literatura com o conto O Rei Sapo, deveriam respeitar aquela organização. Alguns alunos faltaram nesse dia e tivemos que fazer alguns ajustes, como mudar a dupla que tínhamos estabelecido. No momento da reescrita alguns esqueciam determinadas partes e então íamos dando os atendimentos, com alguma intervenções e orientações e o trabalho fluiu.

Para a primeira versão Serafini (1995) dá a seguinte orientação: “na primeira versão se presta mais atenção à gênese das próprias ideias.” É o momento que os alunos precisam estar bem concentrados em transpor para o papel todos os seus conhecimentos para construir o texto.

a) Atividade: conhecer o ambiente e a rotina das crianças nas instituições

Importante: Os alunos visitaram duas instituições (o centro de Educação Infantil e o abrigo de menores do município), mediante autorizações dos responsáveis, sendo essas visitas agendadas pela equipe pedagógica e direção da escola e transporte liberado pela Secretaria de Educação do município. Os alunos conheceram os dois espaços, fizeram alguns questionamentos aos diretores responsáveis sobre algumas curiosidades que tinham. No abrigo de menores, ficaram mais tempo, pegaram as crianças no colo, conversaram com a coordenadora sobre a rotina deles, as visitas dos familiares, motivo de estarem ali, a idade para serem desligados, quantos alunos havia ali e quantos iam para a escola, se faziam leitura, se alguém fazia momentos de leitura para eles, dentre outras.

4.2.5.7 Passo 7: revisar e reescrever o conto

Aulas 25 e 26: revisando e reescrevendo o texto

a) Atividade: lendo, analisando e reescrevendo texto coletivamente

Atenção! Realizar essa atividade explorando oralmente, e de forma detalhada, os comandos dados:

1. leitura do texto;

2. verificar onde está o símbolo da lâmpada, sua numeração e que orientação cada número apresenta no bilhete classificatório-interativo, que está logo abaixo.

Orientar que nesse texto haverá revisão e reescrita somente no campo das ideias, estas serão melhoradas, ou seja, o objetivo é deixá-lo mais claro.

Depois da exploração oral, fazer a reescrita coletiva no quadro, como escriba, fazendo as reflexões com a turma e refazendo o texto, com as orientações dadas no bilhete e na tabela de orientações. De acordo com cada número, os alunos devem perceber e praticar como se faz uma revisão e reescrita de texto na prática, para torná-lo mais coeso, coerente e compreensível ao seu leitor.

Nessas situações, Geraldí (1984) orienta ser importante que os mediadores dos processos de ensino e aprendizagem de língua materna criem oportunidades aos alunos para analisar as características dos gêneros textuais, sua estrutura e funcionalidade, para que sejam capazes de reconhecê-los, compreendê-los e construí-los de modo adequado, adquirindo competência comunicativa nas diversas situações de interação social. É um trabalho árduo, mas necessário.

Nesse momento, nos amparamos no que Possenti (1997, p. 88) versa sobre a nossa tarefa como escola: “[...] é aumentar o domínio de recursos linguísticos por parte do aluno. Isso se faz expondo o aluno consistentemente a formas linguísticas que ele não conhece, mas deve conhecer para ser um bom usuário competente da língua escrita”.

b) Atividade: reescrevendo e melhorando os sentidos na 2ª versão do conto

Atenção! Essa segunda versão de reescrita do conto deve acontecer de forma muito interativa. Os alunos não estão habituados a esse tipo de prática educativa de retornar ao texto já escrito e reescrevê-lo mais vezes, ainda mais com bilhetes interativos.

Orientar a turma que esse momento é de arrumar (desenho da lâmpada) ou excluir (desenho de balão) as ideias que ainda não estão bem claras aos futuros leitores e é tarefa do escritor de texto arrumar, isso faz parte do processo de construção de qualquer gênero textual que produzimos em nosso cotidiano, principalmente quando ainda não conhecemos muito bem a sua elaboração.

Esse trabalho de orientação e diálogo se organiza sob as proposições de Serafini (1995, p. 81): “[...] durante a revisão a atenção é posta preferencialmente sobre a constatação de que as ideias sejam expressas de modo organizado, claro e coerente”.

Produção Escrita – 2ª versão

Reescreva o conto “O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm, baseando-se nas orientações dadas pela pesquisadora.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Quadro 19 – Amostra da 2ª versão, corrigida e revisada com apoio nos bilhetes classificatórios-interativos

7. Produção Escrita – 2ª versão

Reescreva o conto “O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm, baseando-se nas orientações dadas pela pesquisadora.

O Rei Sapo

Era uma vez um tempo que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas, mas a mais bela era Gasilda que se dedicava a iluminar seu reino. Quando fazia muita calor a princesinha ia até um bosque escuro e sentava embaixo de uma árvore feita de um peso quando estava entediada jogava sua bola para o alto e agarrava, mas teve um dia que ela foi até o peso e começou a brincar com sua bola de ouro, ela jogou sua bola para o alto e a bola caiu para o fundo do poço. A princesinha começou a chorar. É um caso muito triste, não é verdade?

Por que choras filha do rei? Tu choras tanto que podes até comer uma pedra.

Ela começou a procurar de onde vinha aquela voz quando ela se deparou com um sapo agarrado em sua cabeça fora da água.

Oh, tu?! Estou chorando porque minha bola de ouro caiu dentro do poço.

Não choras mais, se tu quiseres eu posso pegar sua bola para você, mas o que tu me dadas em troca?

A princesa respondeu:

Tudo que tu quiseres, as minhas pedras preciosas, minhas pedras, meu vestido e até a coroa.

Fonte: Organizado por uma dupla de discentes, 2019.

Tabela 11 - Orientações para arrumar as ideias do conto “O Rei Sapo”, os aspectos da ortografia, da pontuação e os sentidos no texto.

 ORTOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> • Onde estiver esse símbolo do lápis, você deve utilizar os seus conhecimentos, o dicionário, o Microsoft Word, pesquisa no Google, etc. para arrumar a palavra da forma correta. • Onde estiver esse símbolo do lápis, se o termo for um verbo (uma palavra que indica uma ação), precisa colocar o tempo verbal certo desse termo: presente, passado ou futuro. (em contos os verbos ficam quase todos no passado). • Pode ser também a letra maiúscula depois de ponto, etc.
 PONTUAÇÃO ? ! . , : “ “ — ...	<p>Onde estiver esse símbolo da boca no seu texto, precisa saber qual é a pontuação certa a ser colocada:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se ela estiver antes da fala do narrador, ir para uma linha nova, dar um parágrafo (um espaço grande da margem) e começar com letra maiúscula. • Se ela estiver antes da fala de personagem, ir para uma linha nova, dar um parágrafo (um espaço grande da margem, por um travessão (—)) e começar com letra maiúscula. • A vírgula (,): para separar vários elementos; separar explicações que estão no meio da frase, fazer uma pequena pausa; • Ponto final (.): deve ser usado quando o autor da frase afirma, dá uma explicação, uma resposta ou nega alguma coisa, porém o autor dessa frase deve estar calmo. • Ponto de exclamação (!): deve ser usado quando o autor dessa frase está nervoso, feliz, ansioso, admirado, surpreso. • Ponto de interrogação (?): deve ser usado quando o autor dessa frase faz uma pergunta a alguém. • Dois pontos (:): quando o narrador anuncia que um personagem vai dizer, gritar, pedir, dizer alguma coisa. • Letra maiúscula: somente em começo de parágrafos, frases iniciadas depois de um ponto e que continua na mesma linha; em nomes de personagens, título de texto; • Reticências (...): quando quiser interromper um pensamento.
	MELHORAR ESSA PARTE (PRECISA DAR MAIS SENTIDOS)
	EXCLUIR, RETIRAR

Fonte: Organizada pela pesquisadora, agosto de 2019.

Importante: O primeiro contato que os alunos tiveram com o conto reescrito, vendo-o todo enfeitado com lâmpadas numeradas e bilhetes que o acompanhava, causou pânico e

desespero em algumas duplas, alegaram que não sabiam produzir texto escrito. Nesse momento, orientamos que fazia parte do processo de revisão e reescrita de texto, que um texto não termina na primeira versão. Também reforçamos que eles fariam a primeira revisão somente para melhorar as ideias e partes não contempladas e que eram importantes para tornar o texto compreensivo ao público leitor, as crianças do centro de Educação Infantil e do Abrigo de Menores.

Depois as duplas começaram a fazer a revisão, e nas dúvidas, fazíamos as intervenções e foram assimilando como era o processo. O trabalho fluiu, deu tão certo que as duplas que iam concluindo primeiro auxiliavam aquelas que estavam iniciando esse trabalho. Foi um momento de cooperação e de trocas de conhecimentos entre os alunos.

De acordo com Neves (2002), é no texto e com o texto que ensinamos e aprendemos a língua, ele é a unidade de análise que leva à gramática, é o terreno mais fértil para a aprendizagem de usos e normas da Língua Portuguesa.

4.2.5.8 Passo 8: digitação do conto

Aulas 27, 28, 29 e 30: revisão final e reflexão sobre o uso da língua

a) Atividade: reescrevendo a 3ª versão do conto no laboratório de informática

Após a primeira correção e revisão da reescrita do conto, as duplas foram para a segunda correção e revisão, agora nominada “terceira versão”. Como já escreveram dois textos na escrita cursiva, nessa etapa as orientamos a fazer no computador, com o uso do teclado com as várias funções, sendo as duplas mais adiantadas orientadas a aprender a fazer uso da tecnologia para cada tarefa a ser executada.

Diante o computador, os alunos não sabiam: ligar ou desligar o computador, dar espaços entre as palavras, colocar a pontuação, dar parágrafos, por acentuação, usar letras maiúsculas, nem usar o corretor ortográfico, enfim, eles eram analfabetos na digitação. Olhando para o texto com os símbolos de “boca”, “lápiz”, “lâmpada” e “balão” e mais uma “tabela de orientações” do que cada símbolo significava, os alunos foram se interagindo com o computador, com cada parte que deveriam fazer os ajustes, e em pouco tempo já faziam os arranjos. Pouco a pouco, orientamos os mais adiantados e a professora regente também auxiliava e rapidamente os alunos adquiriram rapidez e habilidade. Assim, os que iniciaram por último eram orientados pelos colegas que estavam mais adiantados.

Nas duplas, os alunos se revezavam entre eles, um digitava e outro ditava. Durante a digitação, observavam algumas partes que não estavam coerentes e os próprios alunos corrigiam. Depois de digitados os textos, realizamos algumas correções de coesão e coerência,

dentre outros aspectos apresentados. Procuramos deixar o mais fiel possível à forma que as duplas reescreveram e semelhante à versão dos Irmãos Grimm.

Depois de prontos, realizamos a impressão e as duplas fizeram as ilustrações e pintaram.

Atenção! A terceira versão a ser reescrita deve ser empreendida no ambiente virtual, com a utilização de um computador com corretor ortográfico, uma vez que nessa etapa os alunos estão mais familiarizados com esse retorno ao texto. Com as demarcações realizadas no texto com desenhos representando cada categoria da modalidade escrita a ser revisada e reescrita (lápis, lâmpada, boca, balão) e de acordo com cada situação as duplas vão melhorando o texto com o uso da tecnologia digital, e um digita e o outro oraliza o texto, e também podem fazer metade de cada um.

Importante: Os alunos foram levados a digitar seus textos no computador porque nos dias atuais, na chamada sociedade da comunicação, precisamos levar nossos alunos para além da perspectiva de formação para a cidadania, eles necessitam ser multiletrados¹, havendo nesse momento o acesso e uso dessa ferramenta, obtendo conhecimentos técnicos/operacionais para a utilização do equipamento. Assim, os discentes se apropriaram de conhecimentos básicos no universo da informática, sobre os usos de aplicativos, no caso o mais utilizado foi *Word*, editor de textos. A aprendizagem de transpor o texto escrito em letra cursiva para a escrita digital se deu de forma contextualizada e significativa, uma vez que os textos que os alunos estavam digitando estavam vinculados a uma produção textual escrita de punho próprio, tendo estes um objetivo claramente definido para serem produzidos e bem elaborados, ou seja, a produção de livros que serão doados às crianças de instituições sociais já definidas anteriormente.

Inicialmente mostramos como ligar e desligar o computador, mexer no mouse, dar espaços, apagar. A escrita no teclado do computador de início para a maioria dos alunos, foi muito difícil, pois não tinham os conhecimentos básicos das funções das teclas, como: inserir letras maiúsculas, a pontuação, acentuação, correção ortográfica, paragrafação. Tiveram noções de como fazer pesquisa na rede etc. Sabem usar, com muita propriedade, o teclado dos celulares, porém no computador alguns eram analfabetos. Os primeiros discentes foram se apropriando dos primeiros conhecimentos técnicos e básicos de uso do computador e no decorrer da atividade de digitação, iam compartilhando com outros colegas como agir em cada situação, e assim todas as duplas conseguiram se apropriar dos conhecimentos essenciais para concluir o trabalho.

Nesta atividade de digitar o texto no computador, os alunos tiveram muitos letramentos em relação à modalidade escrita no computador, como: de escrita de texto em editor específico (*Word*), aprendendo a operar com o programa, utilizar o teclado com as funções das teclas, o mouse, colocar o parágrafo, a pontuação com cada situação, entre outros aspectos que iam surgindo. Dessa forma, eles conseguiram se inserir numa prática social que se realiza no mundo digital. Esse trabalho esteve amparado no que pontua Rojo (2000, p.36):

É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros, suportes e mídias de textos escritos [...] Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os

¹De acordo com Rojo (2000), são necessárias novas ferramentas de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. [...] São necessários novos e multiletramentos.

alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio deles.

Para muitos alunos, a escola ainda é a única instituição que os ajuda a desenvolver diferentes habilidades de uso em relação às tecnologias de informação e comunicação, daí a necessidade de atrelarmos às nossas práticas pedagógicas ao mundo digital.

Aulas 31 e 32: criando ilustrações para o conto

a)Atividade: criando e pintando as ilustrações

Atenção! A prática de criar ilustrações para cada página do livro desenvolve nos alunos um momento para outra dimensão, porque eles usam a imaginação e a criatividade para compor desenhos que dialoguem com o texto verbal que é por eles reescrito. É um momento em que é preciso, valorizar cada traçado realizado pelos alunos, mesmos que estes não estejam perfeitos.

De acordo com Vygotsky (1984), para que o conhecimento tenha significado e sentido para o aluno, antes deve ter para o professor. Por isso, ao desenhar o aluno atribui significado e um sentido e aí entra a nossa contribuição, valorizar o que cada um produz.

Importante: Os alunos não pouparam esforços para realizar suas ilustrações, trabalharam em equipe, sendo deixados sempre para o amigo que tinha mais habilidade para o desenho para deixar o livro mais bonito. Houve dupla, em que um membro desenhava e ou outro pintava, trabalhando de forma solidária.

b)Atividade: avaliando todo o trabalho

Atenção! A atividade avaliativa é para os alunos registrarem o que eles acharam de todas as atividades realizadas, o que foi que gostaram, o que não gostaram, de acordo com cada questão.

Importante: Esse momento reflexivo foi importante para verificarmos o quanto os alunos apreciaram toda a trajetória realizada. Pelos relatos percebemos que a uns foi agradável e a outros nem tanto.

Acreditamos que tudo é um processo e os bons resultados acontecem a longo prazo, o nosso trabalho não termina com esse projeto, ele é apenas o começo de muitos outros que podem surgir, para tornar nossos alunos realmente letrados e multiletrados em todas as práticas discursivas: leitura, escrita, oralidades e nos usos adequados da Língua Portuguesa, como nas diversas linguagens que nos cercam.

Quadro 20 – Avaliação final

1. Após o término do projeto “Leitura e escrita de textos da ordem do narrar”, com a professora pesquisadora, que envolveu:

- Produção de texto oral (A guerra do Batman e do Coringa);
- Leituras dos dois contos (Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul e O Rei Sapo), com diversas estratégias de leitura: silenciosa, oral, dramatizada;
- Recontos orais dos dois textos;
- Compreensão e interpretação oral e escrita dos dois contos;
- Reescrita dos dois textos (Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul e O Rei Sapo);
- Diversas revisões da escrita do conto “o Rei Sapo”, para tornar a leitura dele mais compreensível aos futuros leitores;
- A ilustração do texto “O Rei Sapo” reproduzido por vocês.

Responda:

a) Você acha que todas essas atividades contribuíram para melhorar o aprendizado de vocês? Em quais aspectos (na leitura, na compreensão, na escrita, na organizações das ideias para ter mais sentidos, na pontuação correta, ...)?

b) De qual atividade você mais gostou? E de qual não gostou?

c) Caso em 2020, surja um outro projeto envolvendo a leitura e a escrita no campo do texto narrativo, como neste modelo, você gostaria de participar? Por quê?

d) Gostaria de deixar alguma mensagem ou sugestão para a professora pesquisadora Maria Luiza?

Fonte: organizado pela pesquisadora, 2019.

Essa experiência foi enriquecedora porque fomos todos levados ao mundo da fantasia (alunos e pesquisadora), e ao mesmo tempo, a contextos que são os mesmo que vivemos no momento contemporâneo. Realmente os contos de fadas são atemporais, pois as temáticas que cada um traz, mesmo sendo criados há séculos atrás, são as mesmas que temos hoje (desobediência, julgar as pessoas pelas aparências, prometer e não cumprir), dialogam com a nossa realidade e nos provocam profundas reflexões.

A literatura traz em seu bojo uma verdadeira formação humana, social, espiritual, entre outros aspectos que envolvem a sociedade, como pontua Candido (1995, p. 175), “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

O texto literário, aqui o conto, cumpre o seu papel de ser objeto de ensino e de aprendizagem, porque ele tem o poder de nos trazer ensinamentos, de mostrar valores

humanos, dar conselhos, trazer reflexões sobre problemas que vivemos em sociedade, mostrar comportamentos humanos, e além de tudo isso, ele é contexto de ensinar a língua, seja através da modalidade oral ou da modalidade escrita. O trabalho com a produção de texto com o gênero conto, mesmo sendo uma reescrita, foi uma proposta desafiante de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Ao mergulhar no universo da escrita materna, por meio das práticas discursivas e análises reflexivas sobre como funciona a nossa língua, percebemos o quanto o aprendizado da língua é importante, uma vez que no texto tudo está interligado e tudo precisa estar em perfeito funcionamento para dar sentido. É no texto que detectamos o grau de dificuldade e de habilidade de cada discente, sendo ele também o grande universo de ensinar e aprender o funcionamento a língua, como pontua Neves (2003, p. 85):

Adquirimos nossa língua (e, portanto, a ‘gramática’ que a organiza) sem nunca termos tido aulas, e essa aquisição refere-se especialmente à capacidade que todo falante tem, jogando com as restrições de sua língua materna, de proceder a escolhas comunicativas adequadas, operando as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de produção. Isso significa dizer que não há discurso sem gramática, mas sim também não há gramática sem discurso (NEVES, 2003, p. 85).

Conforme Micheletti (2000, p. 68), “[...] o conto é perfeito: o professor, em companhia de seus alunos, pode explorá-lo minuciosamente, atendo-se a detalhes e relacionando-os ao todo”. Como gênero literário é completo, só precisamos saber articular as práticas pedagógicas que contemplem todas práticas discursivas, além da análise linguística, pois com eles podemos aprender e ensinar a nossa língua materna, seja qual for a modalidade que queiramos evidenciar mais.

Algumas questões básicas foram colocadas para os alunos no final da aplicação da proposta pedagógica prática, envolvendo gêneros da ordem do narrar, com o foco nos elementos coesivos, mas percebemos que, não ensinamos somente língua materna quando interagimos com nossos alunos sala de aula, o que formamos na verdade são seres que irão atuar na sociedade de forma mais crítica e humana. Temos o papel de elevar as condições cognitivas desses através de nossas práticas pedagógicas, para que construam um mundo, em que todos sejam capacitados para torná-lo cada vez melhor, e a chave para isso pode ser, às vezes, só o conhecimento. Os relatos apresentados pelos alunos foram os mais variados, e neles inferimos que nosso trabalho provocou algumas transformação neles, percebemos que se tornaram um pouco mais competentes na escrita e na forma de expressarem suas ideias,

mais humanizados, pelos discursos que expressaram, conforme mostra a Tabela 12, que está organizada logo a seguir.

Tabela 12 - Resultado da Avaliação Final

Questões	Respostas dos Alunos
<p>a) Você acha que todas essas atividades contribuíram para melhorar o aprendizado de vocês? Em quais aspectos (na leitura, na compreensão, na escrita, na organizações das ideias para ter mais sentidos, na pontuação correta, ...)?</p>	<p>Aluno 1: “Sim, em todos: leitura, compreensão, escrita, organização das ideias.”;</p> <p>Aluno 2: “sim, na pontuação correta, minha leitura, compreensão, a leitura, organização de ideias.”;</p> <p>Aluno 3: “ sim, foi em todos, o que mais me ajudou foi na pontuação.”;</p> <p>Aluno 4: “ sim, todos: leitura, compreensão, escrita, organização, pontuação.”;</p> <p>Aluno 5: “ sim, na leitura, na escrita, em todos os aspectos.”.</p>
<p>b) De qual atividade você mais gostou? E de qual não gostou?</p>	<p>Aluno 1: “ Do rei sapo. E eu não gostei do texto oral da A vingança do Batmam.”;</p> <p>Aluno 2: “ Eu gostei + do rei sapo eu gostei de desenhar. Eu não gostei do texto da A vingança do Batmam.”;</p> <p>Aluno 3: “Não gostei do reconto oral e gostei de reescrever os textos.”;</p> <p>Aluno 4: “ Eu gostei da vingança do Btmam e não gostei do Rei Sapo (só um pouco porque eu digitei).”;</p> <p>Aluno 5: “ Ei gostei mais da atividade da Chapeuzinho Azul. A atividade que eu menos gostei foi A vingança do Batmam.”;</p> <p>Aluno 6: “ O que eu gostei é a Rei Sapo por causa do desenho e a que não gostei a vingança do Batmam eu acho meio estranha e confusa e por ter de criado os personagens e não puder personagem criado pelos outros.”;</p> <p>Aluno 7: “ Eu gostei mais da atividade que envolveu a história da Chapeuzinho azul da parte que envolveu também a vovó gorda E eu não gostei da ilustração do texto “O Rei Sapo”</p>

<p>c) Caso em 2020, surja um outro projeto envolvendo a leitura e a escrita no campo do texto narrativo, como neste modelo, você gostaria de participar? Por quê?</p>	<p>Aluno 1: “Sim, eu melhoraria ainda mais na escrita até melhorei a minha letra, compreensão da leitura e pontuação.”;</p> <p>Aluno 2: “ sim, porque aprendemos cada vez mais.”;</p> <p>Aluno 3: “ sim , porquê a gente aprende mais e melhora a leitura e a escrita.”,</p> <p>Aluno 4: “ sim , porque é divertido e aprendemos bastante.”;</p> <p>Aluno 5: “ sim, porque é muito legal, e agente apende muitas coisas diferentes.”.</p>
<p>d) Gostaria de deixar alguma mensagem ou sugestão para a professora pesquisadora Maria Luiza?</p>	<p>Aluno 1: “sim. Os alunos criarem seus próprios personagens e assim dá até fazer desenhos deles e criar uma história para eles e até criar uma história para todos os personagens juntos em um mundo só.”;</p> <p>Aluno 2: “ poderíamos fazer alguma coisa com o conto do “pequeno príncipe”;</p> <p>Aluno 3: “ Muito obrigada por ter me ajudado a conseguir a escrever melhor, na leitura, na organização das ideias. Muito obrgada.”;</p> <p>Aluno 4: “ Sim, que ela pegue nossa sala de novo ano que vem foi muito legal trabalhar esses textos com ela.”;</p> <p>Aluno 5: “ Sim. Pois ela foi uma ótima professora ensina muito bem, aqui vai o meus parabéns para ela e que ela continue sendo essa professora maravilhosa!!!”.</p>

Fonte: Organizada pela professora pesquisadora, 2020.

As respostas apresentadas pelos alunos revelam que há compreensão e interpretação do que leem e sabem argumentar de forma coerente, inclusive com o emprego de elementos coesivos e os outros aspectos formais da nossa Língua Portuguesa (pontuação, concordância, acentuação, letra maiúscula), mas também demonstraram não dominam de forma integral todos esses aspectos, principalmente porque os registros foram registrados de forma espontânea.

Ficou evidente ainda nos registros escritos que estão mesclando a escrita do mundo digital com a escrita disposta sobre o papel, não conseguindo desvincular da linguagem virtual e a emprega nesse outro campo, não havendo assimilação e discernimento de que para

cada universo há uma escrita específica. Não foram os marcadores do discurso oral que se fizeram presentes nos relatos, mas ícones linguísticos do meio virtual.

De forma geral, as respostas da questão “a” revelou que os alunos tem consciência de que as diversas atividades que foram trabalhadas durante toda a proposta pedagógica prática trouxeram aprendizagem a eles no tocante à leitura, escrita, compreensão de texto e na organização de ideias. As repostas da questão “b” mostrou que os alunos gostam de textos literários que trazem algum elemento ou temática que tem relação com a realidade deles, que são atraídos por algum personagem que é construído com caráter, com características boas e tem características semelhantes a eles. Alguns gostaram e outros não gostaram das atividades que estavam pouco habituados no cotidiano escolar (inventar histórias, fazer o reconto oral de histórias lidas, criar desenhos do contexto lido) e quando são expostos a elas, se prontificam a fazer, mesmo aqueles que não gostam.

Os apontamentos percorridos na resposta da questão “c” demonstraram que a proposta pedagógica prática conscientizou os alunos que, trabalhar com textos da ordem do narrar, como o conto, desenvolvem mais a leitura, passam a escrever melhor a nossa Língua Portuguesa, se divertem e aprendem conhecimentos que ainda não tinham apropriação. As respostas dadas na questão “d” mostram que os alunos perceberam que é importante trabalhar em sala de aula com textos que trazem alguma mensagem positiva para nossa vida ou nos fazem refletir sobre nossas atitudes, assim como ficou evidente que dar a liberdade para o aluno criar os desenhos de uma história a partir da sua imaginação, ajuda os ajuda a revelar suas habilidades, que muitas vezes o desenho pode ser uma válvula de escape para algumas angústia que vivenciam.

Esse trabalho não se encerra aqui, ele é apenas um ponto de partida, uma vez que esses alunos estão em processo de construção e de apropriação da língua materna, a caminhada ainda é longa e contínua no campo da aquisição da modalidade escrita, o primeiro passo já foi dado. A seguir, trataremos das análises e dos possíveis resultados obtidos ao término dessa proposta pedagógica prática de uso dos elementos coesivos no terreno dos gêneros da ordem do narrar.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

5.1 CONTEXTUALIZANDO A ANÁLISE

Para realizar toda implementação da proposta pedagógica foram realizadas várias ações docentes, envolvendo os alunos do 6º A, com práticas discursivas: leitura, oralidade, escrita e análise linguística, tendo o texto como objeto de estudo no processo de ensino e aprendizagem da língua materna.

Neste trabalho de pesquisa-ação que envolveu o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, a análise realizada foi enfatizada em relação ao uso dos elementos coesivos na elaboração do gênero narrativo, o conto na modalidade escrita da língua. Os elementos coesivos que constituem um texto podem ser os mais variados, como: pronomes, preposições, advérbios, conjunções, sendo esses elementos linguísticos essenciais para constituir a textualidade, ou seja, eles fazem a articulação entre as diversas partes de um texto, promovendo o sentido entre as ideias e a coesão textual.

A análise aqui realizada se atém às categorias dos elementos coesivos que foram utilizados para se reescrever um conto, explorado anteriormente com a turma já mencionada, portanto, os alunos já tinham conhecimento do contexto da produção do texto motivador, quais eram os elementos da narrativa, a sequenciação dos acontecimentos que se sucediam numa determinada ordem, com a intervenção dos personagens (protagonistas), enfim, sabiam como era a sua estrutura composicional, linguagem a ser empregada, entre outros aspectos essenciais à modalidade da língua escrita ligada a esse gênero

Para essa análise nos ancoramos em Antunes (2003), Neves (2002, 2012), Possenti (1997), Marcuschi (2010), entre outros.

5.2 OS ELEMENTOS COESIVOS NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO CONTO

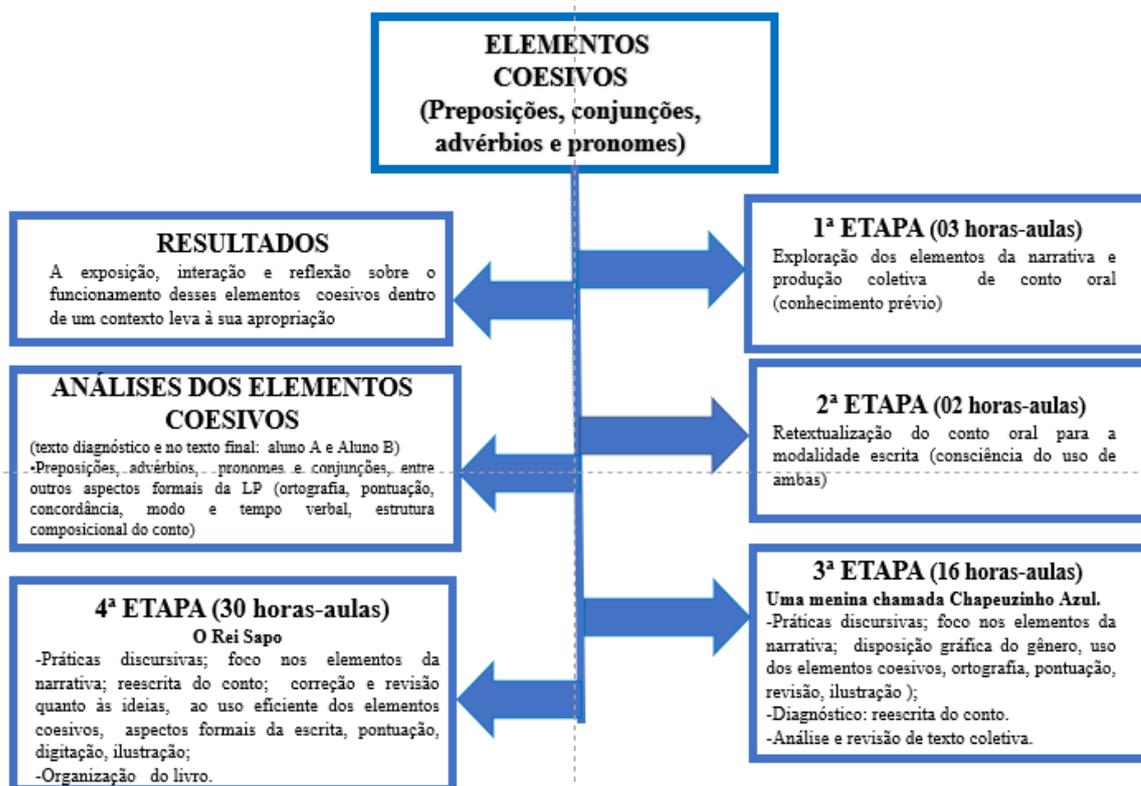
Sabemos que são muitos os elementos linguísticos que precisam ser articulados para se construir um texto narrativo, no entanto são os elementos que vão sendo usados no decorrer da construção do texto que promovem a coesão a coerência, que caso falte algum de extrema importância, há o comprometimento da compreensão global ou parcial do texto.

Entre os recursos linguísticos que constituem a textualidade, ou seja, aqueles elementos que constroem a articulação entre as diversas partes de um texto, entre as palavras, orações, períodos e parágrafos, podemos citar vários, como: pronomes, preposições,

advérbios e conjunções. Sem esses vocábulos essenciais o texto não constrói sentidos, portanto não produz compreensão do texto pelo leitor.

Antunes (2003, p. 124) coloca que a gramática se torna legítima quando é inserida naturalmente no texto, ele é objeto de estudo. “[...] De fato, não existe texto sem gramática. Praticar o uso de textos, como estudar o texto, é, inevitavelmente, praticar e estudar a gramática.” A nossa análise linguística, quanto ao uso dos elementos coesivos está atrelada ao texto, pois é exatamente na construção de cada enunciado do texto; nos momentos de fazer referência a elementos já postos no textos; na sequenciação de cada acontecimento na construção do conto são necessários alguns elementos linguísticos que interligam dentro do contexto em que eles se relacionam.

A análise envolverá não só os elementos coesivos, mas também na questão de estrutura composicional do conto (elementos da narrativa), pontuação, ortografia, acentuação, concordância verbal e nominal e outros aspectos relacionados à língua escrita na norma padrão, uma vez que Antunes (2003, p. 122) pontua que: “[...] os procedimentos de ensino de língua [...] um ensino que priorize ampliar as habilidades do aluno como sujeito interlocutor, que fala, ouve, escreve e lê textos, prevê objetos amplos, flexíveis, relevantes e consistentes: de fala, escrita e leitura de textos.” A seguir, uma breve síntese, em sentido horário, do percurso que a proposta pedagógica prática percorreu com os elementos coesivos.



Não é possível tratar dos aspectos formais da língua materna de forma fragmentada, mas de forma global, seja ela oral ou escrita. Antunes (2003, p.122), orienta “Atividades que envolvem operações globais correspondem ao que as pesquisas em psicolinguística comprovaram como sendo as mais relevantes, uma vez que a percepção, em qualquer nível, não se realiza por pedaço, mas aos blocos, em unidades integradas.”

A versão original do texto motivador para realizar o diagnóstico da turma é um conto, Texto 1, chamado “Uma menina chamada Chapeuzinho Azul”, de Flavio de Souza (Anexo 1), é uma versão moderna, que faz uma intertextualidade do tradicional conto da Chapeuzinho Vermelho. É construído em nove parágrafos, no discurso indireto, com linguagem formal. O segundo texto, utilizado para desenvolver uma prática pedagógica prática mais ampla em relação ao uso dos elementos coesivos de forma eficiente, na modalidade escrita da língua materna, é o Texto 2, intitulado “ O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm, organizado no discurso direto e indireto.

Ambos os textos, apresentam linguagem verbal, ilustrações, que dialogam diretamente com o texto verbal. Aparecem nomes próprios em seus *corpus*, ou seja, nomes de personagens. Apresenta diversos elementos coesivos, como pronomes (demonstrativos, pessoais, possessivos, indefinidos), preposições (pelo, daquela, de,), advérbios, (tempo, modo, lugar intensidade), e conjunções (aditivas, explicativas, conclusivas, opositivas, concessivas), elementos estes que articulam as ideias do texto, corroborando para a coesão e coerência como também a produção de sentidos. Também é importante salientar, que o gênero conto se constrói por meio dos elementos da narrativa (situação inicial, personagens, tempo, espaço, conflito, desfecho) e o tema, uma vez que sem algum desses elementos, o texto também se torna incompreensível.

Lembramos que o trabalho de correção e revisão do texto, não se embasou em classificar as palavras e levar os alunos a perceber as funções que ocupavam na frase, no período, mas analisar que elemento ou recursos linguístico, faltou por exemplo em determinada parte do texto para estabelecer ligação e produzir sentido.

Os alunos do 6º ano fizeram análises e reflexões de elementos coesivos que se encontravam no *corpus* dos contos trabalhados, assim eles passaram a compreender que há recursos linguísticos certos para estabelecer a sequência temporal, para marcar o tempo, definir lugar e o funcionamento da língua dentro de um contexto, alvo de nossa proposta pedagógica. Diante dessas ações, os alunos se tornaram mais reflexivos e compreenderam que era de extrema importância saber como os textos da ordem do narrar eram construídos, que sem esses tais elementos coesivos tudo ficava sem nexos e sem sentido global.

Nesta direção, os alunos também foram levados a produzir, revisar e reescrever várias versões do mesmo texto até torná-lo mais compreensível aos seus interlocutores reais.

Estaremos explicitando a logo a seguir, nossas análises e nossos comentários dos textos produzidos e revisados dos “Aluno A” e “Aluno B”, da turma do 6º ano, sendo apresentada uma síntese deles dos quatro textos produzidos por cada um deles, nos Quadro 21 e 22. Esses textos produzidos podem ser encontrados na íntegra, no *corpus* das análises que serão realizadas após a apresentação dos dois quadros comparativos, já mencionados.

5.3 ANALISANDO OS TEXTOS A PARTIR DE QUADRO COMPARATIVO

As análises envolverão primeiramente dois quadros dos principais aspectos que envolvem a modalidade da língua escrita, uma vez que não podemos aprender a língua de forma compartimentada, como pontua Neves (2003). Essas análises estarão logo após cada quadro, sendo percorridas de forma descritiva. Na sequência, serão apresentadas duas tabelas com dados dos aluno A e B, fechando os resultados apresentados.

Quadro 21 – Análise comparativa em relação a apropriação da língua materna escrita – Aluno A

Aspectos analisados	Texto diagnóstico	1ª versão (dupla)	2ª versão (dupla)	3ª versão (dupla)
Título	-Não colocou título	-Há título “O rei Sapo”	- Há título “O rei Sapo”	- Há título “O rei Sapo”
Estrutura composicional	-Não construiu uma imagem mental da disposição gráfica do gênero conto, sobre o papel; -Organiza o texto em um único bloco; -Algumas partes do texto não ficaram claras e outras omissas, não mantendo uma relação lógica-discursiva na construção das ideias do texto (não descreveu bem sobre o pai, a vó paterna, onde morava, havendo algumas lacunas à progressão do texto em relação à versão original);	_Organizou o conto em quatro laudas, com as características desse gênero, demonstrando ter uma imagem mental da sua disposição gráfica, sobre o papel (vários parágrafos para as vozes do narrador e personagens, organizando-o em períodos, conforme a versão original); - Construiu o texto em quatro páginas;	- Produziu o conto em cinco laudas, com as características desse gênero, tendo uma imagem mental da sua disposição gráfica sobre o papel; -Aumentaram os parágrafos devido a inserção de novas ideias que foram sugeridas na revisão;	-O conto apresenta-se em duas laudas, com as características do gênero narrativo; -Os alunos demonstram ter uma imagem mental da forma correta da disposição gráfica do conto sobre o papel;
Elementos da narrativa	-Constrói o texto com todos os elementos da narrativa progressivamente, que caracteriza o gênero, percebendo-se uma pequena confusão no momento que a Chapeuzinho Vermelho se encontra com o Lobo Mau e introduz a personagem Vó Iolanda;	_ De forma geral, organizou o conto com todos os elementos da narrativa em relação à versão original; a) Situação inicial (há contextualização do tempo, lugar, dos personagens), “ Era uma vez, num tempo em eu os desejos se cumpriam havia um Rei cuja as filhas eram todas Belas Mas a menor era tão bela ...” b) Conflito: “ ... Numa jogada que ela deu a bola passou direto pelas mãos dela e caiu no chão e saiu Rolando para dentro do poço, ela foi seguindo a bola até que ela não conseguiu velá mas .” c) Clímax: “ __ Eu estou cansado me levanta para cima da sua cama deceda, se não eu vou contar para seu pai, então ela pegou o sapo e le jogou contra a parede e quando ela jogou o sapo na pare de ...”;	_Apresentou o texto de forma desenvolvida, evidenciando todos os elementos da narrativa de forma clara e objetiva, marcando bem: o tempo, o espaço, os personagens, o problema, o clímax e o desfecho. -A situação inicial aparece não muito clara na questão da descrição do local onde a princesa vive: “Ela morava num castelo tinha um bosque, nesse bosque tem um poço de baixo de uma árvore.”	-Essa elaboração final se apresenta, de forma bem clara, com todos os elementos da narrativa, estando ele compreensível ao leitor.

		d) Desfecho: “ ... ele virou uma lindo príncipe . ai o príncipe . disse: __ Eu fui enfeitiçado por uma bruxa [...] também falou que amanh-a eles iam para o castelo dele e que apartir dali ele ia ser o companheiro dela.”;	-O tema é percebido ao longo do texto que produz.	
Paragrafação e pontuação	-Não faz uso de parágrafos, construindo o texto em oito períodos; -Faz uso de vírgula e ponto final apenas.	-Estrutura o conto em parágrafos, ora para a voz do narrador, ora para as vozes dos personagens “ E ela começou a xorar: __ Porque chores?” -Há momentos de confusão entre voz de personagem e narrador, não estando totalmente seguro, utilizando o mesmo parágrafo: “ __ Não meu amo é apenas meus aros [...]. Então ele começou a calvagar e ir pro castelo.” - Emprega a pontuação de forma adequada conforme cada situação que constrói a história: “ __ Porque choras?”; “ ... saiu correndo, dai o sapo falou: __ Princesa me espera eu não consigo correr ...” - Há momentos que não emprega corretamente: “__ O que foi filha tem um gigante la fora tentando te pegar?”	- A segunda versão, apresenta-se melhor organizada em relação à paragrafação, tendo discernimento de quando é voz de narrador e personagem. Porém, aparece duas situações de junção da voz do narrador e do personagem no mesmo parágrafo: “ __Princesa me espera eu não consigo correr igual a você! E o sapo voutol paro poço.” “ __ Filha do rei a mais nova abri para mim Ai a princesinha foi abri a porta.”; -Não utilizou corretamente o ponto que se fez necessário nesta situação: “ <u>lenbra</u> o que tu prometeres ontem;” (frase interrogativa)	-A versão final apresenta-se com paragrafação e pontuação adequados à cada situação que constrói o texto.
Discurso direto/Indireto	-Faz uso do discurso indireto, como acontece na versão original “ Ela era irmã da Chapeuzinho Vermelho...”	_ Como na versão original dos Irmãos Grimm, a dupla faz uso do discurso direto e indireto: a)Voz do narrador: “ ... O sapo mergulhou por o fundo do poço e pegou ...”; b) Voz de personagem: “__ O que foi filha tem um gigante la fora tentando te pegar?”	_ Manteve o discurso indireto e direto, como na primeira versão e na versão original dos Irmãos Grimm: “ E o príncipe falou que na manhã seguinte eles iriam para o castelo ...”; “__ Eu fui enfeitiçado por uma bruxa dai eu fiquei no poço e so você podia ...”	-Como na versão original do texto motivador, O Rei Sapo, dos Irmãos Grimm, está organizado com o discurso indireto e direto.
Norma padrão	- Faz uso da norma padrão para construir o texto “Ela era irmã da	-Percebem e utilizam a norma padrão, porém ainda há momentos em apresentam alguns desvios, ou seja, ainda	- Utiliza a norma padrão para a construção da segunda versão,	-Está elaborado e digitado na

	Chapeuzinho Vermelho ...”;	estão em processo de aquisição da norma culta; “... __ Eu quero sentar na mesa <u>com</u> você, comer no ceu pratinho de ouro, <u>durmir</u> na sua cama de ceda e ser seu amigo e companheiro ...”; “ __ <u>Foi</u> eu aqui em Baixo.”	porém há alguns fragmentos com a variedade coloquial: “Não meu amo <u>é</u> apenas meus aros de ferro que mandei colocar em volta do meu coração quando <u>você</u> foi enfeitado ...”; “ ... começou a calvagar e ir <u>pro</u> castelo.”	norma padrão da Língua Portuguesa Brasileira, de acordo com as características e maturidade da dupla.
Letra maiúscula	-Tem compreensão de que toda frase/oração/ período/ nomes próprios devem iniciar por letra maiúscula, sabendo articular bem esse aspecto: “ <u>Era</u> uma vez uma menina chamada de <u>Chapeuzinho Azul</u> . <u>Ela</u> era irmã da <u>Chapeuzinho Vermelho</u> ...””;	- Demonstra que ainda não se apropriou da totalidade das normas de uso da letra maiúscula, que ainda não consolidou o seu emprego, havendo uso sem controle: “ ... __ tudo Bem vou Bucar sua Bola...”, “ ... Quando fazia munto calor ia nesse <u>Bosque Brincar</u> com sua <u>Bola</u> de ouro.”	-Fez uso de maneira criteriosa, aparecendo somente três casos de uso inadequado: “ ... Quando fazia muito calor ia nesse <u>Bosque</u> brincar com sua bola de ouro.”; “pegou a bola de ouro da <u>Princesa</u> .”; ...a princesa estava jantando com o <u>Rei</u> e os cortesões ...”	-Todas os períodos, parágrafos e nomes próprios foram registrados nas normas gramaticais da modalidade escrita da língua materna.
Marcas de oralidade	-Há algumas marcas da oralidade “ ... ela estava <u>engripada</u> ...”; “... e <u>daí</u> o pai logo ...”; “ ... foi correndo <u>pra</u> pode ...);	_ Há marcas de oralidade em algumas situações: “Agora me levantas para a mesa, <u>pra mim</u> ficar bem ...”; “[...]. Então ele <u>começou</u> a calvagar e ir <u>pro</u> castelo.”; “ __ Então <u>ta</u> te prometo o que quiseres ...”; “ ... com cabeça <u>infeitade</u> de pluna ...”; “ ... comer no ceu pratinho de ouro, <u>durmir</u> na sua cama de ceda e ser seu amigo e conpanheiro ...” - Muito emprego do conector ‘daí’, ‘aí’ “... <u>dai</u> o pai dela perguntou...”; “ ... <u>dai</u> ela caiu no posso ...”; “ ... comecei a chorar <u>ai</u> um sapo exigiu ...”; “ ... e deitou na sua cama <u>ai</u> o sapo ...”; “..foi abrir a por, <u>ai</u> o sapo entrou ...”; .. vou contar para o seu pai <u>i</u> então ela pegou o sapo ...”.	-Apresenta marcas da modalidade oral em algumas situações: “ <u>Ai</u> a princesinha foi abrir a porta <u>ai</u> o sapo entrou ...” “E o sapo voutol <u>pro</u> poço.”; “ ... saiu correndo, <u>dai</u> o sapo falou:”; “ ... ontem eu <u>tava</u> brincando com a minha bola de ouro, <u>dai</u> ela caiu no poço e <u>dai</u> eu comecei a chorar ...”; “ ... <u>me levanta</u> para a mesa <u>pra</u> mim ficar bem perto de ti.”	-Sob a perspectiva da norma padrão, foram corrigidas todas as marcas de oralidade.
Ortografia	-Há alguns problemas de ordem ortográfica “... ela tinha comido os <u>doços</u> _mais a vó Gorda <u>cofeçou</u> que ... ”; “...a vó Gorda foi <u>corendo</u> ...”;	_ A dupla autora apresentou vários erros ortográficos: “Quando fazia <u>munto</u> calor ...”; “ ...Ela gosta de <u>jogala</u> para <u>sima</u> e <u>agarrala</u> ...”; “ .. pegou a Bola de ouro da Princeza ...” “ ... com cabeça <u>infeitade</u> de pluna ...”	-Há reincidência de quase os mesmos desvios ortográficos, alguns foram revisados e surgiram outros novos: “.. um <u>poço</u> de baixo de uma	- O texto está elaborado de acordo com a normas ortográficas na modalidade escrita da Língua Portuguesa

			<p>árvore ...”; “... Ela gostava de <u>jogala</u> para <u>sima</u> e <u>agarrala</u> ...”; “... Chorava tanto que <u>derrepente</u> ela ouviu uma voz ...”; “... minhas pedras <u>presiosa</u> ...”; “E o sapo <u>voutol</u> pro poço.”; “...agora ele <u>que</u> entrar.”</p>	Brasileira.
Acentuação	<p>- Domina e há discernimento sobre o uso da acentuação gráfica no repertório linguístico do contexto desse gênero “...e ele mandou a <u>vó</u> gorda ir pelo ...”; “...chapeuzinho <u>já</u> estava ...”; Ela <u>até</u> gostava ...”; “foi levar doces para a <u>vovó</u>...”; - Há um caso que não a utiliza “... E <u>dai</u> a <u>vó</u> e a chapeuzinho ficarão ...”;</p>	<p>- Há apropriação da acentuação gráfica das palavras, havendo alguns elementos linguísticos não foi aplicada: “... nesse Bosque tem um poço de Baixo de uma <u>árvore</u> ...”; “...<u>dai</u> a princesa pegou o sapo ...”; “... <u>ai</u> o <u>principe</u> disse ...”; “__ O que foi filha tem um gigante <u>la</u> fora tentando te pegar?”; “__ Seus vestidos, suas <u>perolas</u>, suas ...”.</p>	<p>-Ainda não domina todo repertório linguístico com acentuação gráfica no contexto do conto trabalhado, uma vez que o olhar da 1ª revisão não foi voltada para esse aspecto. “... tem um gigante <u>la</u> fora tentando te pegar?”; “__ <u>Esta</u> bem meu pai eu vou abrir.”;</p>	<p>- O conto está de acordo com as normas de acentuação da modalidade escrita da Língua Portuguesa Brasileira.</p>
Concordância	<p>- Apresentou alguns problemas de concordância no modo e tempo verbal “...<u>ficarão</u> na janela ...a”; “as chapeuzinhos <u>pedirão</u> se elas <u>podião</u> comer os ...”;</p>	<p>-Apresenta sucesso, apresentando uma situação em que não ocorre a concordância nominal : “... havia uma Rei <u>cuja as</u> filhas eram todas Belas ...” -Problema de concordância verbal e nominal: “... O sapo mergulhou <u>por o</u> fundo do poço e pegou ...” “ No dia seguinte chegou uma linda carruagem <u>cavalo branco com cabeça</u> <u>infeitade de pluna</u> ...”; -Problemas no modo e tempo verbal: “.. perto do castelo tinha um bosque, nesse Bosque <u>tem</u> um poço ...”; “__ Eu fui enfeitsado por uma bruxa [...] e so você <u>podia</u> me salvar.”</p>	<p>-Apresenta alguns problemas de concordância verbal e nominal: “Choras tanto que <u>pode</u> até comover uma pedra.”; “Eu posso pegar sua bola de ouro só se tu me <u>prometeste</u> algo.”; “ Eu quero sentar na mesa <u>com você</u>, comer no ceu pratinho ...”; “... minhas <u>pedras presiosa</u> ...”; “E u estou cheio, agora <u>me leva</u> para o seu quarto ...”; “<u>lenbra</u> o que tu prometeres ontem.”</p> <p>- Problema de concordância no modo e tempo verbal:</p>	<p>- O texto foi elaborado com concordância verbal e nominal,, mantendo-se diante da consciência linguística da dupla de alunos, podendo ter alguns desvios da norma culta, não percebidos pelos alunos.</p>

			<p>“.. perto do castelo tinha um bosque, nesse bosque <u>tem</u> um poço ...”; “... ela escutou um barulho de agem bateu na porta ...”; “ ... ele disse que o príncipe <u>devera</u> ser o marido e companheiro ...”; “.. lembra o que tu <u>prometeres</u> ontem:</p>	
Elementos Coesivos	<p>-Há consciência da necessidade e utilização dos conectores textuais, ou seja, elementos coesivos, para dar sequenciação aos acontecimentos que envolvem a narrativa, como: pronomes, preposições, conjunções, advérbios.</p> <p>“Era uma vez uma menina chamada de Chapeuzinho Azul. <u>Ela</u> era irmã <u>da</u> Chapeuzinho Vermelho ...”;</p> <p>“...queriam ganhar bonecas <u>mais elas</u> acabaram ganhado chapeuzinhos ...”;</p> <p>“... <u>No caminho</u> a chapeuzinho vermelho encontrou o Lobo Mau, a vó materna <u>ela se</u> chamava Iolanda <u>e ela</u> tinha o apelido <u>de</u> vó Gorda <u>mas ela até</u> gostava <u>desse</u> apelido ...”</p> <p>“ ... o pai <u>das</u> chapeuzinhos <u>já</u> estava <u>em</u> casa, <u>então</u> a vó Gorda ...”</p>	<p>- utiliza, com muita frequência, operadores discursivos da oralidade “daí” (seis vezes) e o “ai” (oito vezes): “ ...<u>dai</u> a princesa pegou o sapo ...”; “ ... <u>ai</u> o príncipe disse ...”;</p> <p>-Tem consciência de que há elementos específicos para estabelecer ligações entre as ideias que estão sendo construídas, principalmente porque já sabe do contexto de produção.</p> <p>“.. eram todas Belas <u>Mas</u> a menor era <u>tão</u> ...”; “ ... <u>nesse</u> Bosque tem um poço <u>de Baixo de</u> uma árvore. Quando fazia munto calor <u>ela ia nesse</u> ...” ; “... <u>então ela</u> pegou o sapo ...”; “ <u>No dia seguinte</u> chegou uma linda carruage ...”;</p>	<p>-A construção da narrativa está bem articulada, estando todas as orações, períodos e parágrafos interligados de acordo com a sequenciação dos acontecimentos dando unidade e sentido ao texto.</p> <p>-Foram utilizados diversos operadores do discursivos para interligar as ideias e acontecimentos de toda a trama da história, dando coesão e coerência;</p> <p>“ ... não demonstrou <u>muito</u> agrado pelo sapo <u>mas</u> o rei fez <u>com que</u> <u>ela</u> atendesse <u>e o</u> fez. <u>Depois</u> o sapo subiu <u>e</u> falou: ...”</p>	<p>_ O texto está organizado com palavras, orações, períodos e parágrafos todos entrelaçados, com um repertório diversificado de elementos coesivos e de recursos linguísticos para sequenciar os acontecimentos, dando corpo ao texto como produzindo sentido.</p>
Coerência textual	<p>-Promove a coerência, pois todos os acontecimentos são bem articulados, dentro da maturidade do autor, com os elementos</p>	<p>_ Consegue estabelecer ligações entres os diversos segmentos linguísticos do texto, estabelecendo ligações entre as palavras, frases, orações, períodos e parágrafos, constituindo um texto com coerência.</p>	<p>-Construiu o texto utilizando vários elementos coesivos (pronomes, conjunções, preposições, advérbios) na</p>	<p>_ O conto está estruturado com lógica entre todos os parágrafos, bem articulado levando em conta os possíveis</p>

	coesivos que estabelecem conexões entre as ideias do conto, desencadeando uma lógica entre elas, dando sentido ao texto.		construção do texto, sendo todos pertinentes para a progressão do texto, dando clareza aos acontecimentos que envolveram a narrativa, tornando o conto e coerente ao proposto	interlocutores; _ Os elementos linguísticos e os recursos linguísticos estão interligados para a construção do texto escrito, e consequentemente, para a construção da coerência.
--	--	--	---	--

Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2020.

5.3.1 Análise do Quadro 21 – Aluno A

O Quadro 21, traz uma síntese geral de quatro textos compostos do gênero conto, produzido em quatro momentos específicos pelo Aluno A, e todos eles serão analisado nos diversos aspectos que envolvem a Língua Portuguesa Brasileira, como: estrutura composicional, paragrafação, discurso direto e indireto, ortografia, entre outros aspectos que se encontro no quadro. O propósito principal da análise desses textos é observar se “os elementos coesivos” se fazem presentes neles, porém, além deles, os outros aspectos também serão analisados, uma vez que não podemos analisar nem aprender a língua materna escrita de forma estanque, mas de forma global. As informações apresentadas estão embasadas nos textos que estarão sendo apresentados nesta análise: no diagnóstico, na primeira, segunda e terceira versão do Aluno A.

A análise envolverá os quatro momentos que o “Aluno A” percorreu na trajetória de produção escrita do gênero conto. No momento inicial, o aluno produziu um conto, sendo denominado como Texto Diagnóstico. Ele tinha como interlocutor, o professor pesquisador. Já o segundo gênero discursivo, outro conto, teria como interlocutores crianças de uma escola de Educação Infantil e um Abrigo de Menores. Da primeira versão até a produção final, esse texto passou por duas revisões, sendo que na última ele fora digitado, impresso e ilustrado para compor um livro de literatura infantil.

Texto Diagnóstico

Após uma leitura do conto reescrito, infere-se que o Aluno A já se apropriou dos elementos que são essenciais para a construção de uma narrativa, ou seja, personagens, tempo, lugar, problema, clímax e desfecho, conseguindo construir um texto com as características básicas desse gênero discursivo. Não colocou o título, sendo este de fundamental importância para convidar o leitor a lê-lo. Fez uso somente do discurso indireto como na versão original. Apresentou uma confusão no momento que Chapeuzinho Vermelho encontra o Lobo Mau e em seguida insere uma outra personagem, a Vó Iolanda, como a vó materna, e não dá sequência do que acontece a partir daí. Apresenta a Vó Gorda sem descrever quem é ela, com isso esse momento fica, sem sentido em relação à versão original, porém não compromete o sentido global do conto. Todos esses aspectos podem ser verificados no texto que segue a seguir:

Produção Escrita

Reescreva o conto "Uma menina chamada Chapeuzinho Azul", de Flávio de Souza, baseando-se nas leituras e estudos realizados.

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Azul. Ela era irmã da Chapeuzinho Vermelha, as meninas queriam ganhar moedas das vovozinhas bonitas, mais elas acabaram ganhando Chapeuzinho uma ganhou um Chapeuzinho azul e a outra ganhou Chapeuzinho Vermelha. O Chapeuzinho Vermelho foi levar doces para a vovó e o Chapeuzinho Azul ficou no seu quarto porque ele estava ajudando o pai das Chapeuzinhas trabalhava em uma construção construindo parte no caminho o Chapeuzinho Vermelho encontrou o Lobo Mau, a vó tratava ela de vovó e ela tinha o apelido de vó Gorda mas ela não gostava desse apelido de vó encontrada com um Lobo muito Belo Mau e ele mandou a vó Gorda ir pelo caminho mais longo, mais a vó Gorda era tão esperta que ela foi pelo caminho mais curto, e daí o pai das Chapeuzinhas já estava em casa, então a vó Gorda foi correndo e se pode avisar o pai e daí o pai logo foi pegar a Espingarda e daí quando o lobo chegou em frente da casa, que ele viu que o pai estava com a Espingarda o Lobo Mau deu um tchauzinho e deu no pé. E daí a vó e o Chapeuzinho ficaram na janela de dorso virado. Então daí o Chapeuzinho Vermelho chegou com o caçador e contou tudo o que tinha acontecido. Depois de jantar as Chapeuzinhas pediram se eles podiam comer os doces mas a vó Gorda explicou que no caminho ela tinha comido os doces e foi falando bobagem.

Fonte: Produzido pelo Aluno A, 2019.

Conforme mostra o Quadro 21, nesse primeiro texto o Aluno A ainda não se apropriou do uso de parágrafos, não tendo também internalizado uma imagem mental da disposição gráfica para estruturar o gênero conto.

Sabe da necessidade de usar a pontuação para não tornar o texto muito cansativo no momento da leitura, estruturando-o em diversos períodos. Como na versão original, fez só uso do discurso indireto. Faz uso da norma padrão para reescrever o texto, fazendo alguns registros com marcas da oralidade, e usa com muita frequência um marcador de tempo do discurso oral, "E daí".

Com relação ao uso da letra maiúscula, ainda não há domínio de todas as normas de uso, sabe que toda período começa com letra maiúscula, porém no tocante aos nomes próprios, ainda não está segura, mesmo fazendo algum uso. Há segurança no uso dos elementos linguísticos que recebem acentuação no contexto do conto trabalhado.

Apresentou dificuldades em fazer a concordância do modo e verbal de algumas construções na 3ª pessoa do plural, confundindo o pretérito perfeito do indicativo com o futuro do presente do indicativo “.. a vó e a chapeuzinho ficarão na janela so dando risada ...”

Para construí-la faz uso de muitos elementos coesivos, como:

- Pronomes: “ela” para fazer referência ora a Chapeuzinho Azul ora à Vó Gorda; “elas” com referências as duas meninas; “ele” empregado para fazer referência ao lobo mau, “seu” para fazer referência ao quarto da Chapeuzinho Azul; “desse” que faz referência ao apelido que a personagem Iolanda tinha.

1)“ Ela era irmã da Chapeuzinho Vermelho ...”, sendo que esse pronome faz referência a menina que foi citada anteriormente e está próximo ao que escreve. Aqui está claro que o aluno sabe de qual recurso deve usar para retomar algo dito e amarrar com as novas ideias;

- Conjunções: as mais usadas foram: “mas”, no sentido de opor algo dito anteriormente; “e” para inserir mais uma ideia; “porque” usado para justificar a causa de tal atitude; “que” empregado para explicar alguma ação. Dessas conjunções, a mais predominante é a conjunção “e”.

1) Tem consciência que há uma conjunção certa para contrariar uma ideia colocada anteriormente “... as meninas queriam ganhar no dia das crianças bonecas mais elas acabaram ganhado chapeuzinhos...” . Neste período, percebe-se que a ortografia da conjunção “mais/mas” não está correta, ela arrisca a colocá-la com o sentido de contradizer algo dito anteriormente. O Aluno A ainda precisa percorrer um caminho de análise e reflexão e internalizar em quais situações cabe aquela forma que ele registrou e qual é o vocábulo certo para esta situação por ele registrada;

2) Também se apropriou do conhecimento de que a conjunção “e” é usada para adicionar mais uma informação a algo já apresentado “ ... uma ganhou um chapeuzinho azul e a outra ganhou um chapeuzinho vermelho ...”;

3) Usa a conjunção “porque” na construção da sequência do texto, para justificar o motivo pelo qual a personagem “Chapeuzinho Azul” não acompanhou a sua irmã, Chapeuzinho Vermelho: “A chapeuzinho vermelho foi levar doces para a vovó e a chapeuzinho Azul ficou no seu quarto porque estava engripada.”

- Advérbios: de tempo: “Era uma vez ...”; “quando”; “depois”, “já”; advérbio de intensidade “ muito Lobo mau” e “ tão esperta”; advérbio no sentido de comprimento “ mais curto”; no sentido de sucessão “então” .

- Preposições: “ da” ; “no”; “para”, “ em”; “de”; “até”, “com”; “pelo”; “pelo”; “na”.

De forma geral, verificamos que o Aluno A, nesse texto diagnóstico, está em processo de apropriação da língua escrita formal, fazendo uso de uma variedade de elementos coesivos no gênero conto.

Primeira Versão

Observando inicialmente a disposição gráfica do texto no papel, constatamos já de início que, o Aluno A tem consciência mental da estrutura composicional do gênero conto, apresentando o título, o uso de parágrafos, para o texto não parecer com um amontoado de palavras e tornar a leitura cansativa. Também utiliza o discurso direto, com a voz dos personagens através dos travessões e do discurso indireto, com a voz do narrador utilizando somente o parágrafo. Houve duas sequências no texto em utilizou o mesmo parágrafo para as duas vozes: de personagem e de narrador. Esses e outros aspectos referentes a reescrita desse versão, serão apresentadas no texto que segue:

7. Produção Escrita - 1ª versão

Reescreva o conto "O Rei Sapo", dos Irmãos Grimm, baseando-se nas leituras e estudos realizados, respeitando a estrutura do gênero narrativo. Não esqueça o título!

O Rei Sapo

Era uma vez, num tempo em que os desejos se cumpriam havia um Rei cujo as filhas eram todas belas. Mas a menor era tão bela, que até o sol iluminava na a festa dela. Ela morava num castelo, perto do castelo tinha um bosque, nesse bosque tem um poço de Baixa de uma árvore. Quando fazia muito calor ela ia nesse bosque brincar com sua bola de ouro. Ela gostava de jogar para cima e agarrar. Uma jogada que ela deu a bola passou direto pelas mãos dela e caiu no chão e saiu andando para dentro do poço, ela foi seguindo a bola até que ela não conseguisse vê-la mais.

E ela começou a chorar.

Porque chorar?

Quem disse isso?

- Foi eu aqui em Baixa.

E ela é quem minha bola de ouro caiu dentro do poço?

Eu posso pegar sua bola de ouro só se tu me prometeste algo.

- Eu te prometo tudo que quiseres: meus vestidos, minhas pedras preciosas e minha coroa de ouro.

- Seus vestidos, suas pedras, suas pedras preciosas e sua coroa eu não quero!

- Mas o que tu queres?

- Eu quero sentar na mesa, com doces, comer na tua cozinha de azeite, dormir na tua cama de seda e ver os teus amigos e companheiros!

- Então tu me prometes o que queres, mas na festa a minha Bola?

- Tudo Bem vou buscar a tua Bola.

O sapo mergulhou para a fundo da poça e pegou a Bola de ouro da Princesa. Quando ele chegou com a bola a princesa apapheou a Bola e saiu correndo, daí o sapo falou:

- Princesa me espanta, eu não consigo correr igual a um rei. No dia seguinte a princesa estava jantando com o seu pai, daí de repente ela ouviu um barulho de alguém subindo as escadas, daí alguém bateu na porta toc toc, aí a princesinha foi abrir a porta. Quando ela abriu a porta ela levou um susto e fechou a porta rapidinho, daí o pai dela perguntou:

- O que foi filha tem um gigante lá fora tentando te pegar?

- Não, não é isso, sabe lá que é o que ontem eu estava brincando com a minha Bola de ouro, daí ela caiu no poço e daí eu comecei a chorar aí um sapo exigiu que se eu cumprisse tudo que ele quisesse ele ia pegar a minha Bola, aí eu falei que eu ia cumprir, agora ele quer entrar.

- Minha filha tudo que prometeres deves cumprir. Ligera vá abrir a porta para ele agora.

- Esta bem meu pai eu vou abrir. Li a
princesinha foi abrir a porta, ai o sapo
entrou e disse:

Ligera me levanta para o meu
mim ficar bem perto de ti ligera passa teu
pratinho de ouro para perto de mim para
eu comer contigo e depois o sapo falou:

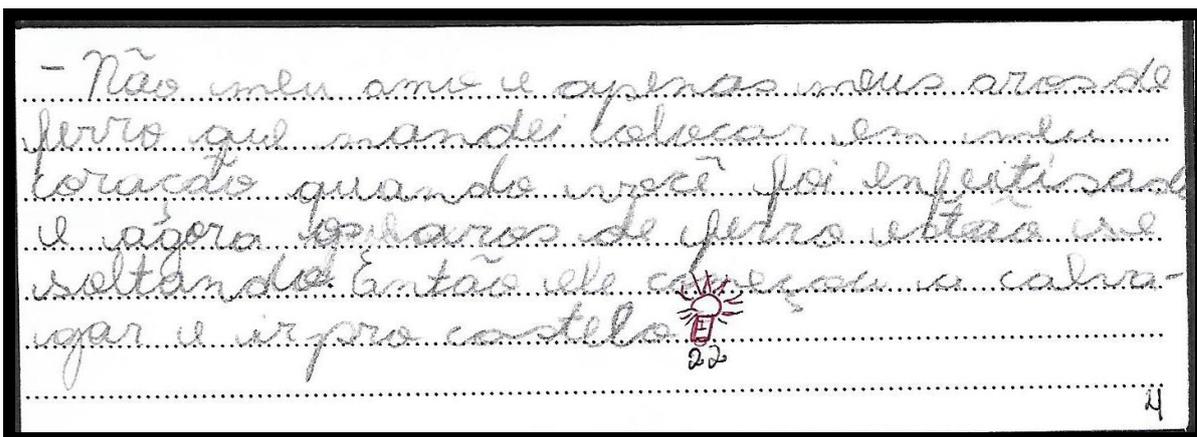
- Ligera me leva para o meu quarto para
mim dormir na tua cama de seda.
Dai a princesa pegou o sapo pela ponta
de seu dedos e subiu as escadas. Quo-
ndo ela chegou no quarto ela pegou
deixou o sapo no chaminé e deitou na
sua cama foi o sapo falso.

- Eu estou cansado me levanta para a
cima da cama e deita, se não eu vou
contar para seu pai; então ela pegou o
sapo e ele jogou contra a parede quando
ela jogou o sapo na parede ele virou um lobo
preto e se precipitou e disse:

- Eu fui enfeitado por uma bruxa.
Dai eu fiquei no porco e se você podia me
salvar eu principo. Ela bem falou que comen-
ço a ir para o castelo dele e que o portão
dali ela iria ser o companheiro dele.

No dia seguinte chegou uma linda chova
e o lobo levou com salteira infetado de plumas
e corantes de ouro e o príncipe Henrique.

Henrique ficou tão triste que começou a
car 3 anos de ferro no seu coração e
começaram a andar os arcos de ferro
começaram a se saltar de pura alegri-
a, o príncipe perguntou se a coroa
tinha mudado então Henrique disse:



Fonte: Produzido pelo Aluno A, 2019.

Organizou o texto em muito períodos e parágrafos, como ocorre na versão original. A pontuação foi usada com critérios para estabelecer a comunicação em cada situação no desenvolvimento de toda narrativa. Incorporou todos os elementos da narrativa, construindo um texto com coesão e coerência, estabelecendo sentido de forma global. Apresenta algumas marcas de oralidade, demonstrando que ainda não utiliza, de forma consciente a norma culta para a escrita, que talvez não tem muita interação com a leitura e escrita de gêneros discursivos da ordem do narrar, principalmente o conto. Entre os conectores que são comumente mais utilizados da modalidade oral, encontramos o “daí” e o “aí”.

O Aluno A, demonstra grande domínio da língua escrita na norma padrão, porém ainda apresenta muitos erros ortográficos. Verificamos também a presença de períodos sem concordância verbal, nominal e de tempo e modo verbal. Fez uso dos elementos coesivos para estabelecer ligação entre palavras, orações, períodos e parágrafos, conseguindo dar progressão aos acontecimentos, estando interligados e promovendo a coerência ao texto.

Os elementos coesivos mais utilizados para a reescrita da 1ª versão do conto foram:

- Pronomes: “que”; “dela”; “ela”; “ não”; “nesse”; “de”; “por que”; “sua”; “no”; “isso”; “tu”; “me”; “meu(s)”; “minha(s)”, “seu(s)”; “sua(s)”; “eu”; “dele”
- Preposições: “num”; “em”; “num”; “de” “com”; “com”; “para”; “numa”; “pelas”; “do”; “no”
- Conjunções: “mas”; “e”; “ senão”
- Advérbios: “Era uma vez”; “tão bela”; “que até”; “perto”, “Quando”; “muito calor”; “cima”; “dentro”; “até que”; “aqui”; “tanto que”; “em baixo”; “Então”; “depois”; “Agora”; “ No dia seguinte”; “ tudo que”; “mis”; “fora” “ manhã seguinte”...

Entre os marcadores do discurso elencados anteriormente, usados para dar progressão temporal ao desenvolvimento do texto, os mais utilizados foram: “quando”, “então” e “agora”. Os elementos coesivos mais utilizados são as preposições, pois aparecem ligando as palavras para estabelecer sentido, e a conjunção “e”.

Segunda Versão

Percebemos nesta segunda versão escrita que o Aluno A apresentou o título e uma melhor organização da disposição gráfica do texto, com uma letra mais legível, os parágrafos e travessões estão bem evidenciados. Utilizou o discurso direto e indireto, aumentando as laudas para o número cinco. Consegue tornar o texto mais claro e coerente, com as ideias mais ampliadas, conforme foram sugeridas nos bilhetes classificatórios-interativos, ou seja, contemplou-se todos os elementos da narrativa em sequência lógica, construindo o sentido geral do texto. Isso está evidente no texto disposto a seguir:

7. Produção Escrita - 2ª versão

Reescreva o conto "O Rei Sapo", dos Irmãos Grimm, baseando-se nas orientações dadas pela pesquisadora.

O rei Sapo

Era uma vez, num tempo em que os desejos se cumpriam, havia um rei e as filhas eram todas belas, mas a menor era tão bela, que até se iluminava o rosto dela. Ela morava num castelo, tinha um bosque, e esse bosque tinha um poço de água de uma árvore. Quando fazia muito calor ela ia ao bosque brincar um dia de ouro, ela gostava de jogar para cima e o garoto virava numa jogada que ela deu a bola passou dentro das mãos dele e caiu no chão e saiu rolando para dentro do poço, ela foi seguindo a bola até que ela não conseguiu vê-la mais.

A princesa começou a chorar, chorava tanto que de repente ela ouviu uma voz que dizia: - Porque choras filha do rei? Choras tanto que podes até comprar uma pedra.

Ela olhou para os lados e viu um sapo molento com sua calça amarela.

- Dize-me que minha bola de ouro caiu dentro do poço.

- Se quiser e não chores, tu podes pegar sua bola de ouro, só se tu me prometeres algo.

- Eu te prometo tudo que quiseres. Meus vestidos, minhas pedras preciosas

e minha coroa de ouro.

- Seus vestidos, suas pedras, suas pedras preciosas e sua coroa. Eu não quero.

- Mas o que quero?

- Eu quero sentar na mesa com você, comer no meu pratinho de ouro, dormir na sua cama de seda e ser seu amigo e companheiro.

- Então eu te prometo o que quiseres, mas não vou buscar a minha bola.

- Tudo bem, vou buscar sua bola.

O sapo mergulhou para o fundo do poço e pegou a bola de ouro da Princesa. Quando ele chegou com a bola a princesa apanhou a bola e saiu correndo, daí o sapo falou:

- Trinta mil, espera eu não consigo correr igual a você. O sapo voltou pro poço.

No dia seguinte a princesa estava sentando com o Rei e os cortesãos. Daí de repente ela ouviu um barulho de algum bater na porta. Ela se levantou e gritou:

- filha de rei a mais nova aqui para mim. a princesinha foi abrir a porta.

Quando ela abriu a porta ela percebeu um ruído e fechou a porta rapidamente. ela voltou correndo para a mesa muito assustada. daí o pai dela perguntou:

- O que foi filha? tem um gigante lá fora tentando te pegar?

- Não, não é isso. eu sei o que é que aconteceu. eu estava brincando com a minha bola de ouro daí ela caiu no poço e daí eu comecei a chorar. eu sei que se eu cumprir tudo que ele quiser ele não vai pegar a minha bola, daí eu falei que eu não cumpriria, mas eu

pensava que um sapo não podia sair da água. Agora ele que entrou:

- Filha do rei, para mais na cozinha para minha lêmba e que tu prometeres contém:

- Minha filha, tudo que prometeres deves ra cumprir. Ligera vá abrir a porta para ele passar:

- Tanta lêmba que eu vou abrir.

Logo a princesinha foi abrir a porta, mas o sapo entrou de arrastando no peido da princesa. Sei até o mesmo sentou se no cantinho da mesa.

Logo foi sentada para a mesa para ficar lêmba perto de ti.

A princesa mas demostrou muito arrogância de sapo, mas o rei fez com que ela atendesse o sapo depois o sapo se viria de valor.

- Agora para teu pratinho de ouro para parte de minha para eu comer com tigo.

A princesa fez o que o sapo pediu mas mas ela foi contada. O sapo regalou de com a comida, mas a princesa sentia cada pedacinho entaldado na sua garra.

Depois o sapo disse:

- Eu estou cheio, agora me levo para o quarto para me dormir, na sua aminha de leito. A princesinha começou a chorar.

Depois a princesa pegou o sapo pelos cantos de seu dedo e subiu as escadas.

gráfica está bem organizada, com o uso do discurso direto e indireto na norma padrão. Essa constatação se apresenta no texto a seguir:

O REI SAPO

Era uma vez, num tempo em os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas, mas a menor era tão bela, que a até o Sol, se alegrava ao iluminar o resto dela. Ela morava num castelo e perto dele tinha um bosque escuro. Nesse bosque, tinha um poço debaixo de uma árvore e a filha do rei sempre se sentava à beira dele. Quando fazia muito calor, a princesinha ia nesse bosque e brincava com sua bola de ouro, próxima ao poço. Ela gostava de jogá-la para cima e agarrá-la. Uma certa vez, ela fez uma jogada com a bola de ouro e ela passou direto pelas mãos dela, bateu no chão e saiu rolando para dentro do poço. Com os olhos, ela foi seguindo a bola até que ela não conseguiu vê-la mais. Quando aconteceu isso, a princesinha começou a chorar, chorava tanto que não conseguia parar. De repente ela ouviu uma voz que dizia:

- Por que choras, filha do rei? Choras tanto que podes comover até uma pedra.

Ela olhou para um lado e depois para o outro, e viu um sapo nojento, com sua cabeça enorme fora da água. Então a princesa disse:

- Ah, és tu? Eu chorava muito porque a minha bola de ouro caiu dentro do poço.

- Sossegues e não chores. Eu posso pegá-la para você, mas só se você me prometer algo em troca!

- Eu te prometo tudo que quiseres. Meus vestidos, minhas pérolas minhas, minhas pedras preciosas e minhas coroa de ouro.

- Seus vestidos, sua pérolas, suas pedras preciosas e sua cora, eu não quero!

- Mas o que queres então, querido sapo?

- Eu quero sentar na mesa com você, comer no seu pratinho de ouro, dormir na sua cama de seda e ser seu amigo e companheiro. Se me prometer tudo isso, pegaria sua bola de ouro no fundo do poço e a trarei de volta.

- Então está certo, eu te prometo o que quiseres, mas vá buscar a minha bola de ouro.

- Tudo bem, vou buscar sua bola de ouro.

O sapo mergulhou de cabeça para o fundo do poço e pegou a bola de ouro da princesa com a boca. Quando ele chegou com a bola, a princesa apanhou-a e saiu correndo para o castelo. Então o sapo gritou:

- Princesa, me espera! Eu não consigo correr igual a você!

O sapo ficou triste e voltou para o poço.

No dia seguinte, a princesa estava sentada à mesa, jantando com o rei e os cortesãos, de repente ela escutou um barulho de alguém batendo na porta – Toc, toc! – e depois gritou:

- Filha do rei, a mais nova, abre a porta para mim!

Aí a princesinha foi correndo até a porta. Quando ela abriu, ela levou um susto e fechou a porta rapidinho, voltou correndo para a mesa, muito assustada. Então, o pai dela perguntou:

- O que foi filha? Tem um gigante lá fora, tentando te pegar?

- Não, não é isso! Sabe o que é? É que ontem, eu estava brincando com a minha bola de ouro, ela caiu no poço e eu comecei a chorar. Apareceu um sapo e me exigiu, que se eu cumprisse tudo que ele quisesse, ele ia pegar a minha bola, ai eu falei que eu prometi fazer tudo que ele queria, mas eu pensava que ele nunca poderia sair daquele poço. Agora ele está lá fora e quer entrar

O sapo volta a gritar:

- Princesa, a mais nova, abre para mim! Lembras o que ontem prometeste lá junto do poço? Prometeste sim. Princesa, a mais nova, abre para mim!

- Minha filha, tudo que prometeste deves cumprir. Vá agora abrir a porta para ele!

- Está bem, meu pai, eu vou abrir.

A princesinha abriu a porta, o sapo entrou sempre pulando nos seus pés. Foi até à mesa, sentou-se e disse:

- Agora, me levanta para ficar bem perto de ti!

A princesa não demonstrou muito agrado pelo sapo, mas o rei fez com que ela atendesse o pedido dele e assim o fez. Depois subiu à mesa e falou:

- Agora, passa o teu pratinho de ouro para perto de mim para eu comer contigo!

A princesa fez o que o sapo pediu, mas não era de boa vontade. O sapo regalou-se com a comida, mas a princesinha sentia cada pedacinho entalado na sua garganta.

Depois o sapo falou:

- Eu estou cheio e cansado. Agora, me leva para o seu quarto para dormirmos na sua caminha de seda!

A princesinha começou a chorar. Depois a princesa pegou o sapo com dois dedos e subiu as escadas. Quando ela chegou no quarto, ela deixou o sapo num cantinho e deitou na sua cama. Então o sapo falou:

- Eu estou cansado! Levanta-me para sua cama de seda, senão eu conto pai!

Então ela pegou o sapo e o jogou contra a parede e disse:

- Agora me deixará em paz, sapo nojento!

Quando ele caiu virou um lindo príncipe. Aí ele disse:

- Eu fui enfeitado por uma bruxa, por isso eu fiquei no poço e só você poderia me salvar.

O príncipe também falou que de manhã seguinte eles iriam para o castelo dele. Quando o pai da princesa soube que o sapo era um príncipe, disse que ele seria o marido e companheiro amado pela sua vontade.

No dia seguinte, chegou uma linda carruagem com seis cavalos brancos, de cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e arreados com correntes de ouro. Na traseira dela, veio o fiel Henrique, com o fiel Henrique.

Henrique ficou tão triste quando seu príncipe amado foi transformado em sapo, que mandou colocar três aros de ferro em volta de seu coração, para que não partisse de dor e tristeza.

Depois que percorreram parte do caminho, o príncipe ouviu um estalo atrás deles e pensou que a carruagem estava quebrada. Então ele perguntou ao Henrique:

- Henrique, a carruagem está quebrada?

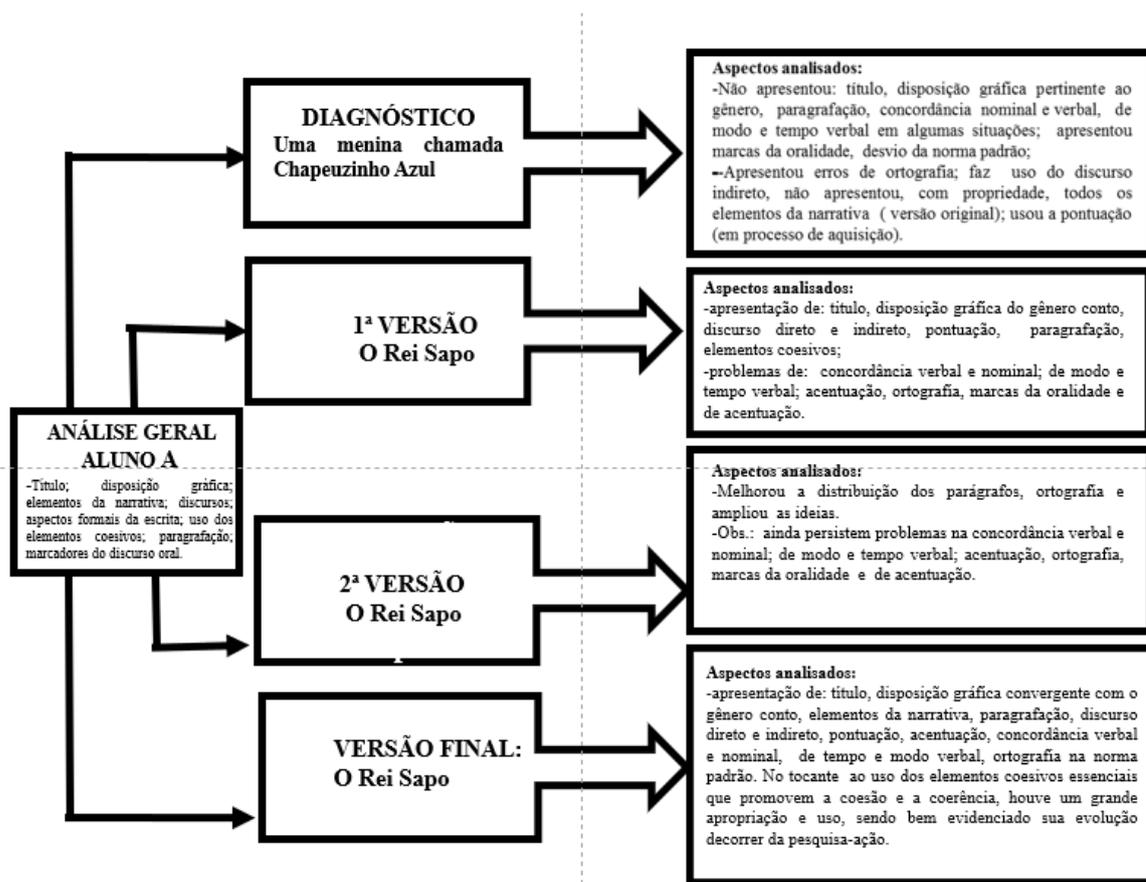
- Não meu amo, é apenas um dos três aros de ferro que mandei colocar em volta do meu coração quando Vossa Majestade foi enfeitada e agora eles estão se soltando.

Percorreram mais uma parte do caminho e o príncipe ouviu um novo estalo e depois um outro, preocupado ele perguntava ao Henrique se o carro tinha se quebrado e ele falava que eram apenas os aros se soltando do seu coração, porque agora o seu amo estava livre.

Fonte: Produzido pelo Aluno A, 2019.

Todos os elementos da narrativa estão bem elencados, sendo todos articulados com uso de elementos coesivos precisos, dando coerência ao texto. Constatamos que todas as orientações sugeridas através da Tabela 11 foram seguidas e corrigidas à risca, sendo as ideias, que não estavam claras, ampliadas, as correções ortográficas feitas como a pontuação.

As construções que estavam sem concordância verbal, nominal, de modo e tempo verbal agora estão coerentes à cada situação em que estavam inseridas. Enfim, esse texto reescrito e revisado duas vezes contempla os elementos linguísticos e recursos linguísticos para articulação dos acontecimentos na construção do gênero conto “O Rei Sapo” e a produção de sentidos, ou seja, ele se apresenta como um texto coerentemente reescrito, sendo digitado, dentro das possibilidades e maturidade linguística, já apropriada, pelo Aluno A. Logo a seguir, será apresentada uma análise geral de toda a trajetória percorrida pelo Aluno A durante a aplicação da proposta pedagógica prática.



Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2020.

Na sequência está o Quadro 22, com a análise comparativa de todos os aspectos analisados durante toda a caminhada realizada pelo Aluno B, em relação à apropriação dos elementos coesivos e demais aspectos da língua escrita.

Quadro 22 – Análise comparativa em relação a apropriação da língua materna escrita - Aluno B

Aspectos analisados	Texto diagnóstico	1ª versão (dupla)	2ª versão (dupla)	3ª versão (dupla)
Título	Não registrou o título	-Há título “O rei Sapo”	- Há título “O rei Sapo”	- Há título “O rei Sapo”
Estrutura composicional	Com relação à estrutura composicional, infere-se que este aluno ainda não construiu uma imagem mental sobre a disposição gráfica desse gênero na forma escrita, sobre o papel; -Sua composição foi elaborada em apenas dois períodos.	_Organizou o conto em três laudas, com as características do gênero narrativo, demonstrando ter uma imagem mental da sua disposição gráfica, sobre o papel (vários parágrafos para as vozes do narrador e personagens, organizando-o em períodos, conforme a versão original);	- Reescreveu o conto em quatro laudas, com as características específicas do gênero conto, tendo uma imagem mental da sua disposição gráfica sobre o papel; -O texto se apresenta mais extenso em relação a primeira versão, devido a inserção de novas ideias que foram sugeridas após a primeira revisão;	-O conto concentrou-se na versão final em duas laudas, com as características do gênero narrativo; -A dupla demonstrou ter uma imagem mental da forma correta da disposição gráfica do conto sobre o papel, ficando com o aspecto visual do gênero conto.
Elementos da narrativa	-Não demonstrou familiaridade com a estrutura global do gênero narrativo conto, não incorporando a ele todos os elementos que constituem a superestrutura esquemática da narrativa. -Demonstra imaturidade na elaboração desse gênero; - Contextualizou a situação inicial, apresentou alguns dos personagens e foi para o desfecho, ficando lacunas nos demais elementos que constituem uma narrativa; _ Não ficou em evidência: o problema, o clímax, um tempo vago, tema, em relação ao conto original.	_ De forma geral, organizou o conto com todos os elementos da narrativa em relação à versão original: a) Situação inicial (há contextualização do tempo, lugar, dos personagens), “ <u>Era uma vez</u> , num tempo em eu os desejos se cumpriam havia um <u>Rei</u> cuja as <u>filhas</u> eram todas Belas <u>Mas a menor era tão bela ...</u> ” b) Conflito: momento em que a princesa perde o seu brinquedo favorito e a partir desse acontecimento o conto se desenvolve: “ ... Ela jogou sua <u>bola</u> para o auto e a bola <u>rolou para o fundo do poço</u> e a princesinha começou a <u>chorar...</u> ” c) Clímax: não está bem desenvolvido, uma vez que o ponto conflitante não mostrou-se com muita emoção e suspense, pois só é colocado que a princesa chegou no quarto e atirou o sapo contra a parede, não descreve qual foi o fato gerador para ela tomar tal atitude: “...pegou o sapo com dois dedos chegou no	_Apresentou o texto de forma desenvolvida, evidenciando quase todos os elementos da narrativa de forma clara e objetiva, marcando bem: a) Cenário do conto: “ Quando fazia muito calor a princesinha ia até um bosque ...”; b) Tempo: ‘ Era uma vez ...’; c) Lugar e os personagens: há marcas linguísticas que dão pistas sobre esses aspectos: “ ... havia um <u>rei</u> , cujas <u>filhas</u> eram todas belas mais a <u>mais nova ...</u> ”; “Quando fazia muito calor a princesinha ia até um <u>bosque ...</u> ” c) Problema: é mantido da mesma forma, sem alteração: “ ... a bola rolou para o fundo poço e a princesa começou a chorar...” d) Clímax: ainda não está bem	-Na elaboração final o texto contempla, de forma bem clara, todos os elementos da narrativa para dar sentido ao texto, estando ele compreensível ao leitor.

		<p>quarto e o arremeçou contra a parede. E no mesmo instante ele virou um belo príncipe...”</p> <p>d) Desfecho: não ficou muito claro o momento que foram para o reino do príncipe, que meio de transporte utilizaram, quem os levou, porque Henrique colocou aros de ferro em volta do seu coração:</p> <p>“ Eles foram conhecer o reino do príncipe e chegando-lá o príncipe ouviu uns estalos atrás deles ...”</p>	<p>desenvolvido, não foi colocado o que o sapo falou à princesa para ela ficar nervosa e arremessá-lo contra a parede:</p> <p>“__Ponha-me na sua caminha de seda.</p> <p>A princesinha pegou com dois dedos e tacou ele contra a parede. No mesmo instante ele virou um príncipe lindo...”</p> <p>d) Desfecho: ocorre um avanço em relação à versão anterior, porém ainda encontra-se pouco desenvolvido, não está muito claro ao leitor que fatos aconteceram após o sapo vira um príncipe.</p> <p>“De manhã chegou o Henrique para levar eles para o reino do príncipe. O príncipe ouviu um estralo parecendo de ferro caindo no chão tic! Tic! E o príncipe ...”</p> <p>e) Tema: pelo contexto da produção do texto trona-se evidente a temática.</p>	
<p>Paragrafação e pontuação</p>	<p>-Não há estruturação do texto em parágrafos, nem mesmo ao iniciá-lo;</p> <p>-A reescrita da narrativa foi organizada em apenas dois períodos;</p> <p>- Em relação à pontuação utilizou a vírgula, o ponto final e arriscou umas reticências:</p> <p>“ ...as bonecas que tanto queriam. Elas também tinham um pai que trabalhava [...] quando estava</p>	<p>-Estrutura a maior parte do conto em parágrafos, ora para a voz do narrador, ora para as vozes dos personagens, sabendo discernir quando e em qual momento devem ser usados;</p> <p>_ Apresenta falta de pontuação em determinados trechos, provocando confusão no momento de compreender a construção do período:</p> <p>“A princesa foi abrir a <u>porta abriu</u> e logo <u>fechou</u> na cara do sapo ...”</p> <p>- Não há consciência da importância de usar a pontuação para produzir sentidos ao leitor:</p> <p>“__ Princesa a mais nova abra para mim.” (vírgula e ponto de exclamação);</p> <p>“ Tudo que tu prometeste deves cumprir! Vá</p>	<p>_Utilizou parágrafos para as vozes tanto do narrador quanto para as vozes dos personagens, porém em alguns trechos ainda foi utilizado o mesmo parágrafo ou período para a voz do personagem e do narrador, indicando que ainda não se apropriaram nem perceberam desse uso, do equívoco realizado nesse trecho do texto:</p> <p>“__ Erga-me e ponha-me ao seu lado, empurra-me teu pratinho de ouro para eu comer junto a ti e o sapo estava se <u>fartando de tanto comer e tudo que a</u> princesa comia descia entalando na</p>	<p>-A versão final apresenta-se com paragrafação e pontuação adequada à cada situação que constrói o texto, contribuindo positivamente para que o leitor tenha sua compreensão geral.</p>

	vindo, foi beliscando, beliscando, e beliscando ..”	lá e abra aquela porta.” (como foi uma ordem do rei, caberia aqui no final, um ponto de exclamação).	<p><u>garganta ...”</u></p> <p>-A pontuação está mais acentuada naqueles períodos que marcam expressões mais interrogativas, exclamativas, para dar voz a um personagem. Já o ponto final quando apenas há uma afirmação ou negação, a vírgula para separar vários elementos numa sequência. No entanto, quando se faz um pequena pausa para enfatizar algo, dar alguma explicação, interromper uma fala muito longo, quando se apresenta algo e em seguida coloca-se uma ideia contraria, entre outros casos, a dupla ainda não consegue aplicar a pontuação certa:</p> <p>“ _ Não chores más se tu quiseres eu poço pegar sua bola para você más o que tu ...”;</p> <p>“ __ Me espere princesa eu não consigo correr tão de pressa como tu ...”;</p> <p>“ __ Princesa a mais nova abra para mim ...” (não colocou a vírgula nas várias pausas, nem o ponto de exclamação que essa expressão exige);</p>	
--	---	---	--	--

<p>Discurso direto/Indireto</p>	<p>-Faz uso do discurso indireto como acontece na versão original: "... ela tem uma irmã chamada Chapeuzinho Azul...";</p>	<p>_ Como na versão original dos Irmãos Grimm, a dupla faz uso do discurso direto e indireto: a)Voz do narrador: " Era uma vez num tempo em que ainda se cumpriam ..."; " A princesa respondeu: ..." b) Voz de personagem: " __ Por que choras filha do rei?"; -Em determinados trechos do gênero conto, houve a junção da voz do personagem com a voz do narrador, em um único parágrafo: " __ Erga-me e ponha-me ao seu lado empurra a mim seu pratinho de ouro para eu comer juntinho de ti. <u>A princesa</u> estava se fartando e tudo oque ela comia descia intalando ..."; " __ Estou cansado leva-me até seu quarto [...] para eu dormir. <u>A princesa resmungando pegou o sapo com dois dedos ..."</u></p>	<p>- Manteve o discurso indireto e direto, como na versão original, porém foi mantida ainda a junção da fala do personagem no mesmo parágrafos, mesmo sendo entidades diferentes. A dupla, nessa segunda reescrita, ainda não perceberam que usaram o mesmo parágrafo para as duas vozes: " __ Estou cansado leva-me até seu quarto e ponha-me em sua caminha de seda para eu dormir. <u>A princesa resmungando de tanto nojo de tocar o sapo om dois dedos chegando no quarto pegou o sapo com dois dedos ..."</u></p>	<p>-Como na versão original do texto motivador, O Rei Sapo, dos Irmãos Grimm, está organizado com o discurso indireto e direto, agora o " Aluno B" reescreve o texto com propriedade, estruturando cada voz da forma correta.</p>
<p>Norma padrão</p>	<p>- Constrói o conto na norma padrão: " Elas também tinham um pai que trabalhava na construção ..."</p>	<p>-Faz uso da língua culta para a construção do conto, com alguns erros de ortografia, concordância, pontuação;</p>	<p>- Utiliza a norma padrão para a construção da segunda versão, porém há alguns fragmentos com a variedade coloquial: "...chegando no quarto a princesinha <u>ponhou</u> o sapo num cantinho e o sapo falando: ..."</p>	<p>-Está elaborado e digitado na norma padrão da Língua Portuguesa Brasileira, de acordo com as características do gênero conto e maturidade cognitiva do Aluno B.</p>
<p>Letra maiúscula</p>	<p>-Tem compreensão de que todo início de texto e período, devem iniciar por letra maiúscula, sabendo articular bem esse aspecto: "<u>A</u>posto que você já ouviu falar na chapeuzinho <u>Vermelho</u> pois é, ela tem ..."; " ... as bonecas que tanto queriam. <u>E</u>las também tinham um pai que trabalhava na construção ..." -Em relação aos nomes próprios</p>	<p>-Todos os usos de letras maiúsculas apresentados no texto são condizentes com a gramática normativa: início de parágrafos, de períodos e nomes próprios: " ...más a menor era tão bela que o <u>S</u>ol se alegrava ao iluminar seu rosto. <u>Q</u>uando fazia muito calor a princesinha ia ..."; " __ <u>H</u>enrique o carro está quebrado?"</p>	<p>-Compreende as situações de uso convencional da letra maiúscula: início de parágrafos, períodos, nomes próprios, como apareceu no contexto do conto: " ...más a menor era tão bela que o <u>S</u>ol se alegrava ao iluminar seu rosto. <u>Q</u>uando fazia muito calor a</p>	<p>-Todas os períodos, parágrafos e nomes próprios foram registrados de acordo com as normas gramaticais da modalidade escrita da língua materna.</p>

	<p>não está tanto segurança, pois o nome de uma das personagens não o grafa na norma padrão: “ ... daí um dia a vó <u>Iolanda</u> foi na casa ...”; “ ... ouviu falar na chapeuzinho <u>Vermelho</u> pois...”; -Em nomes comuns, utilizou a letra maiúscula, associando o nome da cor ao nome das meninas: “... seus chapeuzinhos um <u>Azul</u> e um <u>Vermelho</u> ...”</p>		<p>princesinha ia ...”; “De manhã chegou o <u>Henrique</u> para levar eles para o reino do príncipe ...</p>	
Marcas de oralidade	<p>-Apresenta alguns marcadores discursivos da oralidade: “ ... não ficava muito perto dali <u>daí</u> um dia a vó Iolanda foi na casa ...”; “Apосто que você já ouviu falar na chapeuzinho Vermelho <u>pois é</u>, ela tem ...”; “...quando estava <u>intediada</u> jogava sua bola ...”</p>	<p>_ Há uma situação de marca de oralidade: “A princesa estava se fartando e tudo oque ela comia descia <u>intalando</u> ...”; “ _ <u>Me espere</u> princesa eu não consigo correr tão de pressa como tu ...”;</p>	<p>-Foi quase nula a marca de oralidade nesta segunda versão: “...chegando no quarto a princesinha <u>ponhou</u> o sapo num cantinho e o sapo falando ...”; “ _ <u>Me espere</u> princesa eu não consigo correr tão de pressa como tu ...”; “ Ela pegou sua a bola e saiu correndo <u>í</u> nem ligou para o sapo ...”</p>	<p>-À luz da perspectiva da norma padrão, foram corrigidas todas as marcas de oralidade que tinham colocadas na modalidade escrita.</p>
Ortografia	<p>- Não apresenta erros ortográficos escritos no textos, porém há um vício em utilizar o acento gráfico na conjunção adversativa “<u>más</u>”, havendo aí um desvio da norma culta: “_ Não chores <u>más</u>, se tu quiseres eu ...”</p>	<p>_ O Aluno B tem grande apropriação da escrita ortográfica, mas ainda apresenta alguns erros ortográficos: “ ... chegou no quarto e o <u>arremeçou</u> contra a parede...”; “ a bola rolou para o fundo do <u>posso</u> e a princesinha ...”; “ _ Agora me deixáraz em <u>pas</u>.”; _ Problemas de hiposegmentação: “ <u>Euposso</u> pegar para você. <u>Más oque</u> tu me darás em troca?” _ Apresenta o problema de hipersegmentação:</p>	<p>-Há reincidência de quase os mesmos desvios ortográficos já verificados na primeira versão, alguns foram revisados espontaneamente e surgiram outros novos: “ ...Jogava sua bola para o alto e agarrava, <u>más</u> teve um dia que ela [...] Jogou sua bola para o <u>auto</u>...” “ ... Tudo o quiseres eu <u>poço</u>...”; “ ... eu não consigo correr tão de pressa como tu...” “ O príncipe ouviu mais <u>estralos</u> parecendo aros de ferro caindo no</p>	<p>- O texto está elaborado de acordo com a normas ortográficas na modalidade escrita da Língua Portuguesa Brasileira.</p>

		“ Mas <u>na</u> <u>quela</u> hora ele <u>ja</u> não era...”; chão ...”		
Acentuação	<p>-Há domínio da acentuação gráfica; -Apresenta um desvio do elemento linguístico “ más/ mas” (conjunção adversativa):</p> <p>“...jogava sua bola para o alto e agarrava, <u>más</u> teve um dia que ...”; “_ Não chores <u>más</u>, se tu quiseres eu ...”</p>	<p>- Há apropriação da acentuação gráfica das palavras, havendo alguns elementos linguísticos em que não foi aplicada:</p> <p>“ ... o príncipe ouviu uns estalos <u>atras</u> deles ...”; “ Mas na <u>quela</u> hora ele <u>ja</u> não era...”;</p> <p>“...minhas pedras preciosas, minhas <u>perolas</u>, meus vestido ...”;</p> <p>-Apresenta um desvio de acentuação gráfica de um elemento linguístico, que não apresenta acentuação: “ más/ mas” (ele se tornou um vício):</p> <p>“ Eu posso pegar para você. <u>Más</u> oque tu me darás em troca?”</p>	<p>-Ainda não domina todo repertório linguístico e normativo com acentuação gráfica no contexto do conto trabalhado, uma vez que o olhar da 1ª revisão não foi voltada para esse aspecto, e os mesmos erros de acentuação se mantêm, demonstrando que o Aluno B ainda não consegue fazer as devidas correções de forma espontânea:</p> <p>“ ... se ofereceu para pegar a minha bola <u>más</u> ele queria viver comigo. “ “O sapo foi <u>ate</u> o castelo e bateu na porta ...” “ ... de tanta alegria de <u>ve-lo</u> novamente .”</p>	<p>- O conto está de acordo com as normas de acentuação da modalidade escrita da Língua Portuguesa Brasileira. Todos os desvios foram revisados pelo Aluno B.</p>
Concordância	<p>-Suas orações, períodos e texto apresentam concordância verbal, nominal, de modo e tempo verbal, havendo discernimento nesse quesito;</p> <p>“ ...<u>elas também tinham</u> um <u>pai que trabalhava</u> na construção de uma ponte de um <u>rio</u> que não <u>ficava</u> muito perto dali ...”</p>	<p>_Apresenta coerência quase que na totalidade do texto, havendo alguns problemas de concordância nominal e verbal, talvez devido a falta de conhecimento sobre sua construção:</p> <p>“ ...Havia um rei <u>cuja as</u> filhas eram todas belas ...”</p> <p>“_ <u>Me espere</u> princesa eu não posso correr tão depressa como tu ...”; “Erga-me e ponha-me ao seu lado <u>empurra</u> a <u>mim</u> seu pratinho de ouro ...”; “...minhas pedras preciosas, minhas perolas, <u>meus vestido</u> ...”;</p> <p>“ ... a princesa voltou para a mesa onde estava seu pai o rei, suas irmãs e <u>os cortesões</u> e se sentou <u>a mesa</u> ...”</p>	<p>-Apresenta alguns problemas de concordância verbal e nominal:</p> <p>“Ele será seu companheiro para o resto de <u>suas vidas amado e marido.</u>” “ No dia seguinte o rei e <u>suas filhas do rei e os cortesão</u> estava fazendo suas refeições ... “</p> <p>- Problema de concordância no modo e tempo verbal: “ Ele contou que <u>foi</u> enfeitado por uma bruxa que so uma princesa <u>podia</u> salva-la.”:</p>	<p>- O texto está elaborado com concordância nominal e verbal, no modo e tempo verbal conforme cada situação, mediante a consciência linguística e orientações dadas via tabela de apoio das convenções (Tabela 11) e intervenções pedagógicas realizadas com o Aluno A, podendo ter alguns desvios da norma culta, ainda não percebidos.</p>

<p>Elementos Coesivos</p>	<p>-Na produção escrita que se propôs a elaborar, demonstra domínio e conhecimento dos organizadores textuais e estabelece coesão no que propõe escrever, utilizando os elementos coesivos pertinentes ao desenvolvimento do texto:</p> <p>“Aposto <u>que</u> <u>you</u> já ouviu fala <u>na</u> chapeuzinho Vermelho <u>pois</u> é, <u>ela</u> trem um irmã chamada Chapeuzinho Azul <u>elas</u> ganharam <u>seus</u> chapeuzinhos um Azul <u>e</u> um Vermelho <u>que</u> <u>até</u> esqueceram de ficarem ...”</p> <p>Obs.: são utilizados: substantivos, pronomes, conjunções, advérbios que articulam as palavras de forma coesa e promove a coerência ao que se propõe escrever.</p>	<p>-Utiliza os elementos linguísticos específicos para estabelecer ligações entre as palavras e ideias que estão sendo construídas, principalmente porque já sabe do contexto de produção.</p> <p>“<u>Ela</u> começou a procurar <u>de onde</u> vinha <u>aquela</u> voz.”</p> <p>_Há um encadeamento linear das unidades linguísticas que auxiliam na coesão:</p> <p>“...<u>Quando</u> fazia <u>muito calor</u> a princesinha ia <u>num</u> bosque escuro se sentava <u>debaixo</u> <u>de</u> uma árvore ...”;</p>	<p>-A construção da narrativa está bem articulada, estando todas as orações, períodos e parágrafos interligados de acordo com a sequenciação dos acontecimentos dando unidade e sentido ao texto. Porém, há algumas construções linguísticas que não estão bem construídas, não dando muito nexos:</p> <p>“_ Não chores <u>más</u>, <u>se</u> tu quiseres <u>eu</u> poço pegar <u>sua</u> bola para <u>you</u> <u>más</u> o que <u>tu me</u> dará <u>em</u> troca?”</p> <p>-Foram utilizados diversos operadores discursivos para interligar as ideias e acontecimentos de toda a trama da história, dando coesão e coerência;</p> <p>“ <u>Ela</u> abriu a porta. <u>Quando</u> <u>ela</u> abriu a porta o sapo entrou pulando <u>aos</u> pés <u>da</u> princesa, a princesa <u>se sentou</u> ...”</p>	<p>_ O Aluno B organizou o texto com os recursos linguísticos adequados na versão final do gênero conto, interligando as palavras, orações, períodos e parágrafos, com um repertório linguístico diversificado para sequenciar os acontecimentos, chegando ao final com sentido.</p>
<p>Coerência textual</p>	<p>-Promove a coerência, pois todos os acontecimentos são bem articulados, com os elementos coesivos que estabelecem conexões entre as ideias do conto, desencadeando uma lógica entre elas, dando sentido ao texto.</p> <p>_ No entanto, não atende ao contexto de produção, ou seja, à versão original, pois o comando dado era para reescrever o conto por completo, com todos os elementos da narrativa, estando evidente que ele se apresenta incoerente ao que fora proposto.</p>	<p>_O texto está bem estruturado, conseguindo apresentar todos os mecanismos linguísticos para construir e dar sentido ao conto. No entanto, há alguns partes que ainda não estão bem claras, não estabelecendo coerência total:</p> <p>a)No primeiro período construído, não aparece um elemento linguístico que abre uma lacuna e não há coerência:</p> <p>“Era uma vez num tempo em que ? ainda se cumpriam. Havia um rei cuja as filhas ...”</p> <p>_ O texto apresenta uma incoerência na sequência em que o Aluno B, comete um engano, argumentando que era a princesa que se fartava de comer e na versão original era o sapo:</p> <p>”.. empurra a mim seu pratinho de ouro para eu comer juntinho de ti. A princesa estava se</p>	<p>-Construí o texto utilizando vários elementos coesivos (pronomes, conjunções, preposições, advérbios) na sua construção, sendo todos pertinentes à progressão, dando clareza aos acontecimentos que envolvem a narrativa, tornando o conto coerente `a proposta de produção.</p> <p>-Foi omitida a fala da princesa, no momento que estava tomada de raiva do sapo, porque ele fez chantagem com ela;</p> <p>-Mesmo contemplando todos os elementos da narrativas, percebemos alguns trechos que ainda se encontram confusos e precisam ser</p>	<p>_ O conto está estruturado com lógica entre todos os parágrafos, bem articulado levando em conta os possíveis interlocutores;</p> <p>-Os trechos que estavam confusos foram revisados e corrigidos;</p> <p>_ Os elementos linguísticos e os recursos linguísticos estão interligados para a construção do texto escrito, e consequentemente, estabelece a coerência.</p>

		<p>fartando e tudo o que ela comia descia intalando ...”</p> <p>-Não colocou os acontecimentos na sequência linear como na versão original, ficando confusa em uma determinada parte. É o que ocorre em: “...pegou o sapo com dois dedos chegou no quarto e arremeçou contra a parede. E no mesmo instante ele virou um belo príncipe. A princesa falou: - Agora me deixáraz em pas.”</p> <p>- Foi omitida a sequência temporal em que Henrique chega com a carruagem no castelo do rei;</p> <p>-Houve um equívoco em relação ao retorno do príncipe ao seu castelo, sendo colocado que o príncipe ouviu estalos quando estava no seu reino: “ Eles foram conhecer o reino do príncipe e <u>chegando- lá</u> o príncipe ouviu uns estalos atrás deles ...”</p>	<p>revidos para chegar a um texto com total coerência.</p> <p>“Ele será seu companheiro para o resto de suas vidas amado e marido.”</p> <p>-No desfecho do conto, ainda não está claro com que meio de transporte o servo do príncipe chegou, como ela era composta, faltou explicar quantos e porque Henrique mandou colocar aros de ferro em volta do seu coração.</p>	
--	--	--	--	--

Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2020.

5.3.2 Análise do Quadro 22 – Aluno B

Aluno B

Esse Quadro 22, traz uma resumo geral de cada etapa de produção do gênero conto, sendo a primeira somente para diagnosticar se já faz uso dos elementos coesivos para produzir um conto na modalidade escrita. 2ª e a 3ª revisados quanto às quanto à coesão, coerência, ortografia, norma padrão, pontuação, paragrafação, discurso direto e indireto, entro outros aspectos elencados no quadro 22, relacionados à Língua Portuguesa Brasileira. O objetivo principal da nossa análise, nas quatro etapas, é constatar se “os elementos coesivos” são utilizados pelo aluno, se fazem presentes neles. Além deles, há outros aspectos que também serão analisados, uma vez que não podemos analisar a língua materna escrita de forma fragmentada, mas de forma integral. As informações apresentadas são baseados nos textos que estão dispostos na sequência, nas análises realizadas no diagnóstico, na primeira, segunda e terceira versão.

O ponto de partida da análise será do Texto Diagnóstico, depois a primeira versão reescrita do Texto 2 que foi profundamente explorado por meio das práticas discursivas da língua da língua materna e análise reflexiva sobre o funcionamento e uso da língua materna. O foco dessa análise é verificar se da etapa inicial até a terceira versão reescrita do gênero conto, se houve avanços significativos ou não do Aluno B, na apropriação no uso dos elementos coesivos na modalidade escrita como de outros aspectos formais da língua materna escrita. O público alvo desse texto seria para nós pesquisadores.

Texto Diagnóstico

Observamos primeiramente que o texto não tem título, ou seja, não tem identidade. A organização e a disposição gráfica desse gênero discursivo na modalidade escrita sobre o papel. Evidenciamos o aluno não construiu ainda uma imagem mental desse aspecto básico do conto. Ele não sinalizou na forma estrutural do texto como se constrói um gênero narrativo dessa categoria. Isso é verificável porque não utilizou paragrafação para construir o seu texto escrito. Utilizou apenas dois longos períodos. Realizamos uma leitura e percebemos que o conto reescrito também não contempla todos os elementos básicos de uma narrativa, ou seja, não está de acordo com a versão original que já é do conhecimento do Aluno B. Parece que

simplesmente escreveu por escrever. Isso pode ser analisado do texto que se apresenta a seguir:

Produção Escrita

Reescreva o conto “Uma menina chamada Chapeuzinho Azul”, de Flávio de Souza, baseando-se nas leituras e estudos realizados.

Conto que não já surgiu falar na chapeuzinho Vermelho pois é, ela tem uma irmã chamada Chapeuzinho Azul elas ganharam seus chapéuzinhos um Azul e um Vermelho: que até esqueceram de trazer bolos por não ganhar as bonecas que tanto queriam. Ela também tinha um pai que trabalhava na construção de uma ponte de um rio que não ficava muito perto dali. Daí um dia a mãe dela foi na casa das dadas levar doces para a netinha que estava doente depois disso elas pediram para comer os doces mas a mãe confessou que quando estava viva, foi belizanda, belizanda e delicianda.

Fonte: Produzido pelo Aluno B, 2019.

O texto não apresenta erros ortográficos, somente usa acentuação na conjunção “mas”, sendo esse um desvio da norma culta. Produz texto na norma padrão, faz uso do discurso indireto como na versão original. Usa a letra maiúscula na convencional, ou seja, em início de períodos e para os nomes próprios. Usa duas expressões do discurso da oralidade “daí” e o “pois é”. Suas orações e períodos apresentam concordância verbal, nominal, de modo e tempo verbal.

Percebemos que mesmo não desenvolvendo o texto conforme o modelo por ele conhecido por meio das práticas discursivas da língua materna, seu texto foi construído por vários elementos coesivos, como apresentaremos a seguir:

- Pronomes: "você"; "ela (s)"; "seus"; "que";
- Preposições: "na"; "na"; "das"; "para"; "de"; "do".
- Conjunções: "que"; "pois"; "e"; "também"; "mas";
- Advérbios: "já"; "que Até"; "não"; "que tanto"; "muito perto"; "dali"; "depois";

O Aluno B, escreve linguisticamente seu texto escrito, utilizando elementos coesivos mas não de forma coerente.

Primeira Versão

O gênero conto fora produzido na estrutura composicional e disposição gráfica sobre o papel, com apresentação do título. Apresenta-se disposto em diversos parágrafos, no discurso direto e indireto como na versão original do conto com o qual tivemos interação através das práticas discursivas da língua materna. Demonstra conhecimentos sobre a forma de registrar a voz do narrador com parágrafos e voz dos personagens por meio de parágrafos e través, ou seja, que para este último precisa de um recurso gráfico para representá-lo. Esses aspectos e outros podem ser verificados no texto se está na sequência:

7. Produção Escrita - 1ª versão

Reescreva o conto "O Rei Sapo", dos Irmãos Grimm, baseando-se nas leituras e estudos realizados, respeitando a estrutura do gênero narrativo. Não esqueça o título!

O Rei Sapo

Era uma vez um tempo em que ainda se
 empregavam bruxas. Um rei quis as filhas de todas
 delas, mas se lembra da feiticeira que se
 alegrou ao iluminar seu rosto. Quando fugiu muito
 calor a princesinha ia passar boqueiro e sentiu
 sua delícia de uma urtiga na frente de um poço
 quando estava estendida jogou sua lola de
 ouro para cima e agarrou-a, mas teve um
 dia que ela foi atrelada a ela e começou a brincar
 com sua lola de ouro. Ela jogou sua lola para
 ante e a lola rolou para a fundação do poço
 e a princesinha conseguiu a libertar. Ela não pergun-
 tou:

- Por que chorar, filha do rei?

Ela começou a procurar de onde vinha aque-
 la voz.
 - Quem és tu? Estar chorando porque minha
 lola de ouro caiu dentro do poço.

Espera pensar para nós! Mas que tu me
 dadas em troca.

A princesa respondeu:

- Tudo que quiseres, as minhas pedras
 preciosas, as minhas perdas, meu vestido e até
 a coroa de ouro que estou usando.

O sapo respondeu:

- Eu não quero tua pedras preciosas, seus vestidos, suas pedras e a tua coroa, eu não quero, eu quero que tu me prometas que eu serei seu companheiro e seu amigo, comerei no seu pratimel de ouro, beberei na sua taça de ouro e dormirei na tua cama de seda.

A princesa disse:

Tudo que tu queres sabe mas traga minha lola por favor.

O sapo mergulhou-te a fundo do lago, pegou a lola como lola e deu para a princesa. Ela pegou a lola e saiu correndo e nem ligou para o sapo. O sapo começou a gritar:

Me espere princesa eu vou contigo correr tão depressa como tu.

Triste o sapo gritou para o lago.

No dia seguinte ele saiu lá e lá e late via portal. Blok! Blok!

Princesa a mãe não abra para isso.

A princesa foi abrir a porta abriu e logo fechou na cara do sapo e a princesa voltou para a mesa onde estava seu pai e mãe e não mais ouviu o sopo e se contou a mãe e seu pai perguntou:

- O que houve minha filha? Porque que há um zigote lá fora procurando te pegar?

- Mãe meu querido pai é que tem um sopo nojento lá fora.

- O que ele quer de ti?

- É que ontem no lago minha lola caiu no lago e ele se obrigou a pegar a lola.


 O velho rei respondeu:
 - Tudo que tu prometeste deves cumprir!
 Vá lá e abra a porta.
 Ela foi abrir a porta. Quando ela abriu
 a porta, ele entrou pulando aos pés da princesa.
 A princesa estava sentada à mesa quando
 o sapo disse:
 - Erga-me e ponha-me ao seu lado
 empurre a mim seu prato de ouro para
 eu comer junto a ti. A princesa estava se
 fartando de tudo que ela comia desciando
 ladeiras tanto quanto do sapo.
 Quando eles se fartaram de tanto
 comer o sapo falou:
 - Estou cansado leva-me até seu quarto
 e ponha-me em sua caminha de seda para
 eu dormir. A princesa verrou quando o sapo
 e o sapo com dois dedos chegou ao quarto e
 começou contra a parede. No mesmo instante
 ele virou um belo príncipe. A princesa falou:
 - Agora meu dever é ir para o casamento.
 Mas na queda para ele não era mais
 sapo mas sim um lindo príncipe.
 Ele contou que foi enfeitado por uma bruxa
 que se tornou princesa podia salu-lo na
 dia seguinte. Esse da princesa falou:
 - Ele será seu companheiro para o resto
 de sua vida.
 Eles foram embora e o nome do príncipe
 e chegando - lá o príncipe ouviu um estalo
 dos ossos como se algo estivesse quebrado.
 - Henrique o carne está quebrado?
 - Não querido príncipe não os estalados meu
 coração que está se rompendo. 

3

Fonte: Produzido pelo Aluno B, 2019.

Em relação à coerência textual, o texto não está totalmente coerente, uma vez que há algumas sequências que não estão bem clara, gerando dificuldades de compreender o sentido

parcial e até global. Há omissão de alguns elementos linguísticos em determinadas partes que comprometem o sentido que se deseja expressar. Outras partes da história está invertida ou falta mais detalhes para configurar melhor entendimento geral do texto.

Reescreve o conto na norma padrão. Em relação à ortografia é visível que apresenta muitas dificuldades de ordem gráfica, percebendo-se que além disso, apresenta problemas de hipersegmentação “na quela” e de hiposgmentação “ Eu posso”. Apresentou um problema de oralidade “ intalando”. Há consciência de uso adequado da letra maiúscula, em início de parágrafos, períodos e nomes próprios.

Há alguns elementos linguísticos que não foram acentuados e que a norma culta exige, e usa um acento gráfico em um vocábulo que não utiliza, verificando-se que apresenta um desvio de ordem gráfica. No tocante aos elementos coesivos utilizados para fazer as aritulações entre palavras, frases, orações, períodos e parágrafos para fazer conexões e estabelecer o sentido, o Aluno A faz uso de vários deles, dando coesão e coerência a quase na totalidade do texto. Vejamos os elementos coesivos que fora necessários para reescrever o conto:

- Pronomes;” “seus”; “que”; “cujas”; “sua”; “ela”; “sua(s)”; “por que”; “aquela”; “minha (s) ”; “Eu”; “você”; “me”; “meus”; “tuas”; “tu”; “tua”; “ele”; “mim”; “meu”; “ti”; “deles”
- Preposições: “na”; “para”; “de”; “do”; “em”, “ num”; “ao(s)”; com”; “no”; “contra”; “por”;
- Conjunções: ” “e”; “más”; “para”; “porque”; “como”;
- Advérbios: “ Era uma vez”; “já”; “não”; “menor”; ; “tão bela”; “quando”; “muito”; “ debaixo”; “cima”, “até”; “fundo”; ”onde”; “dentro”; “tudo”; “nem”; “no dia seguinte”; “lá fora”; “ontem”; “lá”; “tanto”; ”mesmo instante”; “ agora”; ‘ naquela hora”; ”mais”; “atrás”; “quando”; “frente”; “um dia”

Torna-se perceptível que esses elementos coesivos se repetem ao longo do texto, sendo eles muito recorrentes no texto, sendo as preposições e a conjunção “e” os mais empregados. Observa-se que foram usados poucos marcadores do discurso que expressam sequência temporal e que apareceram na versão original. analisando essa lista percebemos que os advérbios são muito utilizados, porém são pouco repetitivos ao longo do texto.

Segunda Versão

Nessa segunda versão escrita o Aluno B apresentou o título e uma disposição gráfica mais extensa do texto, com uma letra mais legível, os parágrafos e travessões estão

de ouro que estou usando.

O sapo respondeu:

- Eu não quero tuas pedras preciosas, seus vestidos, tuas perdas e tua coroa. Eu não quero, eu quero que tu me prometa que eu serei seu companheiro e seu amigo, comerei no seu pratinho de ouro e beberei na sua taça de ouro e dormirei na tua cama de seda. Se tu me prometeres tudo que estou pedindo eu te dou em meu pegador sua bola de ouro.

A princesinha disse:

- Tudo que tu quiseres sapo, mas traga minha bola de ouro por favor.

E a princesa consigo mesmo pensou. Até parece que um sapo vai poder viver com um ser humano. ele nem pode sair da água.

O sapo mergulhou de cabeça até o fundo do lago pegou a bola com a boca e deu para a princesa. Ela pegou a bola saiu correndo e chegou em casa. O sapo olhou para o sapo gritou.

- Me espere princesa eu não consigo correr tão depressa como tu.

Então o sapo voltou para a casa. Na sala reuniu suas filhas do rei e as castelãs estavam fazendo um jantar. O sapo foi até a cozinha e bateu na porta. plak! plak! Ele se levantando pela escadaria de mármore.

- Binera a mais nova filha para mim.

A princesa foi até a porta e logo fechou na cara do sapo. A princesa voltou para a mesa onde estava o rei, suas irmãs e as castelãs e se sentou e seu pai perguntou:

- O que houve minha filha? Porque que lá um

gigante lá fora querendo te pegar?

- Ah! meu pai querido é que tem um sapo gigante lá fora.

- O que ele quer de ti?

- É que ontem ao longo minha loda de ouro caiu no lago e ele se deixou para pegar a minha loda mas ele queria iriver comigo. É a vez respondeu:

- Tudo que tu prometeste deves cumprir na lá e abra aquela porta.

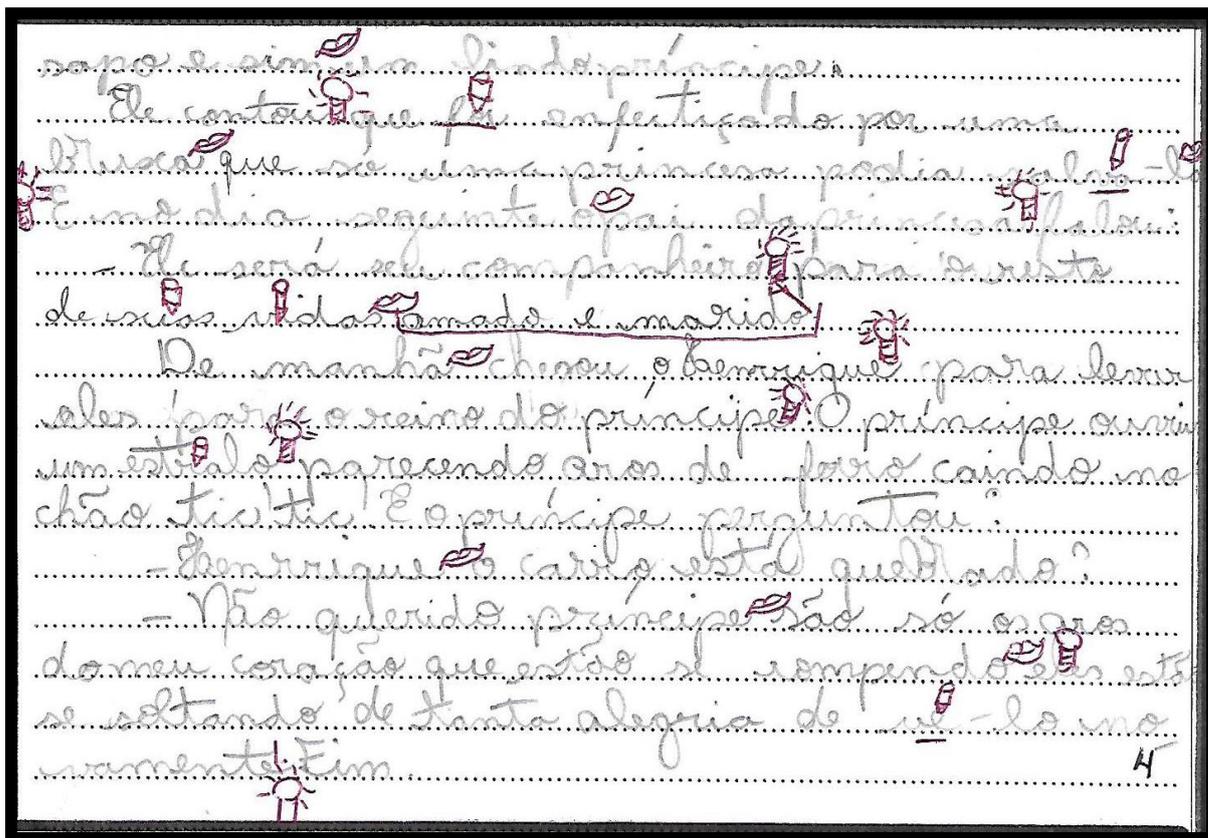
Ela foi abrir a porta. Quando ela abriu a porta o sapo entrou pulando aos pés da princesa e a princesa se sentou a mesa quando o sapo disse:

- Erga-me e ponha-me ao meu lado, e quando me tiver praticado de ouro para eu estar junto a ti e o sapo estava se fartando de tanto comer tudo que a princesa comia deixava entalado na garganta de tanto nojo e de tanta raiva do sapo quando o sapo se fartou de tanto comer o sapo falou:

- Estou cansado de mim - me até seu quarto e ponha-me em sua caminha de seda para eu dormir. A princesa desmoronando de tanto nojo de tocar naquele sapo frio e negro pegou o sapo com dois dedos e levou para o quarto e ficou com o sapo num cantinho e o sapo falou:

- Tenha-me em sua caminha de seda a princesa pegou com dois dedos e tapou ele contra o parede. No mesmo instante ele virou um príncipe lindo. Minha

Mãe naquela hora ele já não era um



Fonte: Produzido pelo Aluno B, 2019.

O texto apresenta os elementos da narrativa, no entanto alguns estão sem muita clareza e coerência, sendo os elementos que se relacionam ao clímax e ao desfecho do texto, tornando-se meio incoerente o final da história devido não estar mais desenvolvido esses momentos finais da história. Também aparecem duas sequências temporais num espaço curto de tempo “E no dia seguinte” e “De manhã chegou o Henrique para levar eles...”. Algumas sequências que estava sem concordância nominal, verbal, de modo e tempo verbal foram corrigidas.

Usa a letra maiúscula de forma competente, para início de parágrafos, períodos e nomes próprios. Algumas marcas de oralidade ainda permaneceram, não conseguindo corrigi-las de forma espontânea, sem intervenção pedagógica, como “ponhou”, “intediada”, “i”.

São encontradas algumas poucas palavras sem a acentuação gráfica “ate”, “vê-lo”. Há algumas construções sem concordância verbal, nominal e de modo e tempo verbal. Utiliza diversos elementos coesivos ao longo do texto, como:

- Pronomes; “seus”; “que”; “sua”; “ela”; “sua(s)”; “cujas”; “por que”; “aquela”; “minha (s)”; “Eu”; “você”; “me”; “meus”; “tuas”; “tu”; “tua”; “ele”; “mim”; “meu”; “ti”; “deles”;

- Preposições: “na”; “para”; “de”; “do”; “em”, “ num”; “ao(s)”; com”; “no”; “contra”; “por”;
- Conjunções: ” “e”; “más”; “para”; “porque”; “como”;
- Advérbios: “ Era uma vez”; “já”; “não”; “menor”; ; “tão bela”; “quando”; “muito”; “ embaixo”; “cima”, “até”; “fundo”; ”onde”; “dentro”; “tudo”; “nem”; “no dia seguinte”; “lá fora”; “ontem”; “lá”; “tanto”; ”mesmo instante”; “ agora”; ‘ naquela hora”; ”mais”; “atrás”; “quando”; “frente”; “um dia”

Foram utilizados praticamente os mesmos elementos coesivos da primeira versão, sendo eles empregados mais de uma vez nas construção dos períodos e parágrafos. Muitas sugestões foram dadas para ficarem mais claras em algumas sequências do texto que estavam ainda muito confusas, porém algumas não foram alteradas, se comparada com a versão anterior. Os elementos coesivos mais utilizados neste contexto de produção do gênero conto continuam sendo as preposições e os advérbios e a conjunção “e”.

Terceira Versão

Esse versão final de reescrita do gênero conto do Aluno A, apresenta todas as características específicas do gênero conto, apresentando-se com disposição gráfica e de paragrafação, com pontuação, ortografia e acentuação gráfica de acordo com as normas ortográficas da gramática normativa da Língua Portuguesa Brasileira. O discurso direto e indireto foram usados como na versão original dos Irmãos Grimm, porém agora com o uso de uma tecnologia de informação e comunicação digital, o computador. com o uso do discurso direto e indireto na norma padrão. Tudo e muito outros aspectos podem ser observados no texto que se segue:

O Rei Sapo

Era uma vez, num tempo que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas, mas a mais nova era tão bela, que o Sol se alegrava ao iluminar seu rosto. Quando fazia muito calor, a princesinha ia até um bosque escuro, se sentava embaixo de uma árvore, à beira de um poço. Quando estava entediada jogava sua bola de ouro para o alto e agarrava-a. Mas teve um dia que ela foi até o poço e começou a brincar com sua bola de ouro, ela jogou sua bola para o alto e a bola bateu no chão, rolou, rolou e foi para o fundo do poço.

A princesinha começou a chorar, chorava cada vez mais alto. De repente surgiu uma voz distante e perguntou:

— Por que choras, filha do rei ? Tu choras tanto que podes até comover uma pedra.

Ela começou a procurar de onde vinha aquela voz, quando ela se deparou com um

sapo nojento, com sua cabeça para fora da água.

— Ah! És tu ? Estou chorando porque minha bola de ouro caiu dentro do poço.

— Não chores e sossegue. Se tu quiseres, eu posso pegar a sua bola de ouro. Mas o que tu me darás em troca?

A princesinha respondeu:

— Tudo que tu quiseres. Minhas pedras preciosas, minhas pérolas, meus vestidos e até a coroa de ouro que estou usando.

O sapo respondeu:

— Eu não quero tuas pedras preciosas, suas pérolas, seus vestidos e tua coroa, eu não quero. Eu quero que tu me prometas que eu serei seu companheiro e seu amigo, comerei no seu pratinho de ouro, beberei na tua taça de ouro e dormirei na tua caminha de seda. Se tu me prometeres tudo o que estou pedindo, eu pegarei sua bola de ouro.

A princesinha disse:

— Prometo tudo o que quiseres querido sapo, mas traga a minha bola de ouro, por favor!

E a princesinha consigo mesma pensou:” Até parece que um sapo pode viver com um ser humano, ele nem pode sair da água”!

Depois de ouvir a promessa, o sapo mergulhou de cabeça até o fundo do poço, pegou a bola com a boca e deu para a princesinha. Ela pegou a bola, saiu correndo e nem ligou para o sapo.

O sapo gritou:

— Espere-me! Eu não consigo correr tão depressa como tu!

A princesinha não deu nenhuma atenção ao sapo e foi para sua casa. Triste o sapo voltou para o poço.

No dia seguinte, o rei, as suas filhas e os cortesãos estavam sentados à mesa, fazendo a refeição do almoço. O sapo chegou no castelo, foi se arrastando pela escadaria de mármore — ploque, ploque! — foi até a porta, bateu — toc, toc! — e gritou:

— Princesa, a mais nova, abre para mim!

A princesa correu, abriu a porta, mas quando viu o sapo ali, logo fechou a porta na cara dele. Com medo ela voltou para a mesa, onde estava o rei, suas irmãs e os cortesãos e se sentou.

O pai perguntou:

— O que aconteceu, minha filha? Parece que há um gigante lá fora, querendo te pegar?

— Ah ! Meu pai querido! É que tem um sapo nojento lá fora.

— O que ele quer de ti?

— É que ontem eu estava lá no bosque, minha bola de ouro caiu no poço, eu chorava muito e ele se ofereceu para pegar a bola de ouro, mas para fazer isso ele queria viver comigo. Eu prometi que sim, agora está aqui e quer entrar.

— Princesa, a mais nova, abre para mim! Lembra o que ontem prometeste a mim, lá no poço? Princesa, a mais nova, abre para mim!

E o rei respondeu:

— Tudo o que tu prometeste deves cumprir. Vá lá e abra aquela porta para o sapo.

Ela foi, abriu a porta e o sapo entrou pulando, sempre aos pés da princesa. A princesinha se sentou à mesa, quando o sapo disse:

— Erga-me e ponha-me ao seu lado.

Depois ele quis subir na mesa e falou:

— Empurra teu pratinho de ouro para eu comer junto a ti.

A princesa não queria, mas o fez porque seu pai deu uma olhada feia para ela.

O sapo se fartou de tanto comer, porém tudo que a princesa comia sentia ficar

entalado na garganta de tanto nojo e de tanta raiva do sapo. Quando o sapo se satisfizes de tanto comer, ele falou:

__ Estou cansado. Leva-me até seu quarto e ponha-me em sua caminha de seda para eu dormir.

A princesa resmungando de tanto nojo de tocar naquele sapo frio e nojento, pegou-o com dois dedos, chegando no quarto ela colocou o sapo num cantinho. Ela se deitou na cama. Ele foi se arrastando até ela e falou:

__ Ponha-me na sua caminha de seda, senão conto ao teu pai!

A princesa ficou furiosa, pegou ele com dois dedos e tacou contra a parede.

__ Agora me deixarás em paz!!

No mesmo instante, ele virou um príncipe lindo. Naquela hora ele já não era mais um sapo e sim um lido príncipe.

Ele contou à princesa que fora enfeitado por uma bruxa, que só uma princesa podia salvá-lo da maldição do poço. Também falou que no dia seguinte iriam para o reino dele.

No dia seguinte, o pai da princesa ficou sabendo da transformação do sapo em príncipe e falou para a princesa:

__ Ele será seu companheiro amado e marido, para o resto de sua vida.

De manhã, chegou Henrique, um servo fiel do príncipe, para levá-los para o reino do príncipe. Henrique chegou com uma linda carruagem, com seis cavalos brancos com as cabeças enfeitadas com penas de avestruz e arreado com correntes de ouro. Depois de alguns instantes, Henrique ajudou os dois subirem na carruagem e eles partiram em direção ao reino do príncipe.

No meio do caminho, o príncipe ouviu um estalo, como de algo que estivesse quebrando, caindo no chão, fazendo um barulho estranho:

__ Tic! Tic! Tic!

Então o príncipe perguntou:

__ Henrique, o carro está quebrado ?

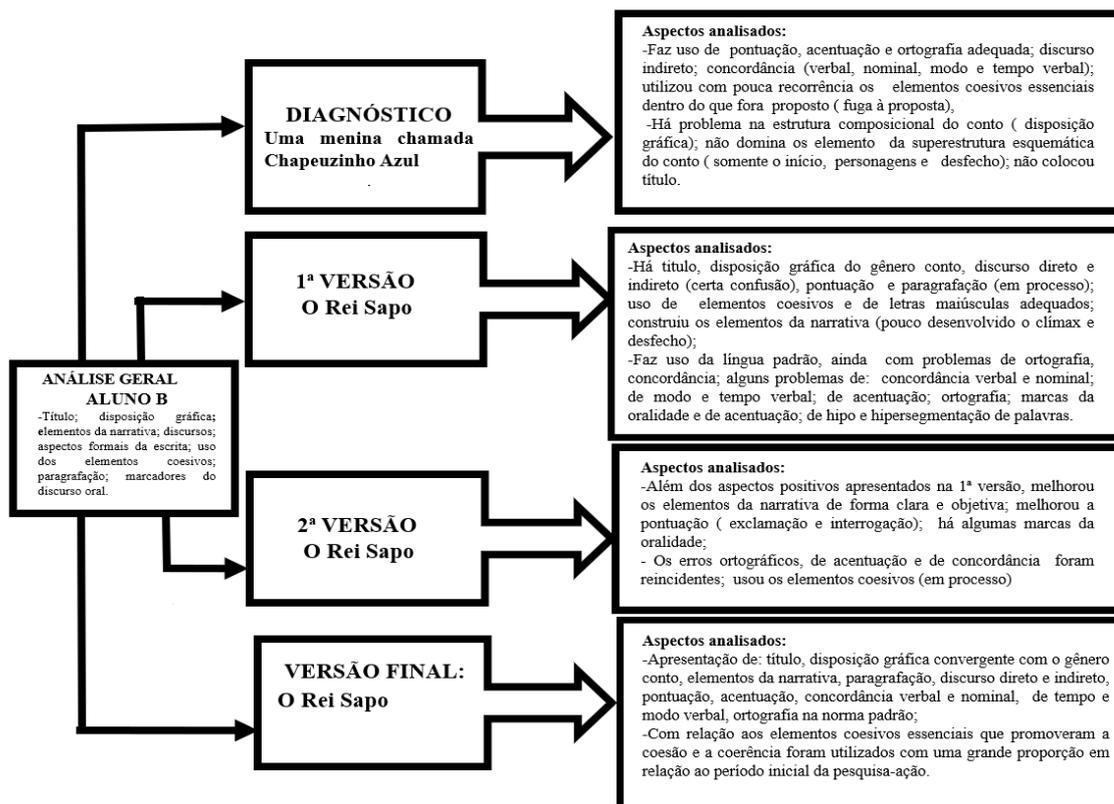
__ Não, querido príncipe! São só os aros do meu coração que estão se rompendo.

Eu mandei colar três aros em volta do meu coração, para que ele não se partisse de tanto dor e tristeza, quando Vossa Majestade fora aprisionada no poço. Agora, eles estão se soltando do coração de tanta alegria de vê-lo novamente livre e feliz.

FIM ...

Fonte: Produzido pelo Aluno B, 2019.

Os elementos da narrativa utilizados pelo Aluno B foram mantidos, melhorando-se aquelas sequências que ainda estavam meio sem nexos e coerência as correções foram de ordem ortográficas, pontuação, acentuação, concordâncias, marcas da oralidade com o apoio da Tabela 1. Segue, uma análise geral de todos os aspectos apresentados nos textos produzidos pelo Aluno B, desde o texto diagnóstico até versão final do conto *O Rei Sapo*.

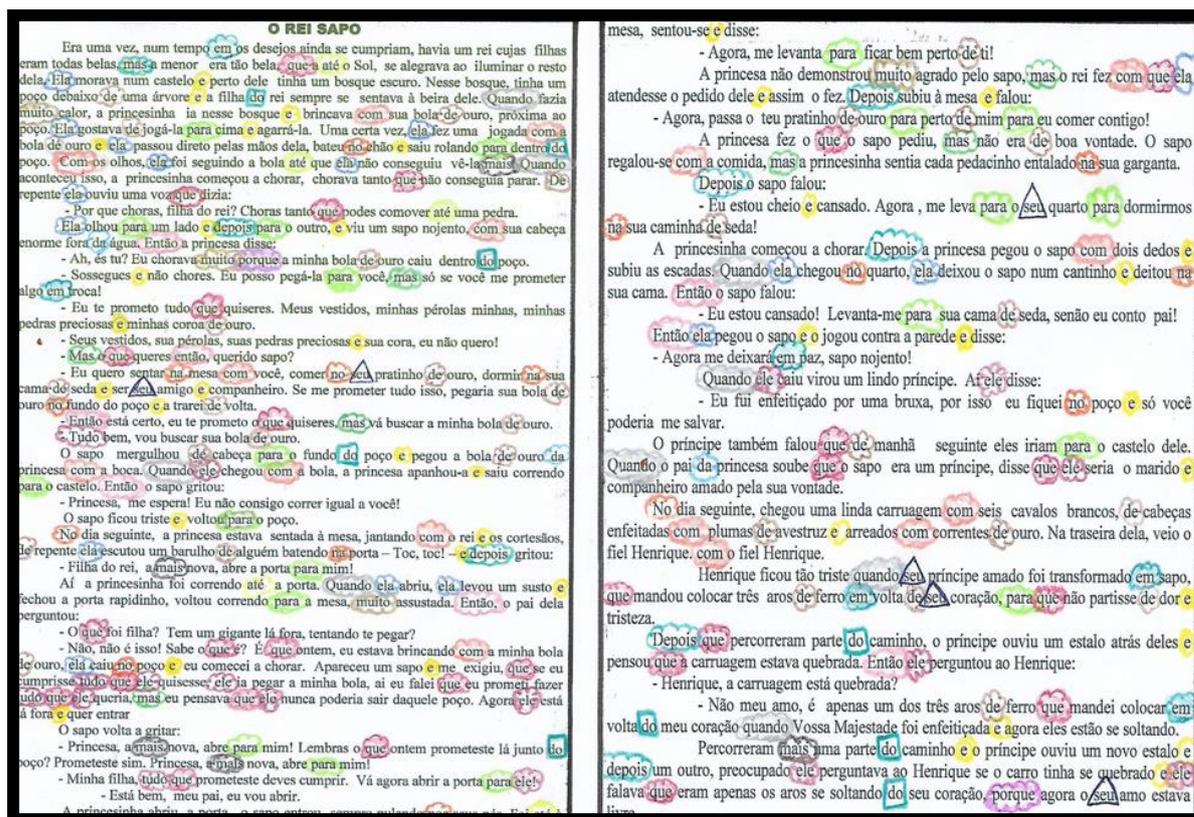


Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2020.

Os elementos coesivos foram fundamentais para a construção de todas as articulações do texto, mantendo-se os mesmos e acrescentando-se outras para dar sentidos a todos os segmentos do texto, concluindo-se com lógica e tendo sentido.

5.4 RESULTADOS

Estaremos interpretando os dados esboçados no quadro comparativo apresentado anteriormente, com base nas tabelas de frequências e as interações realizadas durante toda aplicação da prática pedagógica e reflexões realizadas em torno do destaque dos elementos coesivos que foram empregados no texto diagnóstico e no texto final, pelo Aluno A.



Fonte: Elementos coesivos destacados do texto final do Aluno A pela pesquisadora, 2020.

Esses elementos coesivos (preposições, conjunções, pronomes, advérbios) foram coletados e organizados na Tabela 13 de acordo com a frequência de vezes que se fizeram presentes nos textos respectivos textos, ou seja, no texto diagnóstico e no texto final.

Tabela 13 – Frequência da utilização dos elementos coesivos – Aluno A

Elementos coesivos	ALUNO A	
	Comparando	os elementos coesivos
	Texto Diagnóstico (vezes)	Texto Final (vezes)
e	11	39
de	1	31
que	5	27
para	1	18
com	3	16
ela	7	15
Ele	2	13

do	1	11
quando	1	9
mas	3	9
então	2	8
depois	1	7
daí	5	0

Fonte: Organizada pela pesquisadora, 2020.

A Tabela 13 apresenta os dados obtidos em duas versões distintas de reescritas de textos realizadas pelo Aluno A em relação ao uso de elementos coesivos. Esses elementos coesivos foram coletados do Texto Diagnóstico do Aluno A, verificando-se a incidência que foram usados. Na sequência, esses mesmos elementos coesivos foram também coletados na versão final produzida e calculado quantas vezes se fizeram presentes. Os resultados estão nesta Tabela 13.

Diante dos números apresentados, analisamos atentamente e constatamos que há um elemento coesivo que fora o mais utilizado tanto na primeira versão quanto na versão final. Está evidente que o elemento coesivo mais utilizado pela Aluno A é a conjunção “e”, sendo ela empregada no Texto Diagnóstico apenas 11 vezes, enquanto que na versão final fora de 39 vezes. Em segundo lugar, vem a preposição “de” com apenas uma vez na versão diagnóstica e 31 vezes na versão final. Em terceiro lugar vem o elemento coesivo “que”, empregado 5 vezes no início e subiu para 27 vezes na última versão. E assim podemos acompanhar os demais elementos linguísticos que foram usados de forma bem reduzida na versão diagnóstica e aumentou de forma acentuada no último texto produzido.

Esses dados indicam que o Aluno A conseguiu se apropriar do uso desses elementos coesivos por meio da interação com os discursos apresentados pelos gêneros da ordem do narrar, acontecendo essa apropriação através do uso funcional desses elementos na construção dos textos na língua materna escrita, não sendo eles tralhados de forma compartimentada, mas sim dentro de um contexto, como defende Neves (1990, p. 49) “é a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico”.

Se compararmos a quantidade de vezes que fez o uso da conjunção “e” e as preposições “de” e “que”, entre os outros elementos, diante da primeira e da última produção, percebemos que esse aluno obteve um aumento significativo na utilização desses elementos coesivos na construção dos textos escritos. É um aspecto também positivo, também

evidenciado é que, o aluno fazia uso de um elemento coesivo da oralidade “daí” e os resultados mostram que não está mais em evidência. Com isso, podemos também concluir que não está mais empregando marcas da modalidade oral, quando produz seus textos, na modalidade escrita.

Nessa vertente, Marcuschi (2010, p. 17) discorre “Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias [...] ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante”. O Aluno A está com mais maturidade cognitiva e linguística em aspectos da modalidade escrita da Língua Portuguesa Brasileira, pois faz uso de recursos linguísticos específicos da escrita, não mesclando oralidade e escrita ao mesmo tempo.

Analisando de forma geral, do primeiro para o último texto, o Aluno A avançou significativamente na apropriação dos elementos coesivos em destaque na Tabela 13, em praticamente todos eles houve um grande avanço, os números mostram.

Encerrando ...

Analisando e refletindo sobre o “Texto Diagnóstico” do Aluno A, que de início apresentou ter domínio da língua escrita materna, percebemos que ele já tinha um repertório linguístico bem diversificado, algumas noções básicas de escrita convencional, acentuação gráfica, pontuação, letra maiúscula, enfim, já tinha consciência de algumas regras da gramática normativa para escrever textos, mas textos com pouca competência comunicativa, uma vez que seu texto não foi construído com todos os elementos pontuais da narrativa, não estava coerente com a versão do conto original com o qual seria sua reescrita. Além disso, ainda o texto não trazia a estrutura que todos os gêneros trazem, ou seja, ele não trouxe uma disposição gráfica, que é comum aos gêneros da ordem do narrar, apresentou-se sem paragrafação e com períodos longos. Enfim, numa análise bem simples do texto disposto sobre o papel e com o apoio na Tabela 13, torna-se visível que o texto não atende aos propósitos textuais de um conto.

Quanto à primeira versão reescrita do gênero do conto “O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm, o aluno A demonstra que adquiriu alguns conhecimentos em relação ao Texto Diagnóstico. Primeiro, mostrou que todo conto precisa de um título, para que o leitor tenha algumas pistas em qual contexto aquela história poderá estar retratando em sua trama. Sua disposição gráfica no papel de acordo com o que é característico desses gêneros: com

parágrafos, recuos específicos para a fala do narrador, o sinal de travessão para a voz dos personagens. Uso de letra maiúscula no começo de parágrafos e nomes próprios, mesmos com alguns desvios, mas isso não o impede de escrever. Além desses problemas apontados, há alguns desvios da norma culta em relação à ortografia, acentuação, concordância e de ordem estrutural.

Outro aspecto também que observamos, é com relação a sequência lógica dos acontecimentos, algumas não estão coerentes, se comparadas com a versão original, encontram-se meio confusas. Partindo depois para a versão final, com o texto já revisado e corrigido duas vezes pelo aluno, e depois digitado, conseguimos visualizar concretamente o quanto o aluno avançou nos aspectos linguísticos, estruturais e de recursos coesivos para articular todo o texto. A Tabela 13, na terceira coluna deixa isso bem nítido, do quanto o aluno avançou no uso dos elementos linguísticos, tendo consciência do uso de alguns deles de forma mais acentuada, sendo isso reflexo de maior contato e uso deles nos contextos sociais, então emprega-o mais. Isso ocorre porque tem o texto como apoio para materializar o que já tem internalizado cognitivamente.

Por fim, podemos notar pelo texto final e com dados apontados no quadro e tabela, como nas interações diretas dos textos do Aluno A, que avançou significativamente em seus processos mentais, no tocante ao uso dos elementos coesivos entre outros aspectos formais da língua materna escrita, que já está com competência linguística para produzir mais textos. O trabalho deve continuar com práticas docentes como as realizadas nesta pesquisa, durante a implementação da prática pedagógica.

Algumas correções de ordens pontuais serão necessárias nas produções textuais dos discentes, sendo isso um processo normal e natural, deve ser uma prática de sala de aula. Os alunos que vai sendo habituado ao ritual de voltar aos textos e torná-los melhor, podem e estranham de início, mas depois vão se adaptando e os resultados surgem. Os resultados não acontecem só na escrita, é também nas relações humanas, pois os contos trazem em suas tramas elementos que prendem a atenção dos alunos, tornando-os mais argumentadores, enxergando verdades, e ainda, se tornam melhores pessoas. Conforme coloca Vygotsky (1984), é nas interações sociais, com alguém mais experiente que desenvolvemos nosso cognitivo e potencial, que nos tornamos melhores comunicadores competentes, melhores pessoas. Acreditamos que nosso trabalho tenha deixado esse legado junto aos aluno no término desse trabalho.

A seguir, vamos nos concentrar na Tabela 14, analisando e refletindo sobre a frequência de vezes que o Aluno B utilizou, no tocante ao uso dos elementos coesivos no texto diagnóstico e depois no texto final.

Tabela 14 – Frequência da utilização dos elementos coesivos – Aluno B

ALUNO B		
Comparando os elementos coesivos		
Elementos coesivos	Texto Diagnóstico (número de vezes)	Texto Final (número de vezes)
de	3	36
e	2	35
Que	5	27
para	2	23
do	1	16
ela	1	11
na	3	8
não	2	7
mas	1	7
Seu(s)	1	7
até	1	7
Quando	1	6
tanto	1	6
daí	1	0

Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2020.

Destacamos que a Tabela 14 apresenta os dados obtidos em duas versões distintas de reescritas de textos realizadas pelo Aluno B em relação ao uso de elementos coesivos. Esses elementos coesivos foram coletados do Texto Diagnóstico do aluno, verificando-se a sua incidência de uso. Depois esses mesmos elementos coesivos foram analisados e também coletados no Texto Final produzido, com os mesmos procedimentos, esses elementos estão bem destacados nos textos a seguir:

Reescreva o conto "Uma menina chamada Chapeuzinho Azul", de Flávio de Souza, baseando-se nas leituras e estudos realizados.

Costa que não já soube falar na chapeuzinho
 zinha. O melhor pra é, ela tem uma irmã
 chamada Chapeuzinho azul. elas ganharam
 seus chapeuzinhos um azul e um vermelha.
 que até... esqueceram de trazer o sapo
 ganhar as bonecas que tanto queriam. Mas também
 tinham um pai que trabalhava na construção
 de uma ponte de um rio que não ficava
 muito perto dali. daí um dia o rei belanda
 foi na casa das duas levar doces para
 a netinha que estava doente depois de jantar
 elas pediram para comer os doces com a netinha
 confessou que quando estava doente, foi beliscando
 beliscando e beliscando...

Fonte: Elementos coesivos destacados do texto diagnóstico do Aluno B pela pesquisadora, 2020.

O Rei Sapo	
<p>Era uma vez, num tempo que os desejo ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas, mas a mais nova era tão bela que o Sol se alegrava ao iluminar seu rosto. Quando fazia muito calor, a princesinha ia até um bosque escuro, se sentava embaixo de uma árvore, à beira de um poço. Quando estava entediada jogava sua bola de ouro para o alto e agarava-a. Mas teve um dia que ela foi até o poço e começou a brincar com sua bola de ouro, ela jogou sua bola para o alto e a bola bateu no chão, rolou, rolou e foi para o fundo do poço.</p> <p>A princesinha começou a chorar, chorava cada vez mais alto. De repente surgiu uma voz distante e perguntou:</p> <p>— Por que choras, filha do rei? Tu choras tanto que podes até comover uma pedra.</p> <p>Ela começou a procurar de onde vinha aquela voz, quando ela se deparou com um sapo nojento, com sua cabeça para fora da água.</p> <p>— Ah! És tu? Estou chorando porque minha bola de ouro caiu dentro do poço.</p> <p>— Não chores e sossegue. Se tu quiseres, eu posso pegar a tua bola de ouro. Mas o que tu me darás em troca?</p> <p>A princesinha respondeu:</p> <p>— Tudo que tu quiseres. Minhas pedras preciosas, minhas pérolas, meus vestidos e até a coroa de ouro que estou usando.</p> <p>O sapo respondeu:</p> <p>— Eu não quero tuas pedras preciosas, suas pérolas, seus vestidos e tua coroa, eu não quero. Eu quero que tu me prometas que eu serei seu companheiro e seu amigo, comerei no seu pratinho de ouro, beberei na tua taça de ouro e dormirei na tua caminha de seda. Se tu me prometeres tudo o que estou pedindo, eu pegarei tua bola de ouro.</p> <p>A princesinha disse:</p> <p>— Prometo tudo o que quiseres querido sapo, mas traga a minha bola de ouro, por favor!</p> <p>E a princesinha consigo mesma pensou: "Até parece que um sapo pode viver com um ser humano, ele nem pode sair da água!"</p> <p>Depois de ouvir a promessa, o sapo mergulhou de cabeça até o fundo do poço, pegou a bola com a boca e deu para a princesinha. Ela pegou a bola, saiu correndo e nem ligou para o sapo.</p> <p>O sapo gritou:</p> <p>— Espere-me! Eu não consigo correr tão depressa como tu!</p> <p>A princesinha não deu nenhuma atenção ao sapo e foi para sua casa. Triste o sapo voltou para o poço.</p> <p>No dia seguinte, o rei, as suas filhas e os cortesãos estavam sentados à mesa, fazendo a refeição do almoço. O sapo chegou ao castelo, foi se arrastando pela escadaria de mármore, ploque, ploque! Foi até a porta, bateu, toc, toc! e gritou:</p> <p>— Princesa, a mais nova, abre para mim!</p> <p>A princesa correu, abriu a porta, mas quando viu o sapo ali, logo fechou a porta na cara dele. Com medo ela voltou para a mesa, onde estava o rei, suas irmãs e os cortesãos e se sentou.</p> <p>O pai perguntou:</p> <p>— O que aconteceu, minha filha? Parece que há um gigante lá fora, querendo te pegar?</p> <p>— Ah! Meu pai querido! É que tem um sapo nojento lá fora.</p> <p>— O que ele quer de ti?</p> <p>— É que ontem eu estava lá no bosque, minha bola de ouro caiu no poço, eu chorava muito e ele se ofereceu para pegar a bola de ouro, mas para fazer isso ele queria viver comigo. Eu prometi que sim, agora está aqui e quer entrar.</p>	<p>— Princesa, a mais nova, abre para mim! Lembra o que ontem prometeste a mim, lá no poço? Princesa, a mais nova, abre para mim!</p> <p>O rei respondeu:</p> <p>— Tudo o que tu prometeste deves cumprir. Vá lá e abra aquela porta para o sapo.</p> <p>Ela foi, abriu a porta e o sapo entrou pulando, sempre aos pés da princesa. A princesinha se sentou à mesa, quando o sapo disse:</p> <p>— Erga-me e ponha-me ao meu lado.</p> <p>Depois ele quis subir na mesa e falou:</p> <p>— Empurra teu pratinho de ouro para eu comer junto a ti.</p> <p>A princesa não queria, mas o fez porque seu pai deu uma olhada feia para ela.</p> <p>O sapo se fartou de tanto comer, porém tudo que a princesa comia sentia ficar entalado na garganta de tanto nojo e de tanta raiva do sapo. Quando o sapo se satisfizes de tanto comer, ele falou:</p> <p>— Estou cansado. Leva-me até seu quarto e ponha-me em sua caminha de seda para eu dormir.</p> <p>A princesa resmungando de tanto nojo de tocar naquele sapo frio e nojento, pegou-o com dois dedos, chegando no quarto ela colocou o sapo num cantinho. Ela se deitou na cama. Ele foi se arrastando até ela e falou:</p> <p>— Ponha-me na sua caminha de seda, senão conto ao teu pai!</p> <p>A princesa ficou furiosa, pegou ele com dois dedos e tacou contra a parede.</p> <p>— Agora me deixarás em paz!!</p> <p>No mesmo instante, ele virou um príncipe lindo. Naquela hora ele já não era mais um sapo e sim um lido príncipe.</p> <p>Ele contou à princesa que fora enfeitado por uma bruxa, que só uma princesa podia salvá-lo da maldição do poço. Também falou que no dia seguinte iriam para o reino dele.</p> <p>No dia seguinte, o pai da princesa ficou sabendo da transformação do sapo em príncipe e falou para a princesa:</p> <p>— Ele será seu companheiro amado e marido, para o resto de sua vida.</p> <p>De manhã, chegou Henrique, um servo fiel do príncipe, para levá-los para o reino do príncipe. Henrique chegou com uma linda carruagem, com seis cavalos brancos com as cabeças enfeitadas com penas de avestruz e arreado com correntes de ouro. Depois de alguns instantes, Henrique ajudou os dois subirem na carruagem e eles partiram em direção ao reino do príncipe.</p> <p>No meio do caminho, o príncipe ouviu um estalo, como de algo que estivesse quebrando, caindo no chão, fazendo um barulho estranho:</p> <p>— Tic! Tic! Tic!</p> <p>Então o príncipe perguntou:</p> <p>— Henrique, o carro está quebrado?</p> <p>— Não, querido príncipe! São só os aros do meu coração que estão se rompendo. Eu mandei colar três aros em volta do meu coração, para que ele não se partisse de tanto dor e tristeza, quando Vossa Majestade fora aprisionada no poço. Agora, eles estão se soltando do coração de tanta alegria de vê-lo novamente livre e feliz.</p> <p>FIM</p>

Fonte: Elementos coesivos destacados no texto final do Aluno B pela pesquisadora, 2020.

Analizamos através da Tabela 14 que o Aluno B apropriou-se de forma acentuada do elemento coesivo “de”, sendo ele recorrente três vezes no Texto Diagnóstico e trinta e seis vezes no texto de versão final. Isso mostra um avanço na assimilação cognitiva do aluno que reconhece o funcionamento do elemento, em relação ao uso que ele desejou dizer no conto.

Em segundo lugar, está o elemento coesivo “e”, uma conjunção que estabelece ligações entre os elementos linguísticos dentro de um contexto. Está evidente que ele passou de duas incidências no primeiro texto produzido, para trinta e cinco vezes na produção final. Uma apropriação bem significativa. Também foi muito recorrente a preposição “para”, de dois usos no versão inicial para vinte e três na última reescrita. Isso mostra que o texto ensina gramática porque podemos dizer que ele é norma. É o uso da língua que faz os alunos aprender sua estrutura, suas especificidades, não é preciso decorar, fazer classificações e saber suas funções.

[...] o tratamento da gramática num espaço escolar há de respeitar a natureza da linguagem, sempre ativada para a produção de sentidos [...] a língua é dinâmica e variável, é um sistema adaptável, sempre em acomodação, de tal modo que só na sua face sociocultural se poderá admitir a existência de moldes e modelos [...] a gramática de uma língua não pode ser oferecida como uma camisa-de-força, primeiramente mapeada para depois ser recheada de exemplos, aqueles que venham a calhar para a doutrina assentada. (NEVES, 2003, p. 85).

De forma geral, o Aluno B mudou o nível de competência comunicativa com o uso dos elementos linguísticos, pois de um número bem reduzido que tinha no início da pesquisa-ação para um bem mais elevado em seu término. Quanto ao aspecto oral, que se fazia presente na modalidade escrita no início da pesquisa-ação com o elemento coesivo “da”, houve sua extinção na produção escrita final, sendo isso também conscientizado pelo aluno de que aquele marcador do discurso oral tem o seu contexto específico de ser usado.

Por fim, precisamos ensinar língua com construções corretas em nossa língua materna, nos momentos de interações com os gêneros discursivos, nas análises e reflexões sobre os usos e sentidos que os elementos linguísticos refletem naquele contexto, assim nossos alunos passam a usá-las de forma automática, compreendendo de fato o seu funcionamento e adquirindo competência linguística, e quem sabe, se apaixone por aprender Língua Portuguesa.

Encerrando ...

O “Texto Diagnóstico” produzido pelo Aluno B mostrou que ele já tinha um domínio básico da língua materna escrita, sabendo como articular os elementos linguísticos para produzir frases, períodos e parágrafos, porém interpretamos que nesse período inicial encontrava-se imaturo na lógica de produzir texto escrito da ordem do narrar discursivamente, na forma criativa e coerente, pois esses gêneros discursivos envolvem, além dos personagens, do tempo e do espaço, precisa se desenvolver entorno de um problema até o ponto desse ser resolvido, chegando a um momento de harmonia. O texto do aluno não contemplava todos esses elementos, não articulando-os para dar um sentido mais geral, porém se formos analisar gramaticalmente talvez esteja completo, mas analisando sob a perspectiva da língua em funcionamento, onde um elemento linguístico tem ligação com o outro, estabelecendo significados e sentidos, esse texto não estabelece uma competência comunicativa.

Na reescrita da primeira versão do conto “O Rei Sapo”, já ficou evidente que o Aluno B apropriou-se de muitos conhecimentos sobre a língua escrita que não apresentava no texto anterior. Primeiro, ele mostrou que já sabia mentalmente que um conto tem uma disposição gráfica específica sobre o papel, que compreendeu que, um conto no discurso direto e indireto apresenta não só a voz do narrador mas também de personagens, tendo uma formatação de parágrafos e pontuação adequada de acordo com cada situação que vai se desenvolver na história. Esses aspectos formais ele deixou marcado no texto quando ele usou simplesmente um parágrafo para o narrador. Para a voz dos personagens usou: além do parágrafo, o travessão.

Quando o personagem estava mais agitado, sua fala, portanto era mais forte e então era preciso colocar um ponto de exclamação. E assim, refletindo com o Aluno B sobre esse contexto em que os sentidos precisam ser claros na modalidade escrita, se percebe que o aluno constrói seu texto refletindo, como se articula a produção escrita e sua estruturação composicional, até chegar a conclusão do texto.

Há alguns nós em sua sequência, falta de lógica em algumas parte, mas percebemos que isso faz parte do processo de aprendizagem, na arte de construir textos. O trabalho com algumas técnicas de revisão e correção de texto na sala de aula contribuiu para que os pequenos problemas que os alunos ainda apresentavam fossem resolvidos.

Tornou-se visível que esse aluno tinha alguns problemas pontuais de ortografia, concordância, de traços da oralidade, de algumas sequências lógicas em relação aos elementos que compunham a narrativa, entre outros aspectos não muitos graves, que foram resolvidos até o texto final.

Percebemos que o trabalho de interação dos alunos via gêneros discursivos foram fundamentais para terem os modelos certos do que registrar no papel, uma vez que eles precisam apenas refletir sobre como organizar, como refazer, como tornar mais claro e coerente o que escrevem. Houve esse comprometimento de escrever e reescrever muitas vezes, porque eles sabiam que lá no final esse conto teria um leitor real, era preciso ter competência linguística e principalmente, competência comunicativa, enfim, o fazer corretamente.

Depreendemos que o resultado final de todo esse trabalho reflete diretamente na formação desse aluno e dos demais alunos também, porque ele mostra que seu enriquecimento aconteceu em todos os aspectos, ou seja, tanto de ordem linguística, estruturação das características composicionais do gênero em foco, seu repertório linguístico, que tornou-se mais diversificado, quanto na construção gêneros orais e escritos desse conto, pois o próprio gênero pede quais elementos linguísticos e coesivos são fundamentais naquela situação que está construindo para dar sentido. Além de toda essas questões que envolvem a língua, ainda tem as questões de formação humana que está por trás do discurso que envolve o gênero conto, levando os nossos alunos a construir valores, debater sobre as temáticas, fazer suas críticas, a tirar suas próprias conclusões, de relacionar com o contexto em que vivem, enfim, se formos enumerar toda as abrangências que esse gênero discursivo abarca em sua estrutura narrativa e materialidade linguística, teríamos várias outras para discorrer, mas vamos parar por aqui.

Encerramos aqui, pontuando que não foram somente os alunos que avançaram nas questões de uso da língua por meio da gramática funcional, não foram somente eles que aprenderam e se transformaram com a literatura que estava engajada com todo o processo de implementação da proposta pedagógica, nós, que estávamos diretamente ligada a eles, fomos imensamente transformados como profissionais e como pessoa, pois estar do outro lado não é ser um mero expectador, mas um protagonista que também luta para que essa aprendizagem aconteça de verdade, uma vez que ela nunca termina.

Antunes (2003, p. 125) coloca que os estudos das categorias e normas das variedades da nossa língua deve ser feito numa perspectiva interacional, objetivando perceber como funcionam na construção dos textos, orais ou escritos, curtos ou longos. Diante dessa perspectiva, nossas ações pedagógicas foram articuladas com as diversas categorias e normas que envolvem a língua materna, tanto na modalidade oral quanto na escrita, uma vez não há como trabalhar de forma fragmentada, no entanto sob a perspectiva da língua em funcionamento para produzir sentidos.

6 CONCLUSÃO

No início de nossa pesquisa-ação, tínhamos como objetivo principal, elaborar uma proposta pedagógica que levasse os alunos da turma do 6º ano A do Ensino Fundamental II da escola pública do noroeste do Paraná, à compreensão e à apropriação do uso dos elementos coesivos na composição do gênero narrativo oral e escrito. No decorrer de toda implementação da prática pedagógica fomos incorporando práticas, até então, pouco rotineiras em nossas ações pedagógicas. Percebemos que, nessa nova maneira de interagir com a língua, através dos gêneros discursivos, que tínhamos a oportunidade de agregar muitos outros aspectos relacionados à língua, ao mesmo tempo. Com o propósito de levar os alunos da já referida turma à leitura do texto, criávamos estratégias pouco comuns em nossas aulas.

Essas novas metodologias, além de despertar mais interesse nesses alunos pelas nossas aulas, ainda promovia-se, além da leitura, também a oralidade e a escrita ao mesmo tempo. Quando eles nos encontrava nos corredores e pátio da escola, investigavam se a nossa aula ia acontecer no dia marcado e se haveria alguma novidade. Isso nos motivava ainda mais em acreditar naquilo que estávamos aplicando.

Durante a trajetória em sala, não tínhamos a dimensão exata de que esse era um trabalho de ensino da língua materna na sua totalidade, principalmente da modalidade escrita, que ligado ao gênero conto, pudesse trazer os resultados positivos e abrangentes, que estamos conseguindo visualizar na conclusão das análises, pois até cálculo matemático tivemos que fazer diante dos textos que os alunos A e B reescreveram durante todo o trabalho, para podermos levantar os resultados de uma maneira mais precisa e exata. E a lógica aponta e comprova. Isso nós percebemos quando fizemos o quadro comparativo de como o Aluno A e o Aluno B estavam no início da pesquisa-ação e como eles chegaram no término.

Percebemos que o ensino da língua, da forma que trabalhamos, foi muito importante para os resultados alcançados, como: na motivação para o ato de ler sem fazer a leitura propriamente dita do texto, durante a leitura de toda a materialidade do texto e os principais sentidos obtidos na relação dialógica com os alunos. Enfim, os resultados não ajudaram somente os alunos A e B a ampliarem suas aquisições e conhecimentos, mas nós que estávamos ali, no corpo a corpo com eles, no relato de suas vivências e experiências, dos conflitos que muitas vezes estavam envolvidos, e dialogam como as leituras do texto. Mesmo sendo ponte nesta relação, ainda não conseguimos saber tudo, porque como os alunos, também elevamos nosso intelecto, nossos conceitos e nossa visão de mundo.

Acreditávamos no gênero conto como uma forma de conseguir ensinar os alunos dessa turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, sendo uma experiência única, a se apropriarem dos elementos coesivos básicos, para construir uma narrativa com coesão e coerência, mas percebemos que os resultados foram muito além de nossas expectativas, uma vez que foram momentos de muita tensão para conseguir enxergar isso agora, ao analisar tudo e fechar os resultados.

Ao encerrar esse trabalho, foram muitos momentos de pesquisas, de dúvidas, de análises, mas achamos que os números não mentem, pois ao acompanhar os dados apresentados no decorrer das análises do Aluno A que, no início do trabalho pedagógico usou a preposição “de “ apenas uma vez no seu texto inicial, e no último texto, com o qual ele interagiu, foi encontrado esse mesmo elemento coesivo, 31 vezes. Do Aluno B não foram diferentes os resultados apontados, pois inicialmente utilizou 3 vezes esse mesmo elemento coesivo, subindo para 36 vezes a frequência de uso.

Constatamos claramente que esses alunos, Aluno A e Aluno B, representando a turma do 6º ano A, superaram nossas expectativas, pois foram além de nossas previsões. Com isso, não precisamos parar nossa aula de leitura e momentos de discussões para ensinar aspectos estanques da nossa língua. Basta utilizarmos o texto como objeto de ensino de língua nos momentos de interação na sala de aula, assim trabalharemos todas as práticas discursivas ao mesmo tempo, e o ensino da língua acontece de forma espontânea, consistente e completa. E ainda, com análises e reflexões aprenderemos sobre a sua funcionalidade dentro do contexto do texto.

Enfim, um trabalho com essas proposições, ensinaremos não só a Língua Portuguesa, mas também formaremos pessoas com valores humanos mais sólidos, solidárias e críticas, atuando em nossa sociedade de forma mais humanizadora, competente e transformadora. Como forma de divulgar os resultados apresentados pelos alunos da turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, compilamos três das 13 obras literárias produzidas pelos alunos no término do trabalho e disponibilizamos nos Apêndices, para que estas sejam referências para que outros professores ou outros profissionais motivados pela Literatura, realizem práticas pedagógicas semelhantes a esta.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. Imagens sim, palavras não. In: _____. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 275-326.
- _____. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Língua Portuguesa: a etapa do ensino fundamental.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos.** Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Editora da PUC/SP, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** Ciência e Cultura. São Paulo, Vol. 4, n. 9, p. 803-809, set/1972.
- _____. O direito à literatura. in: **Vários Escritos.** 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 169– 191.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e estrangeira.** 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. 6ª impressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- DERDYK, Edith. **O desenho infantil.** São Paulo: Scipione, 1994.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. Contribuição a uma tipologia textual. In: **Letras & Letras.** Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1987, p. 3-10.
- FEIJÓ, Olavo G. **Corpo e Movimento: Uma Psicologia para o Esporte.** Rio de Janeiro: ed. Shape, 1992.
- FREINET, Célestin. **A pedagogia do bom senso.** Trad. J. Batista. São Paulo: Martins Fontes.1985.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de passagem**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995

_____. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. São Paulo: Ática, 1997.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

JESUS, Conceição Aparecida de. Reescrevendo o texto: a higienização da escrita. In: GERALDI João Wanderley; CITELLI, Beatriz (org.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. Vol. 7. São Paulo: Cortez, 2011.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil**. Porto: Civilização, 1969.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade” In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MICHELETTI, Guaraciaba. **A narrativa na sala de aula**. In: PERES, Letícia Paula de Freitas; GEBARA, Ana Elvira Luciano. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. São Paulo: Cortez, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática na escola; renovação do ensino da gramática; formalismo x funcionalismo; análise da gramática escolar. São Paulo: Contexto. Col. Repensando a Língua Portuguesa, 1990.

_____. Reflexões sobre a investigação gramatical: Projeto GPF- Grupo Sintaxe I. In: **Atas. I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**. Conferências. Mesas-redondas. Salvador: ABRALIN-FINEP-UFBA, 1996, p. 421-426.

_____. **A gramática – história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002 a.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade” In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002b.

_____. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. O funcionamento da linguagem e a gramática da língua. In: _____. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PARANÁ. **Currículo Básico da Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED/PR, 1990.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba: Seed/DEB-PR, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Por quê (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras, 1997.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROJO, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. **Como se corrige redação na escola**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. Trad. Maria Augusta Bastos de Mattos; adaptação Ana Luísa Marcondes Garcia. – 7. Ed. – São Paulo: Globo, 1995.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Universidade de Murdoch; Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. Trad. Rita Brossard. Paris, 2014. Open source.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Atividade lúdica com o nome do conto - FORÇA

GRUPO A



GRUPO B



APÊNDICE 2 - Texto 1 com *Intervalos* – teoria de Rildo Cosson (2016)

Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul (Flávio de Souza)

Aposto que você adivinhou que essa menina conhecida pelo apelido de Chapeuzinho Azul era irmã daquela outra menina conhecida pelo apelido de Chapeuzinho Vermelho.

As duas meninas ganharam seus chapeuzinhos no mesmo dia. Foi no Dia da Criança de mil, seiscentos e me esqueci. Elas gostaram tanto de ganhar seus chapeuzinhos que até se esqueceram de ficar bravas porque não tinham ganhado as bonecas que tanto queriam.

Esses chapeuzinhos na verdade eram duas capinhas com capuz, mas todo mundo conhece a história da menina que ganhou a roupinha vermelha como “Chapeuzinho Vermelho”, então vamos fingir que as capinhas com capuz eram chapeuzinhos, está bem?

Intervalo 1: vídeo ‘ Chapeuzinho Vermelho’. 11:04 minutos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y5BhYyaXpcE>>. Acesso em: 22/02/2019.

Naquele dia em que a menina do chapeuzinho vermelho saiu de casa para levar doces para a vovozinha que estava doente e se encontrou com o lobo etc. e tal, a irmã dela ficou em casa. Ela passou o dia todo no quarto porque estava com gripe.

Ninguém nunca ouviu falar na Chapeuzinho Azul porque ela nunca teve um dia tão agitado como o da irmã dela. Ninguém nunca ouviu falar também do pai das duas meninas porque quando a Chapeuzinho Vermelho foi pela estrada afora bem sozinha, o pai dela estava na cidade, que ficava não muito ali por perto. Ele saía de casa todo dia bem cedinho e só voltava de noite. Porque trabalhava, junto com muitos outros homens, na construção de uma ponte que estava sendo feita sobre um grande rio.

Intervalo 2: vídeo ‘COMO É CONSTRUÍDA UMA PONTE 1’, 2: 45 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oDXgoMXmcZg>>. Acesso em: 22/02/2019.

Ninguém nunca ficou sabendo também que a Chapeuzinho Vermelho tinha uma outra avó. Isso é fácil de imaginar, porque afinal as crianças geralmente têm duas avós, a mãe da mãe e a mãe do pai. Essa outra avó era mãe do pai. Aquela que quase virou comida de lobo era a mãe da mãe.

Essa outra avó das Chapeuzinhos se chamava Iolanda, mas todo mundo a chamava de Vó Gorda, você pode imaginar por quê, né?! Mas, ela não se importava com esse apelido, e até achava graça. Então, a Vó Gorda saiu lá da casinha dela com uma cestinha de doces para levar para a Chapeuzinho Azul que, como eu já contei, estava gripada, coitadinha.

No caminho para a casa da netinha, a avó se encontrou com um lobo. Um lobo tão Lobo Mau quanto aquele que enganou a Chapeuzinho Vermelho. E esse outro Lobo Mau tentou enganar a Vó Gorda, dizendo para ela ir pelo caminho da floresta.

Intervalo 3: vídeo: ‘CONSEGUÊNCIA DE UM ATO DE DESOBEDIÊNCIA ALERTA DA SALVAÇÃO’. 3:12 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=McFRa6y4C_A. Acesso em: 22/02/2019.

Mas como ela não era boba, foi pelo caminho mais curto e chegou antes do Lobo Mau. E quando ele chegou pronto para comer a Chapeuzinho Azul e a avó dela, deu de cara com o pai das meninas, que já tinha voltado do trabalho. Ele estava esperando pelo lobo na frente da casa com sua espingarda em punho. Lá dentro a Chapeuzinho Azul, a mãe dela e a Vó Gorda espionavam pela janela e riam.

O lobo, que era tão Lobo Mau quanto o outro, mas também tão esperto quanto a Vó Gorda, quando viu a espingarda, deu um tchauzinho de longe e deu no pé. Na noite desse mesmo dia, a Chapeuzinho Vermelho chegou acompanhada pelo caçador e contou sua aventura. Foi por isso que os pais das meninas nunca mais deixaram as duas andarem sozinhas pela floresta.

Depois do jantar, as duas irmãs pediram para comer os doces que a Vó Gorda tinha trazido em sua cestinha. Mas ela deu uma gargalhada e confessou que tinha ficado com fome no caminho e foi beliscando, beliscando, beliscando e, quando chegou, a cesta já estava vazia.

[...]

Flávio de Souza. Que história é essa? 2: novas histórias, adivinhações, charadas, enigmas, curiosidades. Diversões e desafios com personagens de contos antigos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000, p. 701.

APÊNDICE 3 - Símbolos para destacar a voz do narrador e a voz de personagens.

VOZ DO NARRADOR



VOZ DE PERSONAGENS

APÊNDICE 4 – Compreensão e Interpretação do Texto 1

Compreensão e Interpretação do texto: Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul (Flávio de Souza)

1. O Conto é um gênero discursivo da ordem do narrar. Nele são apresentadas as personagens principais (protagonistas e antagonistas) e secundárias (aparecem com menos frequência) e outros fatos importantes. Leia e analise cada questão abaixo e responda:

- a) Quem são as personagens principais do conto “Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul”? Quem é o protagonista e quem é a antagonista?
- b) Nessa história há personagens com menor participação (secundárias). Quem são elas?
- c) Que laço familiar as duas chapeuzinhos tinham nesta história?
- d) As duas chapeuzinhos ainda eram crianças e desejavam ganhar o quê no Dia da Criança? O desejo delas foi atendido? Por quê?
- e) De acordo com a fala do narrador, quem das duas chapeuzinhos era mais conhecida? De que cor era sua capinha?
- f) Por que a Chapeuzinho Vermelho saiu de casa? O que levou consigo?
- g) Enquanto a Chapeuzinho Vermelho vai para a casa da vovó materna, quem ficou em casa? Por quê?
- h) Quanto tempo a Chapeuzinho Azul passou no quarto? E por que ela era desconhecida?
- i) O narrador fala que as meninas têm um pai, que ele é um homem trabalhador, sai cedo e só volta de noite. Onde ele trabalha e qual é o tipo de serviço que ele trabalhava?
- j) Além do pai, o narrador fala de outra personagem que não era conhecida na tradicional história da Chapeuzinho Vermelho. Quem é essa personagem? Que grau de parentesco ela tinha com as meninas?
- k) No final desta história o narrador declara que os pais das meninas nunca mais deixaram as duas andarem sozinhas pela floresta. Por que será que eles passaram a ter todo esse cuidado?
- l) No momento em que vivemos temos muita segurança, leis e as pessoas procuram cuidar umas das outras. Será que as meninas e as garotas jovens correm algum perigo ao circularem sozinhas pelas cidades?
- m) No contexto da história da Chapeuzinho Azul, a família das meninas tem o modelo tradicional: pai, mãe, filhos e avós. Será que hoje as famílias continuam neste mesmo modelo ou ele está bem diferenciado? Explique.

2. Leia cada uma das situações propostas e marque um (x) na alternativa correta:

A) A Chapeuzinho Vermelho foi levar docinhos para a avó que estava doente. Qual era essa vovó?

- a () vovó materna
b () vovó paterna

B) A Vovó Iolanda apesar de ser bem idosa, ela se mostrou muito atuante socialmente, moderna e esperta. O que ela resolveu levar para a Chapeuzinho Azul quando estava gripada?

- a () Um buquê de flores
b () uma cesta de medicamentos
c () Uma cestinha de doces

C) Com quem a Vovó Iolanda (Gorda) se encontrou no caminho? Como ela agiu perante o vilão?

- a. () Ela se encontrou com o seu filho (pai das meninas), abraçou ele e foram ver a netinha doente.
b () Ela se encontrou com um lobo tão Lobo Mau quanto aquele que enganou Chapeuzinho Vermelho, mas ela não seguiu os conselhos dele, mostrando-se muito sábia no que fez.

D) A consequência da Vó Gorda ter ido pelo caminho mais curto até a casa da netinha foi:

- a () Ela chegou depois do lobo e foi atacada por ele.
b () Ela chegou antes do Lobo Mau, avisando ao seu filho que ele ia chegar para comer ela e a netinha .e este preparou-lhe uma armadilha.

E) Quando o Lobo Mau chega na casa da Chapeuzinho Azul para comer ela e a avó dela, o que aconteceu?

- a () O Lobo Mau é muito bem recebido pelas duas e toma um farto café da tarde com elas.
b () O Lobo Mau deu de cara com o pai das meninas, que estava na frente da casa com sua espingarda em punho, mostrando que a família tem um homem para proteger as mulheres daquela casa.

F) Qual foi a reação do Lobo Mau ao ver o pai das meninas em frente da casa?

- a () O Lobo Mau ficou nervoso e partiu para cima do pai das meninas, assim que chegou lá.
b () O Lobo Mau foi muito esperto, deu um tchauzinho de longe e deu no pé.

G) A Vovó Iolanda tinha um apelido. Qual era esse apelido e como ela se comportava diante dele?

- a () A vovó Iolanda era chamada de Vó Fofinha, mas toda vez que alguém a chamava por esse apelido ela brigava e ficava muito triste.
b () A vovó Iolanda era chamada de Vó Gorda, mas não se importava com esse apelido e até achava graça.

3. Coloque um (V) para as questões que forem verdadeiras e um (F) para as questões que forem falsas.

- () A história de Chapeuzinho Azul ocorre ao mesmo tempo em que acontecem os fatos da versão original de “Chapeuzinho Vermelho”.
- () A Chapeuzinho Vermelho chegou com o caçador na noite do mesmo dia em que ocorreram todos os fatos com a Vó Gorda, a Chapeuzinho Azul e o pai.
- () Enquanto o pai fazia a ronda em volta da casa, esperando o Lobo Mau chegar, a Chapeuzinho Azul, a mãe dela e a Vó Gorda, choravam e rezavam lá dentro.
- () Os pais das meninas, ao saber o que havia acontecido com a Chapeuzinho Vermelho e com a Vó Iolanda na floresta, nunca mais deixaram as duas andarem sozinhas pela floresta.
- () Essa história é atemporal, pois ela não tem um tempo definido, pode acontecer em qualquer época. Isso é uma característica dos contos maravilhosos.
- () O momento mais tenso da história foi quando o Lobo Mau chegou para comer a vó e a neta, mas o pai as defende, mostrando que ali tem um protetor da família.
- () A Vó Iolanda trouxe uma cestinha de doces e as duas irmãs se fartaram de tanto comer.
- () Os fatos da história acontecem somente na casa da Chapeuzinho Azul.
- () No caminho para a casa da netinha, a Vó Gorda sentiu muita fome e foi beliscando, beliscando, beliscando o pão e quando chegou, a cesta estava vazia.

4) Preencha a tabela de acordo com os fatos da história contada no texto e a tradicional história da Chapeuzinho Vermelho.

Fatos	Chapeuzinho Azul	Chapeuzinho Vermelho
Quais os personagens que mais participam da história?		
Quem leva doces para quem?		
Quem encontra com o lobo primeiro?		
O que aconteceu com a avó?		
O que aconteceu com o lobo?		

5) Analisando a tabela preenchida, cite uma semelhança e uma diferença entre as duas histórias comparadas (A Chapeuzinho Azul e da Chapeuzinho Vermelho).

SEMELHANÇA	DIFERENÇA

6) Observe a capa da revista da Magali ao lado. Nela há uma paródia do autor Maurício de Sousa que alterou a versão original do texto, substituindo a Chapeuzinho Vermelho pelo personagem Magali.

a) Que mudança nos acontecimentos da história “chapeuzinho Vermelho” é possível notar nessa paródia?

b) A personagem Magali pode ser comparada a qual personagem da história da Chapeuzinho Azul?



APÊNCIDE 5 – O Rei Sapo, com os Intervalos, conforme a proposta de Cosson (2016)

TEXTO	INTERVALOS
<p>O REI SAPO (Irmãos Grimm)</p> <p>Era uma vez, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas. Mas a menor era tão linda, que o próprio Sol, que já vira tanta coisa, se alegrava ao iluminar o seu rosto.</p>	<p>Intervalo 1 - Apresentação da filha mais nova.</p>  <p>Princesa: Filha do rei ou da rainha; herdeira da coroa real</p>
<p>Perto do castelo do rei havia um bosque escuro.</p>	<p>Intervalo 2 - Imagem de um castelo.</p>  <p>Castelo: residência real. Não servia apenas como residência, mas de proteção a toda nobreza e o feudo, era como um forte.</p>
<p>E, no bosque, debaixo de uma grande árvore, havia um poço.</p>	<p>Intervalo 3 - Imagem de um poço.</p>  <p>Poço: grande buraco, geralmente circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero.</p>
<p>Quando fazia muito calor, a filha do rei saía para o bosque e sentava-se à beira do poço. E quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.</p>	<p>Intervalo 4 - Imagem de uma bola de ouro.</p>  <p>Ouro: metal perfeito e o mais precioso dos metais.</p>
<p>Mas aconteceu, certa vez, que a bola de ouro passou direto pelas mãos da menina, bateu no chão e rolou para dentro d'água. A princesinha foi seguindo a bola com os olhos até que não conseguiu mais enxergá-la, pois o poço era muito fundo. Então começou a chorar. Chorava cada vez mais alto,</p>	<p>Intervalo 5 - Representações de todos os elementos oferecidos pela princesinha.</p>

sem conseguir parar. Enquanto se lamentava, ela ouviu uma voz que dizia:

— O que foi que te aconteceu, filha do rei? Choras tanto que podes comover até uma pedra.

Ela olhou em volta, procurando de onde vinha aquela voz, e viu, então, um sapo com sua grande e feia cabeça para fora da água.

— Ah, és tu? — disse ela. — Estou chorando por causa da minha bola de ouro que caiu no fundo do poço.

— Sossega e não chores — respondeu o sapo. — Eu posso te ajudar. Mas o que me darás, se eu te devolver o brinquedo?

— O que tu quiseres, querido sapo — disse ela. — Meus vestidos, minhas pérolas, minhas pedras preciosas e também a coroa de ouro que estou usando.



Vestido: peça feminina



Pérola: um elemento raro, puro e precioso.



Pedras preciosas: são minerais cristalinos raros e de importante valor.



Coroa: ornamento de formato circular usado sobre a cabeça. Símbolo da nobreza.

O sapo respondeu:

— Teus vestidos, tuas pérolas, tuas pedras preciosas e tua coroa de ouro eu não quero. Mas se aceitares gostar de mim, para eu ser teu amigo e companheiro, e me deixares sentar ao teu lado à mesa, comer no teu prato de ouro, beber na tua taça e dormir na tua cama, se me prometeres isso, eu descerei para o fundo do poço e te trarei de volta a bola de ouro.

Intervalo 6 - Vídeo sobre a importância de prometer e cumprir.

Vídeo: compromisso oral ou escrito de que fará algo **“Promessas devem ser cumpridas”** – Episódio 4. Disponível em: <<https://youtu.be/BIMhqtg-O4Q>>. Acesso em: julho de 2019.

— Ah, sim — disse ela. — Eu te prometo tudo o que queres, mas traze-me de volta a minha bola de ouro. — Aí, ela pensou consigo mesma: “Que bobagens fala este sapo! Ele vive dentro d’água com outros sapos, coaxando, não pode ser companheiro de um ser humano.”

Quando o sapo recebeu a promessa, mergulhou de cabeça, desceu ao fundo e voltou com a bola na boca.

Intervalo 7 - Momento que o sapo mergulhou em busca da bola de ouro – ilustrada por Walter Crane.



Fonte: Ilustração de uma página, do conto *O Rei Sapo*, criada por Walter Crane, 1874.

A princesinha apanhou seu lindo brinquedo e saiu pulando.

— Espera, espera! — gritou o sapo. — Leva-me contigo, eu não posso correr depressa!

Mas a menina não lhe deu atenção, apressou-se para casa e logo esqueceu o pobre sapo, que tinha de descer de volta ao seu poço.

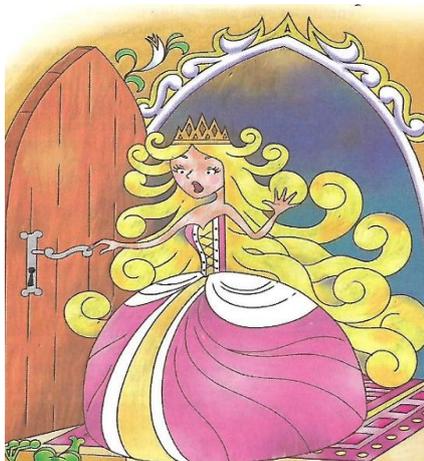
No dia seguinte, quando ela, com o rei e todos os cortesãos, sentada à mesa, comia no seu prato de ouro, eis que alguma coisa — ploque, ploque, ploque — veio se arrastando, subindo pela escadaria de mármore. Quando chegou em cima, bateu na porta e gritou:

— Filha do rei, a mais nova, abre para mim!

A princesinha correu para ver quem estava lá fora.

Mas quando abriu a porta e viu o sapo ali, bateu a porta depressa e sentou-se de volta à mesa, sentindo medo.

Intervalo 8 - Ilustração do momento em que a princesa se depara com o sapo.



Fonte: TAVARES, Romeire Ap. Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnetto. **Uma menina chamada Chapeuzinho Azul.** In: Vontade de saber português, 6º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012, p. 57.

O rei percebeu que o coração da filha batia forte e disse:

— Minha filha, de que tens medo? Será que algum gigante está à porta e quer te levar?

— Oh, não — respondeu ela. — Não é um gigante, mas um sapo nojento.

— E o que esse sapo quer de ti?

— Ah, meu pai querido, ontem eu estava sentada lá no poço brincando e a minha bola de ouro caiu na água. E porque eu chorava muito, o sapo foi buscá-la para mim. E porque ele me exigiu, eu prometi que ele seria meu companheiro. Mas eu pensava que ele nunca poderia sair da água. E agora ele está lá na porta e quer entrar aqui.

Enquanto isso, lá fora, o sapo batia na porta e gritava:

“Princesa, a mais nova,
abre para mim!

Lembras o que ontem prometeste a mim, lá junto do poço?

Prometeste, sim!

Intervalo 9 – Cena do sapo comendo no pratinho de ouro da princesinha – ilustrada por Walter Crane



Fonte: Ilustração de uma página, do conto *O Rei Sapo*, criada por Walter Crane, 1874.

Cortesão: aquele que pertence à corte de um rei (vive ou trabalha).

<p>Princesa, a mais nova, abre para mim!” Então, o rei disse: — O que tu prometeste, deves cumprir. Vá agora e abre a porta para ele! Ela abriu a porta e o sapo entrou pulando, sempre nos pés da princesa, até a sua cadeira. Então, sentou-se e gritou: — Levanta-me para junto de ti! Ela hesitou, até que, finalmente, o rei mandou que o fizesse. Quando o sapo já estava na cadeira, quis subir para a mesa, e quando já estava ali, ele disse: — Agora, empurra o teu pratinho de ouro para mais perto de mim, para podermos comer juntos!</p>	
<p>A filha do rei obedeceu, mas via-se bem que não era de boa vontade. O sapo regalou-se com a comida, mas ela sentiu cada pedacinho ficar entalado na garganta. Finalmente, ele disse: — Fartei-me de comer e estou cansado. Agora, leva-me para o teu quarto e arruma a tua caminha de seda, onde nós dois vamos dormir. A filha do rei começou a chorar. Tinha medo do sapo frio que ela não se atrevia a tocar e que agora iria dormir na sua linda caminha de seda.</p>	<p>Intervalo 10 – Imagem representativa da cama da princesinha.</p> 
<p>Mas o rei ficou zangado e ordenou. — Quem te ajudou na hora da necessidade, não podes desprezar depois! Então, ela segurou o sapo com dois dedos, carregou-o para cima e colocou-o sentado num canto. Quando ela estava deitada na cama, ele veio se arrastando e disse: — Estou cansado, quero dormir igual a ti. Levanta-me, senão eu conto ao teu pai!</p>	<p>Intervalo 11 – Vídeo orientando sobre as ações do chantagista</p> <p>VÍDEO: Como lidar com chantagem sentimental - Flávio Gikovate. 728 min. Disponível em: < https://youtu.be/SnNt_A0oP5Y>. Acesso em agosto de 2019.</p>
<p>Aí ela ficou furiosa, levantou o sapo e atirou-o com toda a força contra a parede: — Agora me deixarás em paz,</p>	<p>Intervalo 12 – Cena do príncipe já transformado em humano, diante da princesa - ilustrada por Walter Crane.</p>

sapo nojento!

Quando ele caiu, já não era mais um sapo, e, sim, um lindo príncipe, que ficou sendo, pela vontade do pai da princesa, seu companheiro amado e marido.

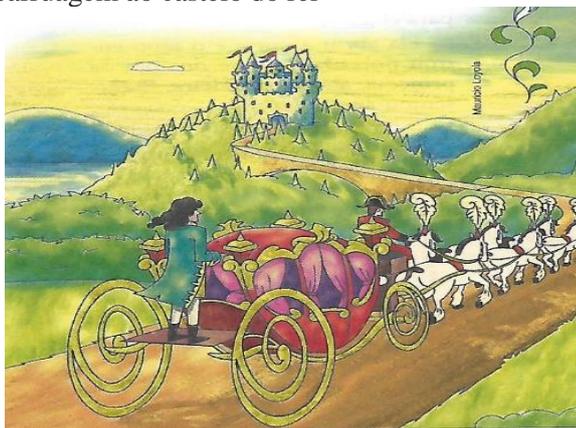


Fonte: Ilustração de uma página, do conto *O Rei Sapo*, criada por Walter Crane, 1874.

Ele contou à princesa que tinha sido enfeitado por uma bruxa e ninguém poderia libertá-lo do poço a não ser ela. Disse também que, na manhã seguinte, iriam juntos para o reino dele.

De manhã, quando o Sol nasceu, chegou uma carruagem com seis cavalos brancos, de cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e arreados com correntes de ouro. De pé, na traseira, estava o servo do príncipe, o fiel Henrique.

Intervalo 13 – Chegada do servo Henrique com a carruagem ao castelo do rei



Fonte: TAVARES, Romeire Ap. Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugno. **Uma menina chamada Chapeuzinho Azul**. In: *Vontade de saber português, 6º ano*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012, p. 58.

Henrique ficara tão triste quando seu amo foi transformado em sapo, que mandou colocar três aros de ferro em volta do seu coração, para que ele não se partisse de dor e de tristeza. A carruagem viera para levar o príncipe de volta ao seu reino. O fiel Henrique ajudou os dois a subir na carruagem e, felicíssimo com a libertação, voltou ao seu lugar.

Depois que eles já tinham percorrido parte do caminho, o príncipe ouviu um estalo atrás deles, como se algo tivesse quebrado. Ele se voltou ao servo e gritou:

Intervalo 14 – Partida do príncipe para o seu reino - ilustrada por Walter Crane.

“Henrique, o carro está quebrado!”
 “O carro não, príncipe amado.
 É um aro do meu coração
 cheio de dor e compaixão
 por vós, no poço aprisionado,
 e em feio sapo transformado.”



Fonte: Ilustração de uma página, do conto *O Rei Sapo*, criada por Walter Crane, 1874.

Ouviu-se mais um e mais outro estalo, e o príncipe a toda hora pensava que era a carruagem se quebrando, mas eram apenas os aros que se soltavam do coração do fiel Henrique, porque agora o seu amo estava livre e feliz.

Jacob Grimm; Wilhelm Grimm. Bianca Encarnação (Adap.). Ciência Hoje das Crianças. Rio de Janeiro: SBPC, ano 13, n. 99, jan./fev. 2000, p. 6-7.

16)O texto apontou que o Rei Sapo tinha um servo de muita confiança. Qual era o seu nome e que características ele tinha?

- a.() João. Era calmo, bonito, feiticeiro. b.() Henrique. Era fiel, dedicado, íntegro, servil, honrado.
 c.() Frederico. Era fiel, amoroso, d.() Manoel. Era servil, honrado, corajoso.
 íntegro

17)Como ficou o coração do fiel servo do príncipe quando foi transformado em sapo? Retire os versos do texto que comprovam isso.

18)Quais eram as características:

- a) Da princesa:.....
 b) Do sapo:.....
 c) Do príncipe:.....

19)Qual foi a atitude do rei ao saber da promessa da sua filha mais nova?

- a. () Exigiu que o sapo fosse expulso do castelo.
 b. () Exigiu que a princesa se casasse com o sapo.
 c. () Exigiu que a princesa cumprisse o que prometeu.

20)O conto “ O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm, é:

- a. () Uma fábula c. () Um conto
 b. () Um bilhete d. () Um convite

21)Qual é a finalidade principal do conto “O Rei Sapo”?

- a. () Instruir b. () Divertir c. () Informar d. () Anunciar

Refletindo sobre o texto

1) O rei, pai da princesinha, ordenou que ela deveria cumprir o que prometera.

a) Isso demonstrou que o seu pai era autoritário, justo e queria que sua filha também fosse? Comente.

b) Nossos pais geralmente apresentam o mesmo perfil e caráter desse rei do conto “O Rei Sapo”? Isso é bom ou ruim? Explique.

c) Reflita sobre essa sentença:

“__Quem te ajudou na hora da necessidade, não podes desprezar depois!”

O que podemos concluir com essa sentença?

2) O conto “O Rei Sapo” foi copilado pelos Irmãos Grimm no século XVIII, sendo publicado no ano de 1812, retratando comportamentos humanos desse momento histórico. Estamos no século XXI, a mais de 200 anos depois.

a) Será que ainda hoje persistem esses comportamentos humanos: de prometer e não cumprir; conservar valores; ser fiel por parte das pessoas? Explique.

3) Marque a alternativa correta:

A) No texto aparece uma parte em que o sapo diz a princesa algo que não a agrada, observe:
“___Estou cansado, quero dormir igual a ti. Levanta-me, senão eu conto ao teu pai!”

Essa atitude dele demonstra que ele era:

- a. Brincalhão b. Chantagista c. Apaixonado

B) A reação que a princesa apresentou após o sapo argumentar que caso ela não atendesse o seu desejo de dormir em sua cama, contaria ao rei, foi:

- a. Abaixar a cabeça e fazer exatamente o que ele queria.
 b. Atirá-lo na parede para descarregar toda sua raiva.
 c. Começou a chorar e o sapo lhe pediu desculpas.

4) O sapo foi acometido pelo feitiço de uma bruxa, sendo transformado em sapo e aprisionado em um poço. O que significa estar “aprisionado”? O que você faria se alguém lhe aprisionasse em algum lugar?

5) Será que o Rei Sapo foi realmente aprisionado no poço, pois cada um tem seu habitat natural? Pense um pouco e comente: haveria um outro lugar para um sapo ficar?

6) Após a princesinha quebrar o feitiço da bruxa, de uma maneira nada romântica, o Rei Sapo transformou-se num lindo príncipe. O que ele passou a ter após virar um homem, ainda mais príncipe? É bom o ser humano ser livre? Comente.

7) Na frase:

“ [...] ficou sendo, pela vontade do pai da princesa, seu companheiro amado e marido.”

Quem escolheu o príncipe para ser o companheiro e marido da princesa, foi ela mesma ou foi uma decisão de seu pai? Como hoje as mulheres escolhem seus maridos?

8) Relacione a 2ª coluna de acordo com a 1ª:

(1) servo	<input type="checkbox"/> fiel Henrique,
(2) rei	<input type="checkbox"/> sapo frio
(3) sapo/príncipe	<input type="checkbox"/> príncipe amado
	<input type="checkbox"/> feio sapo
	<input type="checkbox"/> pai querido
	<input type="checkbox"/> querido sapo
	<input type="checkbox"/> lindo príncipe
	<input type="checkbox"/> sapo nojento

9) No conto “O Rei Sapo” o personagem sapo/príncipe não aceitou os bens materiais da princesa em troca de prestar-lhe um favor. Você seria capaz de dar todos os seus bens materiais em troca de algo de muito valor afetivo?

10) Toda história traz uma temática que nos faz refletir e rever alguns valores. Qual é o tema do conto “ O Rei Sapo”?

- a. () Não falar com estranhos.
- b. () A importância da boa aparência.
- c. () Toda promessa deve ser cumprida.

Explorando a Linguagem

1. Nos textos do gênero narrativo ora aparece a voz do narrador, ora aparece a voz dos personagens. Na estrutura desse conto “ O Rei Sapo” dos Irmãos Grimm, como aparece a voz do narrador? E o que é usado para indicar as vozes dos personagens?

2. Duas vezes a princesa utilizou o termo “querido”. Para quem ela utilizou esse termo? Como ela se referiu a cada um? Que intenção ela teve ao utilizar esse termo nas duas situações?

3. No contexto desse conto, percebe-se que o rei tinha muitas filhas. A mais nova era muito linda, e seu rosto era iluminado por quem? Por que esse elemento, por duas vezes apareceu no texto e recebeu uma letra maiúscula?

4. Releia o trecho:

“E quando a princesinha se **entediava**, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.”

Das palavras abaixo do quadro, circule aquela que pode ser substituída pela palavra destacada, sem alterar o sentido:

() alegrava	() chateava	() entristecia
--------------	--------------	-----------------

5. No primeiro parágrafo, o narrador coloca que “ quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando[...]”.

O que você entende por “se entediava”? Você alguma vez se entediou com alguma coisa? O que fez para sair dele?

6. Que meio de transporte era usado no contexto do conto “O Rei sapo”, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam? Hoje ainda é comum usar esse meio de transporte? Em que situações?

7. Quem são os personagens que representam a classe nobre da história? E dos servos?

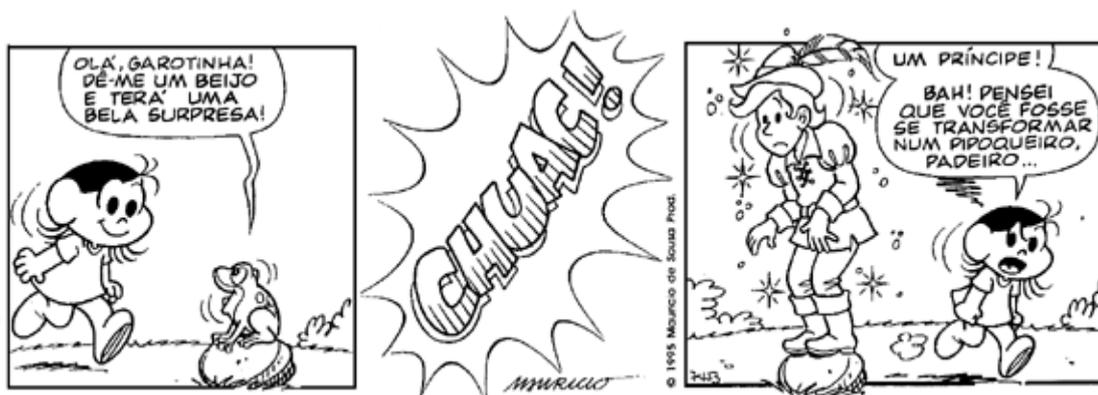
8. Para representar sons de determinados objetos, barulhos, entre outros, usamos as tradicionais onomatopeias (Toc! Toc! Toc!; Ploc! Ploc!; etc). Quais são as onomatopeias usadas no texto para representar o som de batidas na porta de entrada do castelo?

9. Para evitar a repetição do mesmo termo, o narrador utilizou muitas palavras sinônimas para a palavra princesa. Quais são elas?

10. No texto pareceu muitas palavras utilizadas para usar o tamanho menor (diminutivo). Faça uma pesquisa e copie-as aqui.

11. Temos a seguir a Magali, uma personagem criada pelo Maurício de Souza no mundo das histórias em quadrinhos da tradicional Turma da Mônica. Essa personagem tem uma característica muito forte: o seu apetite incontrolável.

A tirinha a seguir foi inspirada no conto “O Rei Sapo”, sob uma outra ótica:



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

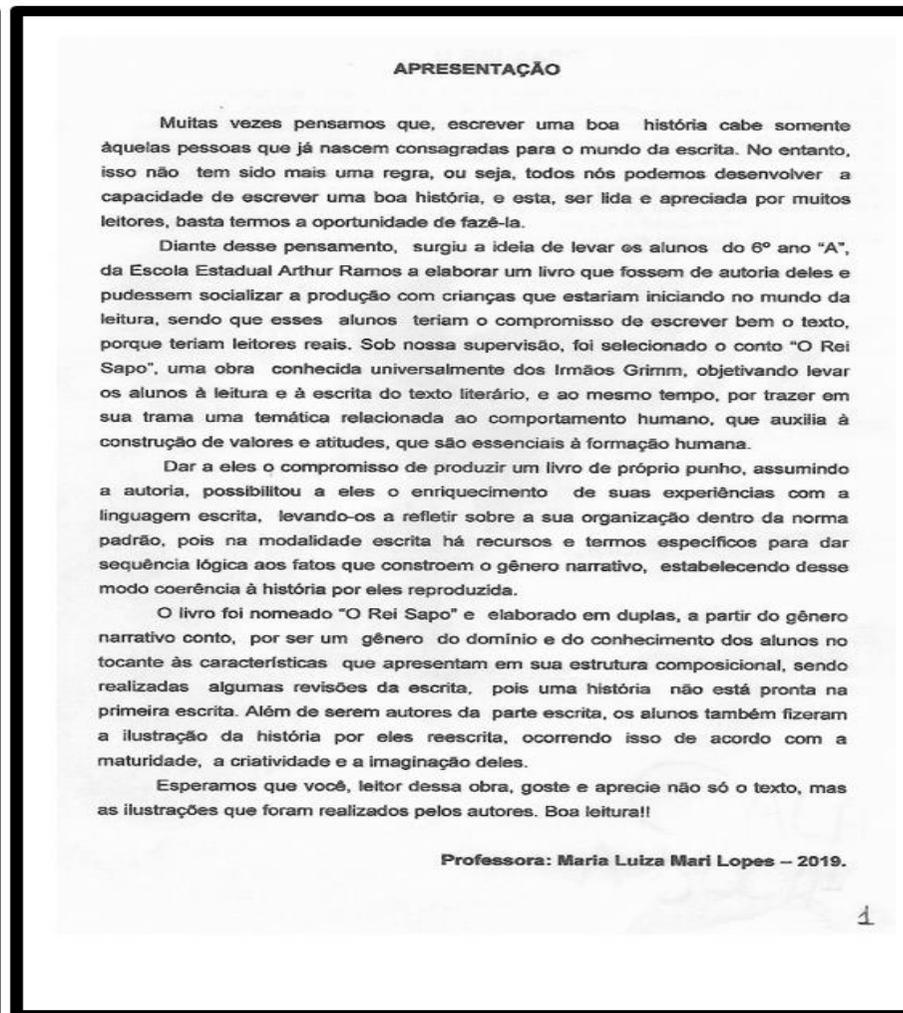
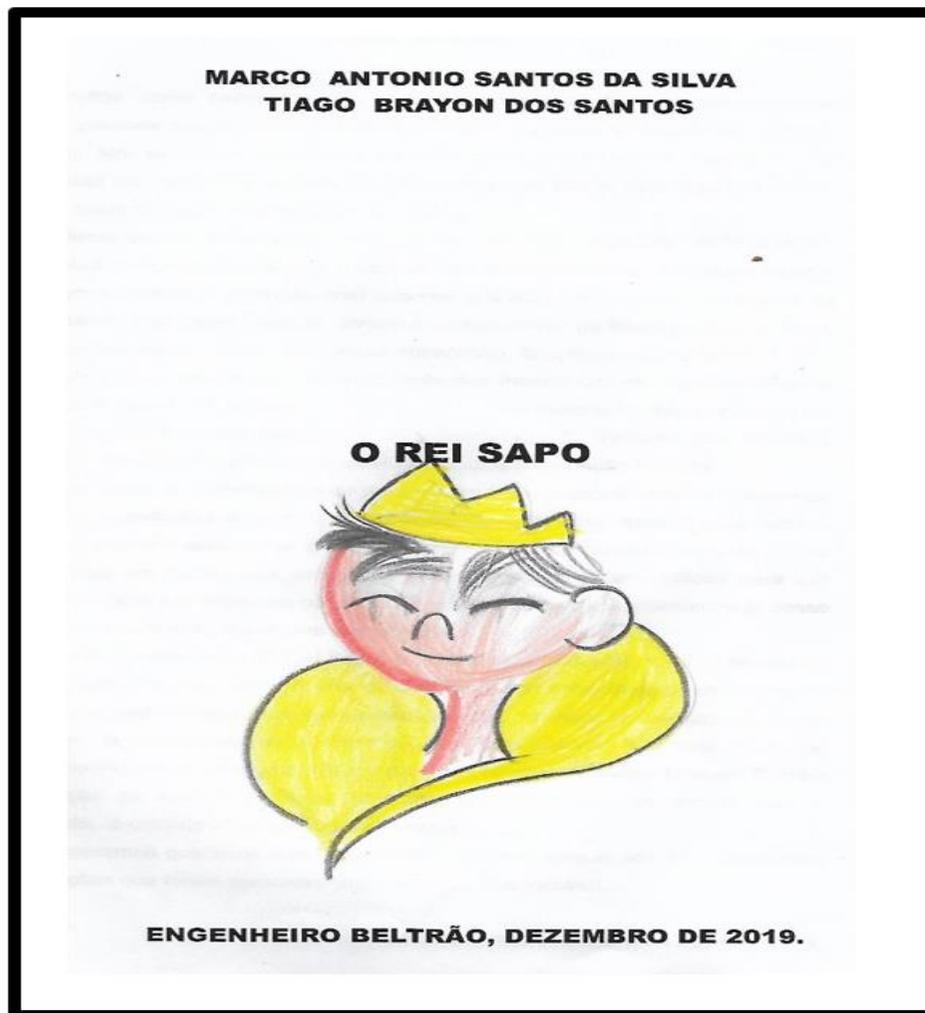
a) A personagem Magali se depara com um sapo no 1º quadrinho e ele lhe pede uma beijo para ter uma bela surpresa. Então algo acontece entre o primeiro e segundo quadrinho, com a expressão “CHUAC!” trazendo um efeito de sentido. Qual é esse efeito de sentido?

b) Qual é o humor que gerou no último quadrinho?

12. Faça uma ilustração da parte que você mais gostou no conto trabalhado “O Rei Sapo”, dos Irmãos Grimm.

APÊNDICE 7 – Compilação de três livros literários produzidos pelos alunos do 6º ano

LIVRO 1



O REI SAPO

Era uma vez, num tempo que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei que tinha muitas filhas e todas eram belas, porém havia a mais bonita, a mais nova era bonita, era tão bela, que até o sol, que já vira tanta coisa, se alegrava a iluminar o seu rosto. Perto do castelo do rei tinha um bosque escuro. Quando ficava com calor ela ia no bosque para se distrair e se sentava ao lado de um poço que ficava embaixo de uma grande árvore. Ela sempre ia para lá se refrescar. Quando estava chateada, ela pegava sua bola de ouro para brincar. A princesa jogava a bola para cima e a agarrava. Um dia ela pegou sua bola de ouro, jogou-a para cima e ela passou direto, caiu no chão, rolou, rolou e foi para o fundo do poço.

Então a princesa começou a chorar, chorava cada vez mais alto e do nada, surgiu uma voz que perguntou:



-Por que choras tanto, filha do rei? Choras tanto, que pode comover até uma pedra.

A princesa parou de chorar no mesmo instante, e começou a olhar em volta para descobrir de onde vinha aquela voz. Finalmente encontrou um sapo feio com a cabeça feia fora da água.

- Choro porque minha bola de ouro caiu no fundo poço.

- Sossegas e não chores. Eu posso pegar seu brinquedo, mas o que me darás em troca?

- O que tu quiseres querido sapo. Eu te dou tudo minhas joias, minhas pedras preciosas, meus vestidos, minhas pérolas e até a coroa de ouro, que esta em minha cabeça.

- Nada disso me interessa, mas sim sua amizade e ser seu companheiro, comer em teu prato de ouro, dormir na sua cama de seda e sentar do seu lado à mesa.



- Sim, eu aceito tudo o que quiseres. Mas traga a minha bola de ouro de volta.

A princesa ao fazer a promessa ao sapo pensou consigo mesma que o sapo não poderia sair da água, ele vivia no poço com outros sapo, não podia viver na companhia de seres humanos.

Então o sapo mergulhou para o fundo do poço e pegou a bola de ouro da princesa com a boca. Quando o sapo saiu do poço com a bola da princesa, ela agarrou sua bola de ouro e saiu correndo para o castelo. Então o sapo falou:

- Espere, Espere! Não posso correr assim como você.

Ela nem olhou para traz e partiu para sua casa. Então o sapo triste, voltou ao poço.

No dia seguinte, a princesa estava sentada à mesa, com o rei e com a corte, comendo calmamente em seu pratinho de ouro, até o momento que ela ouviu alguma coisa porta batendo e gritando:

Princesa, a mais nova, abre para mim!



Então ela foi atender, viu que era o sapo e fechou a porta na cara dele. Voltou correndo para a mesa com uma cara de medo.

O rei percebeu e perguntou:

- Por que está com medo, minha filha? Até parece que viu um gigante.

- Não é um gigante. É um pequeno sapo nojento e feio.

- O que ele quer de ti?

- Ah, meu pai querido, é que ontem, como eu chorava porque minha bola de ouro caiu na água do poço, como eu chorava muito, ele me ajudou e pediu para ele ser seu amigo e companheiro e eu aceitei. Agora ele está aí fora e quer entrar aqui.

Lá fora o sapo novamente gritava:

- Princesa, a mais nova, abre para mim! Lembras o que prometeste a mim, ontem lá no poço? Princesa, a mais nova, abre para mim!



O rei falou:

- O que prometeste tem que ser cumprido!

Então o rei ordenou à princesinha:

- Vá lá e abra a porta para o sapo entrar!

Então a princesa respondeu:

- Sim, meu pai querido.

A princesinha foi abrir a porta ao sapo com desprezo, com uma má vontade. Quando abriu a porta, o sapo entrou pulando. Quando chegou à mesa, ele falou à princesa:

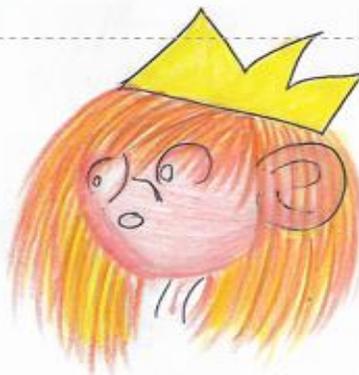
- Levante-me até à mesa, para eu comer em seu pratinho de ouro!

Mas a princesa demonstrou, com seu rosto, uma má vontade. O rei percebeu, deu uma olhada e ela já mudou. Então a princesa obedeceu o seu pai e o colocou em cima da mesa. O sapo falou:

- Agora, empurra-me seu pratinho de ouro para perto de mim, para comermos juntos!



BLÁ!BLÁ!



6

Ela obedeceu, mas via-se bem que não era de boa vontade e cada vez que ela colocava a comida na boca, ela sentia cada pedaço ficar entalado na garganta. Ai ele disse:

- Já estou farto! Agora me leve para sua cama de seda, onde nós vamos descansar.

E a princesa começou a chorar porque tinha medo do sapo frio e feio. Não queria nem tocar nele e nem na sua cama.

O rei ficou nervoso com ela e falou:

- Quem de ajudou quando você precisou foi ele, agora faça o que ele pede!!

Então ela pegou o sapo com dois dedos e o levou até o quarto. Colocou-o em um canto, foi se deitar. Ele foi se arrastando até ela e falou:

- Quero dormir igual a ti, senão conto ao seu pai!

A princesa ficou tomada de muita raiva, o pegou e o arremessou contra a parede, e falou:

- Morra, sapo nojento!



BLÁ!

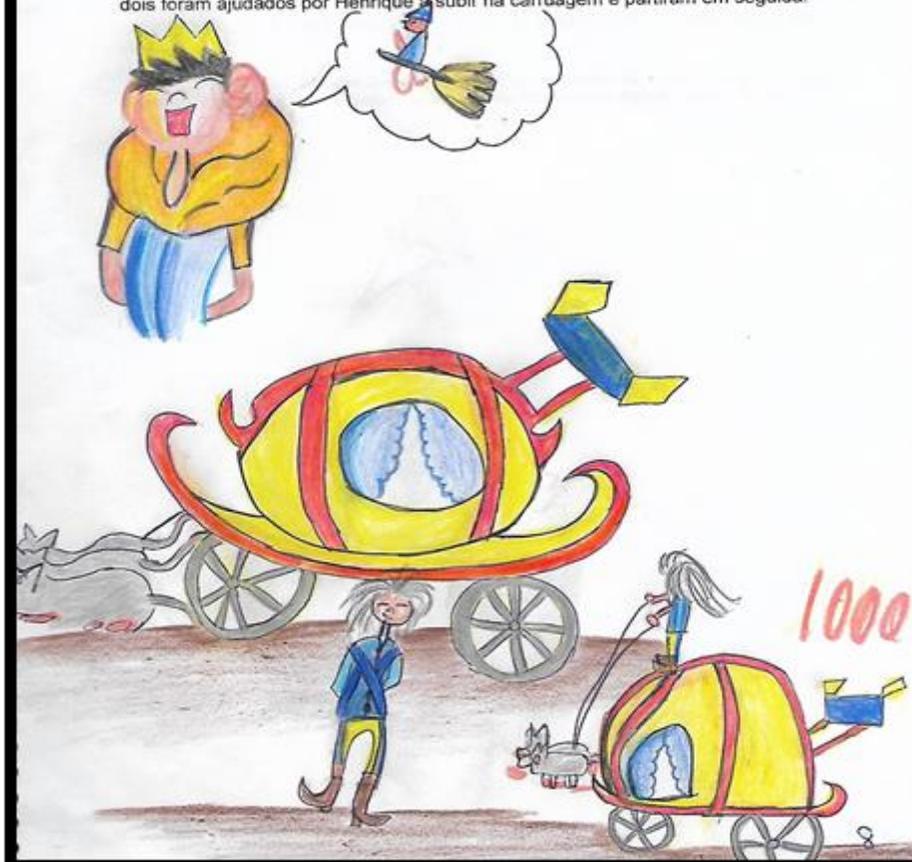


7

Quando o sapo caiu, não era mais um sapo e sim um príncipe, que ficou sendo companheiro e marido da princesa pela vontade do rei. O príncipe contou à princesa, que foi transformado em sapo por uma bruxa, que ela era a única que poderia conseguir tirar o feitiço. Contou ainda, que quando ela atirou ele na parede, o feitiço acabou e ele virou um príncipe.

No dia seguinte, apareceu uma carruagem com seis cavalos brancos, as cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e arreados com correntes de ouro. Na traseira da carruagem, veio o fiel Henrique.

Henrique, servo do príncipe, ficou tão triste com o desaparecimento do príncipe quando ele foi transformado em sapo, que mandou colocar três aros de ferro em volta do seu coração, para que ele não morresse de dor e compaixão. Ele veio com a carruagem para levar o príncipe e a princesa de volta ao seu reino. Os dois foram ajudados por Henrique a subir na carruagem e partiram em seguida.



Depois de percorrido uma parte do caminho o príncipe ouviu um barulho, então perguntou:

- A carruagem está quebrada Henrique?

Henrique respondeu:

- Não é a carruagem príncipe amado, mas sim um aro do meu coração, cheio de dor e compaixão por vós, no poço aprisionado e em sapo transformado.

Andaram mais um pouco e o príncipe ouviu outro barulho e perguntou novamente:

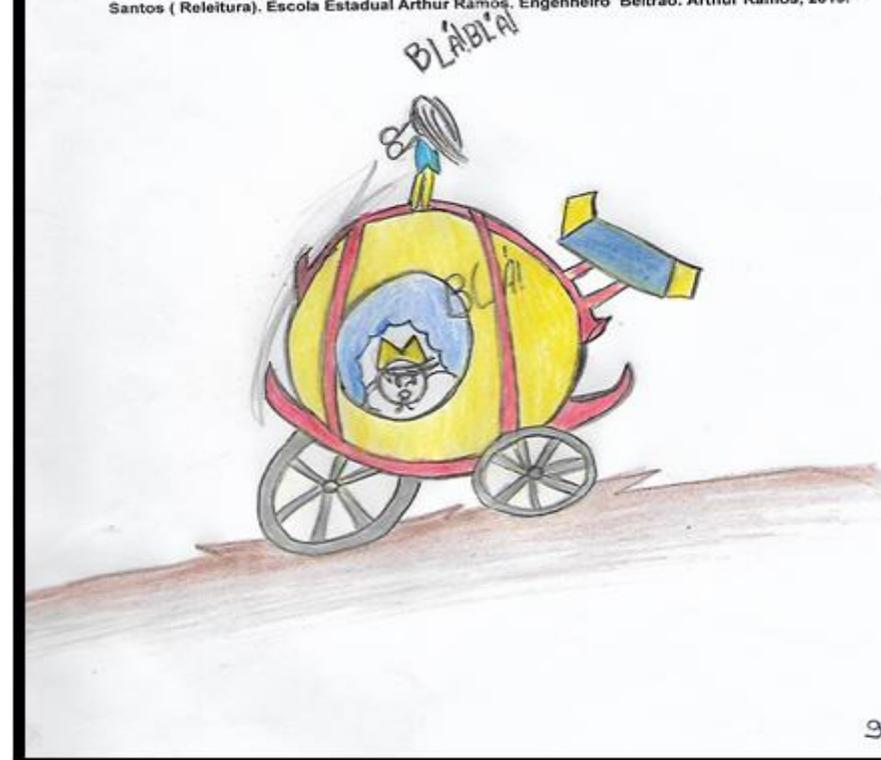
- O carro está quebrado?

Henrique respondeu:

- Não, querido príncipe, é outro aro do meu coração, ele também está sendo quebrado porque o príncipe está livre do feitiço.

E ao longo da viagem, o príncipe ouviu mais outro barulho, sempre perguntando se o carro estava quebrando, e assim continuou até chegar em seu reino.

Jacob Grimm; Wilhelm Grimm. Marco Antonio Santos da Silva & Tiago Brayon dos Santos (Releitura). Escola Estadual Arthur Ramos, Engenheiro Beltrão: Arthur Ramos, 2019.



LIVRO 2

**JOÃO GABRIEL SANTOS DE AZEVEDO
SAMUEL LIMA DOS SANTOS**

O REI SAPO



ENGENHEIRO BELTRÃO, DEZEMBRO DE 2019.

APRESENTAÇÃO

Muitas vezes pensamos que, escrever uma boa história cabe somente àquelas pessoas que já nascem consagradas para o mundo da escrita. No entanto, isso não tem sido mais uma regra, ou seja, todos nós podemos desenvolver a capacidade de escrever uma boa história, e esta, ser lida e apreciada por muitos leitores, basta termos a oportunidade de fazê-la.

Diante desse pensamento, surgiu a ideia de levar os alunos do 6º ano "A", da Escola Estadual Arthur Ramos a elaborar um livro que fossem de autoria deles e pudessem socializar a produção com crianças que estariam iniciando no mundo da leitura, sendo que esses alunos teriam o compromisso de escrever bem o texto, porque teriam leitores reais. Sob nossa supervisão, foi selecionado o conto "O Rei Sapo", uma obra conhecida universalmente dos Irmãos Grimm, objetivando levar os alunos à leitura e à escrita do texto literário, e ao mesmo tempo, por trazer em sua trama uma temática relacionada ao comportamento humano, que auxilia à construção de valores e atitudes, que são essenciais à formação humana.

Dar a eles o compromisso de produzir um livro de próprio punho, assumindo a autoria, possibilitou a eles o enriquecimento de suas experiências com a linguagem escrita, levando-os a refletir sobre a sua organização dentro da norma padrão, pois na modalidade escrita há recursos e termos específicos para dar sequência lógica aos fatos que constroem o gênero narrativo, estabelecendo desse modo coerência à história por eles reproduzida.

O livro foi nomeado "O Rei Sapo" e elaborado em duplas, a partir do gênero narrativo conto, por ser um gênero do domínio e do conhecimento dos alunos no tocante às características que apresentam em sua estrutura composicional, sendo realizadas algumas revisões da escrita, pois uma história não está pronta na primeira escrita. Além de serem autores da parte escrita, os alunos também fizeram a ilustração da história por eles reescrita, ocorrendo isso de acordo com a maturidade, a criatividade e a imaginação deles.

Esperamos que você, leitor dessa obra, goste e aprecie não só o texto, mas as ilustrações que foram realizados pelos autores. Boa leitura!!

Professora: Maria Luiza Mari Lopes – 2019.

O REI SAPO

ERA uma vez, num tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um Rei que tinha lindas filhas, uma mais bela que a outra. Mas a mais linda era a filha mais nova. Quando ela saía, até o Sol, que já vira tanta coisa, se alegrava ao iluminar o rosto dela. Havia um bosque perto do castelo do Rei, nele havia uma árvore e perto dela tinha um poço. A princesinha, quando estava com calor, ia lá e sentava-se à beira do poço e brincava com sua bola de ouro preferida. Ela pegava a bola, tacava para cima e agarrava-a.

Um dia, ela estava tacando sua bola e pegando-a, quando sem perceber, a bola caiu no chão, rolou até o poço e a princesinha seguiu a bola com os olhos até não vê-la mais. A princesinha começou a chorar, chorava cada vez muito alto, quando ela ouviu uma voz que dizia:

— Por que choras tanto princesinha? Seu choro pode até comover uma pedra.

A princesinha procurou ver de onde vinha a voz. Apareceu um sapo com sua grande e nojenta cabeça para fora da água. A princesinha disse:

— Ah, és tu? Eu choro porque a minha bola de ouro cai no fundo do poço.

— Não chores. Eu posso te ajudar. Mas o que tu me prometes em troca?

— Minhas joias, minhas pedras preciosas, meus vestidos e minha coroa de ouro. Eu te dou tudo o que quiseres.

— Tuas pedras preciosas, tuas joias e nem tua coroa ou vestidos, eu não quero, mas se prometer deixar eu ser seu companheiro, sentar ao teu lado à mesa, comer no seu pratinho de ouro e dormir na sua caminha de seda, se tu me prometer tudo isso, trago sua bola de ouro de volta.

— Sim, prometo tudo o que quiseres.



Então a princesa pensou consigo mesma que o sapo não poderia sair do poço e precisava ficar com os outros sapos, não poderia viver com humanos.

Depois que o sapo recebeu a promessa, mergulhou e agarrou a bola com a boca, retornou e entregou para a princesinha. A princesinha pegou a bola e saiu correndo. O sapo falou:

— Espere-me! Não consigo acompanhar a sua velocidade !! Espere-me!!

A princesa nem ligou e foi para casa. O sapo sem nada para fazer, entrou no poço.

No dia seguinte, na hora do almoço, a princesinha estava sentada à mesa com toda a família, o Rei, as irmãs e todos os cortesãos. Estavam comendo no prato de ouro, quando eles escutaram:

— Toc, toc, toc!

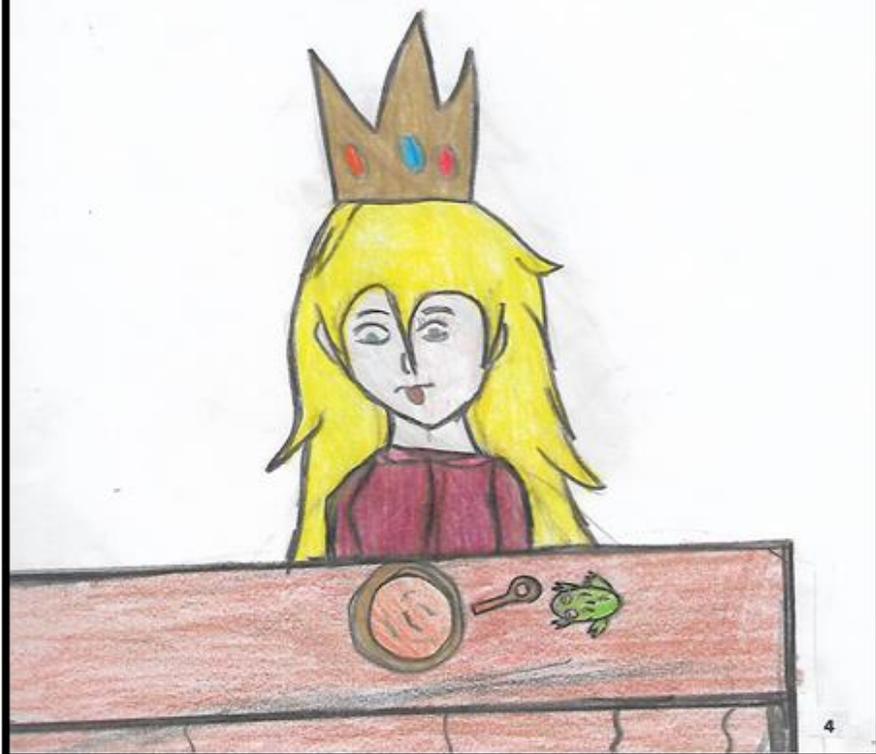
Uma voz gritou:

— Princesa, a mais nova, abra a porta para mim! Deixe-me entrar!

O Rei pede para a filha mais nova abrir a porta. Ela abriu-a e se deparou com o sapo na porta. Ao ver o bicho, fechou a porta na cara dele e voltou a sentar-se à mesa, demonstrando medo.



O Rei, percebendo o nervosismo da filha, perguntou:
 ___ Princesa, o que aconteceu? Até parece que tem um gigante querendo te raptar!
 ___ Não pai! Não é um, mas sim um sapo feio.
 ___ O que esse sapo quer contigo?
 ___ Ah, meu pai querido, ontem eu estava sentada no poço, brincando com a minha bola de ouro e ela caiu na água. Como eu chorava muito, ele foi buscar ela para mim, mas exigiu que ele fosse meu companheiro. Eu aceitei e ele pegou para mim. Eu peguei a bola de ouro e saí correndo. Agora ele está lá fora, querendo entrar.
 Enquanto isso, o sapo estava lá fora e queria entrar. Ele continuava a gritar:
 ___ Princesa, a mais nova, abra a porta para mim! Lembra o que tu prometeu para mim, lá no poço? Princesa, a mais nova, abre para mim!
 E o rei perguntou:
 ___ O que tu prometeste, tem que cumprir! Então princesa, vá lá e abra a porta para ele entrar!
 O sapo logo entrou, pulou nos pés dela. Então a princesa se sentou à mesa. O sapo falou:
 ___ Princesa, a mais nova, me levante para comer junto de ti!



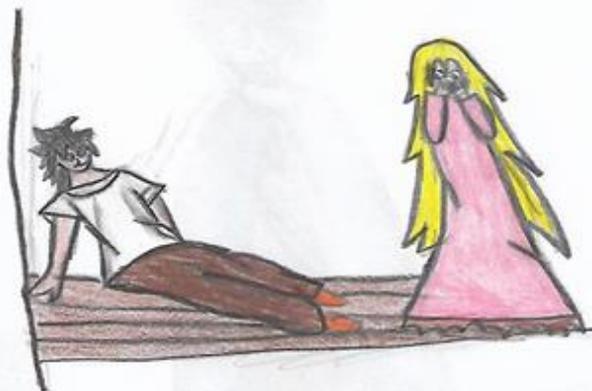
A princesa de início não queria abrir, mas o Rei ordenou:
 ___ Filha, você prometeu, deves cumprir! Coloque ele para comer junto de ti, agora!
 Ela obedeceu o Rei e colocou o sapo do lado de seu prato. Ela cumpria tudo, mas só que de mau gosto. Para ela era difícil comer, pois tinha um sapo nojento do seu lado. Ela comia e a comida entalava na garganta. Depois o sapo disse:
 ___ Já estou cheio, agora me leve para dormir no sua caminha de seda.
 A princesa não queria que que um sapo nojento dormisse na sua caminha de seda. Ela começou a chorar, mas o Rei disse:
 - Quem te ajudou quando você precisou, agora faça o que ele pedir!
 Então a princesa pegou o sapo com dois dedos e levou o sapo para o quarto e deixou ele num canto. Ela deitou na cama. O sapo se arrastando até a cama e disse:
 ___ Coloque-me na cama contigo, ou eu contarei para o teu pai!
 Num momento de fúria, ela pegou o sapo tacou na parede com toda força e disse:
 ___ Morra, sapo nojento!



De um segundo para outro ele se transformou num belo príncipe. Contou à princesa que tinha caído num feitiço de uma bruxa e só ela o livraria daquela maldição. O príncipe disse também que na manhã do dia seguinte, o servo dele ia vir para buscá-los, que iriam juntos para o reino dele. O Rei entrou no quarto com o barulho e propôs que eles deveriam se casar.

De manhã apareceu uma carruagem com seis cavalos brancos, suas cabeças eram enfeitadas com plumas de avestruz e arreados com correntes de ouro. Na carruagem tinha um homem chamado Henrique, ele era o servo do príncipe.

O príncipe e a princesa entraram na carruagem com a ajuda de Henrique. Após percorrer uma parte do caminho, o príncipe ouviu um som de algo quebrando. Eram os aros de ferro do coração de seu servo se quebrando.



De um segundo para outro ele se transformou num belo príncipe. Contou à princesa que tinha caído num feitiço de uma bruxa e só ela o livraria daquela maldição. O príncipe disse também que na manhã do dia seguinte, o servo dele ia vir para buscá-los, que iriam juntos para o reino dele. O Rei entrou no quarto com o barulho e propôs que eles deveriam se casar.

De manhã apareceu uma carruagem com seis cavalos brancos, suas cabeças eram enfeitadas com plumas de avestruz e arreados com correntes de ouro. Na carruagem tinha um homem chamado Henrique, ele era o servo do príncipe.

O príncipe e a princesa entraram na carruagem com a ajuda de Henrique. Após percorrer uma parte do caminho, o príncipe ouviu um som de algo quebrando. Eram os aros de ferro do coração de seu servo se quebrando. O príncipe perguntou para o Henrique:

— Henrique, a carruagem quebrou?

Henrique respondeu:

— Não meu príncipe amado, é um aro do meu coração. Quando meu amo virou um sapo, eu fiquei muito triste e mandei colocar três aros de ferro em volta do meu coração. Agora que Vossa Majestade voltou e está livre e feliz, eles estão se soltando.



O príncipe perguntou para o Henrique:

— Henrique, a carruagem quebrou?

Henrique respondeu:

— Não meu príncipe amado, é um aro do meu coração. Quando meu amo virou um sapo, eu fiquei muito triste e mandei colocar três aros de ferro em volta do meu coração. Agora que Vossa Majestade voltou e está livre e feliz, eles estão se soltando.

Depois, o príncipe ouviu mais dois estalos e novamente achava que era a carruagem se quebrando, mas eram os outros aros de ferro que se soltavam do coração do fiel Henrique, porque agora o seu príncipe amado estava livre, e ele, estava felicíssimo pela libertação do seu amo.

Jacob Grimm; Wilhelm Grimm. João Gabriel S. de Azevedo & Samuel Lima dos Santos (Releitura). Escola Estadual Arthur Ramos. Engenheiro Beltrão: Arthur Ramos, 2019.



LIVRO 3

ISABELA DOS SANTOS RIVE
MYKAELY BRAGANTIM

O REI SAPO



ENGENHEIRO BELTRÃO, DEZEMBRO DE 2019.

APRESENTAÇÃO

Muitas vezes pensamos que, escrever uma boa história cabe somente àquelas pessoas que já nascem consagradas para o mundo da escrita. No entanto, isso não tem sido mais uma regra, ou seja, todos nós podemos desenvolver a capacidade de escrever uma boa história, e esta, ser lida e apreciada por muitos leitores, basta termos a oportunidade de fazê-la.

Diante desse pensamento, surgiu a ideia de levar os alunos do 6º ano "A", da Escola Estadual Arthur Ramos a elaborar um livro que fossem de autoria deles e pudessem socializar a produção com crianças que estariam iniciando no mundo da leitura, sendo que esses alunos teriam o compromisso de escrever bem o texto, porque teriam leitores reais. Sob nossa supervisão, foi selecionado o conto "O Rei Sapo", uma obra conhecida universalmente dos Irmãos Grimm, objetivando levar os alunos à leitura e à escrita do texto literário, e ao mesmo tempo, por trazer em sua trama uma temática relacionada ao comportamento humano, que auxilia à construção de valores e atitudes, que são essenciais à formação humana.

Dar a eles o compromisso de produzir um livro de próprio punho, assumindo a autoria, possibilitou a eles o enriquecimento de suas experiências com a linguagem escrita, levando-os a refletir sobre a sua organização dentro da norma padrão, pois na modalidade escrita há recursos e termos específicos para dar sequência lógica aos fatos que constroem o gênero narrativo, estabelecendo desse modo coerência à história por eles reproduzida.

O livro foi nomeado "O Rei Sapo" e elaborado em duplas, a partir do gênero narrativo conto, por ser um gênero do domínio e do conhecimento dos alunos no tocante às características que apresentam em sua estrutura composicional, sendo realizadas algumas revisões da escrita, pois uma história não está pronta na primeira escrita. Além de serem autores da parte escrita, os alunos também fizeram a ilustração da história por eles reescrita, ocorrendo isso de acordo com a maturidade, a criatividade e a imaginação deles.

Esperamos que você, leitor dessa obra, goste e aprecie não só o texto, mas as ilustrações que foram realizados pelos autores. Boa leitura!!

Professora: Maria Luiza Mari Lopes – 2019.

O REI SAPO

Era uma vez, num tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram lindas, mas a mais nova era tão bela que o Sol, que já vira tanta coisa, ficava muito feliz em iluminar o seu rosto. Perto do castelo havia um bosque escuro. E nesse bosque, embaixo de uma árvore, tinha um poço. A princesinha ia a este lugar quando estava com muito calor e se sentava ao lado do poço. Quando estava entediada, pegava sua bola de ouro e ficava brincando de jogar para cima e de agarrá-la.

Um certo dia, a princesinha foi ao bosque, sentou-se ao lado do poço, como sempre fazia, e começou a brincar com sua bola de ouro, jogou-a para cima, mas por um descuido deixou ela cair, rolou, rolou e foi observando-a até afundou dentro do poço. Ela chorou muito e chorava cada vez mais alto. Quando ela escutou uma voz que dizia:



2

- O que houve pequena princesinha? Choras tanto que comove até uma pedra.

Curiosa em saber de onde vinha aquela voz, olhou para todos os lados para saber quem era, e então viu um sapo feio, com a cabeça fora da água. Então ela respondeu:

- Quem está falando? Ah, é você, pequeno sapo?

- Sim, sou eu!

- Estou chorando porque a minha bola de ouro caiu no fundo do poço.

- Sossegas e não chores. Eu posso te ajudar querida princesinha. Mas o que me darás em troca?

- Meus vestidos, minhas pedras preciosas, minhas pérolas e minha coroa de ouro.

- Seus vestidos, suas pérolas, suas pedras preciosas e sua coroa de ouro, eu não quero. Mas se prometer deixar eu ser seu amigo, ser seu companheiro, deixar eu comer no seu prato de ouro, sentar do seu lado à mesa e dormir na tua cama, se me prometer tudo isso, eu descerei no fundo do poço, pegarei e trarei a sua bola de ouro de volta.



3

Então a princesa pensou consigo mesma, que era estranho uma princesa ser companheira de um sapo, pois ele vivia dentro da água com outros sapos. Então logo depois dela pensar um pouco, ela falou:

- Eu prometo tudo o que quiseres, mas traga a minha bola de ouro de volta.

Após a princesa confirmar a promessa, o sapo foi buscar a bola de ouro, pulando de cabeça dentro do poço. Depois de alguns minutos, o sapo jogou a bola com a boca para a princesa. Então a princesa pegou a bola e saiu correndo para o castelo. Então o sapo gritou:

- Espere-me, eu não consigo lhe acompanhar!

O sapo ficou muito triste, pois a princesa o ignorou. Então o sapo desceu no fundo do poço e passou mais uma noite nele.



No outro dia, a princesa estava sentada à mesa, jantando com suas irmãs, com seu pai e com os cortesãos, quando houve um barulho: "ploque, ploque, ploque", tinha alguma coisa se arrastando pela escadaria de mármore e logo depois alguém bate na porta: "toc, toc, toc!". Passados alguns segundos, houve alguém gritando:

- Princesa, a mais nova, abre a porta para mim!

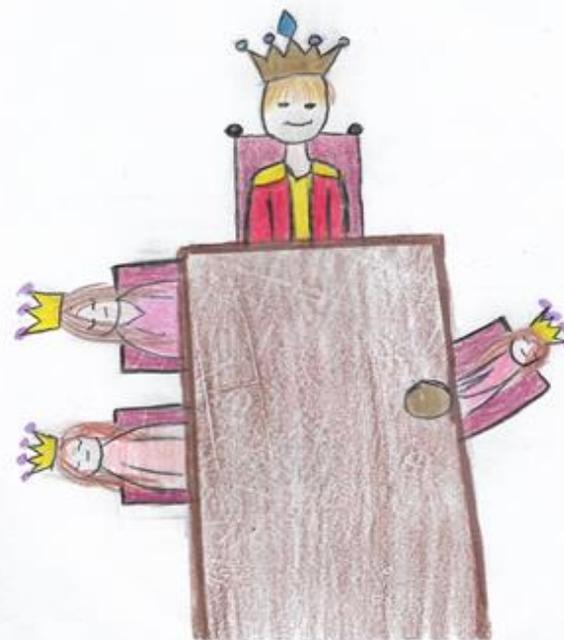
Então a princesa corre para abrir a porta e quando ela viu que era o sapo, ela fechou a porta assustada e correu para a mesa. Então o pai da princesa perguntou:

- O que foi filha? Você viu um gigante para estar tão assustada assim?

- Não é um gigante, é um sapo nojentão! Ontem eu tinha umas promessas para ele.

- Que tipo de promessa minha filha?

- Ah, pai, eu prometi que se ele pegasse minha bola de ouro que tinha caído dentro do poço, eu seria sua amiga e companheira e agora ele está na porta e quer entrar.



Mais uma vez o sapo insiste:
 - Princesa, a mais nova, abre a porta para mim! Lembras o que ontem prometeste a mim lá junto do poço? Princesa, a mais nova, abre a porta para mim!
 Então o pai da princesa falou:
 - O que você prometeu, você tem que cumprir. Vá lá, abre a porta e mande-o entrar.
 Então ela abriu a porta e o sapo entrou pulando aos pés da princesa. A princesa se sentou à mesa e o sapo gritou:
 - Levanta-me para junto de ti!
 Então ela com a cabeça baixa ela pegou o sapo, e o colocou ao seu lado. Depois ele quis subir na mesa e assim o fez. Ele falou:
 - Agora, empurre o teu pratinho de ouro mais perto de mim!
 Então ela colocou o prato perto dele. A princesa comeu sua comida sem muita vontade e com nojo por causa do sapo. O sapo se regalou com a comida. A princesinha se prepara para ir ao quarto, mas antes o sapo falou:



6

- Leve-me para o seu quarto, quero dormir na sua caminha de seda junto a você.
 Naquele instante a princesinha começou a chorar de tanta raiva e medo que tinha do animal. Seu pai a chamou e fez-lhe um alerta:
 - Quem te ajudou na hora da necessidade, não podes desprezar depois!
 Ela obedeceu o pai, pegou o sapo com dois dedos e levou-o para cima. Quando chegou no quarto, ela o colocou no canto do quarto, então o sapo falou:
 - Coloca-me na cama junto com você ou eu contarei ao seu pai!
 Então ela jogou o sapo na parede e falou:
 - Não estou te aguentando mais, sapo nojento!



7

O sapo caiu e se transformou em um lindo príncipe. A princesa levou um susto, mas ao ver que era o príncipe, ela se apaixonou. Ele contou para a princesa e ao rei que ele fora amaldiçoado pela bruxa, e que só ela podia desfazer o feitiço. O pai da princesa obrigou os dois a se casarem, dizendo a ela que ele seria seu companheiro amado e marido. O príncipe combinou com a princesa que na manhã seguinte partiriam para o seu reino.

No outro dia, o fiel Henrique foi buscar o príncipe de carruagem. Era uma carruagem composta por seis cavalos brancos, com as cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e arreios com correntes de ouro. Henrique veio na traseira da carruagem, e ao chegar, ajudou os dois a subirem no carro e em seguida, partiram.



Percorreram parte do caminho, e de repente eles ouviram, um barulho. O príncipe disse:

- O que é isso, Henrique? A carruagem está se quebrando?

- O carro não, príncipe amado. É um aro do meu coração. No dia que Vossa Majestade fora amaldiçoado, sendo transformado em sapo, eu mandei colocar três aros de ferro em volta do meu coração para que eu não morresse de dor e tristeza. Agora, eles estão se rompendo, porque meu amo voltou, está livre e estou muito feliz.

Jacob Grimm; Wilhelm Grimm. Isabela dos Santos Rive & Mykaely Bragantim (Releitura). Escola Estadual Arthur Ramos. Engenheiro Beltrão: Arthur Ramos, 2019.

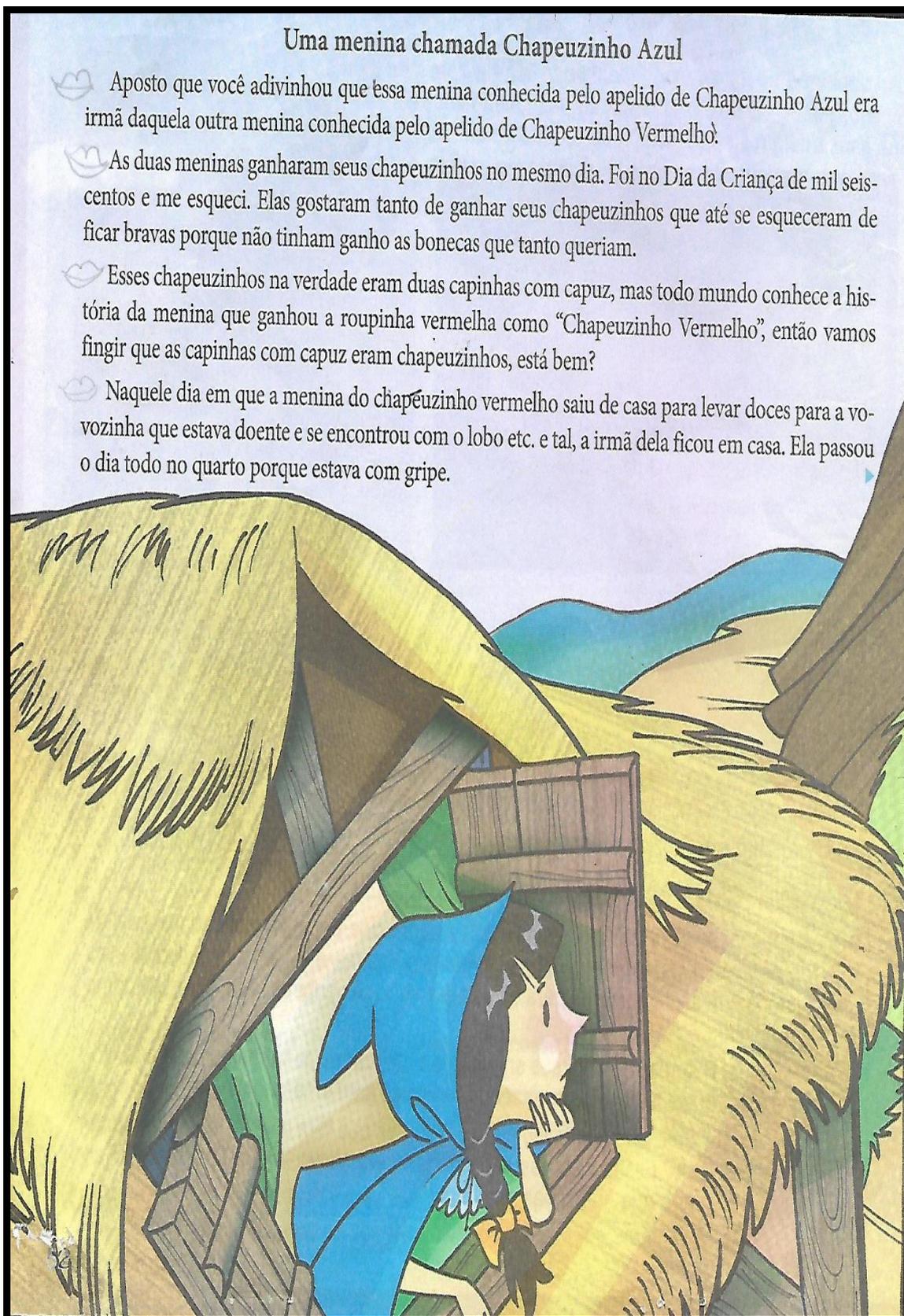


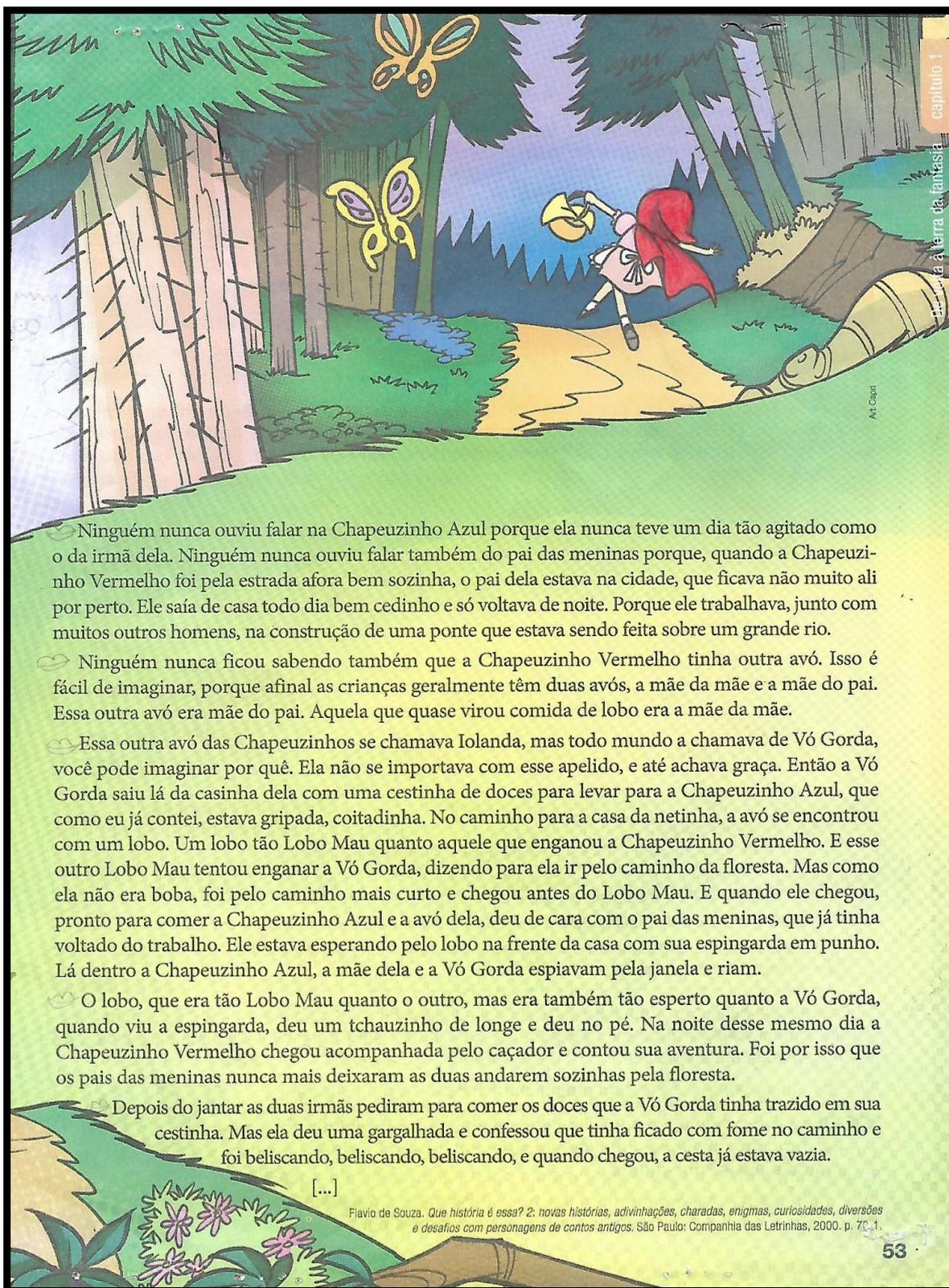
ANEXOS

ANEXO 1 - Uma Menina Chamada Chapeuzinho Azul, de Flávio de Souza – Texto 1.

Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

- ☺ Aposto que você adivinhou que essa menina conhecida pelo apelido de Chapeuzinho Azul era irmã daquela outra menina conhecida pelo apelido de Chapeuzinho Vermelho.
- ☺ As duas meninas ganharam seus chapeuzinhos no mesmo dia. Foi no Dia da Criança de mil seiscientos e me esqueci. Elas gostaram tanto de ganhar seus chapeuzinhos que até se esqueceram de ficar bravas porque não tinham ganho as bonecas que tanto queriam.
- ☺ Esses chapeuzinhos na verdade eram duas capinhas com capuz, mas todo mundo conhece a história da menina que ganhou a roupinha vermelha como “Chapeuzinho Vermelho”, então vamos fingir que as capinhas com capuz eram chapeuzinhos, está bem?
- ☺ Naquele dia em que a menina do chapeuzinho vermelho saiu de casa para levar doces para a vovozinha que estava doente e se encontrou com o lobo etc. e tal, a irmã dela ficou em casa. Ela passou o dia todo no quarto porque estava com gripe.





Ninguém nunca ouviu falar na Chapeuzinho Azul porque ela nunca teve um dia tão agitado como o da irmã dela. Ninguém nunca ouviu falar também do pai das meninas porque, quando a Chapeuzinho Vermelho foi pela estrada afora bem sozinha, o pai dela estava na cidade, que ficava não muito ali por perto. Ele saía de casa todo dia bem cedinho e só voltava de noite. Porque ele trabalhava, junto com muitos outros homens, na construção de uma ponte que estava sendo feita sobre um grande rio.

Ninguém nunca ficou sabendo também que a Chapeuzinho Vermelho tinha outra avó. Isso é fácil de imaginar, porque afinal as crianças geralmente têm duas avós, a mãe da mãe e a mãe do pai. Essa outra avó era mãe do pai. Aquela que quase virou comida de lobo era a mãe da mãe.

Essa outra avó das Chapeuzinhos se chamava Iolanda, mas todo mundo a chamava de Vó Gorda, você pode imaginar por quê. Ela não se importava com esse apelido, e até achava graça. Então a Vó Gorda saiu lá da casinha dela com uma cestinha de doces para levar para a Chapeuzinho Azul, que como eu já contei, estava gripada, coitadinha. No caminho para a casa da netinha, a avó se encontrou com um lobo. Um lobo tão Lobo Mau quanto aquele que enganou a Chapeuzinho Vermelho. E esse outro Lobo Mau tentou enganar a Vó Gorda, dizendo para ela ir pelo caminho da floresta. Mas como ela não era boba, foi pelo caminho mais curto e chegou antes do Lobo Mau. E quando ele chegou, pronto para comer a Chapeuzinho Azul e a avó dela, deu de cara com o pai das meninas, que já tinha voltado do trabalho. Ele estava esperando pelo lobo na frente da casa com sua espingarda em punho. Lá dentro a Chapeuzinho Azul, a mãe dela e a Vó Gorda espionavam pela janela e riam.

O lobo, que era tão Lobo Mau quanto o outro, mas era também tão esperto quanto a Vó Gorda, quando viu a espingarda, deu um tchauzinho de longe e deu no pé. Na noite desse mesmo dia a Chapeuzinho Vermelho chegou acompanhada pelo caçador e contou sua aventura. Foi por isso que os pais das meninas nunca mais deixaram as duas andarem sozinhas pela floresta.

Depois do jantar as duas irmãs pediram para comer os doces que a Vó Gorda tinha trazido em sua cestinha. Mas ela deu uma gargalhada e confessou que tinha ficado com fome no caminho e foi beliscando, beliscando, beliscando, e quando chegou, a cesta já estava vazia.

[...]

Flávio de Souza. *Que história é essa? 2: novas histórias, adivinhações, charadas, enigmas, curiosidades, diversões e desafios com personagens de contos antigos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000. p. 70. 1.

ANEXO 2 – Texto 2, *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm**O Rei Sapo**

verifique com eles se as hipóteses levantadas estavam corretas ou não.

Era uma vez, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas. Mas a menor era tão linda, que o próprio Sol, que já vira tanta coisa, se alegrava ao iluminar o seu rosto. Perto do castelo do rei havia um bosque escuro. E, no bosque, debaixo de uma grande árvore, havia um poço. Quando fazia muito calor, a filha do rei saía para o bosque e sentava-se à beira do poço. E quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.

Mas aconteceu, certa vez, que a bola de ouro passou direto pelas mãos da menina, bateu no chão e rolou para dentro d'água. A princesinha foi seguindo a bola com os olhos até que não conseguiu mais enxergá-la, pois o poço era muito fundo. Então, começou a chorar. Chorava cada vez mais alto, sem conseguir parar. Enquanto se lamentava, ela ouviu uma voz que dizia:

— O que foi que te aconteceu, filha do rei? Choras tanto que podes comover até uma pedra.

Ela olhou em volta, procurando de onde vinha aquela voz, e viu, então, um sapo com sua grande e feia cabeça para fora da água.

— Ah, és tu? — disse ela. — Estou chorando por causa da minha bola de ouro que caiu no fundo do poço.

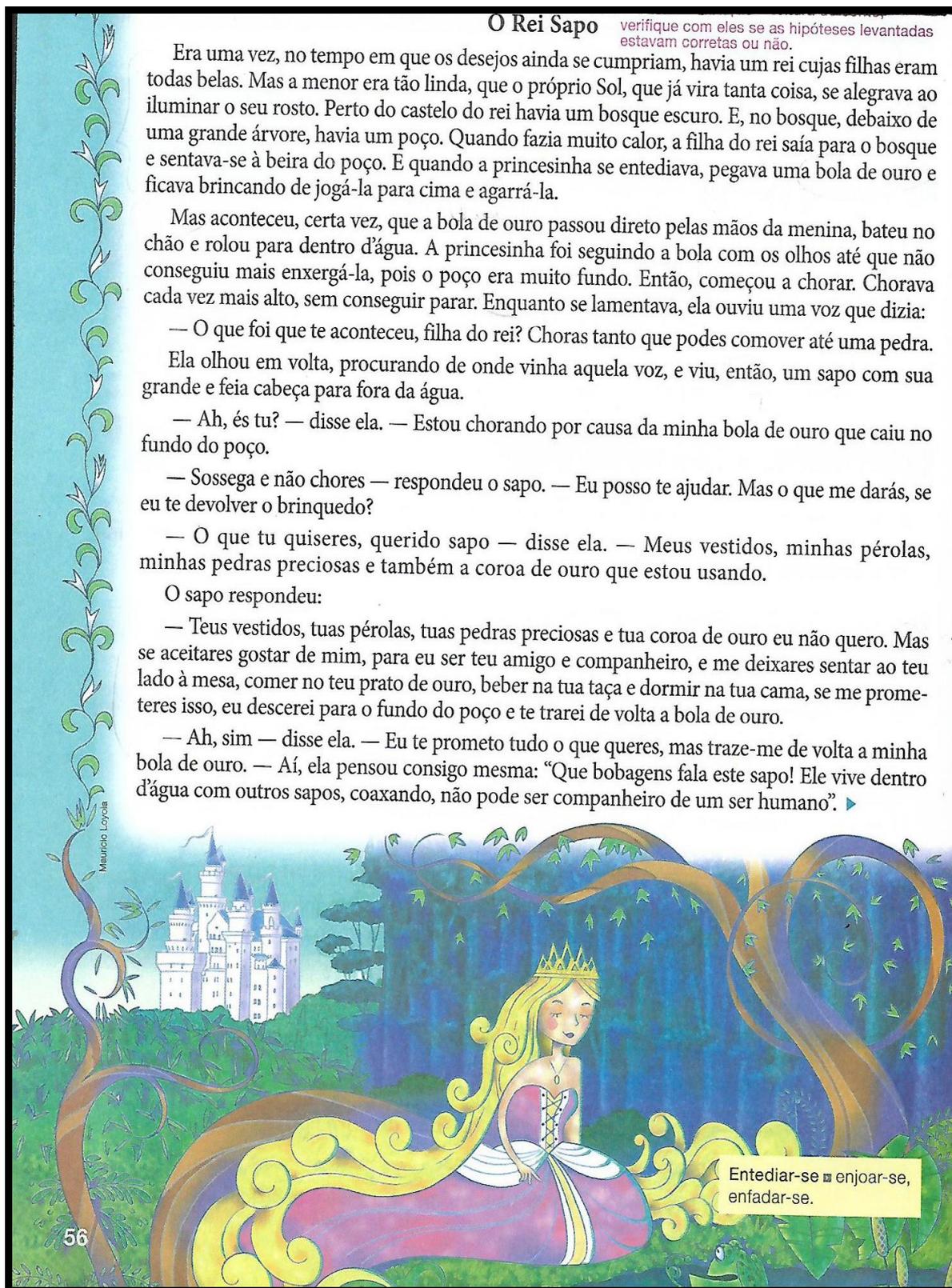
— Sossega e não chores — respondeu o sapo. — Eu posso te ajudar. Mas o que me darás, se eu te devolver o brinquedo?

— O que tu quiseres, querido sapo — disse ela. — Meus vestidos, minhas pérolas, minhas pedras preciosas e também a coroa de ouro que estou usando.

O sapo respondeu:

— Teus vestidos, tuas pérolas, tuas pedras preciosas e tua coroa de ouro eu não quero. Mas se aceitares gostar de mim, para eu ser teu amigo e companheiro, e me deixares sentar ao teu lado à mesa, comer no teu prato de ouro, beber na tua taça e dormir na tua cama, se me prometeres isso, eu descerei para o fundo do poço e te trarei de volta a bola de ouro.

— Ah, sim — disse ela. — Eu te prometo tudo o que queres, mas traze-me de volta a minha bola de ouro. — Aí, ela pensou consigo mesma: “Que bobagens fala este sapo! Ele vive dentro d'água com outros sapos, coaxando, não pode ser companheiro de um ser humano”. ▶



Entediar-se ■ enjoar-se,
enfadar-se.

Quando o sapo recebeu a promessa, mergulhou de cabeça, desceu ao fundo e voltou com a bola na boca. A princesinha apanhou seu lindo brinquedo e saiu pulando.

— Espera, espera! — gritou o sapo. — Leva-me contigo, eu não posso correr depressa!

Mas a menina não lhe deu atenção, apressou-se para casa e logo esqueceu o pobre sapo, que tinha de descer de volta ao seu poço.

No dia seguinte, quando ela, com o rei e todos os cortesãos, sentada à mesa, comia no seu prato de ouro, eis que alguma coisa — ploque, ploque, ploque — veio se arrastando, subindo pela escadaria de mármore. Quando chegou em cima, bateu na porta e gritou:

— Filha do rei, a mais nova, abre para mim!

A princesinha correu para ver quem estava lá fora. Mas quando abriu a porta e viu o sapo ali, bateu a porta depressa e sentou-se de volta à mesa, sentindo medo.

O rei percebeu que o coração da filha batia forte e disse:

— Minha filha, de que tens medo? Será que algum gigante está à porta e quer te levar?

— Oh, não — respondeu ela. — Não é um gigante, mas um sapo nojento.

— E o que esse sapo quer de ti?

— Ah, meu pai querido, ontem eu estava sentada lá no poço brincando e a minha bola de ouro caiu na água. E porque eu chorava muito, o sapo foi buscá-la para mim. E porque ele me exigiu, eu prometi que ele seria meu companheiro. Mas eu pensava que ele nunca poderia sair da água. E agora ele está lá na porta e quer entrar aqui.

Enquanto isso, lá fora, o sapo batia na porta e gritava:

“Princesa, a mais nova,
abre para mim!

Lembras o que ontem
prometeste a mim,
lá junto do poço?

Prometeste, sim!

Princesa, a mais nova,
abre para mim!”

Então, o rei disse:

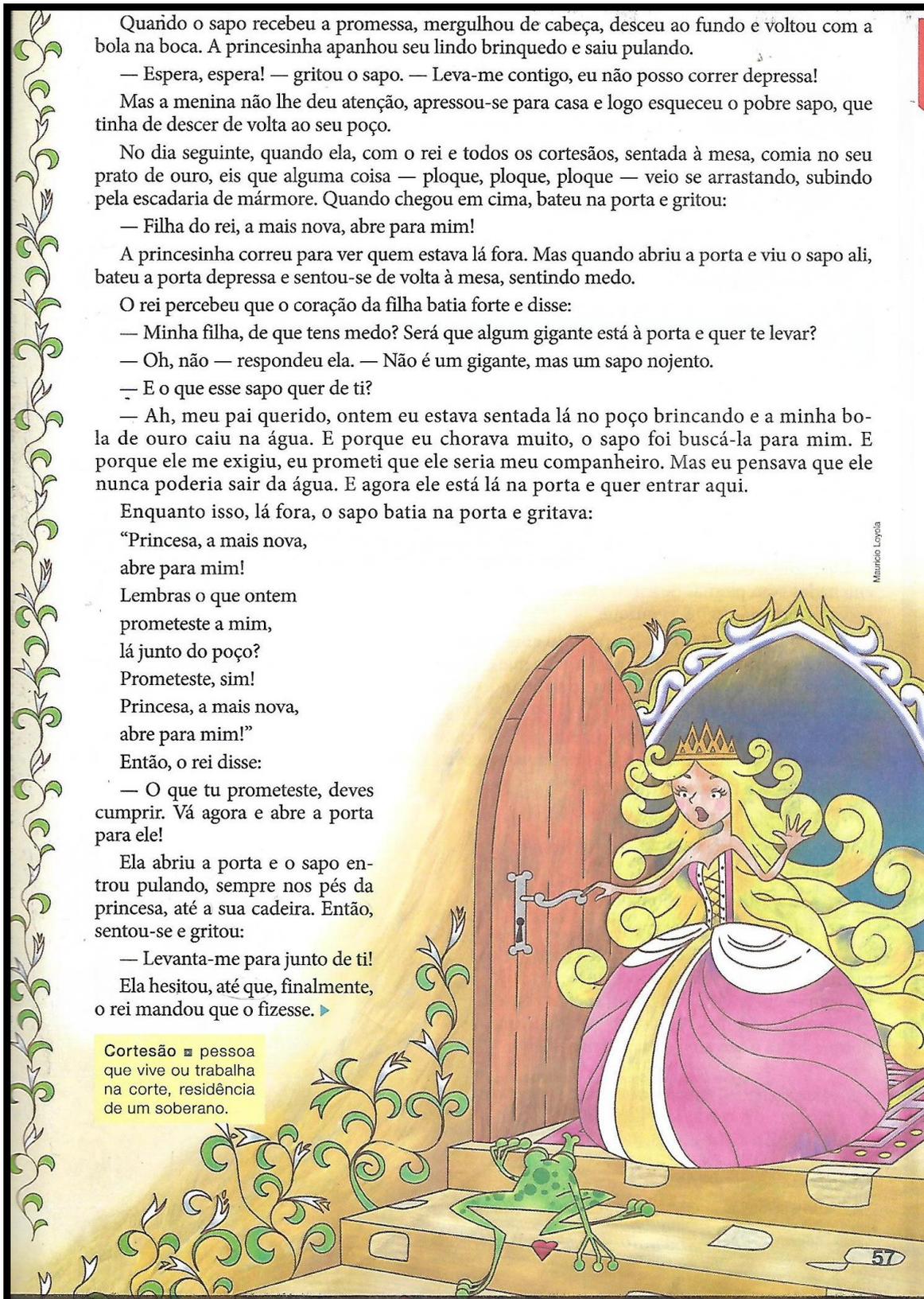
— O que tu prometeste, deves cumprir. Vá agora e abre a porta para ele!

Ela abriu a porta e o sapo entrou pulando, sempre nos pés da princesa, até a sua cadeira. Então, sentou-se e gritou:

— Levanta-me para junto de ti!

Ela hesitou, até que, finalmente, o rei mandou que o fizesse. ▶

Cortesão ■ pessoa que vive ou trabalha na corte, residência de um soberano.



Quando o sapo já estava na cadeira, quis subir para a mesa, e quando já estava ali, ele disse:

— Agora, empurra o teu pratinho de ouro para mais perto de mim, para podermos comer juntos!

A filha do rei obedeceu, mas via-se bem que não era de boa vontade. O sapo regalou-se com a comida, mas ela sentiu cada pedacinho ficar entalado na garganta.

Finalmente, ele disse:

— Fartei-me de comer e estou cansado. Agora, leve-me para o teu quarto e arruma a tua caminha de seda, onde nós dois vamos dormir.

A filha do rei começou a chorar. Tinha medo do sapo frio que ela não se atrevia a tocar e que agora iria dormir na sua linda caminha de seda.

Mas o rei ficou zangado e ordenou:

— Quem te ajudou na hora da necessidade, não podes desprezar depois!

Então, ela segurou o sapo com dois dedos, carregou-o para cima e colocou-o sentado num canto. Quando ela estava deitada na cama, ele veio se arrastando e disse:

— Estou cansado, quero dormir igual a ti. Levanta-me, senão eu conto ao teu pai!

Aí ela ficou furiosa, levantou o sapo e atirou-o com toda a força contra a parede:

— Agora me deixarás em paz, sapo nojentol!

Quando ele caiu, já não era mais um sapo, e, sim, um lindo príncipe, que ficou sendo, pela vontade do pai da princesa, seu companheiro amado e marido. Ele contou à princesa que tinha sido enfeitado por uma bruxa e ninguém poderia libertá-lo do poço a não ser ela. Disse também que, na manhã seguinte, iriam juntos para o reino dele.

De manhã, quando o Sol nasceu, chegou uma carruagem com seis cavalos brancos, de cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e arreados com correntes de ouro. De pé, na traseira, estava o servo do príncipe, o fiel Henrique.

Henrique ficara tão triste quando seu amo foi transformado em sapo que mandou colocar três aros de ferro em volta do seu coração, para que ele não se partisse de dor e de tristeza. A carruagem viera para levar o príncipe de volta ao seu reino. O fiel Henrique ajudou os dois a subir na carruagem e, felicíssimo com a libertação, voltou ao seu lugar.

Depois que eles já tinham percorrido parte do caminho, o príncipe ouviu um estalo atrás deles, como se algo tivesse quebrado. Ele se voltou ao servo e gritou:

“Henrique, o carro está quebrado!”

“O carro não, príncipe amado.

É um aro do meu coração
cheio de dor e compaixão
por vós, no poço aprisionado,
e em feio sapo transformado.”

Ouviu-se mais um e mais outro estalo, e o príncipe a toda hora pensava que era a carruagem se quebrando, mas eram apenas os aros que se soltavam do coração do fiel Henrique, porque agora o seu amo estava livre e feliz.

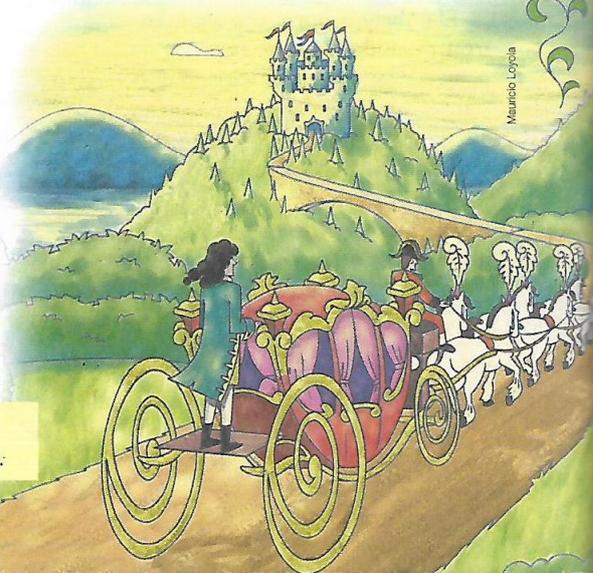
Jacob Grimm; Wilhelm Grimm. Bianca Encarnação (Adap.).
Ciência Hoje das Crianças. Rio de Janeiro: SBPC,
ano 13, n. 99, jan./fev. 2000. p. 6-7.

Regalar-se ■ sentir prazer.

Aro ■ argola, anel.

Arreado ■ colocado arreio.

Amo ■ patrão, senhor.



ANEXO 3 – Vida e obra dos Irmãos Grimm

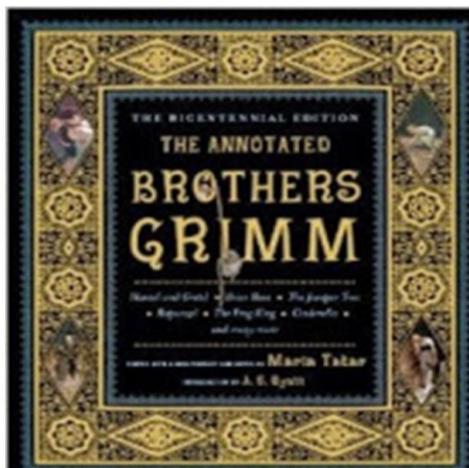
Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os Irmãos Grimm, nasceram na Alemanha, em 1785 e 1786, respectivamente. Esses irmãos ficaram famosos por se dedicar ao registro de antigas narrativas de tradição oral, como os contos de fadas e as fábulas infantis, entre eles “Rapunzel”, “A Bela Adormecida”, “João e Maria”, “O lobo e os sete cabritinhos” e “A raposa e os gansos”.

Fonte de pesquisa: Maria Tatar (ed. Int.). Jacob Grimm e Wilhelm Grimm. In: _____. Contos de fadas: edição comentada e ilustrada. Trad. Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



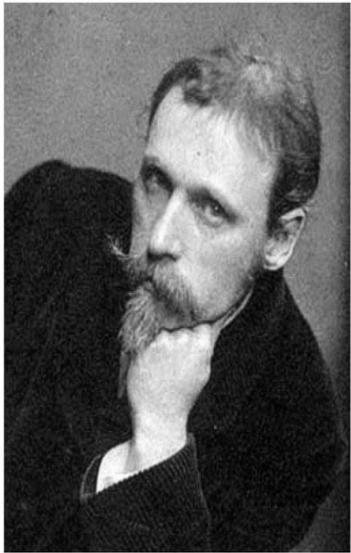
Fonte: TAVARES, Romeire Ap. Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnetto. Uma menina chamada Chapeuzinho Azul. In: Vontade de saber português, 6º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012, p. 59.

- Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm nasceram no final do século XVIII no Condado de Hesse-Darmstadt, atual Alemanha;
- Eles foram poetas, linguistas, acadêmicos, trabalharam na elaboração do Dicionário Definitivo da Língua Alemã, mas ficaram mais conhecidos por sua compilação de contos folclóricos e tradicionais, trabalho que tomou proporções e reconhecimentos universais;
- Esses contos, na verdade, já existiam há muito tempo na mente das pessoas, eram fruto da tradição oral de contar história que passava de geração a geração. Portanto, não foram os Irmãos Grimm que as inventaram, eles apenas as transcreveram para o formato escrito;
- Essas histórias geralmente transmitem conhecimento ou valores para o leitor, como não confiar em estranhos, não julgar pelas aparências, ser generoso, etc.;
- A famosa frase de início “Era uma vez ...” ajuda a tornar o conto atemporal. Ele poderia ter acontecido há duzentos anos, na semana passada ou hoje. E por isso ele cativa leitores há tanto tempo, todos nós podemos nos identificar com um conto de fada;
- O Rei Sapo é tradicionalmente a primeira história em sua coleção (1812);
- Em 2009, Walt Disney fez uma releitura do conto, O Rei Sapo, adaptando numa linguagem voltada ao público infantil.



Primeiro livro publicado pelos Irmãos Grimm – 1812.

ANEXO 4 – Vida e obra do ilustrador, Walter Crane, do conto O Rei Sapo

Walter Crane		
Nascimento	15 de agosto de 1845, Liverpool	
Morte	14 de março de 1915 (69 anos), Londres	
Nacionalidade	Reino Unido	
Ocupação	Ilustrador e pintor	
<ul style="list-style-type: none">• Foi membro do Arts e Crafts, tendo exercido grande influência sobre o design gráfico e ilustração;• Crane também é conhecido pelas suas ilustrações para os livros infantis.		

Fonte: Walter Crane. Acesso: jun. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Walter_Crane>.